

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ESDRAS ROBERTO FERREIRA BOCCATO

HÁBITOS PROTESTANTES NA PERIFERIA URBANA DE
CAMPINAS – UM ESTUDO DO PARQUE OZIEL



São Bernardo do Campo — Novembro de 2010

ESDRAS ROBERTO FERREIRA BOCCATO

HÁBITOS PROTESTANTES NA PERIFERIA URBANA DE
CAMPINAS – UM ESTUDO DO PARQUE OZIEL

Tese apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do grau de Doutor sob a orientação do Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera.



São Bernardo do Campo — Novembro de 2010

FICHA CATALOGRÁFICA

B63h Boccato, Esdras Roberto Ferreira

Hábitos protestantes na periferia urbana de Campinas: um estudo do Parque Oziel / Esdras Roberto Ferreira Boccato -- São Bernardo do Campo, 2010.

387 fl.

Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo

Bibliografia

Orientação de: Dario Paulo Barrera

1. Protestantismo 2. Periferia – Brasil – Campinas (SP)

I. Título

CDD 284

FOLHA DE APROVAÇÃO

A tese de doutorado sob o título “**Hábitos Protestantes na Periferia Urbana de Campinas – Um Estudo do Parque Oziel**”, elaborada por *Esdras Roberto Ferreira Boccatto* foi defendida e aprovada em 26 de novembro de 2010, perante banca examinadora composta por *Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera* (Presidente/UMESP), *Prof. Dr. Geoval Jacinto da Silva* (Titular/UMESP), *Prof. Dr. Claudio de Oliveira Ribeiro* (Titular/UMESP), *Prof. Dr. Ricardo Bitun* (Titular/ Universidade Presbiteriana Mackenzie), *Prof. Dr. Gualberto Luiz Nunes Gouvêia* (Titular/UNICAPITAL – Centro Universitário Capital).

Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera

Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Jung Mo Sung

Coordenador/a do Programa de Pós-Graduação

Programa: Pós-Graduação em Ciências da Religião

Área de Concentração: Sociologia da Religião

Linha de Pesquisa: Práticas religiosas na periferia urbana latino-americana, protestantismo, pentecostalismo, evangélicos e periferia urbana, mutações no protestantismo brasileiro.

*Com muito amor, muito carinho e muita paixão
Dedico este trabalho para minha amada esposa Dulce
E minhas amadas filhas Susana e Julia.
Obrigado pelo suporte,
Obrigado pelas muitas palavras de ânimo,
Obrigado pelo carinho e paciência com as minhas ausências
Durante a confecção deste trabalho.
Amo vocês!*

AGRADECIMENTOS

Desejo em primeiro lugar agradecer ao meu orientador Professor Doutor Dario Paulo Barreira Rivera. Faço isso no reconhecimento de que durante todo o processo de estudos e pesquisas tive em sua pessoa um apoiador incansável. Suas sempre disponíveis orientações e críticas foram imprescindíveis para a conclusão deste trabalho.

Também o convívio e as ministrações dos professores Dr^a Sandra Duarte de Souza e Dr. Leonildo Silveira Campos foram por demais apreciados e por nós aproveitados. Nossos agradecimentos.

Ao Prof. Dr. Geoval e Prof. Dr. Jardilino componentes da nossa banca de qualificação, pelas preciosas críticas, indicações e sugestões.

Ao IEPG – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação pelo apoio através de Bolsa parcial.

Ao CAPES pelo apoio através de bolsa flexibilizada.

A Ana Maria Fonseca do IEPG e a Regiane da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP que nos socorreram em inúmeros momentos ao longo desses anos de estudo.

Aos pastores, a comunidade evangélica e todo o povo do Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B que tivemos oportunidade de conhecer e admirar.

Ao CMU – Centro de Memória da UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas pela disponibilização de seu acervo e da Planta da cidade de Campinas de 1878.

Ao Vereador campineiro Jairson Valério dos Anjos, líder comunitário do Oziel que nos ajudou em nossas pesquisas e inserção na comunidade.

BOCCATO, Esdras R. Ferreira. *Hábitos protestantes na periferia urbana de Campinas: um estudo do Parque Oziel* / Esdras Roberto Ferreira Boccato -- São Bernardo do Campo, 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. 387 f.

RESUMO

Esta tese estuda o protestantismo brasileiro enquanto parte de um processo civilizatório figuracional de longo prazo nos termos propostos pelo sociólogo alemão Norbert Elias. Tal processo é produtor de hábitos cúlticos e extra-cúlticos exercidos pelos praticantes dessa expressão religiosa. Observou-se ao longo da pesquisa que, o protestantismo brasileiro inicial e de missão teve sua principal base missionária em Campinas, transformado posteriormente em um eixo missionário Campinas-Piracicaba. Atualmente o protestantismo está definitivamente inserido na sociedade e na paisagem urbana da cidade de Campinas. Neste estudo, encontrou-se em uma periferia urbana campineira nascida através de uma invasão de terras em 1997, automeada extra oficialmente pelos ocupantes de Parque Oziel, várias comunidades de origem protestante. Percorreu-se a trajetória de constituição dessa área de ocupação e a etnografia e análise dos costumes evangélicos atuais dos aderentes dessa fé no Parque Oziel.

Palavras chave: Periferia; Campinas; Parque Oziel; Invasão; Protestantismo; Evangélicos; Hábitos; Norbert Elias.

BOCCATO, Esdras R. Ferreira. / Esdras Boccato Roberto Ferreira - São Bernardo do Campo, 2010. Thesis (Ph.D. in Religious Sciences) - Faculty of Humanities and Law, Masters Program in Religious Sciences at the Methodist University of Sao Paulo, Sao Bernardo do Campo. 387 f.[Ouvir](#)

[Ler foneticamente](#)

Dicionário - [Ver dicionário detalhado](#)

ABSTRACT

This thesis studies the Brazilian Protestantism as part of a long term civilizing figurational process as proposed by the German sociologist Norbert Elias. Such a process is producing cultic and extra-cultic habits exercised by practitioners of this religious expression. It was observed during the research that the initial and missionary Brazilian Protestantism had its

main missionary base in Campinas, later transformed into a missionary axis Campinas-Piracicaba. Currently Protestantism is definitely included into society and at the urban city of Campinas. In this study, it is found in a suburban Campinas born through a land invasion in 1997, self-appointed unofficially by the occupants as Parque Oziel (Oziel Park), several Protestant communities of origin. It followed the trajectory of incorporation of this area of occupancy and the ethnography and analysis of current *habitus* of evangelical adherents of this faith in the Parque Oziel.

Keywords: Periphery; Campinas; Parque Oziel; Invasion; Protestantism, Evangelicals; Habits; Norbert Elias.

BOCCATO, Esdras R. Ferreira. *Hábitos de protestantes en la periferia urbana de Campinas*: un estudio de Parque Oziel / Esdras Boccato Roberto Ferreira - São Bernardo do Campo, 2010. Tesis (Doctorado en Ciencias Religiosas) - Facultad de Humanidades y Derecho, Maestría en Ciencias Religiosas en la Universidad Metodista de Sao Paulo, Sao Bernardo do Campo. 387 f.

RESUMEN

Esta tesis estudia el protestantismo brasileño como parte de un proceso de civilización figuracional a largo plazo en la forma propuesta por el sociólogo alemán Norbert Elias. Este proceso está produciendo hábitos culticos y extra culticos ejercidos por los profesionales de la expresión religiosa. Se observó durante la investigación que el protestantismo inicial y de misión tuvo su principal base misionera en Campinas, luego transformado en un eje misionario de Campinas a Piracicaba. Actualmente el protestantismo está incluido, sin duda alguna, dentro de la sociedad y de la paisaje urbana de Campinas. En este estudio, fue encontrado en un suburbio de Campinas, nacido a través de una invasión de tierras en 1997, y que los ocupantes a sí mismo se designan de forma no oficial como Parque Oziel, varias comunidades protestantes de origen. Se revisó la trayectoria de incorporación de esta área de ocupación y la etnografía y el análisis de los costumbres actuales de los seguidores de esta fe evangélica en el Parque Oziel.

Palabras clave: Periferia; Campinas; Parque Oziel; invasión, el protestantismo, los evangélicos; hábitos; Norbert Elias.

SUMÁRIO DE LISTAS DE FIGURAS E TABELAS

<i>Figura 1 Reprodução fac-simile do “Esquema básico da imagem egocêntrica...</i>	32
<i>Figura 2 Reprodução fac-simile da “Figuração de indivíduos...</i>	34
<i>Figura 3 Bispo Robert McAlister (COMUNIDADE, 2008)...</i>	84
<i>Figura 4 Mapa atual dos municípios da região Campinas/Piracicaba...</i>	88
<i>Figura 5 Titulação nobiliárquica campineira</i>	90-91
<i>Figura 6 Reprodução da tabela impressa na “Planta da Cidade de Campinas...</i>	104
<i>Figura 7 Mapa dos pontos missionários da American Society em 1903</i>	128
<i>Figura 8 Adesão religiosa no Mackenzie College</i>	130
<i>Figura 9 Gráfico das percentagens religiosas no Mackenzie College em 1900</i>	131
<i>Figura 10 Diversidade de nacionalidades no Mackenzie College em 1900</i>	131-132
<i>Figura 11 Gráfico percentual de nacionalidades no Mackenzie College em 1900</i>	132
<i>Figura 12 Atividades das sociedades missionárias na América do Sul</i>	133
<i>Figura 13 Atividades das sociedades missionárias no início do século XX</i>	135
<i>Figura 14 Igrejas evangélicas em Campinas – 1953</i>	137-138
<i>Figura 15 Igrejas evangélicas e membresia em Campinas – 1952</i>	138-139
<i>Figura 16 Relação percentual de igrejas evangélicas em 1952</i>	140
<i>Figura 17 Percentual de evangélicos na cidade de Campinas...</i>	147
<i>Figura 18 Oziel (imagem no sentido sul-norte)</i>	153
<i>Figura 19 Loteamento Jardim Lago II</i>	154
<i>Figura 20 Setores censitários numerados de 01 a 16</i>	155
<i>Figura 21 Setores censitários</i>	156
<i>Figura 22 Código do setor censitário X ponto inicial e final</i>	156
<i>Figura 23 Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B</i>	157
<i>Figura 24 (CIDADES, 2010)</i>	158
<i>Figura 25 Domicílios e população residentes por sexo</i>	159
<i>Figuras 26 e 27 Domicílios particulares permanentes e população...</i>	159-160
<i>Figura 28 Domicílios particulares permanentes próprios e moradores...</i>	161
<i>Figura 29 Domicílios particulares permanentes próprios e moradores...</i>	162

<i>Figura 30 Domicílios particulares permanentes próprios e moradores...</i>	163
<i>Figura 31 Domicílios particulares permanentes próprios e moradores...</i>	164
<i>Figura 32 Domicílios com banheiro e sem banheiro</i>	165
<i>Figura 33 Domicílios particulares permanentes e moradores...</i>	166
<i>Figura 34 Domicílios particulares permanentes por sexo do responsável...</i>	167
<i>Figura 35 Divisão percentual por sexo – responsável pelo domicílio</i>	168
<i>Figura 36 Domicílios particulares por destino do lixo...</i>	169
<i>Figura 37 População residente por sexo...</i>	170
<i>Figura 38 População residente por sexo, segundo os grupos de idade.</i>	171
<i>Figura 39 Distribuição dos grupos etários do Parque Oziel</i>	172
<i>Figura 40 Responsáveis por domicílios particulares permanentes por sexo...</i>	173
<i>Figura 41 Responsáveis por domicílios por sexo, segundo o curso mais elevado...</i>	174
<i>Figura 42 Responsáveis por domicílios por sexo, segundo os anos de estudo.</i>	175
<i>Figura 43 Amostra rarefeita em relação aos anos de estudos dos responsáveis...</i>	176
<i>Figura 44 Responsáveis por domicílios particulares...</i>	177
<i>Figura 45 Responsáveis por domicílios e total de rendimento mensal...</i>	177
<i>Figura 46 População residente de cinco anos ou mais por sexo e alfabetização...</i>	178
<i>Figura 47 População residente por sexo e alfabetização...</i>	179
<i>Figura 48 Filhos ou enteados com cinco anos ou mais de idade</i>	180
<i>Figura 49 Relação Igrejas evangélicas X Igrejas católicas</i>	185
<i>Figura 50 Evangélicas pentecostais X evangélicas de missão X católicas.</i>	186
<i>Figura 51 Percentual das evangélicas pentecostais X de missão X católicas.</i>	186
<i>Figura 52 Distribuição percentual das igrejas evangélicas por bairro.</i>	188
<i>Figura 53 Igrejas no Parque Oziel.</i>	189
<i>Figura 54 Gleba B.</i>	190
<i>Figura 55 Parque Oziel e Jardim Monte Cristo.</i>	191
<i>Figura 56 Logomarcas do Partido Social Cristão</i>	198
<i>Figura 57 Logo Partido Social Cristão</i>	198
<i>Figura 57 Logo Partido Social Cristão</i>	199
<i>Figura 58 Fonte do Batistério de Kelibia– (Tunísia)</i>	200
<i>Figura 59 Reprodução do convite</i>	201
<i>Figuras 60 e 61 Squeeze</i>	202
<i>Figura 62 Peixe nos países</i>	202

<i>Figura 63 Peixe Vale da Bênção</i>	203
<i>Figura 64 e 65 Banner do peixe como símbolos</i>	203
<i>Figura 66 IEAD adotou o símbolo do peixe</i>	204
<i>Figura 66 Símbolo do peixe na Assembleia de Deus Missão</i>	204
<i>Figura 67 Jóias evangélicas</i>	205
<i>Figura 68 Reprodução da placa afixada na parede</i>	207
<i>Figura 69 Localização da placa no estabelecimento</i>	207
<i>Figuras 70 e 71 Vista geral da Igreja Santa Isabel e detalhe da grade</i>	208
<i>Figura 72 Modelo do adesivo do Terço comumente encontrado nos veículos</i>	210
<i>Figura 73 Distribuição da amostragem (total de 108 veículos)</i>	212
<i>Figura 74 Detalhe ampliado da logo do Seminário Batista Independente</i>	212
<i>Figura 75 Veículos com o adesivo do peixe</i>	214
<i>Figura 76 Tabela de perguntas e respostas dos entrevistados</i>	215
<i>Figura 77 Tabela de perguntas e respostas dos entrevistados</i>	215
<i>Figura 78 Figura 77 Tabela de perguntas e respostas dos entrevistados</i>	216
<i>Figura 79 Figura 78 Tabela de perguntas e respostas dos entrevistados</i>	216
<i>Figura 80 Tabela de perguntas e respostas dos entrevistados</i>	217
<i>Figura 81 Tabela de perguntas e respostas dos entrevistados</i>	217
<i>Figura 82 Ensaio grupo de louvor</i>	222
<i>Figura 83 Ensaio grupo de louvor</i>	223
<i>Figura 84 Ensaio Grupo de louvor</i>	224
<i>Figura 85 Rua de entrada do Templo</i>	225
<i>Figura 86 cartazete de propaganda do Segundo Congresso de Casais</i>	226
<i>Figura 87 boletim semanal de livre circulação</i>	227
<i>Figura 88 Frente do templo</i>	228
<i>Figura 89 Detalhe da fachada do templo</i>	229
<i>Figura 90 Vista parcial da rua em frente ao templo</i>	230
<i>Figura 91 Reprodução do convite da Igreja Batista do Jardim Monte Cristo</i>	241
<i>Figura 92 Fachada da Igreja Deus te Ama</i>	243
<i>Figura 93 Púlpito/altar da Igreja Deus te Ama</i>	246
<i>Figura 94 Aparelhagem de som da Igreja Deus te Ama</i>	247
<i>Figura 95 Folheto da Igreja Pentecostal Deus te Ama</i>	248
<i>Figura 96 Vista interna do templo da Igreja Pentecostal Deus te Ama</i>	248

<i>Figura 97</i>	<i>Fac-simile parcial do Boletim da Primeira IPI de Campinas</i>	251
<i>Figura 98</i>	<i>Templo da IPI no Parque Oziel</i>	252
<i>Figura 99</i>	<i>Interior do Templo da IPI no Parque Oziel</i>	253
<i>Figura 100</i>	<i>Mesa da eucaristia, mesa de som, púlpito, bíblias e cadernos de cânticos</i>	253
<i>Figura 101</i>	<i>Caixas acústicas, mesa de som e placa indicativa</i>	254
<i>Figura 102</i>	<i>Esgoto a céu aberto em direção ao riacho</i>	254
<i>Figura 103</i>	<i>Frente do templo</i>	256
<i>Figura 104</i>	<i>Detalhe da entrada do templo</i>	257
<i>Figura 105</i>	<i>Interior do templo</i>	258
<i>Figura 106</i>	<i>Detalhe do púlpito de acrílico</i>	259
<i>Figura 107</i>	<i>Detalhe da cabine do contraregra</i>	260
<i>Figura 108</i>	<i>Momento cúltico com líderes</i>	261
<i>Figura 109</i>	<i>Vista parcial da comunidade participando do culto</i>	262
<i>Figura 110</i>	<i>Frente da Igreja Miss. Pentecostal Vale da Bênção</i>	266
<i>Figura 111</i>	<i>Vista do interior do templo</i>	268
<i>Figura 112</i>	<i>Vista superior da mata em Diadema</i>	275
<i>Figura 113</i>	<i>Portão de entrada do “Monte de oração”</i>	276
<i>Figura 114</i>	<i>Na subida do monte em Diadema</i>	277
<i>Figura 115</i>	<i>Vestês religiosas</i>	278
<i>Figura 116</i>	<i>Oração no monte: pessoas trajadas de anjo</i>	279
<i>Figura 117</i>	<i>Manifestações no monte</i>	280
<i>Figura 118</i>	<i>Tipo de vegetação encontrada na mata</i>	281
<i>Figura 119</i>	<i>Monte Pirelli</i>	282
<i>Figura 120</i>	<i>porteira e a passagem de pedestres para irem ao monte</i>	283
<i>Figura 121</i>	<i>Trilha que leva em descida para a entrada da mata</i>	284
<i>Figura 122</i>	<i>Densidade dessa mancha florestal urbana</i>	285
<i>Figura 123</i>	<i>Animais no campo de pastagens</i>	286
<i>Figura 124</i>	<i>Placas na entrada da mata para instruir as pessoas</i>	287
<i>Figura 125</i>	<i>Um dos lugares de oração</i>	288
<i>Figura 126</i>	<i>Culto na Igreja Metodista Central em Campinas</i>	293
<i>Figura 127</i>	<i>Tomada exterior da Igreja Metodista Central em Campinas</i>	295
<i>Figura 128</i>	<i>Reprodução (frente e verso) de um frasco de óleo da unção</i>	300

SUMÁRIO

SUMÁRIO	14
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 O MÉTODO DE PESQUISA ELIASIANO	22
INTRODUÇÃO	22
1.1 A procura do método de pesquisa sociológica de Norbert Elias	29
1.2 Sobre a utilização do método eliasiano em pesquisas sobre figurações da atualidade	37
1.3 Norbert Elias – um olhar sobre sua biografia	43
1.4 O processo civilizador	47
CAPÍTULO 2 DA REFORMA PROTESTANTE AO PROTESTANTISMO BRASILEIRO	62
INTRODUÇÃO	62
2.1 As reformas protestantes na Europa	63
2.1.1 A Reforma Luterana	64
2.1.2 As Reformas na Suíça – Zurique e Genebra	68
2.1.3 A Reforma Inglesa	71
2.2 O movimento protestante nos EUA	75
2.3 A chegada do protestantismo no Brasil	77
2.3.1 – O pentecostalismo brasileiro	79
2.4 Campinas – base das missões protestantes	88
2.4.1 Campinas – a passagem para o século XX	137

CAPÍTULO 3 OS EVANGÉLICOS NA CONSTITUIÇÃO DO PARQUE OZIEL _____	150
INTRODUÇÃO _____	150
3.1 O Parque Oziel na constituição centro-periferia de Campinas _____	151
3.1.1 – Representações tabulares do Parque Oziel _____	159
3.1.2 Relação e localização das igrejas do Parque Oziel atualizada em 06 de setembro de 2010 _____	182
CAPÍTULO 4 ETNOGRAFIA E ANÁLISE DOS COSTUMES EVANGÉLICOS NAS IGREJAS DO PARQUE OZIEL _____	194
INTRODUÇÃO _____	194
4.1 – A adesão do símbolo do peixe como marca identitária evangélica _____	195
4.1.1 – Os informantes por questionários _____	215
4.2 Igreja do Nazareno Canaã – Parque Oziel _____	220
4.3 - Igreja Assembleia de Deus – Ministério Belém - Gleba “B” _____	228
4.4 Igreja Batista do Jardim Monte Cristo _____	239
4.5 Igreja Pentecostal Deus te Ama _____	244
4.6 Igreja Presbiteriana Independente (IPI) no Parque Oziel _____	250
4.7 Igreja Evangélica Assembleia de Deus- Ministério Belém – Parque Oziel I _____	256
4.8 Igreja Evangélica Assembleia de Deus- Ministério Belém – Parque Oziel II (Ministério Belém) _____	263
4.9 Igreja Missionária Pentecostal Vale da Benção _____	266
4.10 Oração no Monte – prática cültica alternativa aos templos _____	270
4.10.1 Oração no monte em Diadema _____	274
4.10.2 A segunda e terceira visitas ao “Monte da Pirelli” _____	283
4.11 Orações em público _____	290
CAPÍTULO 5 CONCLUSÃO _____	292
INTRODUÇÃO _____	292
5.1 Hábitos litúrgicos _____	297
5.1.1 Demanda por músicos e contra-regras ou sonoplastas _____	297
5.1.2 Substituição dos púlpitos de madeira por púlpitos de acrílico _____	299
5.1.3 Roupas litúrgicas _____	302
5.2 Práticas extra-templo _____	303
5.2.1 Multiplicidade de bíblias _____	303
5.2.2 Livrarias evangélicas como canal de distribuição de bens relativos à fé _____	304
5.2.3 Consumo de bens ilegais (“piratas”) _____	305

	16
5.2.4 Oração no Monte _____	306
5.2.5 Rádios evangélicas _____	307
5.2.6 Demanda por estudos teológicos _____	308
5.2.7 Cumprimentos evangélicos _____	309
5.2.8 Negação do ato de jurar publicamente _____	310
5.2.9 Ministério com casais _____	310
5.3 Hábitos identitários _____	311
5.3.1 Peixe X Rosário _____	311
5.3.2 Festa de aniversário evangélica _____	312
5.4 Observações finais _____	314
BIBLIOGRAFIA _____	315
ANEXO 1 _____	328
Transcrição da entrevista gravada com o Reverendo Deny Anderson da Costa _____	328
ANEXO 2 _____	360
Transcrição da entrevista gravada com o Vereador Jaírson Valério dos Anjos _____	360
ANEXO 3 _____	377
Descritivos dos códigos dos setores censitários componentes do Parque Oziel _____	377
ANEXO 4 _____	381
Boletim da Igreja do Nazareno Canaã _____	381
ANEXO 5 _____	386
Formulário de entrevista _____	386

INTRODUÇÃO

Em razão da inserção, expansão e enraizamento do protestantismo no Brasil, várias vertentes protestantes desenvolveram-se na sociedade brasileira, apresentando mudanças em seus cultos e conseqüentemente, mudanças nos hábitos cúlticos e cotidianos. Tais mudanças apresentam reflexos interativos na sociedade brasileira.

Os protestantes são em seu momento histórico original, portadores de um discurso religioso cúltico mais racional e intelectual, centrado na interpretação do livro sagrado cristão, a Bíblia. *Grosso modo*, pode-se dizer que, os protestantes têm entre si como elementos comuns, desde o movimento da Reforma Protestante, a prática dos sacramentos da eucaristia e do batismo, bem como uma teologia do “celeste porvir” após a morte. Tal prática religiosa produziu hábitos de vida, no primeiro momento em determinadas regiões européias e posteriormente no Novo Mundo através das colônias inglesas.

O protestantismo desembarca no Brasil, e com o desenvolver dos anos e seu crescimento, torna-se multifacetado, porém ainda produtor de hábitos comuns a boa parte dos fiéis. Com a visível multiplicidade de expressões protestantes atuais e quantidade expressiva de aderentes, fica patente tal presença na sociedade brasileira que, com o passar dos anos migra de um culto europeizado e racional, para um culto de marca mais emocional.

Em que pese à diversidade protestante nas suas agremiações eclesiásticas e para eclesiásticas, as práticas religiosas produzem hábitos comuns em muitos protestantes, dentro e fora dos espaços cúlticos. Atualmente tais práticas habituais comuns podem ser verificadas

transversalmente por entre os praticantes dos diversos cultos protestantes. Diante de diferentes igrejas e cultos, encontramos com pequenas variações, os mesmos hábitos, as mesmas práticas.

Esta tese visa demonstrar a existência de alguns hábitos cotidianos mais comuns e ao mesmo tempo em comum, dos protestantes atuais de uma área periférica de Campinas, em seus cultos e em sua vivência cotidiana na sociedade.

Tais hábitos civilizatórios são marcadamente nascidos ou derivados pela prática dessa fé. Como opção metodológica, escolhemos o espaço de um recorte geográfico localizado em um bairro nascido de uma invasão urbana ocorrida em 1997 na periferia de Campinas. Após mais de um século de inserção do protestantismo em Campinas encontramos nesse local a presença de diversas igrejas de matriz protestante, principalmente em sua expressão pentecostal.

Tal bairro que recebeu da população ocupante o nome não oficial de Parque Oziel e está contrastantemente “colado” ao maior hotel de luxo da cidade de Campinas (The Royal Palm Plaza) e ao grande centro de compras chamado Campinas Shopping.

É interessante observar também que, Campinas tal qual São Paulo, reproduz um fenômeno relativamente novo na distribuição dos espaços de convivência social, isto é, os “enclaves fortificados” tais como os condomínios fechados que se sobrepõem ao padrão centro-periferia e que são “fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho (CALDEIRA, 2000, p. 211)”.

O sucesso inicial na implantação do protestantismo brasileiro ocorreu através das missões protestantes ligadas ao chamado protestantismo histórico ou tradicional. Exceto os trabalhos efetuados por alemães nas regiões de imigração alemã, as demais missões protestantes de origem norte-americana, investiram não somente sobre os imigrantes oriundos da América do Norte, mas também sobre os nacionais; agora como porta vozes de uma nova religião apresentada como mais moderna em relação ao catolicismo de colorido ibérico, e ideologicamente mostrada como que o expoente de uma civilização superior. As crenças religiosas e a vida cotidiana são moldadas pelo aprendizado nos cultos cuja parte principal é a prédica ou pregação ou sermão que emana de um pastor com formação acadêmica. Além da histórica raiz comum, o elo aparente entre os fiéis das diversas linhas protestantes, é estabelecido pelos dois sacramentos protestantes do batismo e da eucaristia.

Já o protestantismo pentecostal floresceu no Brasil pela mão de missionários vindos na esteira dos “movimentos do espírito”, ainda no calor do *revival* da Rua Azusa (Chicago-

EUA). É tão ou mais anti-católico que os protestantismos tradicionais ou históricos, porém é mais popular bem como concorrencial também aos protestantes históricos. Para estes, os espaços cúlticos podem ser qualquer salão onde os fiéis tenham a liberdade de se expressar com hinos e cânticos animados (corinhos ou “louvores”) além de manifestações de glossolalia, profecias espontâneas e cura divina. Os pastores não tinham necessariamente formação teológica, mas a prédica acabava por ditar a vida e os hábitos. As expressões autóctones do protestantismo pentecostal, também elegeram o emocionalismo cúltico como marca comum.

A partir década de oitenta do século XX, novos atores pentecostais nacionais surgem com um agressivo e midiático discurso anti-católico, anti-protestante tradicional, anti-religiões de matriz africana, altamente emocional e simbólico. A prédica encolhe e cede lugar para micro-pregações entre as orações e cânticos coletivos. Discorrendo sobre o misticismo pentecostal Mendonça diz que “a matriz do misticismo é a via da invenção que ocupa a via da reflexão na vida religiosa. Um imediatismo na relação com o sagrado substitui a mediação do discurso (MENDONÇA, VELASQUES FILHO, 2002, p. 240).” Percebe-se no pentecostalismo uma habilidade para falar, mas uma dificuldade para ler e explicar. Essas vertentes protestantes concorrem entre si, e nas estratégias de sobrevivência e conquista do mercado religioso, terminam por espriar um *ethos* comportamental nos cultos e na vivencia em sociedade desses protestantes.

A vertente da sociologia dos costumes será visitada enquanto marco teórico no Capítulo 1 em Norbert Elias. É nesse autor que encontramos a idéia de que o homem ocidental “civiliza-se” na medida em que aprende a se relacionar em determinada classe social e em determinado tempo. O comportamento social na atualidade de uma determinada sociedade pode ser explicado pelo fato de que aparentemente “as coisas sempre foram assim, desde tempos imemoriais”, porém na verdade, é resultado de comportamentos apreendidos, aprendidos e adaptados ao longo do tempo.

Se o protestantismo cria hábitos comuns entre os aderentes desse segmento religioso, tais hábitos podem passar despercebidos talvez por não terem sido ainda descritos com mais profundidade ou porque são, de forma isolada, aparentemente simples ou singelos. Mas que se leve em séria consideração que, em seu conjunto ou em sua soma, tais hábitos revelam parte da maneira de ser dos protestantes atuais na sociedade brasileira e mais focadamente na sociedade campineira, e nisso repousa a importância desta pesquisa. Entendemos que a pesquisa poderá revelar e delinear vários hábitos com contornos claros e definidos,

acrescentando novas luzes para a pesquisa sociológica sobre o protestantismo brasileiro atual. Cremos que essas afirmações encontram ressonância com o pensamento de Jean-Paul Willaime, senão vejamos:

Por outro lado, é igualmente importante analisar os protestantismos na diversidade dos meios confessionais que o constituem (luterano, reformado, batista, “evangélico”, pentecostal...) e os diversos protestantismos “evangélicos” que se desenvolvem hoje (de maneira notória na América Latina, na China, na Coreia, sob formas pentecostais). Enfim, interessa não limitar-se a uma sócio-história das instituições, mas estudar o eto dos atores, isto é, as suas práticas e representações na vida quotidiana, a maneira como eles vivem concretamente o protestantismo (WILLAIME, 2000, p. 25).

Como parte do protestantismo brasileiro em constante mutação, o protestantismo da periferia de Campinas produz hábitos litúrgicos e extra-litúrgicos que são exercidos pelos aderentes dessa expressão religiosa, com reflexos na sociedade campineira. Tais hábitos podem ser praticados e encontrados transversalmente por aderentes de correntes diversas dentro do protestantismo campineiro.

Com o aumento da população urbana e o desenvolvimento do protestantismo, Campinas tornou-se um local onde podemos afirmar com segurança que é portador de exemplares das grandes vertentes protestantes no Brasil que entendemos ser, de modo reducionista, mas prático, os protestantismos (a) tradicional e histórico – de missão e de imigração, (b) pentecostal – de missão e autóctone e (c) neopentecostal. Em razão de não ser o escopo deste trabalho não pretendemos fazer digressões sobre a confusa e profusa terminologia utilizada para o delineamento dos fiéis praticantes do protestantismo.

Não há hoje conceito mais confuso do que o do protestantismo. Vemos essa confusão nos meios de comunicação, em especialistas e nas teses acadêmicas. São colocados no mesmo espaço classificatório grupos que se excluem mutuamente assim como o próprio conceito generalizado de protestantes (MENDONÇA, 2008, p. 78).

Mas ainda assim fica a pergunta: Qual a melhor nomenclatura para pontuar ou classificar os seguidores em Campinas da fé resultante dos movimentos conhecidos como Reforma Protestante? Cristão, crente, protestante, tradicional, pentecostal, neopentecostal, reformado, avivado, evangélico, evangelical, *evangelical* (em inglês), *holiness*, fundamentalista, liberal? Teríamos que desenvolver uma análise justificativa ao uso de cada um dos nomes acima referenciados o que não acrescentaria relevância aos interesses da pesquisa.

De forma econômica, generalista, mas útil, podemos utilizar indistintamente os termos protestante ou evangélico. Assim, exceto quando sinalizado de outra forma, optamos por utilizar como sinônimo as palavras protestante e evangélico.

Também como opção metodológica escolhemos utilizar a nomenclatura do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que reduz a população aderente de religiões com origem localizada no entorno da Reforma Protestante em apenas três grupos, quais sejam: evangélicos de missão, evangélicos de origem pentecostal e outras religiões evangélicas. Justificamos essa escolha pelo fato de que isso possibilitará a comparação das pesquisas efetuadas em Campinas e no Parque Oziel, com outros dados estatísticos oficiais.

Procuramos respeitar os designativos dos títulos clericais protestantes do Parque Oziel nos termos em que estes se apresentavam para o seu público, isto é, Pastor, Reverendo ou Missionário (não encontramos clérigas na pesquisa).

Fundamentados nos marcos teóricos expendidos no Capítulo 1 em que as ideias do sociólogo Norbert Elias serão explanadas, desenvolveremos no Capítulo 2 uma jornada investigativa que percorre uma caminhada civilizatória desde a Reforma Protestante (na verdade as várias Reformas Protestantes) até a implantação do protestantismo em terras brasileiras. A sequência natural será desenvolver no Capítulo 3 um aprofundamento da pesquisa com os estudos sobre o surgimento do Parque Oziel por ocupação ou invasão de área urbana, bem como a presença e importância dos evangélicos na figuração do Parque Oziel. Apresentados os dados e estatísticas sobre o Parque Oziel, reputamos importante proceder a uma análise etnográfica dos costumes evangélicos nas igrejas do Parque Oziel conforme apresentado no Capítulo 4. Parte do material supedâneo para as pesquisas, como formulários de pesquisas, depoimentos pessoais e material estatístico foi compilado e apresentado nos anexos.

Apresentamos no final deste trabalho nossas conclusões sobre as mudanças dos hábitos protestantes na periferia urbana campineira do Parque Oziel.

CAPÍTULO 1 O MÉTODO DE PESQUISA ELIASIANO

INTRODUÇÃO

O conhecimento científico difere-se do conhecimento comum por ser construído com base em pressupostos metodológicos bem delineados. As regras de um método de pesquisa científica precisam ficar estabelecidas de modo que a produção do conhecimento percorra as trilhas da racionalidade do método de eleição. Os resultados do conhecimento científico então produzidos ficam passíveis de crítica a partir do próprio método escolhido. Daí a necessidade de apresentação e justificativa de escolha de determinado equipamento de pesquisa. Entendemos que o pensamento de Norbert Elias nos fornece uma instigante proposta de metodologia de pesquisa para o estudo da religião. Mas para isso, torna-se necessário delimitar por entre os escritos desse autor a natureza de seu método de pesquisa. Disso trataremos neste capítulo.

É em Norbert Elias que, a partir de sua primeira obra publicada, *O processo civilizador* (ELIAS, 1993, 1994a) encontramos a ideia de que o homem ocidental “civiliza-se” na medida em que aprende a se relacionar em determinada sociedade e durante o desenvolver do tempo. O comportamento social na atualidade de uma dada sociedade pode ser explicado pelo fato simplório de que aparentemente “as coisas sempre foram assim, desde tempos imemoriais”, porém na verdade, é resultado de comportamentos apreendidos, aprendidos e

adaptados ao longo do tempo. As normas de comportamento na sociedade são estabelecidas ao longo de tempos que se perdem na memória. A conduta simples, cotidiana, automática, não racionalmente pensada ou elaborada passa despercebida ao olhar, pois não é impactante, chamativa, diferente ou destoante dos comportamentos gerais da sociedade. A atitude comportamental pode apresentar-se como algo mais do que simples. Pode, em um juízo de valor, parecer ou ser até simplória, mas foi desenvolvida, transformada e aprendida pelo convívio ao longo do tempo. A atitude de hoje é resultado de uma transformação não completamente intencional ou racional, pois ocorre de forma imperceptível na linha do tempo. O detalhe irrelevante do comportamento de hoje passa a ter sentido e é relevante quando se olha a trajetória percorrida no exercício dos costumes que acabam por ditar o que é “civilizado” para a sociedade, isto é, o comportamento proibido e o comportamento aceito.

No texto de apresentação do volume II d’*O Processo civilizador*, Renato Janine Ribeiro reafirma a importância de, em Elias, considerar-se o detalhe, o sem importância, o aparentemente irrelevante, sem destaque, enfim, o que é em geral reputado menor:

Com efeito, muitas questões que se consideravam menores, por exemplo a da etiqueta ou das boas maneiras, adquiriram, graças ao uso que Elias fez da ideia de "processo", um sentido. Provavelmente, aliás, e a questão do sentido que deve nortear uma apreciação das indicações mais notáveis desse sociólogo de vocação interdisciplinar (aspas no original) (RIBEIRO, 1994, p. 9).

No pensamento de Norbert Elias, o comportamento internalizado no cotidiano ocidental europeu, ou em qualquer outra sociedade, ocorre por uma mudança radical, mas não planejada, pois que maturada em longa duração, por gerações, mesmo séculos.

Isto facilitará a compreensão de estudos sociológicos que, como este que o leitor tem em mãos, atribuem importância fundamental ao estudo dos processos de longo prazo. O objetivo não é atacar outros ideais em nome dos ideais que temos, mas procurar compreender melhor a estrutura desses processos em si e emancipar o arcabouço teórico da pesquisa sociológica da primazia de ideais e doutrinas sociais (ELIAS, 1993, p. 226).

Abre-se uma explicação para o comportamento ocidental diferente de duas consagradas tradições, a marxista e a weberiana. Ambas são racionais no sentido de que se determina previamente as metas que se pretende atingir, enquanto que, para Elias as transforma-

ções ocorrem pela ação dos agentes ao longo do tempo, sem que estes tenham uma consciência racional do processo civilizador em que estão inseridos.

Entre os sociólogos cuja imagem de sociedade se orientava para o progresso e um futuro melhor eram encontrados, conforme sabemos, portavozes das duas classes industriais. Incluíam eles homens como Marx e Engels, que se identificavam com a classe operária industrial, e também sociólogos burgueses como Comte, no início do século XIX, e Hobhouse, no fim. Os portavozes dessas duas classes industriais em ascensão tinham plena confiança no futuro melhoramento da condição humana, ainda que variasse muito o que concebiam como melhoramento e progresso, dependendo da classe a que pertencessem (ELIAS, 1993, p. 227).

Ainda sobre aspectos ideológicos quanto aos valores oriundos do pertencimento de classe e os estudos sociológicos, Norbert Elias fala sobre a existência de duas correntes, quais sejam: A primeira olha para a sociedade como um todo no sentido de entendê-la como nação, e esta como o maior dos valores. A segunda olha para o indivíduo como autosuficiente e livre, como uma personalidade fechada, e este como o maior dos valores.

Essa cisão nos ideais, essa contradição no *ethos* no qual são educadas as pessoas, encontra expressão em teorias sociológicas. Algumas delas tomam como ponto de partida o indivíduo independente, auto-suficiente, como a "verdadeira" realidade e, por conseguinte, como o objeto autêntico da ciência social; outras começam com a totalidade social independente. Algumas tentam harmonizar as duas concepções, geralmente sem indicar como é possível reconciliar a ideia de um indivíduo inteiramente independente e livre com a de uma "totalidade social" igualmente independente e livre, e não raro sem perceber por inteiro a natureza do problema. O reflexo dessa persistente divisão interna entre os dois ideais é visto, acima de tudo, nas teorias de sociólogos cujo ideal nacional tem uma cor conservadora-liberal. O trabalho teórico de Max Weber - ainda que não o seu trabalho empírico - e as teorias de seu sucessor, Talcott Parsons, são exemplos disto (aspas no original) (ELIAS, 1993, p. 235).

A principal obra do pensador da sociologia dos costumes - *O processo civilizador* foi escrita na Inglaterra em dois volumes e publicada originalmente na Suíça em idioma alemão no ano de 1939. Na Inglaterra o texto foi publicado também em dois volumes (o segundo volume somente em 1982). O pesquisador de reconhecimento tardio nos meios acadêmicos via-se a si mesmo como um *outsider* durante sua estada na Inglaterra, país que lhe concedeu cidadania (ELIAS, 2001, p. 76).

O fato de ser considerado um sociólogo alemão com certeza me dá certa satisfação, mas é claro que sou mais que isso. Se interrogássemos alguém sobre a sociologia alemã, se lhe pedíssemos para citar os quatro sociólogos alemães mais célebres, ele responderia de duas maneiras – e é efetivamente o que ouvimos dizer às vezes: ele diria, de um lado, que faço parte deles e de outro que sou um outsider completo. O segundo aspecto vale, aliás, igualmente no que diz respeito à sociologia americana, inglesa ou francesa. Minhas idéias só são reconhecidas e discutidas em círculos bastante restritos. (ELIAS, 2001, p. 82).

Em 1968, Elias inseriu uma introdução explicativa sobre seu posicionamento de não alinhamento em relação às linhas sociológicas de Karl Marx e Max Weber, bem como esclareceu parte de seus objetivos.

O primeiro volume concentra-se, acima de tudo, na questão de saber se a suposição, baseada em observações dispersas, de que há mudanças a longo prazo nas emoções e estruturas de controle das pessoas em sociedades particulares - mudanças que se desenvolvem ao longo de uma única e mesma direção durante grande número de gerações - pode ser confirmada por evidência fidedigna e encontrar comprovação factual. Este volume, por conseguinte, contém um relato de procedimentos e achados sociológicos, cujo equivalente mais conhecido nas ciências físicas são o experimento e seus resultados. Diz respeito à descoberta e elucidação do que realmente ocorre no campo de indagação ainda não explorado com o qual se relacionam nossas questões: a descoberta e definição de ligações factuais (ELIAS, 1993, p. 215).

Em autores como Marx e Engels, Durkheim e Weber, nunca existiu uma separação entre o passado e o presente na investigação do objeto, segundo Elias. Este chega mesmo a afirmar a possibilidade de existir um domínio ou predominância no interesse de Max Weber pela investigação no desenvolvimento de longo prazo, como no caso das relações entre o surgimento do capitalismo e a ascensão dos protestantismos. Há coerência nessa postura de Elias, quando se percebe que Max Weber transitou pela história longínqua ao afirmar, por exemplo, já existir capitalismo na China, Índia, Babilônia e Idade Média europeia, faltando apenas o *ethos* particular protestante, segundo a sua teoria (WEBER, 2004, p. 45). Ancorou Weber sua afirmação sobre a existência desses *ethos*, entre outros recursos, com a transcrição de um texto de nove parágrafos escritos pelo revolucionário Benjamin Franklin e publicados entre 1736 e 1738 (WEBER, 2004, p. 42-44). Obviamente, essa emblemática obra de Weber visitou também a história no período da Reforma Protestante e seus expoentes, a começar por Lutero (WEBER, 2004, p. 71). Prossegue ainda a argumentação de Norbert Elias sobre a perda dessa perspectiva histórica de longo prazo nas investigações e pesquisas

sociológicas. “Hoje, ao contrário, a imagem se alterou. Como domínio de pesquisa, os problemas sociais do passado e do presente foram, em grande medida, cindidos. Aquele que suprime em um novo estágio essa divisão torna-se um *outsider* na comunidade de argumentação contemporânea (ELIAS, 2006, p. 211).

Também no Brasil a obra *O processo civilizador* foi publicada em dois volumes, respectivamente em 1993 com o subtítulo *Uma história dos costumes* e 1994 com o subtítulo *Formação do Estado e civilização*. Entendemos que o texto de Norbert Elias passou a oferecer uma possibilidade metodológica instigante de pesquisa, pois que faz uso largo da interdisciplinaridade, verificando as relações humanas com olhos não somente na sociologia, mas também em outros ramos do saber como a história, filosofia, economia, ciência política, psicologia e direito (com uma Teoria Geral do Estado embutida na obra).

Embora esta omissão em investigar cada um suas próprias pressuposições dificilmente seja apropriada ao procedimento científico, tal imagem preconcebida do homo clausus domina o palco não só na sociedade em geral mas também nas ciências humanas. Seus derivativos incluem não só o tradicional homo philosophicus, a imagem do homem da epistemologia clássica, mas também o homo oeconomicus, o homo psychologus, o homo historicus, e não menos o homo sociologicus em sua versão moderna. As imagens do indivíduo tratadas por Descartes, Max Weber, Parsons e muitos outros sociólogos são da mesma origem (ELIAS, 1993, p. 238, 239).

A interdependência entre os homens pressupõe serem estas personalidades abertas que se relacionam através de uma configuração (ou várias) que lhes dá estrutura. Esta estrutura é parte da própria sociedade que está em constante mobilidade processual.¹

A imagem do homem como "personalidade fechada" é substituída aqui pela de "personalidade aberta", que possui um maior ou menor grau (mas nunca absoluto ou total) de autonomia face a de outras pessoas e que, na realidade, durante toda a vida é fundamentalmente orientada para outras pessoas e dependente delas. A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexos do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes

¹ Os termos “configuração” e “figuração” podem ser empregados indistintamente e com o mesmo sentido. A razão da utilização das duas palavras está no fato de que parte dos escritos de Norbert Elias foram escritos em alemão (*figuration*). Quando escritos em inglês ou traduzido para o inglês a partir do alemão ou do holandês, utilizou-se tanto “figuração” quanto “configuração”. Nesse sentido vide, “Sobre a tradução e os textos originais” in (ELIAS, 2006, p. 18); RIBEIRO, 2010, p. 169 (Nota de rodapé).

entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações. Este o motivo por que, conforme afirmado antes, não é particularmente frutífero conceber os homens à imagem do homem individual. Muito mais apropriado será conjecturar a imagem de numerosas pessoas interdependentes formando configurações (isto é, grupos ou sociedades de tipos diferentes) entre si. Vista deste ponto de vista básico, desaparece a cisão na visão tradicional do homem. O conceito de configuração foi introduzido exatamente porque expressa mais clara e inequivocamente o que chamamos de "sociedade" que os atuais instrumentos conceituais da sociologia, não sendo nem uma abstração de atributos de indivíduos que existem sem uma sociedade, nem um "sistema" ou "totalidade" para além dos indivíduos, mas a rede de interdependências por eles formada. Certamente é possível falar de um sistema social formado de indivíduos. Mas as conotações associadas ao conceito de sistema social na sociologia moderna fazem com que pareça forçada essa expressão. Além do mais, o conceito do sistema é prejudicado pela ideia correlata de imutabilidade (aspas no original; os grifos são nossos) (ELIAS, 1993, p. 249).²

Em outro texto, Elias explicita o conceito de figuração onde aborda a possibilidade de trânsito dos seres humanos por entre as figurações. Assim, podemos entender que um indivíduo poderá ser visto como pertencente a uma ou mais figurações. Uma família é uma figuração específica. Se ela morar em uma periferia, será componente da configuração “famílias que moram na periferia”. O indivíduo que mora nessa periferia poderá adentrar para uma nova configuração, talvez a dos “convertidos em uma Igreja Batista do bairro”. Após uma experiência de convívio com os componentes da figuração “pentecostais do bairro”, opta por aderir a essa forma de religiosidade. Na segunda feira pela manhã, reúne-se no ponto de ônibus com outros trabalhadores que se dirigem para seus trabalhos, fazendo parte aí, da figuração “trabalhadores da periferia que se deslocam de ônibus”. Como os processos ocorrem sem a participação determinada e consciente da sociedade, isto é, por indeterminado resultado de *alea*, poderá ser que, esse indivíduo hipotético, membro da configuração “família” inicialmente exposta, passe por uma reconfiguração figuracional ao adquirir um veículo e passe a fazer parte da figuração “trabalhadores do bairro que se dirigem ao trabalho com veículo próprio”. Esse hipotético trabalhador, homem, que vive em um núcleo familiar, pentecostal, morador da periferia, proprietário de veículo automotor, transita por várias figurações específicas que podem ser, cada uma delas, objeto de pesquisa.

² Justificamos os grifos, pois a frase destacada expressa uma espécie de definição pelo autor do conceito de “figuração”.

Os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações específicas. Diferentemente de outros seres vivos, essas figurações não são fixadas nem com relação ao gênero humano, nem biologicamente. Vilarejos podem se tornar cidades; clãs podem se tornar pequenas famílias; tribos podem se tornar Estados. Seres humanos biologicamente invariáveis podem formar figurações variáveis. Essas figurações possuem peculiaridades estruturais e são representantes de uma ordem de tipo particular, formando, respectivamente, o campo de investigação de um ramo particular da ciência de tipo particular, as ciências sociais em geral e, também, a sociologia [...] As figurações podem ter autonomia relativa em relação a determinados indivíduos que as formam no aqui e agora, mas nunca em relação aos indivíduos em geral. Dito de outra maneira: um ser humano singular pode possuir uma liberdade de ação que lhe permita desligar-se de determinada figuração e introduzir-se em outra, mas se e em que medida isto é possível depende de fato das peculiaridades da figuração em questão. As mesmas pessoas também podem formar umas com as outras diferentes figurações (os passageiros antes, durante e, possivelmente, depois de um naufrágio; burgueses e nobres antes, durante e depois da Revolução). Inversamente, diferentes seres humanos singulares podem formar figurações similares, com certas variações (famílias, burocracias, cidades, países) (ELIAS, 2006, p. 26, 27).

A sociologia pede equidistância e ausência de juízo de valor na descrição do objeto pesquisado. “A utilidade da pesquisa sociológica, como instrumento da prática social, só aumenta se o pesquisador não se engana projetando aquilo que deseja, aquilo que acredita que deve ser, em sua investigação do que é e foi.” (ELIAS, 1993, p. 235). Já a filosofia é livre de amarras para se aproximar ou se distanciar do objeto pesquisado em busca da verdade, e nisso pode se quiser, e mesmo deve, apoiado em um raciocínio lógico, emitir juízos de valor. Norbert Elias em sua sociologia dos costumes faz uso livre e coerente de diversas áreas do conhecimento em um fluxo heraclítico, talvez impalatável para um pensamento cartesianamente estruturado de fundo parmenídico.

Quando trabalhava neste livro, pareceu-me muito claro que estava lançando os alicerces de uma teoria sociológica não-dogmática, empiricamente baseada, de processos sociais em geral e de desenvolvimento social em particular (ELIAS, 1993, p. 216).

Multidisciplinaridade e/ou transdisciplinaridade são vocábulos recentes na pesquisa científica e ainda um exercício de desprendimento do pesquisador na aceitação de outros instrumentos de pesquisa que não o seu apenas. Elias, sem grafar a expressão transdisciplinaridade, fez uso abundante desta em sua Sociologia dos Costumes. “A transdisciplinarida-

de assim, para Elias, não é simples senha ou *slogan*, mas procedimento que decorre de suas convicções mais profundas, um método que está necessariamente ligado a sua doutrina ou, melhor dizendo, a sua filosofia.” (RIBEIRO, 1994, p. 10).

Como nossa pesquisa é em Ciências da Religião, área do saber que é eminentemente transdisciplinar, entendemos ser a obra de Norbert Elias passível de uso como marco teórico inclusive para os estudos de religião, no nosso caso, observações sobre costumes evangélicos atuais. Discorre ainda Elias sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade:

tornei-me consciente de que este estudo ajuda a solucionar o renitente problema da ligação entre estruturas psicológicas individuais (as assim chamadas estruturas de personalidade) e as formas criadas por grandes números de indivíduos interdependentes (as estruturas sociais) (ELIAS, 1993, p. 216).

Nosso passo agora será verificar, então, qual é a maneira utilizada por Norbert Elias em seus estudos teóricos e empíricos sociológicos não-dogmáticos, isto é: Qual é o método de pesquisa de Norbert Elias?

1.1 A procura do método de pesquisa sociológica de Norbert Elias

A pesquisa estribada em Elias encontrará seu método através das leituras de seus textos, em especial *O processo civilizador*. Elias nunca apresentou uma “receita” que deva ser seguida claramente ponto por ponto para se fazer pesquisa sociológica, mesmo porque, coerentemente com sua opção processual que reconhece a possibilidade de mudanças de rumo não imaginadas e não planejadas, jamais foi dogmático, mas sempre construiu sua obra em uma tessitura intelectual coerente.

Até hoje não tenho a sensação de ser totalmente compreendido. Há ainda tantos assuntos não retomados em minha obra. Ainda não tenho a sensação de ter concluído meu trabalho. Só o fato de o tipo de teoria que busquei desenvolver ser diferente do que tradicionalmente se tem o hábito de considerar uma teoria, apoiando-se sobre modelos das ciências físicas, sempre cria enormes mal-entendidos. (ELIAS, 2001, p. 82).

O tempo é fator determinante na pesquisa em Elias e no tempo as estruturas sociais devem ser percebidas no longo prazo de forma linear ou alinear em comparações que produzirão o conhecimento do rumo que essas estruturas seguiram, como surgiram, como se transformaram. A longa visada que Elias faz no processo de formação dos Estados nacionais europeus é relacionada com as transformações processuais nos hábitos das pessoas pertencentes a diversas classes sociais. Não há dissociação entre a vida cotidiana individual e a vida cotidiana coletiva, ou entre o ser e a sociedade em que ele vive. Toda a vida se relaciona e interage continuamente. “Deve-se considerar ainda que os padrões de comportamento socialmente sancionados permeiam todas as estruturas e desempenham a importante tarefa de manter as características próprias de cada elemento.” (RIBEIRO, 2010, p. 152).

O auto-ditadismo de Karl Marx sobre história e diversos outros campos do saber é reconhecido por Elias que assinalada que outros sociólogos pioneiros também olharam para a história com um interesse sociológico e não apenas histórico. A perspectiva sociológica da história é diferente das questões colocadas pelos historiadores especialistas. No início da formação da sociologia e posterior profissionalização da matéria, muitos dos sociólogos pioneiros oriundos de outras áreas do saber também olharam para a história, tais como, segundo Elias, o próprio Marx; posteriormente, Sombart, os irmãos Max e Alfred Weber e Mannheim. Norbert Elias tem clareza ao se considerar um profissional da sociologia que, também oriundo de outra área do saber (filosofia e psicologia) chega tardiamente ao campo da sociologia. Na verdade quando o jovem Elias é recebido nos círculos de discussão sociológica alemã, como o da viúva de Max Weber, a profissão de sociólogo ainda era recente e em assentamento. O que Elias vai perceber e dissentir é o fato de que a sociologia havia construído teorias sociológicas jungidas a ideologias ou alinhadas aos partidos políticos representantes de interesses de classes sociais distintas. Os modelos teóricos estavam como que maculados pelas ideologias de fundo.

O fato de eu ter chegado tarde nesse cenário trouxe-me certos inconvenientes mas também certas vantagens. Foi mais fácil eu enxergar a que ponto os modelos de processos sociais de longa duração estavam saturados de ideologia. Faltavam estudos que permitissem compreender as mutações da sociedade num longo lapso de tempo com a ajuda de provas empíricas detalhadas, e isso de maneira que fosse possível substituir os modelos existentes, frequentemente muito especulativos por um outro tipo de modelos teóricos, isto é, modelos verificáveis empiricamente e, caso necessário, emendáveis e ou refutáveis. Mas isso só era claramente possível se o autor do estudo não estivesse ligado de maneira doutrinária a

axiomas preestabelecidos ou a essa ou aquela ideologia contrária presente no leque político de sua época (ELIAS, 2001, p. 147).

Pretendeu Elias livrar a sociologia de qualquer amarra ideológica com a criação de um corpo teórico para além daqueles já então cientificamente consagrados. Os resultados obtidos através de uma sociologia ideologizada também refletirão tal e qual ideologia.

A teoria do processo civilizador e da formação do Estado, a teoria simbólica do saber e das ciências e, num sentido mais amplo, a teoria do processo e figuração [*Prozess- und Figurationstheorie*], que me empenhei em elaborar, não são marxistas, liberais, socialistas ou conservadoras. As doutrinas partidárias ocultas, os ideais sociais mascarados pelo véu da ciência, parecem-me falsificações; acho-as, além disso, estereis. Era – e ainda é – sem dúvida uma das razões que explicam as dificuldades colocadas por essas teorias e as obras que as contêm (ELIAS, 2001, p. 148).

O exercício sociológico não é praticado por alguém alheio às figurações compostas de indivíduos interdependentes que se relacionam com outras figurações em determinada estrutura processual. O sociólogo tem que ter consciência de que não é um indivíduo isolado observando uma figuração, mas que também é parte de uma figuração e transita por entre outras. É necessário um ato de autodistanciamento que se dá pela (1) necessária consciência de si enquanto indivíduo não isolado do conjunto da sociedade, além de (2) um proceder desengajado.

Encontram-se, nas teorias sociológicas anteriores, esboços que vão nesse sentido. Certas teorias de Marx e de Weber dão prova de um grande distanciamento. Mas nem uma nem outra, ainda, fazem do engajamento algo de problemático. Elas não fazem aflorar à consciência o procedimento do autodistanciamento como tal. Enquanto não se executa esse procedimento, vê-se a si mesmo sempre e involuntariamente como um indivíduo isolado face à sociedade; vê-se a si mesmo, portanto, face a todos os outros homens enquanto “indivíduo” se situando para além do indivíduo e fora dele. Enquanto não se recorrer ao procedimento do autodistanciamento, enquanto não se for capaz de dominá-lo pelo pensamento, será difícil, para resumir, fazer navegar o barco da sociologia, assim como o das ciências humanas em geral, entre as ideologias do individualismo e do coletivismo (aspas no original) (ELIAS, 2001, p. 149).

Logo na introdução da obra *Sociologia fundamental*, Norbert Elias observa que se alguém quer entender do que trata a sociologia, deve desenvolver uma operação de interpeção mental de consciência de ser uma pessoa entre as outras (ELIAS, 1999, p. 13).³ Esse exercício pessoal objetiva possibilitar que não se vejam as coisas como “objetos” fora da própria pessoa. Assim, uma criança, uma família e uma escola, não são objetos estáticos sob os quais se deve olhar individualmente. São mais do que objetos estáticos desumanizados como “coisas” que não se relacionam. Uma família é família enquanto tem filhos que se relacionam entre si e entre os pais. Este por sua vez relacionam-se com outros membros da família, com os professores da escola, com os pais de alunos que frequentam a escola, com os funcionários da escola e em alguma instância com os poderes públicos da área escolar.

A tarefa de uma teoria dos processos sociais consiste no diagnóstico e na explicação das tendências de longo prazo e não-planejadas, mas ao mesmo tempo estruturadas e orientadas, no desenvolvimento de estruturas da sociedade e estruturas da personalidade, que constituem a infra-estrutura daquilo que em geral denominamos “história”. A recepção de uma tal abordagem teórica vem sendo dificultada pela autocompreensão da sociologia contemporânea como uma disciplina primordialmente orientada para o presente, que investiga as transformações e as relações de curto prazo no interior de sistemas sociais dados. Essa autocompreensão é uma consequência da divisão acadêmica entre história e sociologia, mas também da proximidade crescente da sociologia com a prática, ou seja, sua inclusão em projetos de planejamento burocraticamente controlados. Com isso, acaba-se por não compreender o processo de desenvolvimento não-planejado e de longo prazo, que produziu as condições para a prática de planejamento de nossos dias e ao qual todo desenvolvimento social planejado continua intrinsecamente ligado. Processos complementares, como os processos de divisão de funções, de integração e de civilização são partes desse desenvolvimento complexo e de longo prazo (ELIAS, 2006, p. 107).

O pesquisador deve olhar para a sociedade com a consciência de que a mesma não é estática e estante e que, ele mesmo faz parte desse movimento constante na sociedade. ‘O modelo mental que as pessoas têm em vista quando pensam sobre a relação entre si mesmas e a “sociedade”, coincide frequentemente com a seguinte figura:’ (ELIAS, 1999, p. 14).

³ Esta obra foi publicada originalmente em alemão no ano de 1970 sob o título *Was ist Soziologie?* (O que é sociologia?).

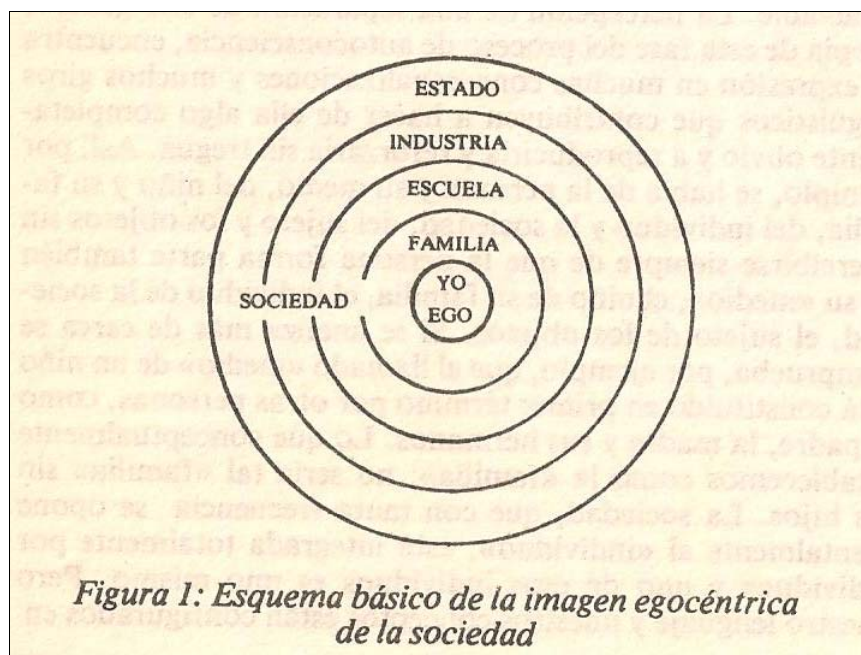


Figura 1 – Reprodução *fac-simile* do “Esquema básico da imagem egocêntrica da sociedade (ELIAS, 1999, p. 15)

O esquema pictorial acima é formado por um “eu” fechado que está ao centro de círculos concêntricos. Esse *ego* fechado interpreta a sociedade externa a si mesmo como uma composição departamentada em níveis mais próximos e outros mais afastados. Não se vê como parte de relações familiares ou no outro extremo, parte das relações com o Estado no qual convive.

Pode compreender-se perfeitamente que para muitas pessoas, lhes repugne reconhecer que a sociedade que elas mesmas constituem junto com outras é um âmbito funcional dotado de autonomia relativa frente às intenções e aos objetos dos indivíduos que a integram [...] Para poder contemplar a natureza como um âmbito de funcionamento mecânico e sujeito às leis, os homens tiveram que desprender-se da figuração, muito mais tranquilizadora, de que por detrás de cada feito natural, atuava como força determinante, uma intenção cheia de sentido em si mesma. (ELIAS, 1999, p. 69).

Não há autonomia absoluta nas relações sociais, assim como não há autonomia nos eventos naturais. Estes são interrelacionais e aleatórios assim como as relações sociais. A constatação recorrente de que os raios caem aleatoriamente sobre a superfície da terra, não se sabe quando e nem onde, é o ponto de partida para a pesquisa que explica as especificida-

des desse fenômeno da natureza. Também a partir da constatação de que as relações sociais ocorrem aleatoriamente e em conexão por entre as figurações, é que se pode delinear suas especificidades.

O paradoxo da situação está no fato de que só graças a possibilidade de constatar a ausência de finalidade e de sentido, o jogo de leis cegas e mecânicas nas conexões funcionais da realidade física, esteve o homem em condição de fazer frente a constante ameaça que para ele supunha os feitos naturais e dar-lhes um sentido e uma finalidade por si mesmos. Nos esforços por fazer prevalecer o ponto de vista segundo o qual também os processos sociais possuem uma autonomia relativa frente às intenções e finalidades humanas, nos encontramos com idênticas dificuldades e idêntico paradoxo. Para muitos homens lhes repugna essa ideia. É terrível pensar que as pessoas configuram entre si, contextos funcionais que se movem em grande parte às cegas, inermes, sem objetivo. Sem dúvida, seria mais tranquilizante poder imaginar que a história – que é sempre a história de determinadas sociedades humanas – possui um sentido e uma determinação, talvez inclusive uma finalidade. (ELIAS, 1999, p. 70).

Elias propõe um novo esquema conceitual para se olhar a sociedade, isto é, deve-se mudar o entendimento de se visar objetos estáticos externos e isolados (Ex: “eu”, família, escola, indústria, Estado) por um modelo que enxerga figurações que permitam indeterminados e ilimitados números de arranjos e rearranjos. ‘A compreensão das tarefas da sociologia, do que usualmente se designa como seu “objeto”, fica facilitada ao se reorientar de acordo com a seguinte figura’ (ELIAS, 1999, p. 15).

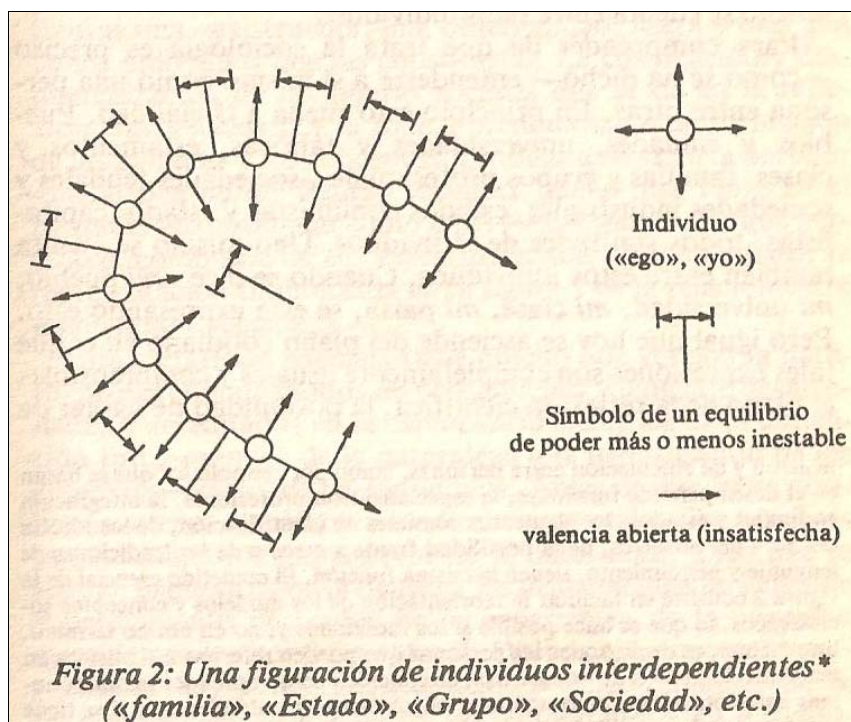


Figura 2 – Reprodução *fac-simile* da “Figuração de indivíduos interdependentes”
 (ELIAS, 1999, p. 15)

A imagem acima representa uma impressão da sociedade como compostas de vários “eus” em convívio simultâneo e sem barreiras aparentes, entremeadas por entre as figurações e ligadas umas às outras pelos modos mais diversos e possíveis de serem arranjados. O pesquisador nada mais é do que apenas um entre aqueles que compõem a figuração, mas com seus valores abertos acoplados na instabilidade dessa mesma figuração.

O uso cotidiano dos pronomes pessoais possessivos por parte dos pesquisadores sociais, segundo Elias, reflete a realidade de que estes fazem parte de figurações que se compõem com e por entre outras figurações. *Pari passu* com a portabilidade dessa consciência, é mandatório que o exercício da pesquisa sociológica fique isento de apropriação pessoal por parte do pesquisador. A consciência de si por entre as figurações e a não apropriação dessa ou daquela figuração, é o obrigatório exercício de compromisso e distanciamento próprio de um empreendimento científico que se diga com esteio na sociologia.

Para compreender do que trata a sociologia é preciso – como já dissemos – entender-se a si mesmo como uma pessoa entre outras. Em princípio isso soa como uma trivialidade. Povos e cidades, universidades e fábricas, estamentos e classes, famílias e grupos profissionais, sociedades feudais e

sociedades industriais, estados comunistas e estados capitalistas, todos são redes de indivíduos. A si mesmo se deve contar também entre esses indivíduos. Quando se diz “*meu* povo, *minha* universidade, *minha* classe, *meu* país”, está-se expressando isto. Mas da mesma maneira que hoje se ascende do plano do cotidiano em que tais expressões são completamente usuais e compreensíveis, no plano da reflexão científica, a possibilidade de se falar de todas as figurações sociais em termo de “*minha*”, “*tua*”, “*sua*”, ou ainda “*nossas*”, “*vossas*”, “*deles*”, fica fora de consideração (itálicos e aspas no original) (ELIAS, 1999, p. 16).

Ao mesmo tempo em que o pesquisador precisa assumir o conhecimento de si mesmo e de sua pessoa como parte da sociedade em configuração, portanto com pensamento e valores próprios, não pode exercer seu trabalho de forma científica se tiver intenções apropriativas. Apesar de carregar seus valores pessoais, o pesquisador também não pode ter medo de encarar a verdade encontrada, ainda que esta ou estas verdades choquem ou firam tais valores pessoais.

As investigações independentes nas ciências da humanidade, mais do que nas ciências exatas ou biológicas, são mais suscetíveis de interferências externas e internas. Externas tais como pressões por validação de postulados ou teorias prestigiadas em um espaço acadêmico. Internas tais como conflitos gerados no íntimo do pesquisador pelo confronto em que este pode ser levado a ter consigo mesmo, ao ser desafiado pelo confronto com seus próprios valores e ainda assim, manter uma postura acadêmica responsável e não direcionada pelas suas próprias crenças. Nessa linha, Elias abordou a relação entre os pesquisadores sociais e os cientistas das outras áreas do conhecimento.

Em outras palavras, os problemas que os cientistas planejam e intentam resolver mediante suas teorias, possuem um grau relativamente elevado de autonomia frente às questões cotidianas pessoais ou sociais. O mesmo cabe afirmar sobre os valores que intervêm em seus projetos de investigação. Seu trabalho não está absolutamente “isento de valores”, mas, diferente do que acontece com o trabalho de muitos estudiosos das Ciências Sociais, existem padrões profissionais estabelecidos e outras garantias institucionais que o protege em boa medida da intromissão dos valores heterônomos (aspas no original) (ELIAS, 1990, p. 15).

Ainda discorrendo sobre a temática do compromisso do pesquisador e a problemática do distanciamento, Elias afirma que o cientista não pode renunciar as funções de membro de um grupo em favor das investigações em que se vê envolvido. Os cientistas sociais enquanto membros das figurações, e nos seus exercícios de observadores, são afetados pelas relações políticas e sociais de sua época. “Além do mais, sua participação pessoal, seu com-

promisso, constituem uma das condições prévias para compreender o problema que hão de resolver como cientistas.” (ELIAS, 1990, p. 28).

Segundo Elias, as investigações executadas pelas ciências da natureza no que diz respeito à relação entre sujeito e objeto da pesquisa enfrentam uma possibilidade de relações interpessoais mais baixa. Já no trabalho científico das Ciências Sociais, a relação entre sujeito e objeto da pesquisa sofre a possibilidade de um alto grau de relacionamento interpessoal. ‘Aqui o ser humano se encontra consigo mesmo e com os demais; os “objetos” são ao mesmo tempo “sujeitos” ’ (ELIAS, 1990, p. 15) .

O distanciamento necessário que o pesquisador é obrigado a exercer, nos termos explicitados por Norbert Elias, passa por uma aparente contradição, isto é, a de se manter distante estando inserido. Mas não há contradição quando o pesquisador ao encontrar-se consigo mesmo assume de forma segura a realidade do impositivo relacionamento dentro da ou das figurações sob pesquisa.

Sem dúvida, continua de pé a seguinte pergunta: Até que ponto são os seres humanos capazes de “encontrar-se consigo mesmos”; de ver-se a si mesmos desprovidos da brilhante armadura da fantasia que lhes protege dos sofrimentos passados, presentes e futuros? Pode-se afirmar com alguma certeza que a capacidade de vê-se a si mesmo desprovido de armaduras aumenta ou decresce de acordo com o grau de segurança que se há alcançado. Mas provavelmente esta capacidade tem limites. (ELIAS, 1990, p. 52.).

Observa Elias que essa tarefa é mais fácil para os antropólogos que, em geral, pesquisam sobre pequenas unidades sociais da qual não fazem parte e das quais não possuem vínculo algum de comprometimento. Já a tarefa é mais difícil para os sociólogos, pois estes, em geral, possuem certo nível de comprometimento sobre aquilo que estudam. Em geral, os sociólogos carregam uma marca de pertencimento, enquanto os antropólogos não pertencem às sociedades estudadas (ELIAS, 1990, p. 53).

1.2 Sobre a utilização do método eliasiano em pesquisas sobre figurações da atualidade

Enquanto método, a sociologia dos costumes utilizada por Elias é uma sociologia processual e não está presa como instrumento de análise de comportamentos de indivíduos e

sociedades do passado apenas, mas visto ser “processual” é plenamente viável na consecução do objetivo de se visitar as mudanças de mentalidades e comportamentos em formações sociais contemporâneas. Esse é o caso do estudo que redundou na obra *Os estabelecidos e os outsiders* elaborado em conjunto com John L. Scotson, no período do final da década de 1950 e publicado pela primeira vez em 1965, sobre uma pequena comunidade inglesa chamada Winston Parva.

A descrição de uma comunidade da periferia urbana apresentada neste livro mostra uma clara divisão, em seu interior, entre um grupo estabelecido desde longa data e um grupo mais novo de residentes, cujos moradores eram tratados pelo primeiro como outsiders. O grupo estabelecido cerrava fileiras contra eles e os estigmatizava, de maneira geral como pessoas de menor valor humano. Considerava-se que lhes faltava a virtude humana superior – o carisma grupal distintivo – que o grupo dominante atribuía a si mesmo. (ELIAS, SCOTSON, 2000, p.19).⁴

A experiência pessoal da infância e juventude de Norbert Elias em Breslau enquanto judeu não religioso de cultura alemã foram aproveitadas nos estudos sobre grupos dominantes e *outsiders*. Elias descreve a figuração da comunidade judaica em Breslau como um grupo *outsider* que convivia com a maioria de cristãos alemães. Esse grupo minoritário era tolerado e visto como um grupo inferior por parte da maioria dos alemães, situação análoga vivida por outros grupos tais como os ciganos que viviam espalhados pela Europa. Segundo Elias, os judeus de Breslau não tinham uma auto-imagem como inferiores à maioria. Com o trânsito vedado em várias áreas do Estado, desenvolveram-se nas áreas que lhes era permitido espaço, principalmente na economia e cultura. Os estabelecidos são o grupo que se percebe como “nós” em oposição ao grupo minoritário que é referenciado pelos estabelecidos como “eles”.

A regularidade mais tarde observada por mim nas outras relações entre grupos estabelecidos e outsiders também se verificava aqui (e talvez eu a tenha observado em outras situações porque a vivera, por assim dizer, na pele: os grupos estabelecidos forjam sua imagem do “nós” sobre o modelo da minoria dos melhores e uma imagem do “eles”, a dos outsiders desprezados, sobre o modelo da minoria dos piores (aspas no original) (ELIAS, 2001, p. 138).

⁴ Quando das citações ou excertos dessa obra, optamos por manter a grafia da publicação consultada, isto é, “outsiders” sem destaque em itálicos.

Elias aponta as comunidades negra e hispanófono nos Estados Unidos como exemplos de relações estabelecidas e *outsiders*. A percepção da possível perda de *status* gera insegurança aos estabelecidos podendo gerar respostas tais como as manifestações e ataques da Ku Klux Klan (ELIAS, 2001, p. 135).

A insegurança gerada pela perda do *status* social por parte dos brancos mais pobres na África do Sul, durante o regime de segregação racial do *apartheid* também foi apontado por Elias como um exemplo de reação por parte do grupo dominante em relação a uma minoria *outsider*.

Tolera-se um grupo outsider desprezado, estigmatizado e relativamente impotente enquanto seus membros se contentam com o nível inferior que, segundo a concepção dos grupos estabelecidos, cabe ao grupo deles e enquanto se comportam, de acordo com seu status inferior, como seres subordinados e submissos. Enquanto os negros permanecem escravos e os judeus, pequenos comerciantes ou caixeiros-viajantes que viajam através do país, bizarramente vestidos e claramente identificáveis como membros do gueto, a tensão entre os grupos estabelecidos e os outsiders, obviamente sempre presente, situa-se em nível relativamente baixo. Esse nível mostra quando os membros de um grupo outsider inteiro aspiram a se elevar socialmente ou quando o grupo outsider inteiro visa uma igualdade legal e social com os grupos estabelecidos que lhe são superiores(ELIAS, 2001, p. 136).

A pesquisa sobre a comunidade de Winston Parva surgiu em razão da constatação de casos de delinquência juvenil nessa região por parte de Scotson. Este se associou a Elias na busca de entendimento sobre o que realmente ocorria naquela comunidade. O capítulo 1 da obra *Os estabelecidos e os outsiders* intitula-se “Considerações sobre o método” e nos apresenta esclarecimentos sobre a metodologia utilizada pelos autores na pesquisa sociológica sobre uma comunidade periférica inglesa.

Scotson havia atuado como professor nessa comunidade de aproximadamente 5000 habitantes e antes do início dos trabalhos com Elias havia efetuado entrevistas com moradores e líderes comunitários, além de compilar dados como fichas de registro e dados escolares. Encontraram os autores uma comunidade composta de três bairros distintos e assim eram reconhecidos pelos moradores. Respectivamente, Zona 1, Zona 2 e Zona 3 eram compostas por uma classe média e dois bairros operários. Verificou-se nessa figuração que os habitantes da Zona 1 e os do bairro operário da Zona 2 – os estabelecidos – viam os habitantes do bairro operário da Zona 3 – os *outsiders* – como seres inferiores. Os conflitos surgiam

a partir das provocações e humilhações perpretadas pelos “estabelecidos”. A pesquisa quantitativa não foi desprezada, mas utilizada juntamente com a observação informal, observação formal, sinopse da figuração e observação sobre o desenvolvimento do bairro (ou bairros) (ELIAS, SCOTSON, 2000, p.52).

As entrevistas e fichas de registro permitiram compilar dados quantitativos e apresentar alguns deles sob a forma de tabelas estatísticas. Mas os dados quantitativos assim compilados só podiam ser considerados parte das provas necessárias a pesquisas sobre esse tipo de problemas [...] Como se constatou, tais alegações, imagens e barreiras à comunicação social não podiam ser explicadas apenas em termos de um ou outro fator quantificável. Não podiam ser explicadas por meio de métodos voltados para a medição de “fatores” ou “variáveis”, como se cada um deles existisse e pudesse variar por si, independente da configuração social completa – em suma, através de métodos baseados no pressuposto tácito de que os fenômenos sociais seriam combinações de variáveis, comparáveis às combinações de partículas atômicas que servem aos cientistas naturais como um de seus principais modelos (aspas no original) (ELIAS, SCOTSON, 2000, p.53).

Com essa metodologia foi possível estabelecer as relações entre os moradores mais antigos e os mais novos assim como o porquê aqueles da Zona 3 eram inferiorizados e assim se viam. Ou, por outro lado, como se apresentou a contrastante figuração em que uma classe média (Zona 1) e o operariado (Zona 2) percebiam-se como superiores aos seus vizinhos.

Foi possível testar esse modelo hipotético de uma configuração específica, à medida que ele emergiu nas observações preliminares, por meio de entrevistas e da observação mais sistemática. Mas a organização das entrevistas e a compilação das observações que possibilitavam esse teste pressupunham a presença de um observador apto a reconhecer esse tipo de configurações – treinado não apenas na análise estatística, mas também na análise e sinopse das configurações. Embora estas últimas sejam largamente praticadas entre os sociólogos, é frequente se conceituarem os métodos sociológicos como se o único processo cientificamente fidedigno e legítimo fosse a análise estatística. Parecem achar muitas vezes que somente ela é capaz de trazer a certeza impessoal que se espera de uma pesquisa sociológica. As afirmações que não se pautam em medidas de propriedades quantificáveis são comumente descartadas como “fundadas em impressões”, “meramente descritivas”, ou “subjetivas” (aspas no original) (ELIAS, SCOTSON, 2000, p.56).

Elias embate a pesquisa sociológica baseada somente em métodos estatísticos que terminam por apresentar conclusões fechadas, pois que mensuradas pelos números trabalhos estatisticamente. Entendemos, com base em Elias, que tais pesquisas apresentam em

conclusão suas verdades bem delineadas, certas, verdadeiras, estruturadamente fechadas, tais como “isto é isto”, “aquilo é aquilo”, e, com o empréstimo de Parmênides, “o ser é; o não-ser não é”.

Enquanto sociologia processual ou do processo, o método eliasiano está sujeito às mesmas regras do processo, isto é, a possibilidade de mudança e desenvolvimento. A medida de conhecimento possível de se chegar com esse método está constantemente sob a ameaça da mudança, da transformação, do desenvolvimento. As conclusões, enquanto verdadeiras, não são absolutas, mas parte de um encadeamento de verdades ou elos de conhecimento. A pesquisa baseada em Elias é e sempre será uma pesquisa com um método que admite a possibilidade de mudanças e experimentações, pois é processual, aberto e se faz na ação, na caminhada da pesquisa. Aborda o perfunctório com o mesmo peso e interesse do que salta aos olhos como essencial.

As teorias sociológicas muitas vezes se concentram somente em um plano da atividade humana – só na “ação” ou só na “experiência”-, e o apoiar-se assim em um modelo plano da personalidade humana, sem levar em consideração seu caráter multiplanar, comporta amplas consequências. Cada uma destas escolas sociológicas de pensamento trata do aspecto parcial que a ocupa, como se este fora o único aspecto relevante do ser humano. Os sociólogos do comportamento, observam ações e os sociólogos fenomenológicos, experiências, de forma completamente separada (para nomear somente estes). A sociologia figuracional, no outro extremo, considera o ser humano em seu conjunto. (ELIAS, 1990, p.148).

É forçoso reconhecer também que, enquanto um método aberto, corre-se o risco permanente de se enveredar por caminhos de divagação mais para a filosofia do que para a sociologia. Nas figurações detectadas através da sociologia configuracional em Elias, por outro lado, apresenta-se a possibilidade de se alcançar lascas de conhecimento que ficariam sob ocultação ao se adotar um método de pesquisa fechado ou restrito. Com isso queremos dizer que o(s) resultado(s) alcançados pelo método, possibilitam a abertura de novas indagações e chaves de pesquisa.

No caso do bairro proletário de Winston Parva, utilizou-se na empiria, fichas escolares, fotos de família, observações de vestimentas, entrevistas quantitativas e qualitativas (conversas, história oral, “bate-papo”, fofoca de vizinhança), folhetos imobiliários de vendas, anúncios de filmes no cinema local, letras de músicas, *et coetera*.

Os modelos das configurações, dos padrões ou estruturas sociais podem ser tão precisos e fidedignos quanto os resultados da mensuração quantitativa de fatores ou variáveis isolados. O que lhes falta é o caráter ilusoriamente conclusivo das inferências baseadas unicamente na análise quantitativa, que muitas vezes são confundidas com a exatidão. Tal como as hipóteses e teorias em geral, eles representam ampliações, progressos ou aperfeiçoamentos do reservatório de conhecimentos existentes, mas não podem ter a pretensão de ser um marco final absoluto na busca do saber, marco este que, tal como a pedra filosofal, não existe. Os modelos e os resultados das pesquisas de configuração fazem parte de um processo, de um campo crescente de investigação, à luz de cujo desenvolvimento estão eles mesmos sujeitos a revisões, críticas e aperfeiçoamentos, fruto de novas investigações. O aparente caráter conclusivo de toda pesquisa estatística e o caráter aberto e evolutivo da pesquisa configuracional, como elos numa cadeia, têm uma estreita relação com algumas diferenças fundamentais entre o tipo de reflexão exigida por uma análise puramente estatística e o exigido por uma análise sociológica [...] Assim, a análise ou separação dos elementos é meramente uma etapa temporária numa operação de pesquisa, que requer a complementação por outra, pela integração ou sinopse dos elementos, do mesmo modo que esta requer a suplementação pela primeira; aqui, o movimento dialético entre análise e síntese não tem começo nem fim. (ELIAS, SCOTSON, 2000, p.57-58).

Esse modelo de pesquisa configuracional que olha desde o longo prazo e com o sentido de processo contínuo em interação com os sentidos internos dos indivíduos ajustados com os comportamentos aceitos pela sociedade em um desenrolar através de circunstâncias não controladas, muitas vezes por acontecimentos fortuitos ou de força maior, foi desenvolvido por Elias também em razão de escolhas que se viu premido a abraçar em face de acontecimentos alheios à sua vontade.⁵

A lembrança das experiências pré-sociológicas de um sociólogo não é totalmente inútil para a compreensão de seu futuro. Se uma vida longa oferece vantagens para si mesmo, também facilita o trabalho científico, uma vez que permite comparar os numerosos contextos sociais em que se viveu pessoalmente (ELIAS, 2001, p. 144).

A história de vida percorrida por Norbert Elias, como veremos a seguir, nos ajuda a entender o desenvolvimento de seus pensamentos.

⁵ “O *caso fortuito* é, no sentido exato de sua derivação (acaso, imprevisão, acidente), o caso que não se poderia prever e se mostra superior às forças ou vontade do homem, quando vem, para que seja evitado. O *caso de força maior* é o fato de que se prevê ou é previsível, mas não se pode igualmente, evitar, visto que é mais forte que a vontade ou ação do homem ... Entre muitos se consideram casos fortuitos e de força maior: as tempestades, as borrascas, as enchentes, os terremotos, as guerras, as revoluções, os naufrágios, ou quaisquer outros acontecimentos, assim, imprevisíveis ou previsíveis, mas inevitáveis (itálicos no original).” Cf. SILVA, 2002, verbete CASO FORTUITO.

1.3 Norbert Elias – um olhar sobre sua biografia

A cidade de Breslau, atual Wrocław na Polônia, era uma cidade alemã quando Norbert Elias lá nasceu em 22 de junho de 1897 e de onde nunca saíra até 1915 quando deixou os estudos e um ambiente familiar estável e protetor para combater na Primeira Grande Guerra. Era filho único de uma família burguesa, parte da configuração social judaica nessa cidade de cultura alemã. “Completamente alemã. Não tinha nada de polonês... Mas Breslau era totalmente alemã – lá não havia poloneses, e os poloneses que moravam lá eram totalmente germanizados. Nunca ouvi pronunciarem uma palavra de polonês” (ELIAS, 2001, p. 13).

Esse filho de “pai prussiano” também tinha avós maternos e paternos alemães e sua infância transcorreu sem maiores incidentes, visto que em Breslau a comunidade alemã e a figuração judaica componente daquela, viviam em uma atmosfera de segurança geral e, em especial os judeus, bem longe dos *pogroms* do Império Russo. Quando Elias, adolescente de 15 ou 16 anos, manifestou na escola a aspiração de vir a ser professor universitário, foi motivo de risos e chacota por parte do professor e colegas de classe, pois sua ascendência judaica era condição invencível para se creditar como aspirante a carreira docente em uma instituição superior alemã (ELIAS, 2001, p. 19).⁶ Outra feita, no front de guerra, após se envolver em uma briga, foi objeto de escárnio por parte de um camarada de armas em razão de sua ascendência judaica (ELIAS, 2001, p. 31).

Perguntado em 1984 sobre sua judeidade, Elias, então com 87 anos, responde que:

Sim, isto é, *sou* judeu, um judeu alemão, por todo o meu caráter e meu físico. Ouvindo a maneira como formularam essa pergunta, poderia se ter a impressão de que tenho escolha. Mas só posso responder-lhes isso: não tenho escolha, sou judeu, independentemente do que diga ou faça. Isso me lembra uma piada judaica: já que sou judeu, é melhor me orgulhar disso. Mas não é isso que quero dizer. Quero dizer: não sou judeu porque o queira, mas porque sou (itálicos no original) (ELIAS, 2001, p. 88).

⁶ A primeira parte desse livro é composta de uma entrevista com Norbert Elias. A segunda parte da obra editada sob a epígrafe de “Notas biográficas”, oferta exposições pessoais de Elias sobre sua trajetória de vida e acadêmica, suas relações com Alfred Weber e Karl Mannheim, além de observações sobre os judeus sob a perspectiva estabelecidos-*outsiders*. Por último, são publicadas notas sobre a teoria do processo e da figuração.

A Primeira Guerra Mundial impactou o jovem Elias para sempre no que diz respeito à religião ou crenças metafísicas. "Não sentia e não sinto a respeito da religião nem um desprezo racional, nem uma nostalgia romântica. Sempre tive consciência de que os homens podem precisar da religião em certas circunstâncias – mas pessoalmente não sinto essa necessidade." (ELIAS, 2001, p. 80). Na mesma entrevista, Elias arremata mais à frente suas impressões pessoais sobre a religião.

Não se deve perder de vista que durante milênios a religião foi o centro da busca de um sentido para a vida humana. Hoje em dia, para muita gente, a religião deu lugar a um grande vazio, e não temos nenhuma alternativa a lhes oferecer. Nessa situação, quis mostrar que se pode dar um sentido à vida mesmo sem a religião (ELIAS, 2001, p. 85).

Ao voltar a Breslau após a guerra, ainda mobilizado e envergando uniforme, passa a exercer a função de auxiliar de cirurgia em amputações de pernas e braços de soldados (ELIAS, 2001, p. 34). Por interesse próprio e também para agradar a seu pai, matricula-se em Breslau no curso de medicina, concomitantemente com o curso de filosofia. Não concluiu o curso de medicina por entender que não queria ser médico, mas filósofo, apesar de ter conseguido o certificado de obstetra após ter auxiliado uma série de partos. Muitos anos depois, já como professor de sociologia, chegou a inserir em suas aulas um corte de cérebro com o fito de mostrar aos estudantes a constituição humana para que a partir daí eles pudessem compreender o funcionamento da sociedade. "Vejam, os sociólogos que não fizeram estudos de medicina falam com frequência da sociedade sem integrar em seus discursos os aspectos biológicos do homem." (ELIAS, 2001, p. 38). Com a hiperinflação a fortuna da família dissolve-se ao mesmo tempo em que chega a fome. O universitário de filosofia vai então trabalhar em uma fábrica de fornos de fundição, ocasião que entra em contato com a classe trabalhadora. Com a volta da estabilidade econômica e do ressurgimento dos negócios da família, resolve, agora já doutor em filosofia e psicologia, partir para Heidelberg. "Naquela época, Heidelberg era uma espécie de Meca da sociologia." (ELIAS, 2001, p. 44). Nessa cidade, onde fica de 1925 até 1930, esperava ganhar a vida vendendo compilações de piadas gregas e ensinando inglês, mas acaba sendo novamente suportado pelo pai. Na Universidade de Heidelberg passa a ter contato somente com sociólogos e não mais com filósofos. As experiências de guerra e a vivência na fábrica fizeram com que Elias procurasse estudos próximos à realidade da vida. Enquanto estudante-livre (sem vínculos) travou contato com soció-

logos como Alfred Weber (irmão de Max Weber) e Karl Mannheim do qual se tornou amigo e assistente informal, na expectativa de encontrar um orientador que o habilitasse para a primeira fase da carreira universitária, a de *Privat-dozenten* (um professor contratado e remunerado diretamente pelos alunos). Foi Mannheim quem introduziu Elias no restrito círculo de sociólogos de Heidelberg. “eu o ajudava e ele me dava conselhos para minha carreira. Suponho que deve ter falado de mim com Marianne Weber, e foi assim que um dia fui convidado para seu salão. Quando se era convidado um vez, fazia-se parte de seu círculo” (ELIAS, 2001, p. 42).

Elias que nunca havia lido Karl Marx passa a estudar este, bem como os escritos de Marx Weber.

No final do Império, a sociologia era orientada pela burguesia liberal, por homens como Max Weber, Simmel e outros, ao passo que sob a República de Weimar – isto é, com a emergência da social-democracia -, gente como Mannheim teve seu comportamento profundamente influenciado por Marx. Já era verdade para Max Weber, mas Weber tentara desenvolver uma contra-sociologia das classes médias. Mannheim, por outro lado, concentrou-se num aspecto da teoria marxista, a sociologia do conhecimento, e fez disso o domínio da sociologia. (ELIAS, 2001, p. 44).

O interesse pela realidade social e pelo acompanhamento da política fez com que Elias, com risco da própria vida, empreendesse uma viagem para Frankfurt por volta do início de 1933, apenas para presenciar um discurso de Hitler e observar o comportamento das massas acotoveladas. Nessa ocasião dissimulou sua compleição fisionômica judaica com um monóculo, chapéu de caçador e um traje para a época, ao estilo aristocrata alemão, o que lhe permitiu passar pelas barreiras formadas por tropas das SS.

Era fascinante... O Führer fez a massa superexcitada esperar quase duas horas; entoavam-se cantos patrióticos e, às vezes, eu também tinha que mover os lábios, pois não podia ser o único a permanecer em silêncio ... Era realmente um orador fora de série. Uma coisa me ficou particularmente na lembrança: o momento em que ele deu a bênção às crianças, no final. Eu nunca vira algo similar antes! Ele fez as crianças se aproximarem, colocou-lhes as mãos sobre a testa e lhes falou. E a massa ficava loucamente entusiasmada. Eu ia a esse gênero de manifestações para ter uma idéia das coisas, para compreendê-las e vê-las com meus próprios olhos (primeira reticências no original). (ELIAS, 2001, p. 55).

O emprego de assistente de Mannheim e o salário mensal tiveram que ser deixados para trás em razão da ascensão do nacional-socialismo hitleriano e os expurgos que se sucederam nas universidades em relação aos dissidentes da ideologia que estava no poder. Norbert Elias, não somente estava entre os dissidentes, mas na condição de judeu, mais do que a perda do cargo, corria o risco da perda da vida. Em 1933, através de contatos, procura emprego como professor de sociologia na Suíça, nas cidades de Basileia, Zurique e Berna, mas de forma infrutífera. Em seguida faz o mesmo em Paris, também sem conseguir engajamento em nenhum instituto superior de ensino. Sozinho e sem perspectiva de futuro, Elias passou fome em Paris, situação não muito diferente de inúmeros imigrantes, entre eles, intelectuais de toda a ordem. Nessa cidade associou-se ao escritor Ludwig Turek e a um escultor em uma fabriquetta de brinquedos, empreendimento que proveu ínfimo sustento aos três. Ainda em Paris escreveu dois artigos que foram os primeiros do autor a serem publicados (um sobre o estilo *kitsch* e outro sobre a expulsão dos huguenotes da França). A fundação holandesa Steunfonds também lhe forneceu um pequeno estipêndio acadêmico. Sem perspectivas em Paris, parte em 1935 para uma visita a seus pais em Breslau, em plena Alemanha nazista e em seguida emigra para a Inglaterra. Seu pai, Hermann Elias foi assassinado em 1941 em Breslau. Os nazistas também assassinaram sua mãe, Sophie Elias no campo de concentração de Auschwitz, provavelmente em 1941.

Em Londres, um comitê de refugiados judeus dá apoio a Elias na forma de dinheiro para sua sobrevivência. Em contrapartida, este deveria escrever um livro que, dadas as suas limitações com o inglês escrito à época, foi redigido em alemão. Metodicamente Elias dirigia-se todos os dias à biblioteca do Museu Britânico (*The British Library*) onde, mergulhando em antigos livros, tais como os tratados de etiqueta que acabara de descobrir, passa a redigir o que veio a se tornar *O processo civilizador*. (ELIAS, 2001, p. 63).⁷

A Inglaterra foi o lar de Elias de 1935 até 1974. Esse período foi interrompido em 1962 quando, aos 62 anos de idade, Elias aceitou o convite para lecionar sociologia em Gana, retornando para a Inglaterra em 1964.

⁷ Curiosamente Elias repete o que outro exilado alemão fizera no século anterior. Karl Marx sai de Paris e emigra para Londres, onde utilizará regularmente o *Reading Room* da Biblioteca do Museu Britânico para pesquisas e elaboração de textos. Marx registrou-se nessa biblioteca em 12 de junho de 1850, sob o nome anglicizado de Dr. Charles Mars. Cf. Henderson, 2005.

Ao retornar de Gana, em 1964, Elias começa, paulatinamente, a publicar alguns livros e artigos, como *Os estabelecidos e os outsiders*, com Scotson, em 1965, e *Dynamics of Sport Groups with Special Reference to Football*, com Eric Dunning, em 1966. A amizade entre Elias e o sociólogo holandês Johan Goudsblom, iniciada na década de 1950, se fortalece. Goudsblom foi o responsável pela recepção do pensamento de Norbert Elias na Holanda. Vagarosamente, Elias começa a ser reconhecido (RIBEIRO, 2010, p. 70).

Após a volta da Universidade de Gana, Elias passa a exercer as funções de professor convidado na Holanda e na Alemanha. Leciona então nas Universidades de Amsterdã, Haia, Münster, Contanz, Aix-la-Chapelle, Frankfurt, Bochum e Bielefeld. Estabelece residência em Amsterdã no ano de 1984, cidade onde falece aos 93 anos em 1990.

1.4 O processo civilizador

As mudanças nos comportamentos sociais tais como os refinamentos dos costumes que se desdobram em atitudes como o falar, comer, olhar, sentar, andar ou excretar, enfim, relacionar-se corretamente da forma que a sociedade aceita como “correta” e “civilizada” foram descritos inicialmente por Elias n’*O processo civilizador*, onde este autor esclarece logo ao início que:

Este livro tem como tema fundamental os tipos de comportamento considerados típicos do homem civilizado ocidental. É muito simples o problema que coloca. O homem ocidental nem sempre se comportou da maneira que estamos acostumados a considerar como típica ou como sinal característico do homem “civilizado” (aspas no original) (ELIAS, 1993, p. 13).

A criança “incivilizada” passa também por um processo individualizado para “civilizar-se”, isto é, comportar-se segundo os padrões da sociedade de seu tempo ditado pelos adultos ao seu redor e assim fazer ou não fazer aquilo considerado o correto e socialmente aceito. Em um curto espaço de tempo, o tempo de crescimento da criança, todo o processo civilizatório transcorrido por eras é assimilado e modelado na criança. “... o indivíduo, em sua curta história, passa mais uma vez através de alguns dos processos que a sociedade experimentou em sua longa história.” (ELIAS, 1993, p. 15). Não é que as fases históricas pela qual passou a sociedade acontecerão na vida da crianças, “civilizando-as”. Sobre isso Norberto Elias explica em nota de rodapé:

Mas desde que em nossa sociedade, todo ser humano está exposto desde o primeiro momento da vida à influência e à intervenção modeladora de adultos civilizados, ele deve de fato passar por um processo civilizador para atingir o padrão alcançado por sua sociedade no curso da história, mas não através das fases históricas individuais do processo civilizador social (ELIAS, 1993, p. 15).

No decorrer da história a estrutura da sociedade ocidental muda e simultaneamente mudam também os comportamentos. A metodologia de pesquisa de Norbert Elias vê a necessidade de se visitar a história para explicar tais mudanças comportamentais subjacentes à estrutura em um tempo e espaço.

Assim vemos que o procedimento principal utilizado por Elias é uma comparação sistemática entre estruturas interdependentes em seu desenvolvimento temporal. Elias utiliza o conceito de estrutura conservando a dinâmica processual característica de uma dada sociedade. Ela representa o molde social em permanente mudança (RIBEIRO, 2010, p. 152).

No início da Idade Média, castelos de diversos tamanhos podiam ser encontrados pela paisagem européia. Seus proprietários, oriundos da classe guerreira, relacionaram-se com a sociedade da época dando origem ao sistema feudal. Esses guerreiros com o tempo diferenciaram-se em estratos e com o passar do tempo abrigaram uma sociedade que se tornou cortesã, implicando aí em toda uma série de normas de comportamento, um comportamento “civilizado”. Com um olhar na gênese da formação história, Elias irá explicar como esses feudos unem-se a outros dando origem a um Estado, assim como a razão pela qual a união de feudos guerreiros pacificados em um Estado com um aparelho de governo centralizado, será belicoso em relação a outro Estado.

As pesquisas sociogenética e psicogenética propõem-se a revelar a *ordem* subjacente às *mudanças* históricas, sua mecânica e mecanismos concretos; e parece que, desta maneira, grande número de questões que julgamos hoje complicadas, ou muito além da compreensão, podem receber respostas bem simples e precisas (itálicos no original) (ELIAS, 1993, p. 17).

A proposta metodológica eliasiana é deslindada após toda a trajetória que esse autor faz sobre a formação da Alemanha, França e Inglaterra n’*O processo civilizador*. Elias lançou luz sobre sua proposta em notas não publicadas.

O método, se é possível chamá-lo assim, é o de comparação sistemática. Neste caso, é a comparação sistemática entre dois processos de longo prazo, entre os processos pelos quais a Inglaterra e a França tornaram-se sociedades separadas e estruturalmente diferentes. Mas o método usado não é dado *a priori* nem é um *modus operandi* que se possa escolher independentemente dos problemas ou teorias a serem testados, no exemplo deste caso, os processos de formação de um estado, nem independente do conhecimento empírico disponível. Todos esses aspectos se completam. (ELIAS, s.d., p. 7 apud RIBEIRO, 2010, p. 156).

Os processos históricos civilizatórios desenvolvem-se na esteira de indivíduos isolados e acabam por dar origem a instituições que não foram planejadas ou desejadas por uma pessoa singularmente “na forma que concretamente assumem” (ELIAS, 1993, p. 18). Quando se fala em “civilização”, está-se a falar em fatos pertinentes a determinada nação ou grupo social. “O conceito de “civilização” refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes.” (ELIAS, 1993, p. 23). Embora a palavra “civilização” tenha significados diferentes para as diferentes nações ocidentais, em linhas gerais ela descreve, “o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de *sua* tecnologia, a natureza de *suas* maneiras, o desenvolvimento de *sua* cultura científica ou visão do mundo, e muito mais (itálicos no original)” (ELIAS, 1993, p. 23). Norbert Elias apresenta um contraste entre o uso da palavra “civilização” em francês ou inglês, em relação ao uso da palavra *Kultur* em alemão.

O conceito francês e inglês de civilização pode se referir a fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais. O conceito alemão de *Kultur* alude basicamente a fatos intelectuais, artísticos e religiosos e apresenta a tendência de traçar uma nítida linha divisória entre fatos deste tipo, por um lado, e fatos políticos, econômicos e sociais, por outro. O conceito francês e inglês de civilização pode se referir a realizações, mas também a atitudes ou "comportamento" de pessoas, pouco importando se realizaram ou não alguma coisa [...] "Civilização" descreve um processo ou, pelo menos, seu resultado. Diz respeito a algo que está em movimento constante, movendo-se incessantemente "para a frente". O conceito alemão de *kultur*, no emprego corrente, implica uma relação diferente com movimento. Reporta-se a produtos humanos que são semelhantes a "flores do campo", a obras de arte, livros, sistemas religiosos ou filosóficos, nos quais se expressa a individualidade de um povo. O conceito de *Kultur* delimita [...]. o conceito alemão de *Kultur* dá ênfase especial a diferenças nacionais e à identidade particular de grupos (aspas no original) (ELIAS, 1993, p. 24, 25).

Apoiados nesse pensamento podemos falar na existência de uma cultura evangélica que nasceu e se desenvolveu já por gerações a partir das missões protestantes no Brasil. Um protestantismo invisível e proibido direcionou-se processualmente em algo novo, assim como em uma estrutura de marcada visibilidade na sociedade brasileira. Em um país cuja religião de Estado era o católico romano, o protestantismo processou-se inicialmente como opção religiosa superior em ferrenha oposição à religião normatizada, assentada e professada desde o povoamento por europeus portugueses. Com o tempo, processou-se uma cultura evangélica brasileira com marcas distintas tais como linguagem própria, conceitos, atitudes e comportamentos, interesses, valores e outros que em seu conjunto e variações, formam o processo civilizatório protestante brasileiro em desenvolvimento. Componente de uma figuração praticamente inexistente e inexpressiva até a Proclamação da República, o indivíduo evangélico interage na atualidade, consciente ou não, como parte integrante da cultura evangélica brasileira na cultura geral brasileira, tanto quanto qualquer outro indivíduo integrante de qualquer segmento social.

O conceito de processo social refere-se às transformações amplas, contínuas, de longa duração – ou seja, em geral não aquém de três gerações – de *figurações* formadas por seres humanos, ou de seus aspectos, em uma de duas direções opostas. Uma delas tem, geralmente, o caráter de uma ascensão, a outra o caráter de um declínio. Em ambos os casos, os critérios são puramente objetivos. Eles independem do fato de o respectivo observador os considerar bons ou ruins. Exemplos disso são: a diferenciação crescente e decrescente de funções sociais, o aumento ou a diminuição do capital social ou do patrimônio social do saber, do nível de controle humano sobre a natureza não-humana ou da compaixão por outros homens, pertençam eles ao grupo que for. Logo, é inerente às peculiaridades dos processos sociais que eles sejam bipolares [...]. os instrumentos conceituais para a determinação e a investigação de processos sociais são pares conceituais como *integração* e *desintegração*, *engajamento* e *distanciamento*, *civilização* e *descivilização*, *ascensão* e *declínio* (itálicos no original) (ELIAS, 2006, p. 28).

Sobre a formação do conceito de civilização ou *Kultur*, Norbert Elias explica ainda que:

Talvez aconteça que determinados indivíduos os tenham formado com base em material linguístico já disponível de seu próprio grupo, ou pelo menos lhes tenham atribuído um novo significado. Mas eles lançaram raízes. Estabeleceram-se. Outros os captaram em seu novo significado e forma, desenvolvendo-os e polindo-os na fala e na escrita. Foram usados repetidamente até se tornarem instrumentos eficientes para expressar o que

peças experimentaram em comum e querem comunicar. Tornaram-se palavras da moda, conceitos de emprego comum no linguajar diário de uma dada sociedade. Este fato demonstra que não representam apenas necessidades individuais, mas coletivas, de expressão. A história coletiva neles se cristalizou e ressoa. O indivíduo encontra essa cristalização já em suas possibilidades de uso. Não sabe bem por que este significado e esta delimitação estão implicadas nas palavras, por que, exatamente, esta nuance e aquela possibilidade delas podem ser derivadas. Usa-as porque lhe parece uma coisa natural, porque desde a infância aprende a ver o mundo através da lente desses conceitos. O processo social de sua gênese talvez tenha sido esquecido há muito. Uma geração os transmite a outra sem estar consciente do processo como um todo, e os conceitos sobrevivem enquanto esta cristalização de experiências passadas e situações retiver um valor existencial, uma função na existência concreta da sociedade - isto é, enquanto gerações sucessivas puderem identificar suas próprias experiências no significado das palavras (ELIAS, 1993, p. 26).

Discorrendo sobre a sociogênese do conceito de *civilisation* na França, Elias faz uso da história para lembrar que os franceses da corte e os franceses da burguesia em ascensão falavam a mesma língua, facilitando os contatos. Contrastantemente a burguesia alemã e a aristocracia alemã não falavam a mesma língua. Na Alemanha a aristocracia considerava o alemão uma língua grosseira e imprópria para aristocratas. Estes falavam entre si no idioma francês. Na Alemanha, os postos de comando na estrutura do Estado eram privilégio das elites aristocráticas por direito hereditário, defendido de forma a impedir que a burguesia alemã pudesse ascendê-los. Os espaços de resistência e ascensão para a burguesia alemã foram às universidades. Já a burguesia francesa foi ascendendo para lugares de comando na estrutura administrativa do Estado sem maiores traumas ou oposição da aristocracia, mesmo porque para boa parte dessa aristocracia francesa não interessava trocar a vida cortesã pelo trabalho. As regras de conduta e maneirismos da corte francesa foram assimiladas pela burguesia. Não houve uma ruptura dos costumes com a queda do *ancien régime*, pois a burguesia já havia de muito tempo assimilado o modo de vida da corte. Com a burguesia no poder, o que antes era circunscrito à vida da corte, passa a valer para toda a nação.

Tanto a burguesia de corte como a aristocracia de corte falavam a mesma língua, liam os mesmos livros e observavam, com gradações particulares, as mesmas maneiras. E quando as disparidades sociais e econômicas explodiram o contexto institucional do *ancien régime*, quando a burguesia tornou-se uma nação, muito do que originariamente fora caráter social específico e distintivo da aristocracia de corte e depois também dos grupos burgueses, de corte, tornou-se, em um movimento cada vez mais amplo, e sem dúvida com alguma modificação, caráter nacional. As convenções de estilo, as formas de intercâmbio social, o controle das emoções, a estima pela cortesia, a importância da boa fala e da conversa, a eloquência da

linguagem e muito mais - tudo isto é inicialmente formado na França dentro da sociedade de corte, e depois, gradualmente, passa de caráter social para nacional. (ELIAS, 1993, p. 52).

É possível apontar historicamente um momento abrupto de queda revolucionária do regime aristocrático francês e subida quase que imediata da burguesia ao poder. Mas as mudanças já estavam ocorrendo de longa data e transcendiam as pressões de interesses meramente econômicos da burguesia francesa encontradas na vertente fisiocrata, construção teórica econômica continental francesa.

A fisiocracia constitui uma das manifestações teóricas dessas lutas intestinas. Não se limita em absoluto à economia, sendo na verdade um sistema em grande escala de reforma política e social. Contém, de forma incisiva, abstrata, dogmática, endurecida, ideias que - expressas de maneira menos teórica, dogmática e precisa, isto é como exigências práticas de reformas - caracterizam todo o movimento do qual Turgot, na ocasião encarregado das finanças, foi um dos expoentes. Se esta tendência (que nem tinha nome nem organização unificada) tivesse que recebê-lo, poderia ser chamada de burocracia reformista. Mas esses administradores tinham também indubitavelmente por trás de si segmentos da *intelligentsia* e da burguesia comercial. (ELIAS, 1993, p. 57).

Se olharmos para o principal momento de inserção do protestantismo no Brasil, final do século XIX veremos que ele ocorre em meio de pressões por reformas pedidas por uma burguesia em ascensão (LAPA, 2008; ALBINO, 1996). Não há que se falar em fisiocracia à francesa ou liberalismo econômico à inglesa, mas é inegável que a filosofia positivista francesa respaldou boa parte da insurgência contra a coroa imperial brasileira. Desejavam os liberais republicanos uma grande reforma política e social. Tal qual a burguesia francesa que já circulava pelos escaninhos da burocracia antes da queda da monarquia, a burguesia brasileira já fluía por entre os espaços da máquina pública do Brasil monárquico. Em um Brasil rural, o capital proporcionado pelo lucro com o café vai promover a urbanização de cidades como Campinas e Piracicaba no interior paulista, muito antes de se falar em um Brasil urbanizado. Nessas cidades, uma *intelligentsia* composta por profissionais liberais e uma burguesia comercial vai incitar uma pregação por reformas sociais e políticas. É esse o momento ideal para que o protestantismo se apresente como algo novo, erudito, inteligente, digno, “moderno” em relação a uma sociedade escravocrata antiga, apresentando-se como uma proposta civilizatória superior ao que havia até então no Brasil. É certo que havia manifestações religiosas à margem da religião oficial do Estado brasileiro. Para se corroborar

essa afirmação, basta invocar a presença dos habitantes autóctones do Brasil e as populações negras oriundas do continente africano, figurações portadoras de expressões religiosas próprias. As religiões desses grupos sobreviveram por resistência, adaptação sincrética ou tolerância pela religião oficial do Império. Nunca foram um contraponto vigoroso ou antítese de torneada bipolaridade com o catolicismo de Estado. Veja-se como um processo de caminhada civilizatória em terras brasileiras foi abortado em seu nascedouro. Apenas 26 anos antes do início da Guerra de Secessão Norte-americana (1861-1865), a figuração de escravos islâmicos habitantes na Bahia, lutou pela vida e pela liberdade, aí inclusa a liberdade religiosa. Tivesse a Revolta dos Malês sobrevivido ao janeiro de 1835 e se espreado da cidade de Salvador para todo o Brasil, talvez o pesquisador de hoje tivesse que tracejar a partir desse evento, o sucesso de uma expressão religiosa de alcance nacional de corte islâmico, após o embate com a religião estatal (REIS, 2003). A iniciativa por independência (no sentido mais amplo) e mudanças nas regras de convívio por parte do grupo *outsider* Malê foi obstruída pelo grupo dos estabelecidos, para usar uma linguagem ao estilo de Elias. O modo de produção e a escravidão, tal qual na Revolta dos Malês, também estavam entre as causas da Guerra Civil Norte-americana, porém, de maneira totalmente impensada, esta revolução perdida pelos estados sulinos provocou as condições de solo propício para implantação e expansão de um novo ramo no processo civilizatório brasileiro, qual seja, o protestantismo de missão norte-americano.

Muito antes da implantação da República, o protestantismo já gozava de proteção política e *status* social de setores burgueses liberais urbanos em Campinas e Piracicaba. Nesses locais os protestantes circulam, conversam, debatem idéias, constroem edifícios, montam e gerenciam fábricas e fazendas, exercem a mercancia, ensinam inglês, francês, ensinam valores religiosos e morais, enterram seus mortos oficialmente em cemitérios acatólicos, praticam seus cultos e um modesto proselitismo. Enfim, vistos e ouvidos; passam a fazer parte da cultura local. Em Campinas e região, a oposição católica é refreada pelo apadrinhamento da burguesia liberal. Advinda à República, a burguesia cafeicultora paulista assume de fato o poder que já cercava e exercia pontualmente. Assim como os valores republicanos já existiam antes da República, os valores protestantes já circulavam antes da liberdade religiosa no Brasil. Em Campinas e região, não há o surgimento abrupto de uma nova expressão religiosa, mas continuidade e identificação com os liberais no poder, conforme veremos com mais vagar no próximo capítulo. Com a República, o protestantismo, atado com os valores dos novos donos do poder, tais como separação Igreja-Estado, liber-

dade religiosa, de opinião e de associação, vai à busca de expansão geográfica e numérica, espalhando seu *ethos* comportamental ou costumes, isto é, vai ao seu modo, “civilizando” o Brasil.⁸

O conceito de *civilisation* é inicialmente, como acontece com o de *Kultur*, um instrumento dos círculos de classe média - acima de tudo, da *intelligentsia* de classe média - no conflito social interno. Com a ascensão da burguesia, ele veio, também, a sintetizar a nação, a expressar a autoimagem nacional. Na própria revolução, a *civilisation* (que, naturalmente, refere-se sobretudo a um processo gradual, a uma evolução, e não abandonou ainda seu significado original como programa de reforma) não desempenha qualquer papel de relevo entre os *slogans* revolucionários [...] Ao contrário da situação vigente ao ser formado o conceito, a partir de então as nações consideram o *processo* de civilização como terminado em suas sociedades; elas são as transmissoras a outrem de uma civilização existente ou acabada, as porta-estandartes da civilização em marcha [...] E a consciência de sua própria superioridade, dessa “civilização”, passa a servir pelo menos às nações que se tornaram conquistadoras de colônias e, por conseguinte, um tipo de classe superior para grandes segmentos do mundo não-europeu, como justificativa de seu domínio (itálicos no original) (ELIAS, 1993, p. 64).

Desejava a burguesia ascendente cafeicultora “civilizar” o Brasil, isto é, evoluir, reformar o Brasil com seus valores. Nisso, protestantes e liberais identificavam-se mutuamente. É preciso que se tenha em consideração que os missionários e missionárias que aqui chegaram vindos em sua maioria dos Estados Unidos, estavam imbuídos do sentimento do Destino Manifesto e mostravam-se como oriundos de uma civilização superior e melhor em relação ao Brasil. Inclusa nessa “civilização” superior estava o fato de que seu protestantismo apresentava-se como superior ao catolicismo romano em terras brasileiras. Nascido em sua origem histórica europeia como antítese visceral ao catolicismo, o protestantismo missionário norte-americano se postará em um pólo oposto à religião oficial estabelecida, assim

⁸ “Os costumes, porque são anteriores ao nosso nascimento e formam o tecido da sociedade em que vivemos, são considerados inquestionáveis e quase sagrados [...] Ora a palavra costume se diz, em grego, *ethos* – donde, ética – e, em latim, *mores* – donde moral. Em outras palavras, ética e moral referem-se ao conjunto de costumes tradicionais de uma sociedade e que, como tais, são considerados valores e obrigações para a conduta de seus membros (CHAUI, 2000, p. 340)”. Com a mesma grafia transliterada, a palavra *ethos* pode ser traduzida de duas formas: como costume ou como caráter. Se grafada originalmente com *eta* - *ἦθος*, significa costume. Se grafada originalmente com *epsilon* - *ἔθος*, significa “caráter, índole natural, temperamento, conjunto das disposições físicas e psíquicas de uma pessoa (itálicos no original)” (CHAUI, 2000, p. 340). É no sentido de costume ou costumes que Elias utiliza a palavra *ethos* e assim optamos pelo uso.

como uma opção religiosa melhor aos brasileiros. O protestantismo civilizatório manterá essa marca como pano de fundo até os dias de hoje, mesmo após mais de um século de implantação no Brasil. Somente com um mergulho profundo na história, visitando desde a formação do protestantismo até determinadas figurações dentro do protestantismo brasileiro atual, poderemos pontuar comparações que delinearão o processo (ou processos) que esta expressão religiosa tomou no Brasil e conseqüentemente descrever costumes que são próprios da vida desses professantes, ao menos na cidade de Campinas, em alinhamento com o método de pesquisa eliasiano.

As comparações feitas entre estruturas sociais em diferentes fases históricas, como já vimos, revelam as tendências de direção de um processo, de maior integração político-geográfica. Não foram somente as estruturas sociais objeto de estudos comparativos. A investigação sobre a direção de um processo deve também procurar por evidências no campo dos comportamentos e afetos humanos. Da mesma maneira como são comparadas estruturas de instituições sociais, também são comparadas estruturas de personalidade e de comportamento em épocas distintas. O que Norbert Elias chama de processo civilizador diz respeito a uma mudança na estrutura da personalidade, influenciando a direção das mudanças comportamentais. (RIBEIRO, 2010, p. 157).

O ser humano civiliza-se a partir do momento que nasce. Não nasce pronto e acabado enquanto ser civilizado. Ao longo da vida aprende a reprimir seus impulsos de tal maneira que passa a ter um posicionamento em sociedade condicionado por uma repressão interna do que pode ou não pode fazer. Civiliza-se civilizando outros e é civilizado pelo convívio com os outros e dessa maneira internaliza as permissões de conduta e comportamento, do que é permitido ou não, do que deve ser considerado comportamento ordinário ou aberrante. Nesse aspecto é evidente a influência freudiana sobre a sociologia desenvolvida por Norbert Elias.

Embora os seres humanos não sejam civilizados por natureza, possuem por natureza uma disposição que torna possível, sob determinadas condições, uma civilização, portanto uma auto-regulação individual de impulsos do comportamento momentâneo, condicionado por afetos e pulsões ou o desvio desses impulsos de seus fins primários para fins secundários, e eventualmente também sua reconfiguração sublimada (É decerto desnecessário, mas talvez útil, dizer que Sigmund e Anna Freud são pais do conceito de impulsos pulsionais humanos moldáveis, capazes de sublimação) (ELIAS, 2006, p. 21).

A noção de que os hábitos e comportamentos exercidos por um indivíduo em suas relações dentro de uma ou várias figurações sociais são autocontrolados por impulsos e proibições irresistíveis que partem de dentro do ser, teorizados com base nos estudos de psicanálise de Freud, já faziam parte da publicação de 1939 d’*O processo civilizador*.

Juntamente com essa crescente divisão do comportamento no que é e não é publicamente permitido, a estrutura da personalidade também se transforma. As proibições apoiadas em sanções sociais reproduzem-se no indivíduo como formas de autocontrole. A pressão para restringir seus impulsos e a vergonha sociogenética que os cerca - estes são transformados tão completamente em hábitos que não podemos resistir a eles mesmo quando estamos sozinhos na esfera privada. Impulsos que prometem e tabus e proibições que negam prazeres, sentimentos socialmente gerados de vergonha e repugnância, entram em luta no interior do indivíduo. Este, conforme já apontamos, é o estado de coisas que Freud tenta descrever através de conceitos como "superego" e "inconsciente" ou, como se diz não sem razões na fala diária, como "subconsciente". Mas, como quer que seja expresso, o código social de conduta grava-se de tal forma no ser humano, desta ou daquela forma, que se torna elemento constituinte do indivíduo. E este elemento, o superego, tal como a estrutura da personalidade do indivíduo como um todo, necessária e constantemente muda com o código social de comportamento e a estrutura da sociedade. (ELIAS, 1993, p. 189).

Aquilo que puder ser apurado através do longo processo de formação que redundará em um ser civilizado encontrará uma relação de hábitos e comportamentos introjetados (Elias chama de *habitus*), praticados por entre as figurações que o indivíduo transita, os quais, encadeados, darão a direção do processo de civilização (RIBEIRO, 2010, p. 182).⁹ Elias utilizou de forma alternada em seus textos a palavra latina *habitus* (que não requer esforço para sua tradução em português como “hábito”) e a palavra que recebeu a tradução em português como “costumes”. Tanto *habitus* quanto “costumes” devem ser tomados como sinônimos, isto é, uma disposição interna que compele as pessoas para se fazer ou não fazer algo de forma usual, natural e reiteradamente aceita como correta.

Como um apanhado algo sumário do que se apurou até aqui na investigação empírico-teórica das transformações civilizatórias acerca de

⁹ “No prefácio do livro *Os alemães*, Mennell e Dunning fazem saber que o conceito de *habitus* foi utilizado por Elias já na primeira edição de *O processo civilizador* em 1939, antes, portanto, da difundida utilização feita por Pierre Bourdieu.”. Em momentos diferentes, Norbert Elias e Pierre Bourdieu fazem uso da mesma palavra latina *habitus* para construção de conceitos distintos.

seu direcionamento, pode-se dizer que dentre os principais critérios para um processo de civilização estão as transformações do *habitus* social dos seres humanos em direção de um modelo de autocontrole mais bem proporcionado, universal e estável (ELIAS, 2006, p. 24).¹⁰

Logo na abertura do capítulo dois d’*O processo civilizador* intitulado “A civilização como transformação do comportamento humano”, Norbert Elias diz que:

A antítese fundamental que expressa a auto-imagem do Ocidente na Idade Média opõe Cristianismo a paganismo ou, para ser mais exato, o Cristianismo correto, romano-latino, por um lado, e o paganismo e a heresia, incluindo o Cristianismo grego e oriental, por outro. (ELIAS, 1993, p. 67).

Podemos parafrasear o texto acima da seguinte forma: A antítese fundamental que expressa a auto-imagem do protestantismo na cidade de Campinas opõe protestantismo a catolicismo ou, para ser mais exato, o cristianismo auto percebido como correto, protestante de viés norte-americano, por um lado, e o paganismo e a heresia, incluindo o cristianismo católico-romano, por outro.

O conceito de *civilité* espalhou-se pela Europa a partir de um livro publicado pelo humanista Erasmo de Roterdã (30 reedições em vida e 130 reedições até o século XVIII) denominado *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade das crianças). Tal tratado, fala de atitudes e comportamentos, como o tipo de olhar que se deve ter, a postura corporal, como sentar, os gestos, os trajés de vestuário, as expressões faciais, da “meleca nas narinas”, de como pegar o catarro e o escarro, além de uma série de detalhes de comportamento, tais como enxugar a boca antes de utilizar o copo coletivo e também secar a colher que era utilizada por todos indistintamente (comia-se com as mãos e não havia ainda o garfo tal como o conhecemos atualmente). ‘O livro de Erasmo trata de um assunto muito simples: o comportamento de pessoas em sociedade - e acima de tudo, embora não exclusivamente, "do decoro corporal externo" (aspas no original) (ELIAS, 1993, p. 69).

As inúmeras reedições do livro de Erasmo de Roterdã, além de outros livros assemelhados cuja inspiração inicial estava nesse tratado de comportamento e corretos costumes, falavam sem peja de usos do corpo. Não causava estranheza, desconforto ou vergonha tratar

¹⁰ No texto compulsado a palavra *habitus* não foi grafada em itálicos.

de assuntos que formaram a *civilité*, mas que posteriormente foram repelidos pela “civilização”. É do caminho percorrido da ancestral *civilité* até a “civilização”, que Norbert Elias irá se ocupar em descrever.

E um dos sintomas do processo civilizador é ser embaraçoso para nós falar ou mesmo ouvir muito do que Erasmo diz. O maior ou menor desconforto que sentimos com pessoas que discutem ou mencionam suas funções corporais mais abertamente, que ocultam ou restringem essas funções menos que nós, é um dos sentimentos dominantes no juízo de valor "bárbaro" ou "incivilizado". Tal, então, é a natureza do "mal-estar" que nos causa a "incivilização" ou, em termos mais precisos e menos valorativos, o mal-estar ante uma diferente estrutura de emoções, o diferente padrão de repugnância ainda hoje encontrado em numerosas sociedades que chamamos de "não-civilizadas", o padrão de repugnância que precedeu o nosso é a sua precondição [...] A "civilização" que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos (aspas no original). (ELIAS, 1993, p. 72, 73).

Para o rastreamento dos costumes, da *civilité* até a civilização, Norbert Elias faz um “corte epistemológico” e opta como ponto de partida a Idade Média, mas faz uma série de ressalvas no sentido de informar que muito antes dessa era, já existia preocupação com o comportamento humano, citando textos escritos em latim por religiosos eruditos como Hugo de SãoVitor (1141), Petrus Alphonsi (século XII) e João de Garland que “dedicou aos costumes e, em especial, as maneiras à mesa, parte dos 662 versos latinos que, em 1241, apareceram sob o título *Morale scolarium*” (ELIAS, 1993, p. 74). Os comportamentos alimentares formam como que um extrato do comportamento social. “Mas não se podem isolar as maneiras à mesa. Elas são um segmento - e bem característico - da totalidade de formas socialmente instaladas de conduta. Seu padrão corresponde a uma estrutura social bem definida” (ELIAS, 1993, p. 81). Erasmo de Roterdã compilou uma série de comportamentos que espelhavam a realidade social de seu tempo, principalmente os comportamentos exigidos no convívio entre os elementos da classe alta. Fez isso não apenas no *De civilitate morum puerilium*, mas também em outra obra – *Diversoria*, comparando as estalagens alemãs com as estalagens francesas, isto é, o que se fazia dentro delas, como se comportavam as pessoas (clientes nobres, burgueses, e os estalajadeiros). Tais relatos e outros fornecidos por autores menos expoentes, foram utilizados por Norbert Elias para expor vários exemplos de comportamentos, principalmente àqueles que ocorreram à mesa e suas transformações como uma “curva evolutiva dos hábitos à mesa” (ELIAS, 1993, p. 113). Além do comportamento

à mesa, Elias traz uma série de exemplos e comentários sobre outros comportamentos que formaram o direcionamento da *civilité* para a civilização, tais como o bom falar ou falar correto em uma diferenciação do falar popular e o falar da corte. “O refinamento da conduta diária nunca perde de todo, nem mesmo neste período, sua importância como instrumento de diferenciação social.” (ELIAS, 1993, p. 115). Exemplifica informando que a aristocracia cortesã francesa passa a usar jargões da burguesia. Esta, por sua vez, se “acortesa” na fala junto aos círculos aristocráticos, estabelecendo o uso de palavras que podem ou não serem proferidas, as palavras superiores e as palavras inferiores. (ELIAS, 1993, p. 118). Elias apresenta também uma série de exemplos de distinção social de “bom e “mau” comportamento através da análise de costumes tais como o de comer carne, usar garfo e faca e atitudes em relação às funções corporais, para mostrar o que em determinada sociedade é considerado “civilizado” com base em um padrão de aceitação ou repugnância.

No volume II d’O Processo civilizador, Norbert Elias tratará da formação do Estado e civilização, abordando para isso em um primeiro capítulo, as sociogêneses respectivamente, do absolutismo, das cruzadas, da antiguidade, do feudalismo, da *minnesang* e das formas cortesãs de conduta. O segundo capítulo desse segundo volume é dedicado para a explicação da sociogênese do Estado (aí inclusa a sociogênese do monopólio de tributação). Esses “nascimentos” são explicados com um olhar sócio-histórico, apontando as mudanças institucionais que ocorrem entremeadas pelas relações dos componentes das figurações que agem com base em suas pulsões.

O emprego de imagens tiradas dos reinos da natureza ou da tecnologia é inevitável, porquanto nossa linguagem não criou um vocabulário claro, específico, para descrever processos sócio-históricos. O motivo por que as imagens são provisoriamente buscadas nesses reinos pode ser explicado sem dificuldade: por ora, elas expressam bem a natureza compulsiva dos processos sociais na história. E embora com isso possamos expor-nos a mal-entendidos, como se os processos sociais e suas compulsões, originando-se nas inter-relações humanas, fossem da mesma natureza, digamos, que o curso da Terra em volta do Sol ou que a ação de uma alavanca na máquina, o esforço para encontrar uma maneira nova, estrutural, de equacionar as questões históricas revela-se com grande clareza nessas formulações. É sempre importante a relação das instituições mais recentes com as instituições semelhantes de uma fase anterior. Mas aqui a questão histórica decisiva e o motivo por que *mudam* as instituições, e, também, a conduta e a constituição afetiva de pessoas, e por que mudam dessa maneira particular. Estamos interessados na ordem rigorosa das *transformações* sócio-históricas. E talvez não seja fácil mesmo hoje, compreender que essas transformações não devem ser explicadas por algo que, em si, permanece inalterado, e ainda menos fácil compreender que, na

história, nenhum fato isolado jamais produz por si mesmo qualquer transformação, mas apenas em combinação com outros. Finalmente, essas transformações permanecem inexplicáveis enquanto a explicação ficar limitada às ideias de indivíduos expostas em livros. Quando pesquisamos processos sociais, temos que examinar a rede de relacionamentos humanos, a própria sociedade, a fim de identificar as compulsões que conservam em movimento e lhes conferem forma e direção particulares (itálicos no original). (ELIAS, 1994a, p. 37).

Podemos dizer, com base em Elias, que a performance da dinâmica da sociedade não é a de setores isolados que acabam por encontrar em algum tempo um ponto de equilíbrio como se formada de vasos comunicantes cujo fluído tende a se movimentar no sentido de achar o ponto de equilíbrio comum entre os recipientes. Digamos que, em Elias e aproveitando a metáfora dos vasos comunicantes, o desequilíbrio é constante e o fluído percorre os vasos que são interdependentes e podem assumir outras formas e composições nessa estrutura. O equilíbrio nunca é alcançado.

No presente como no passado, a dinâmica da interdependência, mencionada tantas vezes nestas indagações, mantém o homem em movimento e pressiona na direção de mudanças em suas instituições e, na verdade, na estrutura global de suas configurações. A experiência de nossos dias refuta também a ideia que dominou o pensamento do homem durante mais de um século, a ideia de que um sistema equilibrado de unidades em livre competição - Estados, empresas, artesãos, o que quer que seja - possa ser mantido indefinidamente nessa situação de equilíbrio precário. (ELIAS, 1994a, p. 264).

É preciso se ter em conta que Norbert Elias escreve o texto acima citado a partir da perspectiva de 1936, isto é, no limite das tensões que redundaram na eclosão da Segunda Grande Guerra Mundial. Assim, quando fala em “nossa época” e “hoje”, têm em vista os acontecimentos desse período histórico. Mas permaneceram válidas as observações que faz em conclusão de seu trabalho, quando afirma existir um vínculo entre a estrutura das funções psicológicas e a estrutura das funções sociais.

No curso deste estudo, tentamos demonstrar em detalhe esses fatos e como a estrutura das funções psicológicas, o modelo específico de controle do comportamento num período dado, vincula-se à estrutura das funções sociais e à mudança nos relacionamentos entre as pessoas. Acompanhar detalhadamente essas conexões em nossa época é uma tarefa ainda por se realizar. Mas os pontos mais gerais podem ser rapidamente esclarecidos. As forças estruturais que atuam tão visivelmente hoje para uma mudança mais ou menos rápida das instituições e dos relacionamentos interpessoais

levam com não menor clareza a mudanças correspondentes na estrutura da personalidade. (ELIAS, 1994a, p. 266).

Essas forças estruturais atuantes para as rápidas transformações das instituições e da estrutura da personalidade eram o nazismo alemão e o fascismo italiano. Na proporção que o nacional-socialismo ascendia, o Estado alemão e suas instituições se transformavam. É o caso das universidades onde as relações entre os pesquisadores foram alteradas pelo fato de que os valores do nazismo passaram a ditar os comportamentos e relacionamentos pela alteração das personalidades.

Norbert Elias foi apenas um entre inúmeros eruditos impossibilitados de atuar na docência universitária na sua Alemanha de origem, percalço que começou a superar ao publicar sua primeira obra, mas lhe custou décadas para o devido reconhecimento acadêmico e utilização de seus pensamentos na pesquisa social.

Existe um método de pesquisa científica próprio de Norbert Elias. Reconhecemos que ficamos muito longe de esgotar os estudos sobre Norbert Elias e sua linha de pesquisa processual e dos costumes, mas assumimos o posicionamento de empreender uma jornada investigativa com olhos em sua obra e seu método, cientes do risco de que apreendemos apenas uma pequena parte de sua construção intelectual. Mas esse risco também é parte das tensões que possibilitam reconfigurações e a criação de novas perspectivas científicas.

Nosso olhar a seguir sobre a Reforma Protestante e o protestantismo brasileiro ocorrerá sobre as bases aqui discutidas.

CAPÍTULO 2 DA REFORMA PROTESTANTE AO PRO- TESTANTISMO BRASILEIRO

INTRODUÇÃO

Apresentados os marcos teóricos no Capítulo anterior, construiremos esta sequência sob tais bases. Em consonância com o método eliasiano, para se delinear as especificidades dos comportamentos internalizados de uma determinada figuração contemporânea é de todo conveniente que se lance um olhar nos processos de longo prazo e suas marchas e contramarchas. E o que é longo prazo? Quais os critérios para se escolher a partir de que circunstâncias devemos começar a tracejar o passado? Visto que não existe um modelo fechado para a pesquisa em Norbert Elias, como discutido no capítulo anterior, as respostas para essas questões ficam em aberto. Fica ao poder discricionário do pesquisador apontar com justificativas quando se iniciam os tempos históricos convenientes para a pesquisa, isto é, os processos históricos atados às resultantes das configurações atuais.

O cristianismo é uma religião de origem palestinese com quase dois mil anos de existência, nascida e embebida de outra religião mais antiga, o judaísmo. Com a saída do círculo judaico-cristão de Jerusalém o cristianismo ganha o mundo romano helenizado e pereniza-se com e apesar das sucessivas divisões.

O grande cisalhamento ocorrido na cristandade ocidental foi a Reforma Protestante. Os missionários que vieram para o Brasil implantar o protestantismo identificavam-se com os postulados religiosos elencados pela Reforma, daí entender-mos e optar-mos em visitar inicialmente o que se chamou de Reforma Protestante como condição necessária para entender as figurações do campo sob objeto de pesquisa.

Reforma Protestante é a expressão *lato sensu*. O “protesto” dos príncipes eleitores germânicos apoiadores de Martinho Lutero deu origem a um protestantismo alemão – o luteranismo. *Stricto sensu*, somente os luteranos são “protestantes”. Na mesma linha, os aderentes das mudanças religiosas ocorridas quase que concomitantemente na Suíça e Inglaterra, não podem ser chamados de protestantes. A Igreja Inglesa não é uma igreja protestante ou reformada, mas Inglesa (Anglicana). A Igreja Luterana não é uma Igreja Reformada ou Inglesa. Os cantões suíços que optaram pela nova religião não aderiram a Igreja Protestante de corte alemã ou Anglicana de corte inglês, mas viram-se como Reformados e assim o são até hoje. E os anabatistas? Não eram e nem seus descendentes são Protestantes, Reformados ou Anglicanos.

Como os missionários, principalmente norte-americanos, vieram-se como protestantes e vieram implantar o protestantismo no Brasil, acreditamos necessária a execução de um olhar nas várias Reformas chamadas de “protestantes”.

2.1 As reformas protestantes na Europa

A data de 31 de outubro de 1517, quando Martinho Lutero afixou suas 95 teses na porta da Igreja de Wittenberg, é apenas uma ocasião simbólica para se apontar como marco inicial a Reforma Protestante. Na verdade, o rompante de Lutero precisa ser entendido a partir de processos históricos de longa duração. Quando visto de longe, aparentemente pode-se ter a impressão de um evento único, porém ao se aproximar uma lente de aumento, percebe-se que não existiu propriamente uma reforma, mas várias reformas que atingiram a sociedade e a igreja cristã ocidental europeia. O renascimento e o humanismo forneceram o ideário intelectual para ações pré-reformistas e em um segundo momento, as reformas propriamente ditas, bem como um posterior terceiro momento distinto de consolidação dessas reformas. Disputas pelo poder entre as casas reais europeias (aí incluso o papado monacal) em estados europeus ainda em formação completam as condições que propiciaram as refor-

mas protestantes e suas sobrevivências. Mas para a mentalidade dessa época, “a cristandade é um todo político e social, um corpo dividido em estamentos, dirigido por um braço espiritual e outro secular, com duas cabeças: o papa e o imperador” (DREHER, 1996, p. 21), este último, detentor do poder temporal sobre regiões europeias que cobrem territórios com o perfil assemelhado as fronteiras das atuais Espanha, Alemanha e Países Baixos. Pode-se perceber com clareza três vertentes principais no entorno Reforma, quais sejam: vertente protestante luterana protestante, vertente reformada helvética e a vertente inglesa. Como que “correndo por fora” manifestações anabatistas ajudaram a engrossar o volume da correnteza que modificou definitivamente a paisagem religiosa, política e social da Europa.

2.1.1 A Reforma Luterana

Aos 18 anos (1501) Lutero (filho da burguesia alemã, nascente e ascensão), ingressa na Universidade de Erfurt, para um período inicial de quatro anos de estudos que o habilitariam a prosseguir subsequentemente em medicina, direito ou teologia. Assume o noviciado em 1505 em um convento agostiniano em Erfurt e começa a lecionar em 1508 na Universidade de Wittenberg. Percorre uma carreira universitária em que é influenciado pela presença de seu superior e orientador espiritual Johann Von Staupitz e pela leitura de místicos como São Bernardo de Claraval (CHAUNU, 1993, p. 84-85).

Nos dias 18 e 19 de outubro de 1512 torna-se Doutor em Teologia. Desde 22 de outubro de 1512 até o final de sua vida, Lutero foi professor de Bíblia, um exegeta portanto, na Faculdade de Teologia da Universidade de Wittenberg. (DREHER, 1996, p. 26)

É também em moldes acadêmicos que se dá em janeiro de 1518 o embate intelectual contra as 95 teses de Lutero, através do dominicano Tetzel, defensor da tese das indulgências vendidas pela Igreja como forma de perdão de pecados e salvação, cujo pensamento emblemático é: “quando o dinheiro retine na caixinha, a alma salta do purgatório para o céu” (DREHER, 1996, p. 28). Um Lutero, até então teólogo e professor, vê-se aos poucos no centro de uma disputa de poder e torna-se repentinamente uma espécie de símbolo do fracionado povo alemão. “As *Noventa e cinco teses* eram uma proposta acadêmica típica para um debate universitário. Foram escritas em latim, e a maior parte dos habitantes de Wittenberg não sabia sequer ler alemão. (itálicos no original) (LINDBERG, 2001, p. 97)”.

Dessas teses destacam-se as que são lugar comum ao multifacetado cristianismo protestante até os dias de hoje, bem como um critério para se enquadrar algum movimento religioso como parte integrante do universo protestante, quais sejam: “todos os cristãos são sacerdotes; todos têm acesso a Deus mediante a fé em Cristo; qualquer cristão pode interpretar a Bíblia” (MENDONÇA, 2008, p. 155).

Ao atacar o comércio de indulgências, movido ou não por argumentos teológicos, Lutero atinge parte considerável do mecanismo de financiamento das elites europeias e de forma mais contundente a manutenção da máquina religiosa sediada em Roma. Além disso, muito ao largo de querelas teológicas, Lutero agulha (consciente ou não) a espinha dorsal do catolicismo que é a cadeia hierárquica de comando do modelo episcopal de igreja. O agora popular Lutero recebe a proteção política do príncipe-eleitor da Saxônia, Frederico – o Sábio, que o livra em 1518 de uma convocação para que aquele novel herege se retratasse ou fosse preso e enviado a Roma. Estava em jogo também a votação para a eleição do futuro sucessor do imperador Maximiliano ao Sacro Império Romano-Germânico. Roma queria poder contar com o voto de Frederico para a eleição de Francisco I da França, em detrimento do outro concorrente, Carlos da Espanha. Frederico da Saxônia barganha seu voto de tal maneira que o processo de Lutero se desenvolvesse na Alemanha e não em Roma.

Uma vez ocorrida à sucessão de Maximiliano, com a eleição de Carlos da Espanha (agora Carlos V) e com a não eleição de seu candidato preferido, Roma retoma o processo contra Lutero e o acusa em 15 de junho de 1520, através da bula *Exsurge Domine*. A tentativa de publicação dessa bula no Sacro Império Romano Germânico, acende piras de livros com escritos pró-Roma, inclusive em *campi* universitários como de Leipzig e Wittemberg. A *Exsurge Domine* alimenta uma dessas fogueiras, jogada pelo próprio Lutero. Contra isso, Roma reage em janeiro de 1521, com a publicação da bula *Decet Romanum Pontificem*, que decreta a excomunhão de Lutero. Os fatos se sucedem celeremente para a percepção medieval. Protegido por um salvo-conduto, Lutero apresenta-se perante a Dieta de Worms em 16 de abril de 1521, onde deveria receber sua proscrição como consequência natural de sua excomunhão.

A popularidade de Lutero é indicada pelo fato de que, quando o núncio papal Alexandre chegou em Worms, ele não conseguiu encontrar um quarto confortável, ainda que tivesse consigo muito dinheiro; quando andava nas ruas, as pessoas o ameaçavam, e quando examinava as livrarias, as encontrava repletas dos escritos de Lutero (LINDBERG, 2001, p. 111).

Os príncipes eleitores reunidos em Dieta tendiam a proteger Lutero, espécie de símbolo supra-regional verdadeiramente alemão, pois o imperador espanhol que poderia cumprir esse papel era um “estrangeiro”. Como Martinho Lutero não se retratou, Carlos V lhe comunicou em 25 de abril que seriam tomadas ações contra ele. O monge agostiniano bate em retirada no dia seguinte, mas é alcançado por tropas de Frederico – o Sábio. Sequestrado pelo seu próprio protetor (*sic*) é enviado secretamente ao Castelo de Wartburg. A proscrição de Lutero de fato ocorreu pela pena de Carlos V em 26 de maio de 1521, quando da assinatura do Edito de Worms.

O tempo da solidão em Wartburgo foi um período difícil para o professor, sacerdote e prior, acostumado a uma atividade incessante. Houve intensa troca de correspondência com os colegas de Wittenberg, especialmente Melanchthon. Houve também grande produção literária. Destacam-se questões relativas aos votos monásticos, pois muitos monges e sacerdotes deixavam os conventos e contraíam matrimônio. Mas também houve questões relativas à reforma litúrgica, pois em Wittenberg diversas pessoas haviam eliminado as missas privadas, deixando de lado a adoração do sacramento, celebrando a eucaristia com ambas as espécies. Proferiam as palavras da instituição em alemão, sem elevação e sem o restante das palavras do cânone da missa (DREHER, 1996, p. 21).

Se Lutero é a referência de primeiro momento da Reforma Protestante, deve-se a um sacerdote e antigo colega de universidade em Wittenberg, Andreas Bodenstein von Karlstadt, as primeiras mudanças que ocorreram na forma litúrgica de culto. Nos momentos iniciais da Reforma, não houve postulação alguma da parte de Lutero por mudanças na liturgia adotada pela igreja cristã continental europeia. Não passava pela mente de Lutero a simplificação ou abolição da missa. Na verdade, Lutero relutou em aceitar reformas profundas como a consubstanciação, o que só fez após debates acadêmicos ao estilo da época. Aceitar uma celebração cúltica sem adoração ao Santíssimo, sem vestes litúrgicas, com Eucaristia servida com pão e vinho para todos e ainda que esses elementos não eram transformados em corpo e sangue de Cristo, foram novidades de difícil aceitação, mesmo para Lutero.

Em Wittenberg, em 1521-22, durante a ausência de Lutero em Wartburg, Karlstadt (e Melanchthon, pois a culpa não foi inteiramente do primeiro), entraram em ação: uma simplificação radical da missa celebrada em roupagens quotidianas comuns, iconoclastia, um programa de reforma municipal e para si próprio, casamento com uma menina de 15 anos (COLLINSON, 2006, p.88).

A ausência de Lutero em Wittemberg, o temperamento reformista de Karlstadt e o humanismo de Melanchton, introduziram aspectos não previstos no culto cristão europeu, que acabaram por se incorporar nos demais ramos do protestantismo, em especial no que diz respeito à eucaristia, sermões e biblismo.

Nas festividades do natal de 1521, sob considerável pressão por parte do populacho, Karlstadt celebrou em público “a primeira ceia protestante”. Depois de um fervoroso sermão, leu, sem ornamentos sacerdotais, a maior parte do Canon latino da missa, deixando de fora as frases em que esta se identifica com sacrifício e omitiu também a elevação da hóstia. Aos fiéis foi servida a ceia sob as duas espécies. Por detrás desse ato transcendental estava o biblismo cada vez mais intenso de Karlstadt, com sua preferência, dentro do Novo Testamento, dos Evangelhos, em detrimento do *corpus* paulino, assim como seu desejo de por em prática o sacerdócio de todos os crentes (aspas no original) (WILLIAMS, 1983, p. 61).

Somente nove anos mais tarde, isto é, em 1530, Carlos V retorna ao território “rebelde” do Sacro Império Romano Germânico para presidir a Dieta de Augsburgo. Esse interregno foi tempo mais que suficiente para que os pensamentos de Lutero se alastrassem, os príncipes alemães se fortalecessem e os seguidores das novas ideias fossem tachados de “luteranos”. Um ano antes, durante a Dieta de Espira, tentou-se a recatolização dos territórios alemães perdidos. Essa tentativa de volta ao *status quo ante*, recebeu uma decidida repulsão por parte dos príncipes e territórios luteranizados, ocorrendo aí o nascimento do epíteto “protestante”, em razão do protesto dos fortalecidos príncipes alemães desses correspondentes territórios pela liberdade de escolha religiosa. Por estar proscrito, Lutero não pode se fazer presente nesse parlamento germânico.

Coube ao humanista e teólogo Melanchthon refutar as teses romanas, disso resultando a chamada Confissão de Augsburgo, repositório confessional da teologia desses alemães. Com o novo impasse nas negociações entre os partidos religiosos, o espanhol Carlos V tenta forçar que as partes litigantes aceitem uma resolução de implementação imediata, mas que seria posteriormente referendada por um concílio a ser convocado futuramente pelo papa. Até que esse concílio ocorresse, as doutrinas dos luteranos não poderiam ser oficialmente aceitas ou introduzidas em novos territórios. E mais, os territórios “protestantes” deveriam ser imediatamente recatolizados. Tais imposições foram inaceitáveis aos luteranos que percebendo a possibilidade de uma tentativa de resolução pela força das armas por parte da

velha fé europeia, uniu-se em uma liga de defesa armada que entrou para a história como a Liga de Esmalcada.

Após varias batalhas entre as forças imperiais e as dos territórios luteranizados, assinou-se em 1555 a Paz de Augsburg que consagra o princípio *cuius regio eius religio*, assentando de forma cogente a prática da religião pessoal do príncipe germânico (protestante ou católico) pelos suseranados deste e do catolicismo nos demais territórios europeus. Portanto ficaram fora desse acordo de convivência todos os demais religiosos dissidentes ou insurgentes da Europa ocidental, como os anabatistas, cantões suíços reformados e ingleses. A guerra campesina de 1524-1525, força Lutero a posicionar-se ou pelo Estado ou pelo campesinato insurgente. “Durante a primavera de 1525, a rebeldia campesina não havia cessado de alastrar-se. Por todas as partes as cidades eram saqueadas, os castelos forçados e as abadias arrasadas (FEBVRE, 1998, p. 227)”. Diante desses fatos, entre posicionar-se entre os seguidores de Müntzer e Karlstadt e os seguidores da autoridade do Príncipe, Lutero opta por este último.

Com o estopim acesso por Martinho Lutero a cristandade ocidental europeia estava definitivamente dividida.

2.1.2 As Reformas na Suíça – Zurique e Genebra

Não causava estranheza para um suíço engajar-se como soldado mercenário para os príncipes europeus em constante guerra por manutenção e conquista de territórios. Os suíços eram reputados bons guerreiros e era essa uma das poucas atividades que os homens podiam exercer para auferir renda para a sua sobrevivência. Ainda que na qualidade de capelão de tropas, Ulrico Zwinglio não fugiu ao destino de muitos de seus compatriotas de participar de lutas a soldo de outros. A experiência de ver seus compatriotas morrendo à larga na batalha de Marignano (1515) começa a influenciar esse pensador educado nas Universidades de Viena e Basiléia. Coerentemente, morre como capelão de tropas reformadas na batalha de Kappel em 1531, porém as elaborações teológicas e a reforma de Zurique perenizaram-se. Profundamente influenciado pelo humanismo de Erasmo de Roterdã, patrioticamente passa a repensar e criticar o papel dos soldados mercenários suíços. Em razão de seu posicionamento é expulso do seu cargo de pároco e da cidade de Glarus sendo acolhido posteriormente em Zurique. Versado em grego e humanisticamente preparado, passa a fazer vigorosas

pregações na Catedral de Zurique em 1518 na condição de sacerdote católico indicado por grupos que faziam oposição ao poder papal. Já bem estabelecido impõe pela via dos debates e posterior aprovação do conselho da cidade, uma série de estatutos que viriam à regular a vida da cidade e as relações pessoais, “no desejo de aculturação sistemática dos costumes populares” (CHAUNU, 1993, p. 179). Essa relação política leva Zwinglio ao envolvimento com as atividades da administração da cidade.

A partir de 1525, Zwinglio instituiu a prática de estudos bíblicos semanais conhecidos como “profecias”. O objetivo era o de informar e moldar, em termos teológicos, os ministros e estudantes avançados da escola de latim. Uma prática semelhante foi instituída em Genebra, por volta de 1536, por Calvino e Farel, sob o nome de “congregações”. A centralidade da instrução bíblica era algo básico para a concepção zwingliana de reforma: toda a vida, pessoal e comunitária, deve ser normatizada pelas Escrituras (aspas no original) (LINDBERG, 2001, p. 209).

Assim como Karlstadt já fizera na Alemanha, Zwinglio desconstituiu a importância do altar no culto protestante, na verdade abolindo-o. No lugar do altar da missa, apenas uma mesa simples para a Eucaristia, instalada dentro de um templo de arquitetura espartana, tanto interior quanto exterior. Os fiéis não se deslocam no templo durante a Eucaristia, pois os dois elementos, pão e vinho, são servidos para a assistência cúlrica que permanece em seus lugares.

O resultado, em meados de abril de 1525, foi o fim da missa romana. A comunhão da Páscoa passou a ser ministrada não de cima de um altar, mas sim de uma simples mesa de madeira, em recipientes do mesmo material. As palavras eram as mesmas da instituição da Última Ceia na Bíblia, e o povo recebia pão, além do vinho, levados a eles em seus assentos. Havia agora somente dois sacramentos em Zurique: o batismo e a comunhão [...] As diferenças entre essas medidas iniciais da tradição reformada e o Luteranismo serão evidentes para quem quer que viaje visitando as igrejas desde o norte da Alemanha até a Suíça protestante, embora o estilo original de Zwinglio fosse mais austero do que se vê hoje em dia: paredes caiadas, janelas transparentes, mobília muito simples, nada de órgãos (COLLINSON, 2006, p.94).

Cantões confederados como “Zurique, Berna, Basileia (e) Sankt Gallen substituíram a missa pela prédica (FEBVRE, 2009, p. 243)”. A reforma suíça tem continuidade com o francês João Calvino (Jean Calvin ou Cauvan, 1509-1564) que, com base em Genebra dá continuidade ao movimento reformista.

Dissente de Lutero quanto à eucaristia, pois este defende a presença real do Cristo no pão e no vinho, mas sem transubstanciação, enquanto os reformadores suíços entendem ser a “ceia do Senhor” (expressão mais usual entre os brasileiros herdeiros das reformas religiosas do século XVI) apenas um memorial.

Sacramento é para Lutero somente aquilo que foi expressamente instituído por Cristo, conferindo-lhe promessa, com a qual deve ser despertada a fé. Por isso, Lutero acentua no *Batismo* a fé que justifica, quando fala na concreção do sacramento, bem como do sacerdócio de todos os crentes como participação no sacerdócio de Cristo. Na *Eucaristia* acentua a presença real. Critica, porém, a doutrina da transubstanciação como explicação dessa presença real, a retenção do cálice e a compreensão da Eucaristia como sacrifício que o ser humano oferece a Deus [...] Na retenção do cálice aos leigos, julga que a instituição eclesiástica deixou a palavra de Cristo de lado, desrespeitando sua instrução: “bebei dele **todos.**” (aspas, itálicos e negrito no original) (DREHER, 1996, p. 46).

A reforma genebrina encontra em Calvino um reformador que não precisará efetuar rompimentos bruscos para a implantação de mudanças, pois os embates iniciais já haviam sido travados por Zwinglio.

Calvino reúne e complementa as reformas humanista, dogmática e pietista precedentes; o protestantismo irá alcançar a constituição de religião, com certa riqueza de nuances que respondem às diversidades de temperamento e de almas (LÉONARD, 1950, p. 67).

Com Calvino o que se vê é um enraizamento do pensamento zwingliano no campo da teologia e do controle dos comportamentos cotidianos dos fiéis e cidadãos da cidade.

A ceia zwingliana é uma coisa completamente diferente, pois é mais o sinal de admissão no círculo social daqueles que comunicam com Deus através da palavra do que a comunhão no mistério da encarnação ... Calvino aplica a sua teologia da ceia à prática dessacralizadora dos humanistas suíços e renanos. A ceia é um símbolo [...] Entre a ceia zwinglio-calvinista e a ceia luterana, muito mais do que uma diferença teológica existe um abismo de sensibilidade. O gesto vence o discurso. Por um lado, temos o pão comido pelos comungantes em círculo, de pé, em redor da mesa da comunhão e, por outro, o lado luterano, a hóstia, o altar, a hóstia e o cálice recebidos de joelhos (CHAUNU, 1993, p. 181).

O calvinismo reverbera positivamente nos Países Baixos e na Escócia. Neste último local, por influência da liderança de John Knox que estivera pessoalmente com Calvino em

Genebra, o catolicismo é abolido e implantado simultaneamente o culto e sistema de governo presbiteriano. Esse presbiterianismo posteriormente emigrará para as colônias inglesas da América do Norte de onde aportará posteriormente no Brasil.

O parlamento escocês abole o catolicismo e adota (agosto de 1560) a confissão calvinista (*Confessio scotica*) apresentada por Knox. Pouco antes da primeira assembleia geral da Igreja da Escócia ele apresentará uma constituição “presbiteriana” análoga àquela de Genebra e da França (itálicos no original) (LÉONARD, 1950, p. 75).

Na mesma ilha da Grã-Bretanha, a Inglaterra de muito tempo já gestava sua própria reforma religiosa.

2.1.3 A Reforma Inglesa

Pode-se dizer que os antecedentes da reforma na Inglaterra começaram muito antes das peripécias amorosas de Henrique VIII e o nome principal que se levanta é o de John Wycliff (1330-1384), sacerdote e professor em Oxford. Através de sua pena e de pregações públicas, denunciou as riquezas e opulência do clero. As que críticas que fez ao papado de Avignon produziram de um lado o despertar da ira papal, mas a simpatia da nobreza inglesa que, sempre às turras com os franceses, viam uma incongruência em sustentar um papado em terras inimigas, isto é, sustentar uma máquina religiosa com uma inclinação que lhes era declaradamente desfavorável. Essa mesma nobreza ainda não era detentora de força suficiente para um rompimento definitivo com a Igreja ocidental, mas a obra de Wycliff certamente foi auxílio decisivo no cultivo do patriotismo na ilha da Grã-Bretanha. “Wycliff sustentava, além disso, que as pretensões papais de exercer o poder temporal não possuíam justificativa bíblica, e apelou ao governo inglês para que reformasse toda a Igreja na Inglaterra (LINDBERG, 2001, p. 60)”. Ideias que soariam contemporâneas aos futuros reformadores alemães ou suíços já circulavam pela Inglaterra provocando debates e desconforto por parte de setores do clero, bem como uma necessidade de posicionamento destes frente aos pensamentos “subversivos” que se espriavam principalmente pelos seguidores (ou ao menos profundamente influenciados) de Wycliff tais como os lolardos ingleses. Desses se diz que:

Opunham-se ao celibato clerical, à transubstanciação, à veneração das imagens, às peregrinações, às orações pelos mortos, à riqueza e dotação à Igreja, ao emprego de eclesiásticos nos cargos públicos, à necessidade de confissão aos padres, às cerimônias de exorcismo, às venerações dos santos. Em outras declarações, recomendavam que todos deveriam ler a Bíblia frequentemente e deveriam seguir seus preceitos como superiores aos decretos da Igreja (DURANT, 2002, p.).

Essa leitura da Bíblia já podia ser feita no vernáculo, muito antes das línguas dos povos da Europa continental, graças à tradução providenciada por John Wycliff a partir da Vulgata, em que pese o fato de que era reproduzida por copistas e, portanto com uma capacidade de produção e distribuição muito menor do que a encontrada por Lutero e sua bíblia em alemão reproduzida pelo “moderno” método de impressão por tipos móveis criado por Johannes Gutenberg (1390-1468). Ainda que calado por Ricardo II pelo eventual envolvimento prático ou intelectual de Wycliff em revoltas perpetradas por lolardos, suas ideias permaneceram em crescente desenvolvimento em terras inglesas influenciando diretamente os acontecimentos da Reforma inglesa.

Terminadas as lutas dinásticas com a ascensão da Casa dos Tudor ao poder na Inglaterra através de Henrique VII (1457-1509), buscou este a inserção da nova casa real no ambiente europeu e para isso efetivou um casamento entre seu filho Artur Tudor – príncipe de Gales e a princesa espanhola Catarina de Aragão. Com a morte de Artur com apenas cinco meses de casamento, Catarina casou-se em 1509 com seu irmão mais novo Henrique, em breve Rei Henrique VIII. Catarina não teve filhos do primeiro casamento e de sua união com Henrique VIII, após várias perdas de filhos recém nascidos, somente sobreviveu uma mulher batizada Maria Tudor. Desejava Henrique VIII que sua sucessão se efetivasse através de um herdeiro homem, como fator de estabilidade para a ainda nova dinastia. Henrique VIII apela para o papa Clemente VII pela anulação de seu casamento invocando o preceito bíblico de Levítico 20,21 que prescreve que um homem não deve se casar com a mulher de seu irmão. O papa fica então em uma posição difícil, pois o papa anterior, Júlio II, interpretando o mesmo versículo bíblico, havia autorizado o casamento de Henrique VIII e Catarina a pedido de Henrique VII. Estava em jogo a autoridade do cargo papal, pois se autorizado contra a posição do papa anterior implicaria em publico reconhecimento de que as decisões papais eram falíveis. Em face da negativa de autorização para o divórcio, Henrique VIII assume a direção da Igreja na Inglaterra e um tribunal sob sua autoridade e imposição lhe garante o divórcio. O imediatamente excomungado por Roma, Henrique VIII, exige lealda-

de absoluta de seus súditos. As outras opções disponíveis, fogueira ou decapitação, foram amplamente executadas pelo rei.

O Ato de Supremacia foi uma ruptura constitucional com a autoridade papal, não uma introdução ao protestantismo. Assim, embora Henrique tenha tirado partido dos sentimentos anticlericais, especialmente antipapais, dê seu povo, ele reafirmou o dogma católico no Estatuto de Seis artigos de 1539. Os seis artigos mantiveram a transubstanciação, a comunhão de uma espécie para os leigos, o celibato clerical, a santidade de votos monásticos, a necessidade de confissão auricular e as missas privadas e declarou que a negação de qualquer um deles seria heresia (LINDBERG, 2001, p. 379).

Resolvido internamente o problema do divórcio, Henrique VIII casa-se com a sua amante protestante Ana Bolena, já grávida de sua filha Isabel. Se Ana Bolena morresse, a ex-esposa Catarina de Aragão seria declarada rainha, mas com a morte de Catarina, Henrique VIII livra-se de Ana Bolena sob uma acusação de traição, decapitando-a em 17 de maio de 1536. Casa-se em 30 de maio com Jane Seymour que falece ao prover um herdeiro para Henrique VIII - o futuro Eduardo VI. Em 06 de janeiro de 1540, Henrique VIII casa-se com Ana de Cléves, mas por um provável capricho (Diz a tradição histórica que Ana não era tão bonita quanto parecia ser no retrato que havia sido enviado anteriormente) divorcia-se em junho do mesmo ano e sem ter tido descendência com ela.

Em agosto, Henrique VIII casa-se com Catarina Howard que perde sua cabeça em fevereiro de 1542 sob a acusação de adultério. O próximo e último casamento de Henrique VIII ocorre em 1543 com Catarina Parr que sobreviveu ao rei que morre em 27 de janeiro de 1547. Por disposição de vontade de Henrique VIII e nos termos da legislação vigente, a sucessão foi determinada na seguinte ordem: Eduardo (protestante), Maria (católica) e Isabel (protestante). Em um curto espaço de tempo, a Inglaterra é protestantizada, recatolizada e protestantizada novamente.

Ao assumir o trono 1547 com somente nove anos de idade, Eduardo VI foi tutorado por seu tio protestante Eduardo Seymour que imediatamente fez se estabelecer na Inglaterra os postulados protestantes pela substituição dos católicos, inclusive bispos, por uma liderança protestante. A morte de Eduardo VI após somente dois anos de reinado, faz subir ao trono Maria Tudor que, imediatamente remove todos os protestantes do poder, restabelece os bispos católicos e toda a estrutura católica anteriormente removida por Eduardo VI (LINDBERG, 2001, p. 386). Claro que essas mudanças não se fizeram sem uma resistência

que, ao final culminou no derramamento de sangue aos refratários às imposições dos novos dirigentes.

Quando assume o poder em 1558, com a morte de Maria Tudor, a jovem Isabel I com 25 anos de idade, já bem vivenciara as disputas de poder entre protestantes e católicos. Prudentemente, adotará um protestantismo como que mitigado, isto é, um protestantismo “palatável” para católicos e protestantes não radicais, através de um culto protestante assemelhado extrinsecamente à missa católica (liturgias e utilização de vestes litúrgicas romanizadas, por exemplo) e intrinsecamente alinhado com o protestantismo (todo o ofício religioso realizado principalmente em vernáculo, por exemplo). Essa *via media* foi consubstanciada nos Trinta e Nove Artigos de Religião que “se destinavam a acomodar as principais teologias evangélicas ao negar a transubstanciação, por um lado, e o simbolismo zwingliano, por outro, permanecendo, ao mesmo tempo, abertos a gama das interpretações luterana e calvinista (LINDBERG, 2001, p. 389)”.

As várias reformas introduziram um novo modo de comportamento nas celebrações cúlticas, isto é, o cântico congregacional onde o povo aprendia as linhas doutrinárias de suas vertentes religiosas através dos cânticos entoados em suas próprias línguas cotidianas. O pároco que presidia a liturgia cúltica contava agora com a parceria e manifestação coletiva dos cânticos congregacionais.

Aprendia-se na prédica racional da interpretação da Bíblia e nos cânticos coletivos em língua pátria, duas novidades na Europa ocidental. A necessidade de vitrais e obras de arte para contar sobre o sagrado ou emocionar, perde a importância pela substituição dos sermões, hinos e livre interpretação da Bíblia. A *biblia pauperum* exposta gratuitamente nos vitrais vai paulatinamente sendo substituída pela bíblia impressa em vernáculo.¹¹ Se no ambiente hermético dos *campi* universitários ainda se aprendia religião pela observação da *disputatio* entre doutos, agora o aprendizado religioso se dava em um ambiente de fácil e livre acesso durante os cultos, com as pessoas assentadas olhando para o centro do ambiente que estava voltado para o púlpito, um móvel cujo uso precípua é abrigar uma voz que emana ensino.

¹¹ Em Campinas podemos encontrar manifestações artísticas de vitrais de tamanho expressivo em alguns templos da Igreja Universal do Reino de Deus e na Igreja do Nazareno Central em Campinas. Nesta última, uma série de vitrais decoram o ambiente cultico e fazem a função de *biblia pauperum*. No Parque Oziel, as comunidades religiosas alinhadas com a herança protestante não possuem vitrais, mas tendem a utilizar nos templos, janelas retangulares com um arco (ou parábola) na parte superior.

A emoção e entusiasmo religioso são provocados pela explicação bíblica e pelos cânticos congregacionais. Emoção e identificação religiosa com o protestantismo sentia o camponês alemão no século XVI, quando cantava o hino de Lutero *Ein Feste Burg ist unser Gott*, assim como o caipira brasileiro “protestantizado” no início do século XX ou os protestantes brasileiros urbanizados do século XXI (tradicionalistas ou pentecostais) quando cantam esse hino na versão abrigada, Castelo Forte. É comum que igrejas evangélicas entoem anualmente durante o culto o hino Castelo Forte por ocasião das comemorações da Reforma Protestante no mês de outubro.

Embora os herdeiros espirituais de Calvino, Zwinglio e (em menor escala) Lutero continuassem a encarar com desconfiança as artes visuais, eles deram uma enorme contribuição ao louvor cristão – o canto congregacional [...] músicas que pudessem ser facilmente cantadas possibilitariam que os analfabetos decorassem os conceitos contidos nas Escrituras e intensificassem sua reação emocional a esses conceitos. O próprio *Ein Feste Burg ist unser Gott* (um dos 37 hinos que ele compôs para seus seguidores), classificado por Heine como A Marselhesa da Reforma, era metaforicamente, e às vezes literalmente, um canto de batalha. Os exércitos de Gustavo Adolfo e até de Bismarck cantavam-no durante a marcha (FERNÁNDEZ-ARMESTO; WILSON, 1997, p. 162).

Ficamos a imaginar durante a Segunda Grande Guerra Mundial, soldados alemães, ingleses e americanos em suas barracas ouvindo nostalgicamente durante a semana a voz de Marlene Dietrich entoando *Lili Marleen* e no domingo em suas celebrações protestantes, entoando suas versões de *Ein Feste Burg ist unser Gott ...* ‘Como disse Abraham Lincoln durante a guerra (civil americana): “Os dois lados leem a mesma Bíblia e oram ao mesmo Deus. E cada um invoca o Seu contra o do outro.”(aspas no original)’ (SILVA, 2009, p. 95).

2.2 O movimento protestante nos EUA

Em uma Europa pós-Reforma dividida por guerras de poder, motivadas ou não por questões religiosas, mas tendo a defesa da religião como bandeira, a religião do rei, da rainha, do príncipe alemão ou aquela escolhida pelos habitantes das cidades independentes, deveria ser a religião professada na área geográfica de domínio desses polos de poder. Dissidências e contestações religiosas eram ao mesmo tempo enfrentamentos ao poder político vigente na localidade, região ou país. Portanto, além de não serem bem-vindas, deveriam ser extirpadas. A imigração voluntária ou forçada era uma opção que se apresentava aos contes-

tantes da religião que se fez vitoriosa e obrigatória na Europa Ocidental. Em tempos mercantilistas, as Américas eram uma área cobiçada por ibéricos, neerlandeses, ingleses e franceses, porque propícia para a produção e acumulação de bens que acabariam como reservas de moeda e metal. Ao colonizar novas terras, a colônia também dependeria do comércio exclusivo com a metrópole, favorecendo esta. Dentro do esquema econômico de acumular metal, exportar tudo o que se pudesse e restringir ao máximo toda a importação abriram-se um espaço impensado para a religião. Se para portugueses e espanhóis, as terras ocupadas na América estavam lacradas para outras religiões que não o catolicismo, interessava ao reino da Inglaterra a ocupação populacional das terras conquistadas na América do Norte, mesmo que por protestantes dissidentes ou por católicos, como foi o caso da colônia de Maryland (SILVA, 2009, p. 79).

Como Deus, por Moisés, libertou os israelitas da servidão do Egito, pela travessia maravilhosa do Mar Vermelho, os puritanos se libertaram da opressão dos soberanos ingleses Tiago I e Carlos I, atravessando o Atlântico no pequeno navio *Mayflower*. Deus estabelecera seu pacto com o povo liberto, no Sinai; paralelamente, os puritanos antes de por os pés em terra seca na América, firmaram o *Mayflower Compact*. Explicitaram que haviam encetado sua viagem de colonização “para a glória de Deus, avanço da fé cristã e honra do nosso rei e país [...] solene e mutuamente na presença de Deus, e cada um na presença dos demais, compactuamos e nos combinamos em um corpo político civil.” Finalmente, como Josué havia conquistado a terra da promessa, os americanos viam seu “destino manifesto” conquistar o continente de Oceano a Oceano, espalhando os benefícios de uma civilização republicana e protestante por toda a parte (REILY, 1984, p. 19).

Empreendimentos particulares de colonização foram incentivados pela Inglaterra, na esperança de afirmação da conquista das novas terras e possível exploração destas. Optou-se pelo modelo de transplante de famílias em detrimento do modelo de indivíduos aventureiros. Homens aventureiros poderiam se aventurar em busca de fortuna e posterior retorno para a pátria mãe. Uma imigração baseada em famílias trazia a marca da permanência. Do empreendimento imigratório de 1607 com 105 habitantes, na localidade que se denominou Jamestown (atual Estado da Virgínia), ainda baseado no modelo de aventureiros individuais, restou uma metade de sobreviventes em 1608. Posteriormente, famílias agrupadas entre 102 colonos fundaram a comunidade e colônia de *New Plymouth* em 1620, no atual Estado norte-americano do Massachusetts. “Eles enfrentaram o oceano para criar o reino de Deus na Terra.” (SILVA, 2009, p. 74). Esse emblemático grupo do *Mayflower* foi o precursor de inúmeros

outros que se dirigiram para a América do Norte onde fundaram direta ou indiretamente outras colônias com diversas expressões religiosas de matrizes protestantes.

Portanto, desde as suas mais remotas origens, apesar da hegemonia cultural puritana, a sociedade americana logo começou a ter entre suas características essenciais a diversidade de religiões, o que se já se chamou de “polidevoção”, ou seja, uma enorme diversidade e multiformidade religiosa (SILVA, 2009, p. 81).

2.3 A chegada do protestantismo no Brasil

As primeiras tentativas de implantação do protestantismo em terras brasileiras, ainda que tímidas, dá-se ao tempo do Brasil colônia com as incursões da França (1557-1558) e da Holanda (1630-1654), tentativas essas que não lograram êxito, acabando juntamente com as expulsões desses europeus. Como a questão era econômica e não religiosa, falou mais alto a tolerância holandesa, principalmente durante o governo de Maurício de Nassau (1637-1644). “O príncipe, que era calvinista, foi tolerante com os católicos e, ao que tudo indica apesar de controvérsias a respeito, com os israelitas.” (FAUSTO, 2006, p. 47). A ação volitiva desses europeus estava centrada na exploração dos produtos tropicais comerciáveis como o pau-brasil e as plantações de cana de açúcar e não na implantação de uma nova religião. Aos franceses interessava a exploração direta do pau-brasil sem a intermediação portuguesa, pois, “uma vez posto em Lisboa, o pau-brasil era revendido para toda a Europa, com lucro de 500 a 600 por cento, e reexportado em navios flamengos, italianos e franceses.” (FURTADO, 2000, p. 68). Quanto aos neerlandeses reformados, “a ocupação do norte do Brasil pelos holandeses, na primeira metade do século XVII, será essencialmente uma guerra pelo comércio do açúcar.” (FURTADO, 2000, p. 95). Por evidente, não se pode falar aí em globalização e capitalismo, mas já é possível observar nesse período mercantilista o desejo de conquista de mercado (nesse caso colonial) de braços dados com a fé. A expulsão de franceses e flamengos não teve apenas aspectos de defesa das terras da colônia, mas envolveu também o compromisso da metrópole com a Igreja Católica em um projeto comum na colonização das novas terras. Esse projeto mútuo irá com o tempo subordinar a Igreja Católica aos interesses do Estado português em benefícios como o padroado. O catolicismo como religião do Estado e o padroado sobrevivem à independência de Portugal e vigorarão até a proclamação da república brasileira. Na prática os clérigos eram funcionários remunerados pelo Estado e deviam subordinação administrativa para este que exercia livremente o

direito de nomeação ou remoção, bem como a implementação ou não das ordens enviadas pelo papa. Vê-se dessa forma que não interessava ao monarca a perda de tal poder sobre a Igreja e nem interessava à Igreja a perda de sua proteção por parte do Estado. Nessa situação, jamais interessaria ao Estado imperial e à Igreja Católica no Brasil a presença concorrencial de qualquer expressão religiosa que minasse essa estrutura de poder e dominação temporal e espiritual.

As duas instituições básicas que, por sua natureza, estavam destinadas a organizar a colonização do Brasil foram o Estado e a Igreja Católica. Uma estava ligada à outra, sendo o catolicismo reconhecido como religião do Estado [...] o ingresso na comunidade, o enquadramento nos padrões de uma vida decente, a partida sem pecado deste “vale de lágrimas” dependiam de atos monopolizados pela Igreja: o batismo, a crisma, o casamento religioso, a confissão e a extrema-unção na hora da morte, o enterro em um cemitério designado pela significativa expressão “campo santo” [...] o padroado consistiu em uma ampla concessão da Igreja de Roma ao Estado português, em troca da garantia de que a Coroa promoveria e asseguraria os direitos e a organização da Igreja em todas as terras descobertas [...] cabia à Coroa criar dioceses e nomear os bispos (aspas no original) (FAUSTO, 2006, p. 29).

Desse período longínquo da história da colonização brasileira, a Confissão da Guanabara ficou como que um marco histórico da primeira produção intelectual teológica protestante feita em terras brasileiras, em face de embates teológicos e políticos, resultando também, como se sabe, na decretação e execução dos três protestantes franceses huguenotes elaboradores dessa Confissão (Jean du Bordel, Mattie Vermeil e Pierre Bourdon). Muito tempo depois, as guerras napoleônicas forçaram a vinda das elites portuguesas católicas para terras brasileiras e Portugal então, abre os portos para as nações amigas, isto é, sua eterna aliada, a anglicana Inglaterra:

O início das atividades protestantes só foi possível após o Tratado de Comércio e Navegação com a Inglaterra (1810), que permitiu, apesar de muito restrito, o culto protestante. As missões chegaram logo após a independência, mas a expansão irrestrita do culto só se deu mesmo após a proclamação da República (MENDONÇA, 1995, p. 63).

Organizam-se incursões ainda tímidas de missionários visando à conversão dos brasileiros considerados como povo pagão, não-cristãos ou praticantes de um catolicismo idólatra, através de presbiterianos, metodistas, batistas, episcopais e congregacionalistas. Portanto, desejava-se não somente implantar a liberdade de escolha e prática religiosa, mas uma

conversão para um cristianismo específico: protestante de colorido denominacional norte-americano (mesmo sendo o Brasil um país legalmente cristão). Se o primeiro evento histórico aleatório que permitiu a entrada e prática do culto protestante no Brasil foi a “abertura dos portos às nações amigas”, o segundo evento histórico que permitiu de fato uma implantação e expansão do protestantismo foi a Guerra Civil Norte-americana. Ironicamente e por pura *alea*, dois eventos bélicos em momentos distintos, um na Europa e outro nos Estados Unidos, propiciaram o substrato para germinação e crescimento do protestantismo no Brasil. Após a Guerra de Secessão norte-americana (1861-1865), levadas de imigrantes sulistas derrotados militarmente e arruinados financeiramente imigram para o Brasil, principalmente para as regiões dos municípios de Campinas e Piracicaba no Estado de São Paulo (LÉONARD, 2002, p. 84). Vários missionários e pastores presbiterianos (MATOS, 2004, p. 13-14), metodistas e batistas vieram na esteira dessa imigração. Como adiante se verá os norte-americanos do sul encontraram liberdade religiosa em seus núcleos de imigrantes, ao tempo em que forneciam uma base logística e um “colchão” cultural aos missionários que aqui aportavam.

A fronteira cultural entre norte-americanos e expoentes das elites cafeicultoras paulistas liberais e republicanas (primeiramente campineiras e em seguida piracicabanas) foi suficientemente porosa para trocas de valores, inclusive religiosos. Sobre o protestantismo de imigração deve ser feita a inclusão dos luteranos alemães que para o Brasil vieram motivados pela fome, questões religiosas e políticas. Implantaram a presença do luteranismo nas regiões de assentamento desses colonos e instituíram a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil já em 1823, porém jamais com ímpeto proselitista (DREHER, 1984, p. 35-36).

2.3.1 – O pentecostalismo brasileiro

O movimento pentecostal brasileiro ocorreu na esteira da efervescência religiosa dos acontecimentos da “Azusa Street” (Los Angeles, 1906) e tem seu ponto inicial no Brasil com a criação das igrejas Igreja Congregação Cristã no Brasil (1910) e Igreja Assembléia de Deus (1911), com um contingente no ano 2000 de 2.489.079 e 8.418.154 aderentes respectivamente, (JACOB; HESS; BRUSTLEIN, 2003, p. 44) com ênfase nas manifestações de batismo indistintamente, no Espírito Santo ou do Espírito Santo ou com o Espírito Santo,

seguidas de dons ou evidências de línguas (glossolalia). Outras expressões pentecostais mais significativas somente surgirão na década de 50 e início da década de 60 do século passado, com as igrejas: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo (1955), Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), com contingentes respectivamente em 2000 de 1.318.812, 175.609 e 774.827 adeptos (JACOB; HESS; BRUSTLEIN, 2003, p. 44), em que a cura divina é o elemento diferenciador ainda aliado ao batismo com o Espírito Santo e a glossolalia. Em 1977 surge a Igreja Universal do Reino de Deus com 2.101.884 adeptos no ano 2000, (JACOB; HESS; BRUSTLEIN, 2003, p. 44) e três anos depois (1980), a Igreja Internacional da Graça de Deus (doravante IIGD). Essas duas últimas inauguram uma nova fase do pentecostalismo brasileiro, cuja presença é reconhecida dentro e fora da academia como o neopentecostalismo, onde se articulam as manifestações sobrenaturais do Espírito Santo mais exorcismos, a cura divina e a teologia da prosperidade e da retribuição (*do ut des*). As igrejas Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça correspondem a terceira onda pentecostal na tipologia de Freston. A primeira onda corresponde à implantação do pentecostalismo no Brasil com a Congregação Cristã e Assembleia de Deus. A segunda onda dá-se nos anos 50 e início dos anos 60 do século passado, com as igrejas Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e Igreja Pentecostal Deus é Amor. Essa segunda onda pentecostal surge em um contexto urbano paulista e a terceira onda pentecostal em um contexto urbano carioca (FREESTON, 1996, p. 66). O protestantismo missionário inicialmente implantado no Brasil é marcadamente iconoclasta e ((LÉONARD, 2002, p. 117-118) anticatólico, bem como apologeticamente polemicista (CAMPOS, 2001, p. 67). Essas marcas acompanham o protestantismo histórico/tradicional, porém com o tempo diluem-se consideravelmente, mas recrudescem nos antigos e novos pentecostalismos, vertente na qual o carismatismo das lideranças se sobressai.

Façamos uma breve análise do carismatismo pentecostal brasileiro, com principal base e fundamentação teórica em Max Weber, quando de suas observações sobre os tipos de dominação, nos termos do capítulo III de sua obra *Economia e Sociedade*. Assinalamos a relevância de se pontuar o carismatismo pentecostal, em especial do tipo neopentecostal (terceira onda pentecostal) pelo fato de que esta vertente é a mais nova dentro dos protestantismos. A maioria de seus líderes está viva e ativa à frente dos empreendimentos religiosos. Em contrapartida, as igrejas evangélicas tradicionais/históricas e as pentecostais (autóctones e de missão) se reportam em geral, às memórias de seus mitos fundantes (exceção ao vetusto fundador da Igreja Pentecostal Deus é Amor - IPDA, Missionário David Miranda).

Weber apresenta três tipos ideais de dominação, quais sejam: (a) racional, (b) tradicional e (c) carismática. Inicialmente Weber apresenta os seus conceitos do que seja dominação. Por dominação, ministra ser a “probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de determinado grupo de pessoas” (WEBER, 1991, p.139). Os indivíduos ou grupos dominados agem como “se este tivesse feito do conteúdo da ordem e em nome dela a máxima de sua conduta” (WEBER, 1991, p.140).

Os conceitos de dominação e obediência podem ser utilizados no exame das relações dos aderentes das expressões neopentecostais, que agem também com base em interesses materiais, fraqueza, desamparo individual ou uma mescla desses fatores (CAMPOS, 1999, p. 97). Ainda em relação aos tipos de dominação é preciso salientar que o próprio Weber esclareceu que se trata de tipos ideais (WEBER, 1991, p.140) não existindo no mundo real uma forma pura dessa tipologia. Daí é preciso assumir o fato de que em líderes, mormente na prática religiosa, poderá haver também uma mescla desses tipos ideais, porém para nós, interessa destacar o carisma weberiano que sobressai nos líderes neopentecostais, mas para isso é conveniente fazer uma análise ainda que ligeira sobre as dominações racional (legal) e tradicional.

A dominação racional (legal) pressupõe a existência de um contrato ou pacto que dispõe a forma racional de dominação (WEBER, 1991, p.142). A obediência ao senhor dá-se enquanto membro de uma associação e do direito acordado nesse pacto. Existe uma hierarquia oficial organizada em instancias fixas exercida sobre funcionários participantes de um quadro administrativo formalista e burocratizado (WEBER, 1991, p.143). As ordens religiosas podem ser enquadradas nessa categoria (WEBER, 1991, p.144) Também entendemos que as expressões religiosas protestantes brasileiras históricas, bem como as pentecostais mais antigas e, portanto, mais institucionalizadas, encontram guarida nesse enquadramento teórico racional (legal).

Diferentemente da dominação legal em que um estatuto permeia as relações entre dominante e dominado, a dominação tradicional prescinde desse controle, pois a obediência dá-se em relação de fidelidade a uma pessoa indicada pela tradição (WEBER, 1991, p.148). Esse “senhor” que não é necessariamente um superior invoca a legitimidade de seu poder na tradição vinda de tempos imemoriais, bem como na aceitação pelos dominados da santidade das ordens emanadas por tal “senhor” (WEBER, 1991, p.148). Eventuais insubordinações, revoltas ou resistência, serão dirigidas contra tal senhor e jamais contra o sistema institucionalizado (WEBER, 1991, p.148).

As presenças de uma gerontocracia e de um patriarcalismo primário podem ocorrer nos tipos primários da dominação tradicional.

O senhor depende em grande parte da vontade de obedecer dos associados [...] os associados ainda são, portanto, “companheiros”, e não “súditos”. Mas são “companheiros” em virtude da *tradição*, e não “membros” em virtude de *estatutos* (aspas e itálicos no original) (WEBER, 1991, p.151).

Weber apresenta o conceito de “carisma” como sendo:

uma qualidade pessoal considerada extracotidiana [...] e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar, e, portanto, como “líder”(aspas no original) (WEBER, 1991, p.158).

Não existe líder sem um grupo de seguidores ou adeptos aderentes. São estes que darão suporte e legitimidade ao líder estabelecendo como um verdadeiro dever pessoal, o reconhecimento das virtudes especiais desse líder. ‘Psicologicamente, esse “reconhecimento” é uma entrega crente e inteiramente pessoal nascida do entusiasmo ou da miséria e esperança’ (aspas no original) (WEBER, 1991, p.159). Inicialmente ao redor desse líder, um grupo de adeptos passa a exercer as funções administrativas, mas sem um quadro de funcionários organizados, mesmo porque não existem regras estabelecidas de relacionamento com o líder carismático. Problemas e questionamento são resolvidos pontualmente pela palavra final incontestável e irrecorrível do líder. Os adeptos próximos ao líder podem e são trocados na medida das necessidades objetivas do líder. Tal líder despreza regras anteriores e faz suas próprias regras de conduta e relacionamento entre os seguidores, pois ‘aplica-se a toda dominação carismática genuína a frase: “Está escrito – mas em verdade vos digo”’ (WEBER, 1991, p.160). Esse líder carismático abala o *status quo*, revolvendo as formas institucionalizadas representadas nas dominações puramente tradicionais e racionais, implicando uma dose substancial de irracionalidade por parte dos adeptos (WEBER, 1991, p.161).

É, pois inicialmente no contexto carioca que encontramos a Igreja de Nova Vida, 92.312 aderentes em 2000 (JACOB; HESS; BRUSTLEIN, 2003, p. 44), talvez a raiz de todo movimento de igrejas neopentecostais, cujo líder carismático, fundador e principal expoente foi Walter Robert MacAlister (1931-1993). Das igrejas neopentecostais de certa expressão numérica, é a única que tem o seu grande líder falecido, pois as demais contam com

a presença forte de seus fundadores, ainda firmes nas rédeas de seus empreendimentos religiosos. Nascido no Canadá e filho de pastor pentecostal, foi missionário nas Filipinas, Hong Kong, EUA e França bem como pregador em diversos países. Em 1959 muda-se definitivamente para o Brasil, instalando-se no Rio de Janeiro, criando a Igreja de Nova Vida em 1964. Antes da inauguração formal dessa igreja, ela já existia “de fato” com uma clientela que se apresentava nos programas religiosos (cultos e pregações) transmitidos ao vivo, inicialmente pela Rádio Copacabana (comprada pela Igreja Universal do Reino de Deus – doravante IURD, em 1984) e posteriormente pela Rádio Mayrink Veiga.

Percebemos aí a utilização de uma estratégia de comunicação para proselitismo no uso de um instrumento de comunicação de massas (rádio) já anteriormente utilizado de forma ampla, principalmente por pentecostais, na América do Norte. MacAlister foi eficaz, mas não foi o pioneiro na utilização do rádio. Podemos retroagir para citar ao menos um caso mais antigo de uso do rádio para pregação proselitista. Em 29 de junho de 1936, o presbiteriano e médico paulista Flaminio Favero fez uma “conferência” sobre a personalidade do apóstolo Pedro na Radio Educadora Paulista, ocasião onde se entoou dois hinos por um coral (Orfeão das Escolas Dominicais) (ROSSI, 1939, p. 109). Se nessa ocasião foi abordada a personalidade de São Pedro é quase certo terem sido lidos textos bíblicos referentes a este encontrados nos Evangelhos e nas epístolas atribuídas aos apóstolos São Pedro e São Paulo. Contando a(s) leitura(s) bíblica(s), mais a exposição sobre o texto e os dois hinos entoados, encontramos um culto protestante tradicional no rádio, nos idos de 1936. Provavelmente o Dr. Flaminio Favero leu em sua bíblia e vocalizou ao rádio as expressões São Pedro, São Paulo ou São Lucas. Por esse tempo era comum os textos bíblicos neotestamentários serem grafados com expressões como “Evangelho Segundo São Lucas”. Portanto, não causava estranheza aos ouvidos de um protestante referir-se a um dos Evangelhos ou algum dos apóstolos como “São”, apesar do espírito anticatólico.

Em algum momento da atividade religiosa protestante, talvez em razão desse próprio anticatolicismo vivido cotidianamente, passou-se a imprimir (e, portanto a falar) os textos bíblicos sem o designativo “São” ou “Santo”.

Nas prédicas protestantes atuais é mais do que comum a referência a Paulo, Pedro, João, ou outros personagens sem maiores cerimonialismos e até com certa intimidade.¹²

Para Romildo Ribeiro Soares e Edir Bezerra Macedo, a Igreja de Nova Vida foi como que um espaço privilegiado de observação e aprendizagem na gestão de um empreendimento religioso protestante. Foi para estes, uma oportunidade de convívio próximo a um líder (MacAlister) inovador em termos de pentecostalismos. Com dezoito anos, o fundador da IURD, Edir Bezerra Macedo converte-se na Nova Vida conduzido pelas mãos de sua irmã. Observe-se o fato de que, para Macedo e Soares, o expressivo período respectivamente de doze (1963-1975) e sete anos (1968-1975) como membros da Nova Vida, somam um considerável espaço de tempo para abeberar os ensinamentos teológicos e administrativos de MacAlister, este em seu tempo, um líder carismático e incontestado de sua organização religiosa, tal qual se tornariam no futuro Edir Bezerra Macedo e Romildo Ribeiro Soares (MARIANO, 1999, p. 55 e 99). Macedo desliga-se da Nova Vida “em 1975, contrariado com o elitismo dessa denominação (MARIANO, 2003, p. 54). Semelhantemente à “escola” de MacAlister, Macedo e Soares ainda juntos na IURD, utilizam o alcance do rádio e da TV como meios de proselitismo, com pregações de Macedo em 1977 através da Rádio Metropolitana no Rio de Janeiro (CAMPOS, 1999, p. 274).

Para o neopentecostalismo, sua importância é bem maior, já que na Nova Vida encontramos de forma embrionária as principais características das IURD, IIGD e igrejas de fundação posterior ligadas ideologicamente a esse movimento: cura divina e combate aos cultos mediúnicos, valorização da prosperidade financeira mediante pagamento de dízimos e ofertas, ausência do rigorismo legalista (MARIANO, 1999, p. 38).

No Brasil o público pentecostal estava presente em geral nos extratos mais pobres da população, porém MacAlister enxerga um novo filão ainda não atingido no mercado religioso pentecostal localizado justamente nas classes médias urbanizadas de um país com população em consolidação do processo migratório do campo para a cidade, adequando seu discurso religioso e local de culto para esse público. A imagem do Bispo Robert MacAlister

¹² As bíblias vendidas nas livrarias evangélicas, em geral, não apresentam designativo como Evangelho Segundo São João ou Evangelho Segundo São Marcos. Por outro lado, colhemos algumas vezes na região do Parque Oziel, como adiante se verá, durante prédicas e leituras bíblicas, a expressa menção de leitura do Evangelho Segundo “São” seguido nome, tal como, São João, São Lucas, etc...

destoa da imagem dos pentecostais de seu tempo. Em primeiro lugar, é um estrangeiro portador de uma cultura teológica pentecostal adquirida em seminário de estudos teológicos, em um tempo no quais pentecostais exibiam aversão pelo estudo teológico formal, privilegiando a revelação e a inspiração divina. Com uma visão própria de mundo adquirida pelas inúmeras viagens internacionais, talvez já com uma visão globalizada da religião, bem como aberto para o diálogo inter-religioso, ao menos no nível do movimento carismático, (FRESTON, 1993, p. 96) chega a apresentar-se ao seu público trajando colarinho clerical em uma igreja pentecostal claramente episcopal, duas novidades no pentecostalismo brasileiro.

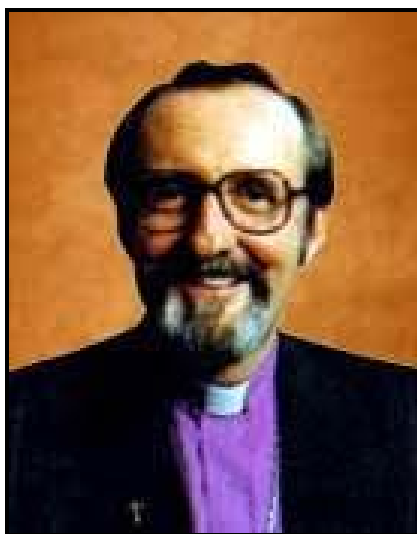


Figura 3 – Bispo Robert McAlister (COMUNIDADE, 2008)

McAlister é repellido pelas igrejas pentecostais instaladas no Brasil, pois estas nesse tempo estão aferradas aos padrões comportamentais conhecidos nos meios evangélicos como “os usos e costumes” que se expressam em trajés sóbrios para homens (Ex.: barba raspada e cabelos curtos) e proibições rígidas de uso cotidiano de adornos pelas mulheres (brincos, adereços no cabelo, cabelos curtos, colares, pulseiras, sapatos de salto alto, pinturas, unhas pintadas, batom, etc...). Eis a descrição efetuada por Rolim sobre o templo da Igreja Pentecostal de Nova Vida na cidade do Rio de Janeiro:

Em seu largo salão com extensa galeria, ar condicionado e poltronas estofadas, inserido num edifício de sete andares, da mesma igreja, acomodam-se para os cultos e palestras sobre religião, não só as camadas pobres, mas também segmentos da classe média, gente de recurso. E o próprio bispo, o norte americano (*sic*) Robert MacAlister, único bispo pentecostal no Brasil, não esconde o fato de que sua igreja se dirige às

camadas aburguesadas. Justifica-o dizendo que o Espírito Santo foi enviado para todos, pobres e pessoas abastadas (ROLIM, 1985, p. 54).

Após a morte do Bispo MacAlister, os pretendentes sucessores não lograram êxito na tentativa de recepção do forte carisma do líder fundador, ficando a Igreja Pentecostal de Nova Vida dividida e enfraquecida pelas disputas entre as lideranças paulistas e cariocas.

Uma vez consagrados pastores pela Igreja Casa da Bênção através do Missionário Cecílio Carvalho Fernandes, os cunhados Edir Bezerra Macedo e Romildo Ribeiro Soares associam-se aos irmãos Samuel e Fidélis Coutinho e a Roberto Augusto Lopes para fundar em 1975 a Cruzada do Caminho Eterno. Em 1977, Macedo, Soares, Lopes e o depois Bispo Carlos Rodrigues, deixam os irmãos Fidélis para inaugurarem a Igreja Universal do Reino de Deus. No embate entre os líderes carismáticos, o autoritarismo centralizador de Macedo suplanta o de seu cunhado Soares que sai em 1980 para fundar a Igreja Internacional da Graça de Deus. Roberto Lopes desgostoso com Macedo e os rumos tomado pela IURD, retorna em 1987 para a Nova Vida (MARIANO, 1999, p. 55-56). Macedo em consonância com o verticalismo hierárquico do sistema episcopal irá adotar o título de Bispo, já Soares por reverência ao Missionário Manoel de Mello da Igreja O Brasil para Cristo, de quem recebeu influências e foi interlocutor, irá adotar o título de Missionário (ROMEIRO, 2004, p. 15) adotando o epíteto “R.R.”. Outros líderes carismáticos de igrejas pentecostais de mercado têm utilizado o título de Apóstolo/a para identificação funcional junto às suas organizações.

O líder carismático Edir Macedo, embora tenha criado uma grande organização vertical para administrar o empreendimento religioso, o faz com amplos e autoritários poderes (CAMPOS, 1999, p. 391) intervindos por sobre qualquer insurgência de poder que possa advir do frágil bispado dessa igreja. Procura manter a igreja em ebulição e dinamismo, no sentido de estar sempre em movimento, evitando uma burocracia que possa engessar o empreendimento e inclusive causar problemas para a sua liderança. Talvez essas ações sejam comuns aos demais líderes das expressões neopentecostais de maior visibilidade midiática atualmente, tais como o Missionário Romildo Ribeiro Soares da Igreja Internacional da Graça de Deus (R.R. Soares), Apóstolo Estevam Hernandes e sua mulher Bispa Sônia Hernandes da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, Apóstola Valnice Milhomens Coelho da Igreja Nacional do Senhor Jesus, Bispo Robson Rodovalho da igreja Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Apóstolo Rinaldo Pereira (Rina) da Igreja Evangélica Bola de Neve, e

Apóstolo Valdomiro Santiago de Oliveira da Igreja Mundial do Poder de Deus, aliás, todos vivos e carismaticamente muito ativos.

O casal frequentou a Igreja Cristo Salva, do Pastor Cássio, também conhecida como “igreja do tio Cássio”, situada no bairro de Moema e nas cercanias do bairro de Indianópolis em São Paulo (bairros de classe média alta), igreja pentecostal de certo sucesso durante o comando de seu criador (o tio Cássio), mas que entra em decadência após morte do líder por não ter havido transmissão do carisma. Ainda com a presença do tio Cássio, como ainda hoje ele é lembrado (CRISTOSALVA, 2010), tivemos a oportunidade de presenciar e participar de inúmeras reuniões dessa igreja, principalmente nas segundas-feiras. Lembramos que a audiência era formada por jovens em sua maioria que chegavam e iam se assentando nas cadeiras disponíveis, ou ficavam em pé ou sentados pelo chão de forma simples e despojados. Os trajes dos frequentadores também era informal ou *casual*, como se queira, mas longe do que se possa interpretar como “roupa de domingo” ou “roupa de ir à igreja”, mesmo porque, os cultos não tinham a formalidade e a “cara” de culto, mas de uma “reunião no tio Cássio”. Parte da audiência era formada por pessoas oriundas de igrejas histórico-tradicionais que encontravam uma opção de exercício religioso fora do final de semana. A novidade da oferta de reuniões cúlticas durante a semana não entrava em choque com os aderentes de outras igrejas e suas lideranças que não viam tais encontros como concorrência religiosa. Enquanto ainda o assunto entre os fiéis das igrejas tradicionais/históricas orbitava se guitarra elétrica e bateria de jazz e ritmo de *rock and roll* eram pecado ou não e se deveriam ser permitidos nas igrejas, a Igreja Cristo Salva já fazia uso amplo desses elementos nas celebrações que eram “regadas” com muita música comunitária, testemunhos, pregações e apelos por conversão e libertação de drogadição. O líder e fundador da igreja, o “tio Cássio” não permitiu o avanço dos Hernandez na liderança da igreja, levando estes a começar um grupo em sua residência que foi o embrião da Igreja Renascer em Cristo, fundada oficialmente em 1986 (SIEPIERSKI, 2001, p. 80, 200).

Se os Hernandez encontraram uma fatia do mercado religioso para ser explorado, o Apóstolo Rina (Rinaldo Pereira) saindo de dentro da Igreja Renascer, vai explorar um nicho de mercado especialíssimo, voltado para um público jovem, esportista e de classe média ao fundar em dezembro de 1993 a “Bola de Neve” – oficialmente Igreja Evangélica Bola de Neve Church. ‘É importante aqui ressaltar que o pastor Rinaldo se apropria do discurso segundo o qual foi “eleito por Deus” e que nele está o carisma.’ (ARAÚJO, 2006, p. 59).

A Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo – INSEJEC foi fundada em 1994 e é dirigida pela Apóstola Valnice Milhomens. Tal é o poder carismático da líder, que a igreja é citada popularmente como a “igreja da Valnice”. Em agressiva disputa pelo mercado religioso, Valnice associou-se ao movimento G12 do colombiano César Castellanos, tendo conseguido uma forte expansão numérica e geográfica em sua igreja.

A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, fundada oficialmente em 1992, está umbilicalmente ligada ao seu fundador e líder máximo Bispo Robson Rodovalho, que além do denominador comum aos demais neopentecostais relativamente à chamada teologia da prosperidade, prega arduamente a quebra das maldições hereditárias, doutrina que diz ser necessário exorcizar os demônios aderentes nas famílias ou clãs de origem do indivíduo convertido ao cristianismo. Tal doutrina, estranha ao protestantismo, afasta teológica e socialmente os neopentecostais das demais igrejas histórico/tradicionais e pentecostais.

2.4 Campinas – base das missões protestantes

O antigo pouso de tropeiros que iam e vinham das regiões de Goiás e Cuiabá em direção da Vila Jundiá era conhecido por volta de 1730 como “Campinas do Mato Grosso”. Autorizado por um ato governamental datado de 27 de maio de 1774, Francisco Barreto Leme instala um núcleo de povoamento que recebeu o nome de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição.

O povoamento, então sob a nova denominação de São Carlos, é desmembrado da Vila Jundiá (atual município de Jundiá) em 1797. Em 1842 recebe oficialmente a denominação de Campinas, nome consagrado e de uso corrente pela população, ao tempo em que é elevada a categoria de cidade. Daí até 1924 com a criação do município de Vila Americana (posteriormente “Americana”) por desmembramento de Campinas, o município abrangerá uma área territorial ocupada pelos atuais municípios de Americana, Cosmópolis, Nova Odessa, Paulínia, Sumaré e Valinhos. (IBGE, 2009). Por um breve período, Santa Bárbara D'Oeste fez parte do município de Campinas (23/01/1844 até 02/03/1846). Os sucessos iniciais das estratégias do protestantismo de missão confundem-se com a história de Campinas, principalmente na segunda metade do século XIX. É nessa região que o protestantismo de imigração, principalmente norte-americana, assentará as bases para o protestantismo de missão norte-americana.

É preciso reconhecer que o protestantismo também fincou bases missionárias na região de Piracicaba. Dessa forma, o eixo Campinas-Piracicaba transformou-se no principal centro irradiador do protestantismo de missão em terras brasileiras.



Figura 4 - Mapa atual dos municípios da região Campinas/Piracicaba (adaptado) (IBGE, 2009)

A segunda parte do século dezenove será aquela que testemunhará mudanças na mancha urbana da cidade de Campinas, com a transformação de uma sociedade de mentalidade agrária escravocrata, em uma sociedade aburguesada em razão dos novos interesses provocados pelo capital excedente que flui dos empreendimentos lavoureiros, principalmente do café, em direção de oportunidades fabris e de comércio. É a quadra histórica em que a alma coletiva das elites deseja expurgar, esconder e esquecer uma Campinas “caipira” e provinciana para poder exibir-se pelas ruas de uma cidade reformatada nos moldes de seus conceitos de modernidade. Já se disse alhures que o capital age como as aves de arribação que sem desapego abandonam seu local de estada transitória em busca de pousio em outra praça que lhes proporcionem melhores oportunidades de exploração com o menor custo possível, visando seu crescimento e multiplicação.

O modelo escravocrata foi útil para o capital, mas tornou-se empecilho às pressões da *auri sacra fames* instalada naqueles que passaram a disputar o poder local, agitando bandeiras “modernas” contra a escravidão, a monarquia e seu poderoso e paquidérmico centralismo burocrático. A monarquia será o ícone que representa o antigo e retrógrado que em-

perra uma modernidade então idealizada como o futuro vivido não mais com “jeito da roça”, mas no espaço urbano que passa a ser refeito com novas dinâmicas de relações sociais, costumes, cheiros (ou ausências), sons, luzes, velocidades, construções e o mais que se possa destacar para delinear um novo quadro de cidade composto de colagens contrastantes, no sentido de se encontrar o novo e moderno que desloca e apaga o passado. As aspirações da burguesia cafeeira campineira em ascensão eram de cunhos europeizados e modernizantes que tornam Campinas na década de 1870, a “capital agrícola da província”. Essa burguesia era formada por uma inteligência local de, entre outras categorias, jornalistas, médicos e advogados, então profissionais liberais (muitos deles imigrantes) duplamente cidadãos e fazendeiros (LAPA, 2008, p. 20). Um setor dessa burguesia, os liberais, flerta com o modelo republicano norte-americano como padrão de construção de nação a ser seguido.

A Campinas dos “Barões do café”, expressão que se consagra para descrever os grandes proprietários rurais que recebiam títulos nobiliárquicos não hereditários por parte da monarquia brasileira ou aqueles sem títulos de nobreza, mas que passaram a fazer parte da elite econômica cafeeira está ávido de conhecimento e possível consumo de tudo o que se possa entender como novidades vindas da Europa e Estados Unidos, da última moda parisiense até conjuntos de maquinarias inglesas e norte-americanas.

São produtos europeus, são formas de comportamento, linguagens, hábitos, visão do universo, símbolos e padrões, educação e disciplina dos sentidos, que os moradores da cidade, vale dizer, a aristocracia e a alta e média burguesia, reproduzem e conferem à própria cidade. Ser moderno no caso é ser republicano e abolicionista, imigrantista e amante do progresso, higiênico e sintonizado com o que ia pela Europa e Estados Unidos, considerados modelares para serem transplantados, em muitas de suas soluções e costumes, para Campinas, então cenário ou protagonista de movimentos que aceleravam a sua velocidade histórica, redistribuíam seu espaço, tornavam suas noites mais claras e melhor aproveitadas, alterando suas formas de utilização das horas diurnas, a qualidade de vida, o viver na cidade enfim (LAPA, 2008, p. 19).

Ouvimos muitas vezes falar em Campinas sobre seus “Barões”, mesmo porquê ainda existem exemplares de imóveis preservados dos “solares” de alguns desses nobiliarcas. Já ouvimos também a utilização da expressão jocosa e desdenhosa de “Barão”, “Barão falido” ou “Barão falido do café”, para designar pessoas com empáfia ou que vivem com uma aparência acima de suas posses ou mantêm uma fleugma apesar da falta de erário. Os Barões fazem parte da história, da memória e da cultura campinense. Compusemos uma lista desses

nobres à brasileira e de origem campineira, baseada em uma compilação de Agnelo Rossi, com o objetivo de demonstrar que os Barões do Café não estão apenas no folclore popular, mas dado seu expressivo número, formaram uma camada diferenciada na sociedade de então (ROSSI, 19-- , p. 24-27). Dessa elite com uma maioria de homens, pontuam-se três mulheres.

	TÍTULO NOBILIÁRQUICO	NOME
1	BARÃO DE ALMEIDA LIMA	Major Manoel Bernardino de Almeida Lima
2	BARÃO DE ANHUMAS	Manoel Carlos Aranha
3	BARÃO DE ATALIBA NOGUEIRA	<i>nihil</i>
4	BARÃO DE ATIBAIA	Joaquim Antonio Arruda
5	BARÃO DE CASCALHO	José Ferraz de Campos
6	BARÃO DE DESCALVADO	José Elias de Toledo Lima
7	BARÃO DE IBITINGA	Joaquim Ferreira de Camargo Andrade
8	BARÃO DE ITAPURA	Joaquim Policarpo de Sousa Aranha
9	BARÃO DE ITATIBA	Joaquim Ferreira Penteadó
10	BARÃO DE MELO E OLIVEIRA	Luís José de Melo e Oliveira
11	BARÃO DE MONTE MOR	José Bonifácio de Campos Ferraz
12	BARÃO DE PARABIACABA	Joaquim Celestino de Abreu Soares

13	BARÃO DE PIRAPITINGUI	José Camargo de Sousa
14	BARÃO DE PORTO FELIZ	Cândido José de Campos Ferraz
15	BARÃO GERALDO DE RESENDE	Geraldo Ribeiro de Sousa Resende
16	BARONESA DE DOURADO	D. Amália Carolina de Oliveira
17	CONDESSA DE PINHAL	D. Ana Carolina de Melo Oliveira de Arruda Botelho
18	MARQUES DE TRÊS RIOS	Joaquim Egídio de Sousa Aranha
19	VISCONDE DE INDAIATUBA	Joaquim Bonifácio do Amaral
20	VISCONDESSA DE CAMPINAS	D. Maria Luísa de Sousa Aranha

Figura 5 – Titulação nobiliárquica campineira

A vida agora se vive na cidade em urbanização crescente e não mais no isolamento pouco exigente e auto-suficiente do campo, proporcionado pelos grandes estabelecimentos agrários, o que implica na busca de soluções e oportunidades para suprimento das demandas urbanas não totalmente resolvidas com as importações, abrindo espaço para uma industrialização local erguida com os excedentes de capitais cafeeiros ou via banqueiros ingleses.

A introdução da indústria em Campinas, com manufaturas e fábricas ligadas à agricultura (máquinas e implementos agrícolas), ao vestuário (chapéus), à iluminação doméstica (velas de cera e à construção civil (olaria), quebra ainda mais a auto-suficiência rural dos engenhos e fazendas de café e contribui para a difusão de usos que só a produção em escala permitia (LAPA, 2008, p. 23).

As famílias campineiras em ascensão econômica, agora se apropriam do espaço urbano para nele conviver em novos moldes de interação social e de forma muito mais próxima dos que se permitia nas relações da vivência do campo. Mas no espaço urbano nasce a impossibilidade de não se viver sem a presença e olhar dos homens livres pobres (nacionais dentre os quais ex-escravos e muitos estrangeiros) e dos escravos (duplamente na condição de escravo e pobre). Na fazenda os escravos que se viam estavam sob o rígido controle da família senhorial que podia determinar o grau de relacionamento com estes, isto é, podiam vê-los se, quando e como queriam, mas na cidade esta mesma família ainda de trato senhorial não tinha controle sobre a multidão de escravos desconhecidos que transitavam nos espaços urbanos, fora os já comentados pobres livres nacionais e estrangeiros. O poder público no âmbito municipal, obviamente composto das elites com mentalidades em transição de agrária para burguesa, irá normatizar através da inserção de normas oficiais e uma série de posturas com o intuito de “civilizar” a cidade e “empurrar” a pobreza visível para as periferias, invisibilizando-as e inviabilizando-as. O ocultamento da pobreza se fazia necessário por não coadunar com a suposta higiênica boa aparência dos novos ares de modernidade e assim o fazendo aplicava-se o travamento das eventuais possibilidades de liberdade de ação e desenvolvimento dos pobres. “O que se verifica em Campinas, como de resto em outras cidades que viveram processo semelhante, é que existe mais de uma cidade num convívio forçado.” (LAPA, 2008, p. 124). Modernidade implicava regular o convívio com a pobreza visível. Quanto aos escravos e os pobres livres (nacionais e estrangeiros),

o processo de modernização da cidade exigirá desses dois segmentos deslocamentos e confinamento espacial, enquanto ficam sob a mira de um controle social e disciplinador da vida pública e privada, dadas as novas normas burguesas e capitalistas que se impõem à população, procurando racionalizar o uso do espaço, ao discriminar de maneira mais acentuada as desigualdades nos níveis de renda e social, introduzir e/ou regulamentar normas de higiene, moral, mobilidade, desodorização, sonoridade, atividade profissional, comércio, lazer, etc. Portanto, o poder investe nesse processo de normatização da vida urbana, procurando introduzir padrões e comportamentos que implicam numa racionalidade individual e coletiva [...] Esse progresso, é claro, atingirá de alguma maneira os homens livres e os escravos e por ele todos pagarão um preço (LAPA, 2008, p. 28).

Em razão de uma época em que são obrigados a conviver o baronato cafeeiro e sua família com os mendigos, migrantes, imigrantes, pobres e desconhecidos em geral, a cidade passa a regrar essas últimas categorias de pessoas. Organiza-se a paisagem e a natureza - o gás de queima brilhante substitui o bruxuleante lampião e assim o tipo de convívio das pes-

soas à noite. O trem leva e trás notícias recentes, os cavalos são impedidos de serem amarrados nas portas das casas e árvores, o bonde puxado por burros vai encurtar as distâncias dos arrabaldes e permitir velocidade e maior circulação de pessoas, os vendedores são impedidos de vender mercadorias a céu aberto ou carnearem animais em qualquer lugar para venda à população, os condutores de carros (carroças e tálburis) são obrigados a tirar uma licença na prefeitura e na Delegacia de Polícia. Regulou-se a edificação e uso das inúmeras cocheiras que existiam na cidade.

A lógica capitalista, ao propor a ordem burguesa à sociedade, criava uma nova maneira urbana de ser que exigia justamente a correspondência na produção industrial de novos bens, usos e materiais. A questão das cocheiras e estábulos era, assim, mais um golpe bem assentado, que, numa cidade como Campinas, caía sobre a sociedade senhoril escravista de origem rural, que ao urbanizar-se construiu o seu mundo com menos higiene e velocidade e com mais ostentação e etiquetas (LAPA, 2008, p. 133).

Em 1863, os carroceiros que circulavam pela cidade em deslocamento particular, tarefas do comércio ou carretos, foram proibidos de dar estaladas de chicote nos animais, dirigir injúrias aos transeuntes, bem como deveriam conduzir a pé esse transporte em um passo vagaroso. As igrejas também foram “enquadradas” em sua produção de ruídos, pois a quantidade e dobres dos sinos foram regulamentados em 1873, limitando a três o número de dobres por ocasião de falecimento (um pela morte e dois pelo enterro), fato esse que impedia que essas homenagens ao *de cuius* de maior posse em vida, ocorressem com um badalar de sinos de maior frequência e altura.

De qualquer maneira, temos outras evidências de que a ordem burguesa implica também no controle dos sons e ruídos da cidade. Se é sobretudo nos espaços públicos que se confundem algazarras, vozerio e alarido, apitos, pregões e buzinas, era preciso contê-los em nome da tranquilidade e do decoro. Para evitar uma poluição sonora, capaz de irritar os delicados ouvidos da aristocracia e da burguesia bem-compostas, nem a igreja escapava das posturas (LAPA, 2008, p. 135).

É interessante assinalar que, desde 1992, em razão de determinação do vigário da Catedral Metropolitana de Campinas, tocam-se apenas três dos cinco sinos lá instalados, em razão de reclamações da população vizinha quanto aos repiques de chamada à missa dominical, falta de preparo físico daqueles que deveriam subir o campanário e cuidados quanto à

estabilidade dos sinos. “Com essa decisão interrompeu-se um costume centenário, perdendo os sinos muito de suas funções sociais.” (LAPA, 2008, p. 138).

O “Almanak da Província de São Paulo para 1873” elenca uma série de igrejas e irmandades católicas sob a rubrica de “culto público”. Os clérigos são identificados como “vigário” e cada nome é acompanhado do título de “Padre”. Assim, abaixo da expressão “culto público” consta: Vigário da Vara – Padre Francisco de Paula Lima, Praça do Comércio, em Santa Cruz. Ao final da numerosa descrição de clérigos, igrejas, irmandades e respectivos benfeitores, os autores do “Almanaque” listaram um subtítulo (no singular): Igreja Protestante. Abaixo desse subtítulo constam, “pastores evangélicos”. Aí são apresentados os seguintes nomes: G. Nash Morton, Rua do Comércio, 153; Edward Lane, Rua do Comércio (LUNÉ, 1985, p. 322-324). Tais clérigos não receberam o título de Pastor ou Reverendo antes no nome, embora reconhecidos como “pastores evangélicos”. Não foi nominada qual igreja protestante estava presente em Campinas em 1873, mas seus pastores foram reconhecidos como “pastores evangélicos”. É de longa data a identificação de protestantes não apenas como “protestantes”, mas como “evangélicos”. A igreja e o culto protestante não eram reconhecidos formalmente na cidade de Campinas, mas já faziam parte da sociedade local. A presença do O “Almanak” não faz referência a nenhum culto protestante por parte dos alemães protestantes que já formavam uma comunidade visível em Campinas, inclusive gerenciando o enterro de seus mortos e de outros protestantes. Ao nomear as “sociedades, subitem: promotora da instrução”, consta a sociedade “Alemã de Instrução e Leitura” com os seguintes dados:

Presidente João Ziegler, Santa Cruz; Secretário, Germano Scheibel, Rua do Regente Feijó; Caixa, Jacob Bollinger, Rua do Góes, 13. Conta 75 sócios. Sustenta uma escola frequentada por 50 alunos. Tem uma biblioteca de 600 volumes. O cemitério dos protestantes pertence-lhe (grifamos) (LUNÉ, 1985, p. 326).

Mais à frente, sob o título de “Escolas para o sexo masculino” consta:

Alemã, dirigida por Veumann, Rua do Regente Feijó. Ensina a ler, escrever, contar, gramática nacional e alemã, geografia, aritmética, geometria e moral evangélica. É custeada pela sociedade alemã Instrução e Leitura. Tem 50 alunos (grifamos) (LUNÉ, 1985, p. 331).

Para título de comparação com a cidade de São Paulo, apresentamos a seguir as anotações dos autores do “Almanak” em relação ao “culto evangélico”.

Culto evangélico/igrejas:

A Presbiteriana – Foi estabelecida em 5 de março de 1865, pelo Pastor A.L. Blachford (*sic*), em a Rua de São José n.1, onde continua a celebrar as funções de seu culto. Pastor atual, G.W. Chamberlain.

The protestant evangelical church – Foi formada pela união de varios membros da comunidade anglicana e outros dissidentes. O templo é o que está sendo edificado no terreno da Chácara Campo Redondo, que foi generosamente cedido para tal fim pelo Barão de Mauá. Pastor atual, J. I. Lee.

A Alemã – Foi organizada pelos alemães residentes na Capital, em 1º de novembro de 1871. A sala de suas sessões é na Ladeira de São Francisco nº 6. Pastor atual, Revd. Krochne (itálicos no original) (LUNÉ, 1985, p. 110).

Das três únicas igrejas protestantes em São Paulo no ano de 1873, duas eram ligadas a imigrantes: ingleses e alemães. Os alemães tinham uma “sala de sessões”, mas os ingleses estavam construindo um “templo”, mesmo com a proibição legal para esse tipo de edificação.

Vaticinou o diplomata suíço von Tschudi em suas andanças na década de 1860 pela região que “Campinas está fadada a ser a segunda cidade da Província” (TSCHUDI, 1976, p.174), mas para isso Campinas precisou enfrentar as refregas provocadas pelas sucessivas epidemias. No período final do século XIX e início do século XX, existia um espírito de emulação entre a cidade de São Paulo e a cidade de Campinas, pois esta, “era rival declarada de São Paulo” (MORSE, 1970, p. 248). Na segunda metade do século XIX, ocorreram em Campinas epidemias de febre amarela em 1889 (esta com mais de mil mortos), 1890 (787 mortes), 1892, 1896 (787 mortes) e 1897 (694 mortes), varíola (1855 e 1875), além de endemias da cólera que obstaculizaram a modernização da cidade, com reflexos na população, desorganizando temporariamente o desenvolvimento urbano e entre outras coisas, diminuindo o fluxo migratório, cuja retomada somente ocorreu na década de 1890, após amplos melhoramentos urbanísticos como, drenagem de pântanos, arruamento e calçamento,

instalação de rede de esgotos e águas pluviais, limpeza de ruas e outras medidas de caráter sanitário (LAPA, 2008, p. 259).

O resultado dessa primeira grande crise urbana fez-se sentir no reordenamento da organização e ocupação do espaço, na disciplina da circulação, em novas orientações arquitetônicas e até mesmo nos comportamentos individuais e coletivos (LAPA, 2008, p. 266).

Inventado em 1875 por Graham Bell, o telefone já seria utilizado pelos campineiros no ano seguinte, sendo que em 1884, organiza-se a Empresa Telefônica Campineira em uma rede de 54 assinantes constituída principalmente de profissionais liberais e comerciantes que já usufruíam de introduções tecnológicas como a iluminação a gás (1872) e outras que logo se agregaram aos equipamentos urbanos, tais como luz elétrica e água encanada, deslocamentos por bonde elétrico e exibições públicas do cinematógrafo dos irmãos Lumière (LAPA, 2008, p. 30).

Essa Campinas eufórica e em ebulição derrubava as velhas construções para assentar residências dos velhos e novos ricos, casas comerciais, indústrias, nosocômios e instalações para a máquina pública. Nesse espaço atuam diversos profissionais nacionais e estrangeiros alimentados com o dinheiro da economia local os quais serão responsáveis pela alteração concreta da paisagem de uma Campinas que, “num movimento sequencial, vai deixando de ser colonial para tornar-se senhorial (1850) e mais tarde (1870) quando deixa esta condição para tornar-se burguesa.” (LAPA, 2008, p. 42).

O espírito da futura república dos bacharéis já pairava sobre Campinas. Os filhos dos bem nascidos em busca de formação profissional e *status* realizavam seus estudos de nível superior no Brasil (que possuía poucos centros de formação) ou no exterior, visando o bacharelado em três áreas do saber, quais sejam: direito (visando às carreiras jurídicas), medicina e engenharia. Quem não quisesse ser “doutor” poderia optar pela carreira do oficialato militar (o engenheiro “civil” existe por oposição ao engenheiro “militar”). Um desses bacharéis em especial, terá seu nome vinculado às mudanças espaciais de duas cidades, Campinas e São Paulo. Após sua formatura na Bélgica, Ramos de Azevedo abre um escritório em Campinas e do período de 1869 até mudar-se para São Paulo em 1896, dedica-se às construções de prédios públicos e privados, (entre estes se destacam os “palacetes” dos novos ricos).

um dos introdutores por excelência dessa monumentalidade, em termos locais, que faltava à cidade, foi o arquiteto Ramos de Azevedo. Muitos de seus prédios passam essas sensações que o majestático produz e que ganhavam outras dimensões em uma cidade provinciana, sendo capazes de intimidar e/ou deslumbrar a quem vê, a quem deles se aproxima, a quem neles penetra ... no período em que atuou em Campinas, a modernidade instala-se e cresce na cidade, tendo encontrado nele uma contribuição decisiva. Em sua atuação profissional, conseguiu mediar a transição de ambas as ordens sociais nas quais viveu, a senhorial e a burguesa, servindo, como convinha, a monarquistas e a republicanos (LAPA, 2008, p. 36).

As edificações de Ramos de Azevedo refletem uma ostentação vulgar, sem um estilo definido, mas claramente ostentatório, bem ao gosto da classe enriquecida em mudança para a cidade. Os próprios palacetes da era “Ramos de Azevedo” prestavam-se a expressar um “modo de vida” que acabou por ser “exportado” para a capital da Província.

Mais engenheiro do que arquiteto, mais empreendedor do que engenheiro, Ramos de Azevedo, com seus associados, estabeleceu sobre o gosto dos paulistanos uma ditadura que só começou a declinar depois de 1920. Seu “estilo” era despretençioso, sem nobreza, de imitação, e melhor descrito como ecletismo promíscuo com tendências à Renascença. Em dezenas de palacetes e edifícios públicos a cidade traz ainda a sua marca (aspas no original) (MORSE, 1970, p. 257).

O código de Posturas da municipalidade, editado em 1880, vai procurar modificar a paisagem urbana da cidade inserindo uma normatização de embelezamento das edificações públicas, privadas e espaços urbanos como ruas e praças, bem como é introduzida a palavra *avenida* para novas ruas de maior largura que as habitualmente tínhamos a velha cidade colonial, em uma adequação das necessidades de expansão urbana.

É a identificação da cidade burguesa e o seu melhor aproveitamento e preparo para o futuro. Agora, não mais uma cidade de senhores e escravos, mas de patrões e empregados, que precisavam todos, dentro dos princípios da nova ordem, educar os seus sentidos e exercitar-se para o uso das novas formas de convívio social e doméstico que a cidade passa a oferecer-lhes. À pessoalidade que ainda vigorava, vinda da Campinas colonial e senhorial, sucedia agora a impessoalidade das relações sociais numa aglomeração urbana que se ampliava e diversificava (LAPA, 2008, p. 48).

As relações entre a *intelligentia* liberal republicam interiorana paulista e a monarquia sempre foi conflituoso, mormente o fato de que a derrota no combate da Venda Grande restava viva na lembrança dos republicanos. Estes aprenderam a conviver em uma espécie

de *aggiornamento* com o poder central, muitas vezes apupando a pessoa do monarca ao tempo em que gestavam uma melhor oportunidade de derrubá-lo. Elevavam-se loas ao imperador enquanto nas coxias tramava-se o solapamento das bases do Império Brasileiro. Tendo sido entronizado com 14 anos de idade por antecipação de sua maioridade, D. Pedro II iria enfrentar apenas dois anos depois uma revolta das elites liberais. O Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, ex-presidente da Província de São Paulo manobra por uma revolução que destitua o então Presidente da Província, o conservador Barão de Monte Alegre. Em 7 de julho de 1842, um corpo desprevenido de tropas revoltosas é surpreendido nas proximidades do atual Aeroporto dos Amarais em Campinas em um local então conhecido como Venda Grande. Em maior número e melhor equipadas, as tropas despachadas da capital da província pelo futuro Duque de Caxias, desbarata os revoltosos acantonados e coloca um fim na revolução. “Entre as convicções defendidas pelos revoltosos se encontrava a liberdade do indivíduo contra o autoritarismo de D. Pedro, o funcionamento de uma Constituição liberal, além da liberdade de atuação dos representantes do povo através do funcionamento da Câmara dos Deputados.” (CLARK, 2005, p. 56).

A revoltosa Campinas recebeu a primeira visita do jovem imperador poucos anos após o cruento embate da Venda Grande. Foi com dificuldade que em 1846 se encontrou uma residência na Campinas ainda colonial para a hospedagem do ilustre visitante, ainda assim com a intervenção de adaptações e reformas. Mal se encontraram lugares para a comitiva e os inúmeros visitantes que a cidade recebeu, atraídos por essa visita real. O Imperador retornou mais quatro vezes em Campinas, respectivamente em 1875, 1876, 1878 e 1886, apenas três anos antes da queda no regime monárquico. Suas visitas eram motivadas por inaugurações de ferrovias, indústrias, edifícios públicos como hospitais e escolas, bem como fazendas de produção de café (LAPA, 2008, p. 87).

Processada de uma maneira lenta e tradicional, a mecanização da lavoura cafeeira local [...] na base do pilão e do carretão, sofre uma revolução ao ser empregada em maior escala através dos implementos introduzidos a partir de 1866 pelos imigrantes norte-americanos que vieram estabelecer-se no município. Com os resultados que alcançaram esses colonos no trato agrícola, em termos de produção, produtividade, qualidade do produto beneficiado, economia de custo e mão-de-obra, bem como ainda de força animal, os produtores brasileiros e estrangeiros de café passaram a introduzir o uso do mesmo instrumental agrícola em suas lavouras, o que não demorou em modernizá-las na maioria das fases em que implica a cafeicultura (LAPA, 2008, p. 109).

Ao final do império brasileiro, é perceptível a coexistência de inúmeros imigrantes na cidade, como se denota pelo relato da presença de corporações musicais e escolas, muitas delas vinculadas às suas colônias de imigrantes, quando da última visita do Imperador D. Pedro II por Campinas.

A comitiva imperial desfilou festivamente pela rua, entre alas formadas pela Banda de Música Italiana, Sociedade 14 de Juillet, Hespanhola Mendez Nunez, Alemã Concórdia, Beneficente Lidgerwood, Oito de Julho, Clube Mac-hardy com seu estandarte e os operários dessa indústria com bandeiras, Confederação italiana com sua escola, Beneficente Arens, Banda Camões, Germania, Portuguesa de Beneficência, Escola Corrêa de Mello, Circolo Italiano Uniti e suas escolas, alunos do Asilo de Órfãs da Santa Casa, Colégio Culto à Ciência, [...] escolas alemãs, Escola Luiz de Camões, Escolas Ferrara e escolas públicas de ambos os sexos (LAPA, 2008, p. 51).

A indústria Mac-hardy foi inaugurada em 1875, propriedade do inglês Guilher Mac-hardy com uma “fundição e fábrica de máquinas agrícolas [...] que espalhou máquinas agrícolas para o cultivo do café e desenvolvimento da lavoura” (ROSSI, 19--., p. 15).

O mesmo autor acima citado faz referência a um só tempo ao grande número de imigrantes em Campinas, e em especial à participação do contingente imigratório norte-americano e sua influência na agricultura e educação.

Entre estes estão os norte-americanos do sul que se localizaram em Santa Bárbara, dando origem a Americana. Eram protestantes, lavradores de algodão, que introduziram o arado e a produção de melancias. Mas nos legaram escolas, tipo americano, como o famoso Colégio Internacional, transferido depois para Lavras (Minas Gerais), hoje denominado Instituto Gamam (*sic*) (ROSSI, 19--., p. 16).

Veja-se que esses imigrantes sempre foram percebidos como “protestantes” e que seus relacionamentos sociais ocorriam dentro da área geográfica Campinas-Piracicaba, mas inicialmente Campinas. Não veio plantar café, mas reproduzir seus modos de vida sulista, inclusive sua religião e a *expertise* agrária. Daí a opção pelo algodão e melancia, antes do café que já abundava ao redor. Americana e Santa Bárbara D’Oeste são atualmente, importantes polos industriais têxteis. É fácil imaginar que a maquinaria agrícola (importada ou montada no Brasil) desses imigrantes ao produzir avanços produtivos no campo, logo foram adaptados para o cultivo do café.

O surgimento do Colégio Americano em Campinas, pertencente aos “protestantes e americanos” ocorre ainda no contexto dessa imigração, mas já quando o interesse era pelo proselitismo entre brasileiros das elites campineiras e posteriormente das elites piracicabanas. Nesse momento, os missionários norte-americanos já não imigram para o Brasil para fugir da pobreza oriunda da guerra fratricida e nem pensam em se ligar ao cultivo do campo. Estão aqui para a inserção do protestantismo, expressão preferencialmente utilizada por Mendonça (grifo nosso) (1995, *passim*). Nesse momento histórico e social, a colônia norte-americana espalhada entre Campinas e Piracicaba, passa apenas para a função de abrigo cultural para os missionários e missionárias. Mesmo essa função torna-se supérflua com o passar do tempo, pois estes e suas famílias (das igrejas e missões), principalmente após a Proclamação da República, passam a atuar cada vez mais nos núcleos urbanos longe da colônia norte-americana. Essas formações urbanas serão as novas cabeças de ponte para se alcançar o capilar Brasil rural e seus “homens livres e pobres”, mais ou menos fora tanto do sistema econômico como do religioso, cuja prática religiosa autônoma girava em torno do folclore ibero-católico (aspas no original) (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 136)’.

A religião erudita dos protestantes se apresenta inicialmente através dos colégios de formação para as elites urbanas liberais, mas irá encontrar espaço entre a camada pobre da população: “como religião, o protestantismo só encontrou espaço para sua inserção na camada livre e pobre da população rural, dadas as suas condições de vida e as características do seu campo religioso” (MENDONÇA, 1995, p. 230).

Na penúltima visita a Campinas e entre 14 e 17 de setembro de 1878, D. Pedro II cumpre um roteiro de diversas visitas que incluem as colônias de imigrantes de Sete Quedas e Saltinho, bem como uma visita pessoal ao Rev. George Nash Morton, presbiteriano fundador do Colégio Internacional. “Após visitar as colônias de imigrantes estrangeiros do município, voltou à cidade, onde esteve em dois colégios [...] Trata-se do Colégio Culto à Ciência (Culto a Sciencia) e Colégio Internacional, do reverendo George Nash Morton.” (LAPA, 2008, p. 100). Os mesmos presbiterianos foram objeto de duas deferências especiais do imperador em sua última passagem pela cidade. “Antes de se recolher, o Imperador recebeu os diretores do Colégio Internacional que lhe ofereceram os estatutos do estabelecimento ricamente encadernado, convidando-o a visitá-lo.” (LAPA, 2008, p. 92). Posteriormente o Imperador, entre outras visitas a escolas, fez uma visita nesse estabelecimento de ensino construído com tijolos da primeira fábrica desse produto que substituiu o barro das constru-

ções e que pertencia ao diretor Dr. Eduardo (*Edward*) Lane (LAPA, 2008, p. 105). Conforme nota publicada no *The New York Times* em 3 de janeiro de 1882, Lane e esposa, além da missionária Charlotte (Carlota) Kemper retornaram de uma viagem aos EUA para a Missão Presbiteriana de Campinas. Essa missionária antes de trabalhar no Brasil, já exercera a função de professora em um seminário presbiteriano, com uma experiência docente de dez anos no estado norte-americano da Virgínia em matemática e latim. Era prima de um ex-governador desse estado e irmã de um professor universitário (*WOMAN*, 1882).

Provavelmente, Charlotte Kemper foi uma das interlocutoras do Imperador no Colégio Internacional. Observamos que os presbiterianos investiram em enviar ao Brasil missionário altamente gabaritado academicamente falando, nesse caso, uma mulher. Kemper é apenas um exemplo dentre inúmeros de mulheres norte-americanas que, após prepararem-se em seminários teológicos com complemento em outras áreas do saber, embarcam como missionárias para o Brasil.

Nesse momento do movimento missionário protestante norte-americano no Brasil, as mulheres não exerciam funções clericais, mas eram tão missionárias quanto os pastores. Estas eram referenciadas como *Miss* ou *Mrs* (sim, em inglês) e, caso lecionassem, Professora “Fulana”. No tratamento formal, conforme costumes norte-americanos e europeus utilizam-se o nome de família. Já os pastores eram referenciados como *Mr*, Pastor, Reverendo ou Dr e claro, Professor “Ciclano” caso exercesse o magistério. Está aí uma sutil diferenciação no tratamento em relação às mulheres missionárias estrangeiras e posteriormente às autóctones. Os homens recebem as deferências clericais e as mulheres não. Homens clérigos podem ser “Doutor”, as mulheres não. Homens proferem sermões e palestras, as mulheres não. As principais funções das mulheres missionárias nesse contexto eram militares como educadoras cultas para as elites liberais compradoras dos serviços educacionais. *Mutatis mutandis*, faziam às vezes das freiras católicas nos educandários católicos.

Voltemos à visita do Imperador:

Em seguida foi ao Colégio Internacional, fundado em 1872, mantido por uma associação americana, cujos cursos primários e secundários, eram frequentados por 93 meninos e meninas. Era diretor o Dr. Flamineo Augusto Rodrigues, e professores Emilio Henking, Alvaro dos Reis e Luiz Antonio Dias, sendo diretora a prof^a. Carlota Kempe e professoras Catharina Kesse e Francisca Ferraz da Cunha. Ali se preparavam alunos para as academias (faculdades) (LAPA, 2008, p. 98).

A educadora Charlotte Kemper posteriormente assumiu a diretoria do colégio presbiteriano instalado em Lavras. Nesse local, Léonard reporta ter essa missionária passado por duas situações que, para nós, refletem o clima de desconhecimento das camadas populares sobre quem eram os protestantes, bem como a “guerra psicológica” que se disseminava entre protestantes e católicos. Dizia-se que o dinheiro dos protestantes provinha do diabo e virava carvão quando passado para frente, isto é, circulasse. A empregada de um pároco católico local ficou olhando a possível transformação do dinheiro em carvão quando Charlotte Kemper foi efetuar uma compra em frente da sua casa. Como não aconteceu o “milagre” da transformação do dinheiro em carvão, a explicação feita pelo pároco à sua empregada foi que o dinheiro já tinha sido abençoado por ele anteriormente. De outra feita, Kemper precisou descalçar os sapatos para mostrar que não possuía pés bifurcados assemelhados aos bodes e, portanto, “diabólicos” (LÉONARD, 2002, p. 120).

De forma diferente de outros missionários protestantes que passaram por Campinas, na qualidade de colportores e “olheiros” sobre as oportunidades de implantação de igrejas, os clérigos presbiterianos Edward Lane e George Nash Morton estabeleceram-se em Campinas com o propósito claro de estabelecer o protestantismo de marca presbiteriana. Para isso foram suportados oficialmente pelos presbiterianos do sul dos EUA (comitê de Nashville), com a proposta de “uma reforma profunda nos cânones de comportamento do sistema religioso, segundo o modelo da Reforma do século XVI: sacerdócio universal dos crentes; justificação pela fé, sem as obras da lei; a Bíblia como única regra de fé e prática” (RIBEIRO, 1973, p. 138).

O primeiro, nascido em Dublin (Irlanda), formou-se na *Oghethorpe University* (Geórgia) e combateu pelo lado sulista na Guerra de Secessão como auxiliar de cirurgião. O segundo formou-se bacharel em artes pelo *Hampden-Sidney College* (Virgínia) e também se juntou às tropas sulistas. Foram contemporâneos nos estudos teológicos realizados no *Union Theological Seminary of Virginia* (ALBINO, 1996, p. 44). Talvez como fruto de suas experiências militares, essa dupla de missionários ilustrados e bem articulados entre si, traça uma estratégia clara: através de uma instituição oficialmente não religiosa atingiriam primeiramente as elites da cidade e, “para tanto, contatam elementos significativos da sociedade campineira a fim de manter uma política de gentileza que em um futuro próximo a eles seria necessária” (ALBINO, 1996, p. 71). Paralelamente, com os recursos disponíveis iriam implantar definitivamente o presbiterianismo.

Com a devida licença pelo anacronismo, Morton e Lane estabelecem diretrizes de marketing para o empreendimento religioso, pois com a escola, “mesmo não sendo um colégio tipicamente a serviço do proselitismo, teriam eles a oportunidade de formar cidadãos brasileiros marcados por uma moral protestante” (ALBINO, 1996, p. 71), sem ostentar em sua denominação social escolar nenhum indicativo complementar como “protestante”, “evangélico” ou “presbiteriano”, mas de forma simples, moderna e neutra; um simples “internacional”, mesmo porque a legislação impediria qualquer conotação religiosa fora da religião oficial do Estado.

Campinas foi, portanto, o local escolhido por Morton e Lane para instalar a sede do protestantismo, por dispor de uma infra-estrutura econômica interessante e por se encontrar próxima ao núcleo de colonização norte-americana. Depois da aprovação, pela Assembleia Geral Presbiteriana, de seu plano, Morton e Lane se estabeleceram em Campinas, onde fundariam o “Colégio Internacional” e, em seguida, organizaram a Igreja Presbiteriana, em 1870, da qual foram os primeiros pastores (CLARK, 2005, p. 74).

A religião “moderna” se apresentaria na “moderna” Campinas através de uma “cunha” que forçaria espaço na sociedade liberal, isto é, uma escola com técnicas de ensino muito diferentes das outras já estabelecidas, sejam católicas ou particulares. “O conceituado Colégio Internacional, iniciativa dos reverendos George Nash Morton e Edward Lane, que trará novos padrões para o ensino local, inspirados em escolas dos EUA e que foi o primeiro colégio protestante do Brasil.” (LAPA, 2008, p. 172). O colégio prosperou na função de educar as elites liberais e promover o protestantismo. Com a volta do Rev. Morton para os Estados Unidos e a morte por febre amarela do Rev. Edward Lane, o novo diretor da instituição, o também pastor presbiteriano Samuel Rhea Gammon assume a obra de Morton. Este encontra uma Campinas que já não luta por liberdade religiosa e implantação da República. Os tempos são outros e a principal dificuldade é a febre amarela que afasta alunos e professores. Os alunos das elites saem de Campinas para lugares mais protegidos da febre amarela. Alguns professores e missionários também são vitimados pela doença. Daí surge à decisão de transferir o colégio para Minas Gerais.

Com a decisão de transferir seus missionários juntamente com suas atividades religiosas para a cidade mineira em 1892, este estudo entende que o Colégio Internacional não somente encerra suas atividades na cidade, mas também conclui sua história enquanto instituição que tentou, e até

certo ponto conseguiu com sucesso, a formação de um cidadão identificado com o mundo novo que se abria para a sociedade de Campinas (ALBINO, 1996, p. 109).

Tivemos a oportunidade de compulsar, através de uma cópia reprográfica, a “Planta da cidade de Campinas – 1878”, elaborada pelo engenheiro Luis Pucci (1878). Nesse documento, o autor elencou e destacou aquilo que julgou como pontos significativos ou de maior interesse na cidade. Assim, numerou dezoito lugares “importantes” da Campinas de 1878 que entendemos pertinentes de serem reproduzidos e analisados.

Pontos significativos – Campinas 1878	
1	Santa Casa de Misericórdia
2	Mercado Grande
3	Capela de Santa Cruz
4	Gasômetro
5	Matriz de Santa Cruz
6	Mercadinho
7	Cadeia
8	Rink Campineiro
9	Igreja do Rosário
10	Matriz da Conceição
11	Teatro de São Carlos
12	Capela de São Benedito
13	Colégio Internacional
14	Culto Evangélico
15	Colégio Culto à Ciência
16	Hospital Beneficência Portuguesa
17	Estação
18	Cemitérios

Figura 6 – Reprodução da tabela impressa na “Planta da Cidade de Campinas - 1878”

Dos dezoito pontos de referência, observamos a presença de dois estabelecimentos de ensino (números 13 e 15). O autor engenheiro, entre as diversas escolas públicas e parti-

culares de Campinas, optou por destacar um estabelecimento público estadual (Colégio Culto à Ciência) e um particular (Colégio Internacional). É flagrante o fato de que o “Culto à Ciência” ostentava esse nome em face da influência filosófica francesa positivista de Augusto Comte. O positivismo prega o desenvolvimento das ciências como mola propulsora para o progresso da humanidade. Nessa linha entende que desequilíbrios e tensões sociais, obstam a marcha do progresso, daí a necessidade de um clima social de ordem. É função das elites letradas assumirem postos dirigentes para manter a ordem e garantir o progresso. As elites que se formavam nessa instituição de ensino adensavam os quadros liberais e republicanos que terminaram por destronar o Imperador implantando de forma literal o “ORDEM E PROGRESSO” na bandeira brasileira republicana. O segundo estabelecimento observado, o Colégio Internacional, se destacava tanto pela área ocupada quanto pela sua proposta de ensino “moderno”, nos moldes de um padrão norte-americano, em oposição ao ensino religioso oficial. Também abrigou e formou os filhos da elite liberal campineira. Que se tenha em consideração que as escolas públicas tinham mestres para ensino da religião do Estado. Esse “mapa” sob análise nos foi útil para verificar que o Colégio Internacional ocupava uma área (chácara) que se destacava na paisagem urbana da Campinas de então. A área atualmente faz parte da adensada área central da cidade de Campinas, tendo sido cortada por várias ruas. Posteriormente o Colégio Internacional foi transferido para Lavras – MG.

Também nos chama a atenção que, entre dezoito itens “importantes” para o autor em 1878, seis referem-se a locais de exercício religioso (números 3, 5, 9, 10, 12 e 14), dos quais cinco são católicos e um protestante. Dessa forma, só se percebe referência religiosa dessas duas vertentes cristãs e nenhuma outra mais, embora seja certo que existissem outras manifestações religiosas. Os estabelecimentos religiosos católicos são grafados como “capela”, “igreja” e “matriz”. O estabelecimento religioso protestante, é grafado como “culto evangélico”. Para que o “culto evangélico” fosse percebido pelo desenhista dessa planta, inferimos que o local era de alguma forma, destaque na paisagem urbana na Campinas de então. Certamente não havia “placa de igreja”, mas as celebrações cúlitas eram notadas pela sociedade. O local assinalado com o número 14 corresponde ao quarteirão onde está ainda hoje instalada a Igreja Presbiteriana Independente de Campinas, na Rua Luzitana nº 824 – Centro. O trabalho presbiteriano consistente em Campinas começou a ser feito pouco tempo antes da Guerra Civil Americana (1861-1865). O evento imprevisível “guerra” só fez criar condições para o envio de mais missionários.

Passando por aqui o Rev. Ashbell Simonton, pioneiro da obra presbiteriana no Brasil em 1860, possivelmente teria realizado alguma propaganda. É certo que seu companheiro, o Rev. F.J.C. Schneider em 1862 pregou em alemão a alemães e suíços. Entre os anos de 1866 e 1867 esteve em Campinas o Rev. Emanuel N. Pires, e aqui “pregou quatro vezes, com grande admiração”. Estes três eram missionários da igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos (*Board* de Nova York). Sabe-se também que em 1º de novembro de 1867 morreu em Campinas Thomas C. Carter, de Texas, pregador licenciado da igreja Presbiteriana do Sul (dos Estados Unidos). Viera ao Brasil no mês de maio antecedente. Mal tivera tempo de se iniciar na língua, talvez... (reticências no original) (FERREIRA, 1952, p. 383).

Ainda quanto a “Planta da Cidade de Campinas – 1878” parece existir certo cuidado no emprego da expressão “culto evangélico”. Não se utilizou a palavra “igreja” ou “capela”, mas “culto”. Pois bem, verberou o autor certo aprendizado de que a atividade religiosa protestante dá-se pela prática do “culto”. Aprendia a sociedade campineira que a relação cültica coletiva católica ocorre primordialmente na “missa”, enquanto a relação cültica coletiva protestante dá-se primordialmente no “culto”. É ínsito que entre as funções exercidas pelos clérigos cristãos está a de exercer funções pastorais, no que se refere aos cuidados prestados aos fiéis, sejam esses clérigos ortodoxos, católicos romanos ou de linha protestante. Nesse sentido o padre é tão pastor quanto o “pastor” protestante. Em algum momento, por diferenciação, aprendeu-se que o clérigo protestante é chamado de “pastor”. Exceções feitas aos clérigos anglicanos que, em geral, como temos observado no Brasil, recebem bem e com certa condescendência o fato de serem chamados indistintamente de padre ou de pastor. Essa pequena digressão é para observar o fato de que o protestantismo introduzido no Brasil acabou por “ensinar” que os protestantes podem ser chamados de “evangélicos”. À saciedade, dizemos que os cristãos orientais e ocidentais católicos romanos, são tão “evangélicos” quanto os protestantes se utilizarmos o reducionismo de que todos são cristãos. Em algum momento o produtor da “mapa” de 1878 “aprendeu” e reproduziu a expressão “evangélico” para apontar os primeiros presbiterianos de Campinas que, historicamente falando, são protestantes de primeira hora.

O “mapa” do Engenheiro Pucci também não detectou ou assumiu como relevante, os trabalhos dos luteranos que já existiam pelo menos nove anos antes da elaboração desse trabalho cartográfico. Talvez isso tenha ocorrido pelo fato de que os luteranos estavam enquistados em suas redes de relacionamento intra-colônia, não interessando para estes uma projeção na sociedade campineira através de um local de atividade religiosa proselitista. Já os presbiterianos sim, desejavam mostrar-se para a sociedade e projetar seu local de reunião

como um local de culto protestante, com vistas também ao proselitismo. Voltados para a colônia alemã, os luteranos organizaram-se como Igreja em Campinas, em 26 de janeiro de 1893, mas já possuíam um livro de batismo aberto em 1869 (FERREIRA, 1952, p. 385).

Não se pode falar em política partidária, mas é claro o flerte e a opção preferencial desses presbiterianos pela intelectualidade liberal e republicana de Campinas que defendia o “casamento civil, a separação da Igreja do Estado, a secularização dos cemitérios (*bem como criticava*) a prática política dos ultramontanos em tentar impedir as aspirações clássicas do liberalismo (o texto inserido em itálico é nosso)” (ALBINO, 1996, p. 81). É nesse sentido que se torna emblemático o fato de que Morton e Lane contratam em 1874 um dos próceres da República para lecionar no Colégio Internacional, o combativo e já famoso advogado e jornalista Rangel Pestana que, após dois anos de ensino e palestras abertas para a população, abre seu próprio instituto de educação na cidade de São Paulo, nos mesmos moldes do “Internacional” de seu agora amigo Morton (ALBINO, 1996, p. 87).

As duas escolas mais ambiciosas – a Internacional de Campinas, e a Americana (Mackenzie), de São Paulo, depressa puseram os presbiterianos em comunicação com dirigentes republicanos e positivistas. Abrigavam os filhos de próceres políticos e filosóficos – e também os filhos dos fazendeiros do interior convertidos ao presbiterianismo; pastores ali lecionavam, e projetavam de si uma imagem de ilustração e esclarecimento. Ambas as escolas foram visitadas pelo Imperador D. Pedro II. Rangel Pestana escreveu, entusiasmado, os louvores do Colégio Internacional; mais tarde, lecionou na escola presbiteriana de São Paulo (Mackenzie) (RIBEIRO, 1973, p. 150).

A Planta da Cidade de Campinas – 1878, ainda reservou destaque para outros equipamentos sociais que, se o autor fez questão de nomear, deveriam ser importantes para a sociedade local e nos ajudam um pouco a entender aquele cosmo social. O comércio e abastecimento de víveres ocorria no Mercado Grande e no Mercadinho (números 2 e 6). Na saúde pública destacam-se dois nosocômios (números 1 e 16). Se a presença da cadeia (número 7) revela a presença da repressão e ordem pública, o Rink Campineiro (número 8) representa um local de convívio e lazer, tal qual o Teatro São Carlos (número 11). A Estação Férrea garantia a comunicação com outros rincões da Província.

Gostaríamos de destacar do lado esquerdo da “Planta”, a presença de três cemitérios (número 18) na então periferia da cidade. Embora praticamente contíguos, foram bem delimitados no “Mapa”. O menor deles era destinado ao sepultamento de acatólicos, expressão

utilizada para designar qualquer não católico, portanto, não era um “campo santo”. Não vimos na pesquisa, nenhum relato de conflito de sepultamento de não católicos no núcleo urbano de Campinas. Entendemos que essa questão foi solucionada com a destinação do pequeno cemitério para sepultamento dos não protestantes e entrega da administração para uma sociedade de imigrantes alemães. Esses três cemitérios foram removidos em razão da expansão urbana, isto é, implantação da estação e linhas de Estrada de Ferro, nos arredores da Estação Ferroviária de Campinas, atualmente tombada pelo Patrimônio Histórico.

O jornal *The New York Times*, sob o título *Churchs and ministers*, publicou uma nota em 09 de novembro de 1879, relatando a ocorrência de duas igrejas batistas na América do Sul. Uma na Guiana composta de imigrantes chineses e outra na cidade de Santa Bárbara “composta principalmente de imigrantes pós-guerras oriundos dos estados do sul” (CHURCHS, 1879). O mesmo jornal e sob o mesmo título publicou em 02 de outubro de 1881 a seguinte nota da qual transcrevemos parte e em tradução livre:

A Igreja Batista do Sul em Santa Barbara, Brasil recentemente desfrutou um despertamento em que 17 pessoas professaram conversão e duas foram batizadas. Cinco pessoas, duas delas mulheres, vieram de uma distância de 100 milhas para participarem do encontro. A constituição da igreja é composta de imigrantes dos Estados Unidos (CHURCHS, 1881).

A atual Santa Bárbara D'Oeste teve sua origem com a elevação do povoado a Distrito de Piracicaba (então Constituição) em 18 de fevereiro de 1842. O Distrito foi transferido de Constituição para Campinas em 23 de janeiro de 1844. Retornou novamente para a já renomeada Piracicaba em 15 de junho de 1869. Tornou-se município autônomo por desmembramento de Piracicaba no ano de 1944 (IBGE, 2010).

O clérigo metodista Fountain Elliot Pitts fez um giro de aproximadamente seis meses pela América do Sul, tendo desembarcado inicialmente no Rio de Janeiro em 19 de agosto de 1835, ficando por duas semanas nessa então Capital do Império, onde foi acolhido com a apresentação de cartas de recomendação do Presidente da República de seu país Andrew Jackson e do Presidente do Senado norte-americano Henry Clay (BARBOSA, 2005, p. 12).

Da incursão de Pitts, gera-se a primeira tentativa missionária oficial de implantação do metodismo norte-americano no Brasil, que ocorreu em 1836 com a chegada ao Rio de Janeiro do Rev. Justin R. Spaulding que, nesse mesmo ano irá implantar uma escola inicialmente “com vinte alunos, distribuídos entre norte-americanos, ingleses, alemães, sendo

quatro jovens da Ilha de Java” (BARBOSA, 2005, p. 15). No ano seguinte, junta-se à missão o Rev. Daniel Parish Kidder. Essa missão na capital do Império terminou em 1841 sem maiores consequências em termos de adesão religiosa, mas profícua para o colportor Kidder que percorreu o Brasil (inclusive Campinas e região) colhendo e compilando suas múltiplas impressões sobre o país em uma espécie de trabalho de inteligência. “O Rev. Kidder em 1839, como agente da Sociedade Bíblica Americana, e depois em 1855, o Rev. Fletcher visitaram Campinas. Há uma tradição de que este teria sido o primeiro a realizar culto evangélico nesta cidade. Foi ele Secretário da legação americana.” (FERREIRA, 1952, p. 383).

Os missionários Kidder e Fletcher conjuntamente publicaram suas notas sobre o Brasil (NEW BOOKS, 1866). Fletcher também efetuou palestras nos Estados Unidos sobre o Brasil (LECTURE, 1860). O mesmo informou em uma de suas palestras que as princesas imperiais brasileiras, então com 15 e 17 anos de idade e com a devida anuência do Imperador, foram apresentadas com exemplares da Bíblia e do livro O Peregrino (título original *The Pilgrim's Progress*) de John Bunyan (REV, 1863).¹³

O metodismo mapeou o mundo na esteira de duas civilizações em expansão. A britânica, inicialmente informal passando posteriormente para a construção de um império formal no qual o metodismo abriu seus caminhos através de soldados, marinheiros, imigrantes, negociantes e governos coloniais. A segunda, a norte-americana, em um império comercial expansionista, composta de imigrantes de todo o mundo, comerciantes exportadores, educadores e doutores (HEMPTON, 2005, p. 158).

O espírito coletivo norte-americano embebido do destino manifesto, entendia que a auto-percebida civilização superior cristã protestante anglo-saxão deveria ser imposta ao mundo até como um ato de caridade contra os povos “oprimidos” pelo catolicismo, seja pela pregação missionária, *manu militare* ou ambas (AHLSTROM, 1973, p.878).

Mais básica era a convicção americana, quase universal, de que os Estados Unidos tinham a missão de estender a sua influência em todo o mundo. Para a maioria dos protestantes, a negação de um destino manifesto aos Estados Unidos beirava a traição (AHLSTROM, 1973, p.845).

¹³O Peregrino, publicado pela primeira vez em 1678 na Inglaterra, ainda é uma leitura bastante popular no meio evangélico brasileiro, facilmente encontrada nas livrarias evangélicas.

Os metodistas norte-americanos que operavam no Brasil a partir da segunda metade do século dezenove moviam-se impregnados pelo entusiasmo proporcionado pelos valores do “destino manifesto” que de resto era compartilhado por sua e outras igrejas dos Estados Unidos da América, portanto, firmes, confiantes e consistentes na missão de “civilizar” a maior nação da América do Sul.

De qualquer maneira, como americanos, de língua inglesa e “civilizados” metodistas, eles percebiam que Deus estava de seu lado de uma maneira muito particular. O crescimento e progresso dos Estados Unidos, da ciência, do comércio e da indústria, da liberdade e da democracia e do protestantismo evangélico e a própria língua inglesa era vista por todos como um grande plano divino em que os metodistas estavam destinados a desenvolver um papel central. Os inimigos do plano também estavam complicando e competindo nos assuntos da missão metodista; eram os católicos romanos, muçulmanos, pagãos, selvagens, déspotas e os ignorantes. Por volta da metade do século, uma combinação do destino manifesto americano como exemplificado no Tratado de Guadalupe Hidalgo (1848), expansão imperial inglesa e revoluções europeias, persuadem os metodistas que “a mão de Deus” estava escancarando o mundo inteiro para as igrejas da Inglaterra e Estados Unidos para a obra de evangelização (HEMPTON, 2005, p. 162).¹⁴

Com as fronteiras territoriais estabilizadas ao norte e ao sul, os Estados Unidos armam uma poderosa esquadra que servirá para propaganda, intimidação e expansão de territórios, via compra ou anexação (Filipinas, Guam, Samoa, Havaí, Cuba e Porto Rico), principalmente daqueles territórios remanescentes do católico Império Espanhol, através da Guerra Hispano-Americana de 1898. Às forças superiores do “império” protestante norte-americano, certas de serem divinamente abençoadas (destino manifesto) só restava o dever de cruzado em guerra santa para acabar de vez com o poder do antigo Império Espanhol e tudo o que ele representava em termos de valores religiosos e políticos, tais como a monarquia e o catolicismo como religião de Estado. Essas incursões lastreadas pela força naval encontraram no 25º presidente norte-americano, um encontro entre poder militar e fé religiosa como obrigação de conduta. O Presidente Willian McKinley (1843-1901) em apenas

¹⁴ Em 1845 os colonos norte-americanos do território mexicano do Texas iniciam uma revolta por independência e incorporação aos Estados Unidos. Inicia-se nesse ano e por esse motivo a guerra entre o México e os Estados Unidos, solucionada com o Tratado de Paz de Guadalupe Hidalgo. Por 15 milhões de dólares, o México cedeu os atuais Estados norte-americanos do Utah, Califórnia, Nevada, partes do Colorado, Arizona, Wyoming e Novo México. Em 1853, através da “Compra Gadsden” uma última parcela de território mexicano na fronteira com os Estados Unidos, foi incorporado ao mapa norte americano.

100 dias fez pelos britânicos o que estes não tinham conseguido até então, isto é, acabar de vez com o poder do Império Espanhol. “Em uma guerra de cem dias, os Estados Unidos destruíram a frota espanhola ao largo do porto de Santiago de Cuba, apreenderam Manila nas Filipinas e ocuparam Porto Rico.” (WHITEHOUSE, 2010). O metodista McKinley falando para uma platéia de metodistas, assim expressou suas convicções sobre o dever de entrar em guerra com a Espanha.

Eu não me envergonho de lhes contar, cavalheiros, que eu me coloquei de joelhos e orei ao Deus Todo Poderoso por iluminação e guia por mais de uma noite. E tarde de uma noite isto veio a mim desta maneira ... Não havia nada o que nos restava a fazer, exceto tomar a todos e educar os filipinos, elevando-os, civilizando-os e cristianizando-os e pela graça de Deus fazer o melhor de nós por eles, como nossos companheiros de humanidade, por quem Cristo também morreu. (*reticências no original*) (MCKINLEY *apud* AHLSTHOM, 1972, p. 879)

A frota norte americana utilizada para por fim ao católico Império Espanhol, funcionava também como um instrumento de propaganda, demonstração de força e dissuasão. Com a morte de McKinley, assassinado no exercício da presidência em 1901 pelo anarquista, Theodore Roosevelt (Reformado Holandês), assume a presidência no período 1901-1909. Este havia lutado em Cuba na Guerra Hispano-Americana. Para demonstrar poderio naval ao mundo, instrumento da política do *big stick*, organizou uma frota de dezesseis belonaves mais navios de apoio para uma viagem ao redor do globo. Veja-se o impacto de admiração que causou a presença na Baía da Guanabara, da frota norte americana em circunavegação comandada pelo Almirante Evans, somente dez anos após a Guerra Hispano-Americana, na narrativa de outro futuro “Almirante”, o marinheiro João Cândido Felisberto, o Almirante Negro.

Até janeiro de 1908, estive parado no Rio. Um dia, assisti encantado, cheio de entusiasmo, à entrada da esquadra americana do Almirante Evans, nas águas da Guanabara. Ainda era janeiro. Quem não se recordará dessa tarde! Para todos que tiveram ocasião de ver a magestade orgulhosa e brilhante daqueles navios, quanto foi linda e emocionante aquela hora vespéral! De bordo do meu navio, fremido de alegria, eu vi a marcha das unidades americanas. Não invejei os marinheiros da grande nação porque era brasileiro. Mas não me recordo mesmo se cheguei a sentir a diferença entre nós e eles, os guias daquelas naus formidáveis. No momento em que o Connecticut avançava, encabeçando a linha irrepreensível da esquadra a mover-se, experimentei apenas a vontade de ver o meu querido e nobre país com igual grandeza e glória que a dos que viajavam às ordens do Almirante Evans (MOREL, 2009, p. 295).

Dois anos apenas após a extasiante visão das naus norte americanas, é o próprio marinheiro João Cândido quem comandará o deslocamento das então modernas belonaves brasileiras recém incorporadas à Armada nacional.

Glória à farofa, à cachaça, às baleias
 Glória a todas as lutas inglórias
 Que através da nossa história
 Não esquecemos jamais
 Salve o Navegante Negro
 Que tem por monumento
 As pedras pisadas do cais
 João Bosco e Aldir Blanc

O texto acima é parte da canção de sucesso O Mestre-Sala-dos-Mares que João Bosco e Aldir Blanc compuseram em homenagem ao marinheiro João Cândido, com a ressalva para o fato de que a expressão “Almirante Negro” foi substituída por “Navegante Negro”, por imposição da censura da ditadura militar em vigor à época da veiculação dessa música. O sucesso e a maciça reprodução dessa música tiveram o poder de homenagear o marinheiro que liderou a revolta contra os ignominiosos castigos corporais por séries de chibatadas que eram aplicadas à larga pelos oficiais nos corpos desnudos da marujada, composta principalmente por negros. João Cândido, principal líder da sublevação, sobreviveu a uma série de assassinatos de seus camaradas no episódio histórico da Revolta da Chibata e após tribulações, prisões e expulsão da Marinha de Guerra, vai viver por décadas como trabalhador no mercado de peixes. Eis a descrição de um lar metodista habitado pelo então octogenário marinheiro.

Ei-lo na nova casinha, construída sobre um barranco de difícil acesso, arejada, porém em rua empoeirada. Encontrei-o cuidando do quintal, cheio de pés de papoula e folhagens de são-jorge. Na sala, uma pequena estante com livros, entre eles, o de Gondim de Fonseca sobre petróleo, uma Bíblia e, como não poderia deixar de acontecer, histórias policiais tão do sabor da velhice. “Estes livros”, disse apontando para cinco ou seis volumes, “são emprestados por um amigo”. Li nas lombadas: *Sussurros de um marujo*, *Portos abertos*, *Minha formação* de Joaquim Nabuco, *Novo Testamento*, *Salmos e hinos*, etc. [...] Seu consolo era a Igreja Metodista do Brasil, ouvindo, com profundo espírito religioso, as pregações do Pastor Lucas, de quem ficou amigo (aspas e itálicos no original) (MOREL, 2009, p. 274-276).

Em 1969 ocorreu o falecimento do marinheiro João Cândido, tendo sido sepultado no Cemitério do Caju (Rio de Janeiro). “Na quadra 45 o Pastor Lucas Manzon aguardava o caixão” (MOREL, 2009, p. 277). Os ofícios fúnebres seguiram o rito protestante do metodismo, o mesmo rito que, *mutatis mutandis*, foi exercido 68 anos antes no enterro do Presidente McKinley. Em comum entre o Presidente norte-americano WASP e o marinheiro brasileiro negro, estava a mesma aderência religiosa metodista.¹⁵ Seria impensável dizer durante a Guerra Civil Americana que esta proporcionaria as melhores condições para a inserção do protestantismo de missão no Brasil através de imigrantes protestantes assentados na região de Campinas. Mais inimaginável seria predizer que esses guerreiros norte-americanos derrotados seriam motivo de adesão à sua religião por brasileiros, como foi o caso, décadas depois, do guerreiro João Cândido Felisberto.

Um ano após o término da Guerra Civil Norte-americana, o ministro da Igreja Metodista Junius Eastham Newman, no gozo das atribuições de suas credenciais ministeriais, porém de *motu próprio*, se junta aos imigrantes assentados na atual Americana-SP, naquele tempo, ainda pertencente a Campinas.

Em 1875, D. Pedro II e a Imperatriz, Dn^a. Tereza Cristina inauguraram a estação de Santa Bárbara, da Cia. Paulista de Vias Férreas e Fluviais. No entanto, o nome da estação era alternado com o de Vila Americana, até que em 1904 foi criado o Distrito do mesmo nome, confirmado na elevação a município em 1924; e alterado em 1938, passando a chamar-se simplesmente Americana (IBGE/CAMPINAS, 2010).

No local chamado Saltinho organiza em 1871 a primeira igreja metodista com funcionamento de trabalhos regulares, inclusive com cultos dominicais, pela adesão de colonos americanos em um lugar de culto de aproximadamente quatro e meio metros quadrados, chão não assoalhado e teto de sapé, onde funcionara anteriormente um bar (KENNEDY, 1928, p. 17). Em face da legislação imperial que proibia cultos em locais com aparência de igreja, Newman utilizou de um expediente largamente utilizado na abertura de igrejas (no sentido de comunidades locais) até o dia de hoje, isto é, sacraliza-se um bar, uma garagem, um galpão, uma casa ou cômodos desta, para o culto religioso. Posteriormente Newman mudou-se para Piracicaba onde suas filhas abriram uma escola que teve pouca duração, po-

¹⁵ WASP é um acrônimo popular de *White, Anglo-Saxon and Protestant* (branco, anglo-saxão e protestante), utilizado para designar certo tipo de cidadão norte-americano.

rém o tempo nessa cidade foi suficiente para bem relacionar-se com os irmãos Moraes Barros (Prudente e Manoel), “pois souberam granjear as simpatias dos irmãos – Drs. Prudente e Manoel de Moraes Barros” (KENNEDY, 1928, p. 18) que abririam as portas futuramente para o missionário metodista Rev. J.J. Ransom (BARBOSA, 2005, p. 27).

A aliança entre os imigrantes norte-americanos e os políticos liberais foi inevitável. Estes, lutavam pelos ideais da revolução francesa e norte-americana, desejando a separação entre Igreja e Estado, a secularização dos cemitérios, a modernização da educação, transformações estas que facilitariam muito a vida dos imigrantes norte-americanos protestantes. Em outro elo entre imigrantes e políticos liberais foi a maçonaria (*sic*). Muitos dos imigrantes eram maçons nos Estados Unidos (MESQUITA, [s.d.], p. 1).

O imigrante pioneiro, Cel. Willian H. Norris do derrotado exército sulista na Guerra Civil Norte-americana, chegou ao Brasil em dezembro de 1865, liderando uma leva de imigrantes sulistas.

Esse antigo Grão Mestre da "Grande Loja do Alabama" fundou sua "Washington Lodge" n. 309 em Santa Bárbara (1874) sob os auspícios do "Grande Oriente" do Brasil tendo permissão para funcionar em inglês e fazer seus relatórios nessa língua [...] um ano depois de fundada a Loja Maçônica de Santa Bárbara pelos norte-americanos, Prudente de Moraes fundou a "Loja de Piracicaba" (1875) (MESQUITA, [s.d.], p. 2).

Por volta de 1869, reagiu o causídico e político liberal Prudente de Moraes contra a proibição e efetivo impedimento de se realizar sepultamentos de não católicos, no caso, protestantes estrangeiros de Santa Bárbara, Valinhos e Piracicaba. Os familiares de uma senhora falecida, tiveram negado o sepultamento desta no cemitério de Santa Bárbara, sendo a mesma enterrada em um campo de pastoreio de gado. Semelhantemente, os familiares de uma criança de dois anos foram impedidos de sepultar o infante por recusa do padre pelo fato da mesma não ter sido batizada no rito católico (RIBEIRO, 1973, p. 108). A longa citação a seguir nos serve como testemunho de história oral:

Por esse mesmo tempo, os americanos de Santa Bárbara ficaram sabendo de um caso idêntico acontecido na Vila da Constituição. Os Loose, a família de alemães que morava em Valinhos e hospedara os Steagall, tinham-se mudado para Vila da Constituição, para onde diversos dos seus patrícios já tinham ido. Havia uma epidemia de tifo e Georg, o filho dos

Loose, contraiu a doença e veio a falecer vitimado por ela. Quando chegou a hora do enterro, os padres não permitiram que fosse enterrado no cemitério deles, o único da cidade. Os alemães não eram batizados no catolicismo, como podiam ser enterrados no cemitério? A família do Sr. Jacó Dehl se prontificou a ceder lugar na sua chácara para que enterrassem o jovem lá. O caso foi muito comentado na cidade, sendo esse o primeiro que acontecia. Chegou aos ouvidos do moço Prudente de Moraes, que era deputado desde o começo do ano. Ele se interessou muito pelo caso e cuidou disso pessoalmente. Procurou convencer os padres que o Imperador tinha garantido liberdade religiosa no Brasil aos cidadãos de outros países que viesse se estabelecer aqui, mas os padres disseram que os cemitérios pertenciam à Igreja e que as pessoas não batizadas não podiam de maneira alguma, ser enterradas dentro dos seus muros (JONES apud RIBEIRO, 1973, p. 109).

O missionário metodista J. J. Ransom desembarcou no Rio de Janeiro em 2 de fevereiro de 1876 com o firme propósito de trabalhar pelo proselitismo entre os brasileiros e não somente com seus patricios. Para isso, inclusive, frequentou aulas de português no (presbiteriano) Colégio Internacional em Campinas, ministradas por aquela que seria sua futura esposa, Annie Ayres Newman (filha do Rev. Newman) (BARBOSA, 2005, p. 30). Com o falecimento desta em julho de 1880, vítima da febre amarela e apenas seis meses após o casamento, Ransom retorna aos EUA, de onde incitará a Igreja Metodista a continuar o trabalho no Brasil (BARBOSA, 2005, p. 31). Uma espécie de força tarefa é montada pela Junta Missionária Metodista com quatro missionários, sendo três pastores e uma educadora. “Em 19 de maio de 1881, Miss Martha Hite Watts, a primeira representante no Brasil dessa Junta Missionária, chegou em Piracicaba em companhia dos revs. J. J. Ransom, J. L. Kennedy, J. W. Koger e a família deste.” (KENNEDY, 1928, p. 319). Pernoitaram na noite anterior em São Paulo abrigados pelo presbiteriano G. Nash Morton, amigo de Ransom (KENNEDY, 1928, p. 319). Kennedy retorna em 12 de março de 1882 para os EUA, com a finalidade de se restabelecer de uma enfermidade, embarcando no mesmo navio em que retornaria definitivamente para os EUA, G. Nash Morton e família (KENNEDY, 1928, p. 31). Em 1876, Ransom, no início de sua estada anterior no Brasil, estudou e lecionou em Campinas. “Resolveu, portanto, estudar em Campinas, e, durante esse primeiro ano, lecionou inglês e grego no Colégio Internacional, fundado pelos presbiterianos nessa cidade.” (KENNEDY, 1928, p. 20). No mesmo ano de sua chegada ao Brasil, Martha Watts dá prosseguimento aos planos de implantação do protestantismo metodista pela via educacional. “Com o auxílio dos irmãos Moraes Barros, Martha Watts adquire um terreno para a construção do Colégio Piracicabano que seria inaugurado em 1881 (KENNEDY, 1928, p. 319).

A citação a seguir nos serve para revelar o conagraçamento entre metodistas e presbiterianos entre si e também com as elites liberais das cidades de Campinas e Piracicaba, em um claro afinamento de interesses desses religiosos por inserção e aceitação social nas camadas mais abastadas das sociedades campineiras e piracicabanas. Tal ocasião foi um momento ímpar para metodistas e presbiterianos demonstrarem que suas igrejas e crenças estavam estribadas em educação formal, cultura e erudição. Perceba-se a deferência aos eminentes políticos Rangel Pestana (campineiro) e Manoel Barros (piracicabano) pela oportunidade de proferimento de discursos. À noite, no local que empresta um ar de elegância e importância para ocasiões solenes e em geral, inacessíveis às camadas populares, isto é, o teatro da cidade, o mesmo Rangel Pestana profere um discurso ao lado do presbiteriano Rev. Nash Morton.

Episódio ilustrativo do espírito do tempo que caracterizava-se pela valorização da educação como fator de progresso foi o da pedra fundamental do edifício do Colégio no dia 08 de fevereiro de 1883. Neste ato, as autoridades metodistas estavam rodeadas pelas forças políticas. Entre os presentes, discursaram Rangel Pestana e Manoel Barros. À noite, houve nova solenidade no Teatro de Piracicaba. Rangel Pestana e Nash Morton - missionário presbiteriano - discursaram sobre a educação da mulher. As alunas do Colégio Piracicabano cantaram "La Marseillaise" (MESQUITA, [s.d.], p. 4).

Os metodistas em Piracicaba granjearam o apoio das elites liberais republicanas. Os “dois irmãos Moraes Barros eram grandes admiradores de Miss Watts e sempre permaneceram amigos firmes e protetores do colégio”, conforme testemunha o metodista Kennedy (KENNEDY, 1928, p. 321). Prudente de Moraes foi o primeiro Governador do Estado de São Paulo (1889-1890), Presidente da Assembleia Constituinte de 1891, Senador da República e terceiro Presidente da República (primeiro presidente civil), sendo sucedido na presidência do executivo federal pelo político campineiro Campo Sales. O seguinte texto colhido no site da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Campinas é ilustrativo no sentido de confirmar o alinhamento daquele que seria o segundo presidente civil, com a estratégia protestante de implantar escolas.

Os reverendos Edward Lane e George Nash Morton organizaram a Igreja Presbiteriana de Campinas em 10 de julho de 1870 e, em 25 de agosto daquele ano, foi celebrada a Santa Ceia. Foi fundado também um Colégio para atender imigrantes norte-americanos e os filhos da cidade. O jornal *Gazeta de Campinas* de 14 de dezembro de 1871, publicou a ata de uma

reunião realizada na residência pastoral, onde além dos missionários Lane e Morton, participaram: o reverendo Chamberlain (fundador do Mackenzie-SP), Francisco Glicério, prefeito da cidade, o Juiz de Paz Manoel Cerqueira Leite e o futuro presidente do Brasil, Campos Sales (itálicos no original) (IPICAMP, 2009).

Também participou dessa reunião na residência pastoral “um dos franceses mais prósperos de origem judaica residentes na cidade” Leon Hertz, cujo filho, Eugenio Hertz, foi aluno do Internacional (ALBINO, 1996, p. 115).

O irmão de Prudente, Manoel de Moraes Barros, também foi Senador da República e anteriormente Deputado Provincial, Promotor de Justiça, Delegado de Polícia e Juiz Municipal em Piracicaba. A Igreja Metodista em Piracicaba organizada em 2 de setembro de 1881 com nove membros norte-americanos foi a terceira Igreja Metodista instalada no Brasil (KENNEDY, 1928, p. 25319). Corria o ano de 1885 e a torre do templo metodista em Piracicaba só recebeu autorização para sua construção, ao arrepio das disposições da Carta Magna vigente, com a intervenção do liberal republicano Manoel de Moraes Barros, já apoiador do *cluster* republicano, liberal e maçônico inserido no Colégio Piracicabano o qual “era abertamente apoiado pelos liberais em geral, pertencentes ao Partido Republicano, maçônica e grupos anticlericais (MESQUITA, [s.d.], p. 3)”. Sobre o mesmo episódio da torre o depoimento triunfalista de Kennedy nos dá uma ideia das relações inamistosas e tensas entre os protestantes metodistas e a Igreja Católica na localidade, bem como o alinhamento ultra afinado desse e dos demais metodistas com os liberais que lhes davam pálio.

No tempo da construção desse templo evangélico, ainda existia a monarquia e a igreja oficial era a Católica Romana. As autoridades civis, porém, eram constituídas de homens de espírito muito liberal e tinham embebidos princípios republicanos. Nesse tempo havia uma lei, porém letra morta de séculos passados, que proibia que pessoas de religiões dissidentes tivessem igrejas com forma exterior de templo. Contudo, as autoridades civis dessa cidade, homens como Prudente de Moraes Barros e Manoel de Moraes Barros, aprovaram o plano da nossa igreja, que trazia uma torre. O então padre Galvão, M.D. Vigário dessa cidade, não queria de forma alguma que fosse construída essa igreja; ele apelou para a Câmara da cidade. Esta respondeu: Nós já aprovamos a planta, com torre; como poderemos agora obrigar esses protestantes a desmanchá-la? O padre seguiu para a capital do Estado, mas nada conseguiu do Presidente da então Província. De sorte que as obras foram concluídas com a torre que, apontando para o Céu (*sic*), indicava que o povo de Piracicaba era um povo liberal e não havia de se governar por leis mortas e retrógradas (KENNEDY, 1928, p. 40).

Em 1887, tentou-se obrigar o Colégio Piracicabano (note-se que o nome em si não expressava qualquer ilação religiosa) a não admitir meninos, acabando com o “moderno” ensino misto, além de se tentar obrigar também, a contratação de um professor da religião do Estado. Tais imposições geraram repulsa da imprensa e políticos liberais. Entre outros defensores da instituição de ensino, levantou-se o advogado, parlamentar e ex-professor do Colégio Americano de Campinas: “o Sr. Rangel Pestana, na Assembleia Provincial de S. Paulo, na sessão de 17 de Fevereiro de 1887, fez um discurso reprovando severamente o procedimento do Dr. Vienna, inspetor literário” (KENNEDY, 1928, p. 324).

O ambiente das Arcadas testemunhou não apenas os embates entre monarquistas e republicanos, conservadores e liberais, mas o convívio entre jovens oriundos da antiga e da nova elite paulista. Nesse local, conviveram estudantes campineiros e piracicabanos que seriam no futuro, além de políticos de expressão nacional, protetores dos protestantes. Em algum momento, os irmãos Moraes, Rangel Pestana, Campos Sales e outros, notaram a presença incomum de um túmulo no espaço da Academia de Direito do Largo de São Francisco. Esse é o local de sepultamento do professor alemão Julio Frank, falecido em 1841, a quem havia sido negado enterro em “campo santo” por não ser em vida ligado à religião oficial do Estado Imperial (LEGE, 2001, p. 74). O seguinte texto sobre o campineiro Campos Sales nos faz entender que parte dos jovens da elite liberal campineira e piracicabana já se conhecia desde os tempos das lides universitárias.

De família modesta, após os estudos em Campinas, pôde, com sacrifícios da família, matricular-se na Academia de São Paulo, fazendo logo amizade com companheiros de estudos, dentre eles, o futuro Barão de Resende, Prudente de Moraes, Francisco Quirino dos Santos, Francisco Rangel Pestana, Bernardino dos Santos, Teófilo Carlos Benedito Ottoni, formando assim seu espírito já nas lutas políticas dos dois partidos então existentes, Liberal e Conservador (ROSSI, 19--., p. 32).

Embora as investidas missionárias estivessem ocorrendo em outras partes do país, tais como a Capital do Império e a cidade de São Paulo, podemos dizer que se estabeleceu um expressivo eixo missionário entre as cidades de Campinas e Piracicaba, com intenso intercâmbio e identificação mútua de nacionalidades, interesses, valores religiosos, cívicos e morais entre os missionários estrangeiros que militavam nessas regiões, o que propiciou um enraizamento do protestantismo de missão nas áreas de influência dessas cidades e uma sólida base para recepção de missionárias e posteriores incursões pelo Brasil.

Encontros formais e informais de missionários, inclusive de maneira interdenominacional, passam a ocorrer por ocasião de encontros como congressos, convenções, concílios ou conferências, como se depreende das leituras de atas redigidas nessas ocasiões ou mesmo de cartas que testemunham esse relacionamento.

Em Santa Bárbara, os pregadores presbiterianos norte-americanos encontravam, por sua vez, uma ilha cultural do Sul, onde descansavam da tensão cotidiana de sua missão entre estrangeiros (e em vários casos, encontravam noiva). Cerca de seis meses após o estabelecimento de Lane e Morton (os dois missionários do sul), em Campinas, 13 presbiterianos sulistas organizavam em Santa Bárbara sua igreja – a primeira a surgir entre os imigrantes. (Mais tarde, metodistas e batistas seguiram-lhes o exemplo.) Escolheram como pastor um dos seus próprios imigrantes, o Rev. James R. Baird (havia mais um pastor presbiteriano entre os imigrantes de Santa Bárbara: o Rev. William Emerson; ambos tinham vindo sem comissão pastoral ou missionária, na mesma aventura de outros sulistas.) (parenteses no original) (RIBEIRO, 1973, p. 106).

A educadora e missionária metodista Martha Watts, recém chegada a Piracicaba escreve para os EUA em 4 de outubro de 1881. Nesse texto também é possível perceber os relacionamentos próximos e solidários entre os missionários estrangeiros (metodistas, presbiterianos e batistas) que atuavam no eixo Campinas-Piracicaba.

Encontramos um número de americanos muito agradáveis e gentis conosco. Temos tido um relacionamento agradável com outros missionários; fomos convidadas para visitar Campinas, temos um convite insistente para visitar São Paulo durante a conferência do presbitério de São Paulo – que sem dúvida será um agradável encontro de missionários. Se formos, vou contar a vocês sobre isso. O Sr. Chamberlain da Missão Presbiteriana em São Paulo pregou em português em nosso pequeno salão, uma noite para uma pequena congregação. O Sr. Bagby, da Missão Batista em Santa Bárbara, conduziu um encontro de muito sucesso algumas semanas atrás, o que resultou em um bom número de conversões, e oito adesões à Igreja Batista, sete à Igreja Metodista e cinco à igreja Presbiteriana. Todos eram americanos (WATTS In MESQUITA, 2001, p. 29).

Quase trinta e um anos depois do relato acima, o mesmo batista Bagby, além de outros clérigos presbiterianos (inclusive da “nova” Igreja Presbiteriana Independente) visitam a Conferência Metodista em São Paulo.

A conferência recebeu visitas representando diversas igrejas irmãs, a saber: F. M. Edwards e Dr. W. B. Bagby, da Igreja Batista; Mr. R. L. Chaplin, da Sociedades Bíblica Britânica e Estrangeira; Eduardo Carlos Pereira, da Igreja Presbiteriana Independente; Roberto Lennington, Modesto Perestrello Carvalhosa, da Presbiteriana Sinodal; Elias José Tavares, da Congregacional (KENNEDY, 1928, P. 146).

Os batistas também escolheram a região Campinas-Piracicaba como uma cabeça-de-ponte para introdução de seus trabalhos entre os brasileiros. “Os mesmos confederados de Santa Bárbara serviram de atração para os batistas.” (MENDONÇA, 1995, p.31). Desde 1871 já havia igrejas batistas entre os colonos norte-americanos.

A maioria dos imigrantes sulistas norte-americanos que fixaram residência no Brasil depois da guerra de secessão era protestante. Os batistas organizaram duas igrejas entre esses imigrantes de Santa Bárbara do Oeste: a de Santa Bárbara propriamente dita e uma menor no local chamado *Station* a estação da nova estrada de ferro, atual Americana (REILY, 1984, p. 128).

As igrejas batistas eram de imigrantes para imigrantes. Somente com a vinda dos missionários apoiados pela Junta de Richmond “William Buck Bagby e Zachery C. Taylor e suas respectivas esposas” (REILY, 1984, p. 144) é que as investidas entre brasileiros tomaram corpo. O conforto cultural da colônia proporcionou ao missionário Bagby, após sua chegada em 1881, tempo para aprendizado da língua portuguesa, intercâmbio com missionários presbiterianos e metodistas e aprendizado sobre o país e suas perspectivas missionárias. Em um campo já tomado por presbiterianos e metodistas, opta por sair desse eixo missionário e se lança para a conquista de brasileiros longe das terras dos liberais republicanos paulistas. Escolhe a Bahia como local de implantação da primeira igreja de brasileiros, mesmo assim, com o apoio fundamental e majoritário de seus compatriotas. Em seu nascimento e primeiríssimos momentos a primeira igreja batista brasileira era uma igreja norte-americana.

Após ter passado naturalmente por Santa Bárbara, pastoreando ali duas igrejas dos colonos e aprendido a língua, escolheu a Bahia como base missionária entre os brasileiros. Na Bahia fundou, em companhia do ex-padre Antônio Teixeira, em 15 de outubro de 1882, a primeira igreja batista nacional, com cinco pessoas, quatro americanos e um brasileiro (MENDONÇA, 1995, p. 31).

Reforça a ideia sobre a existência de uma virtual ponte missionária protestante entre Campinas e Piracicaba, o fato de que logo no primeiro ano de implantação do metodismo nessa última cidade, os missionários e missionárias metodistas receberam a solidariedade prática e ativa dos presbiterianos, nos termos das seguintes palavras do Rev. Kennedy:

A igreja presbiteriana, de coração generoso, acudiu às necessidades urgentes dos metodistas nesse momento de anseio. O Rev. F.J.C. Schneider, ministro ilustrado dessa igreja irmã, veio a Piracicaba, para prestar serviços fraternais aos metodistas. Fez três trabalhos nessa cidade: ajudou os missionários no estudo do português, lecionou no Colégio Piracicabano e pregou o Evangelho duas ou três vezes por semana. Um dia nos visitou outro ministro do Evangelho, o Rev. Dr. Chamberlain, que pregou excelente sermão no salão de cultos a um auditório seleta (KENNEDY, 1928, p. 26).

Schneider, pastor presbiteriano, era alemão de nascimento e naturalizado norte-americano, foi professor no Colégio Internacional em Campinas. Tendo vindo ao Brasil para trabalhar entre os colonos de fala alemã, fica desestimulado com o protestantismo confesante desses imigrantes que ele considera “infiéis” e vai posteriormente exercer suas funções em ações de proselitismo junto aos brasileiros (RIBEIRO, 1973, p. 101).

No dia 10 de fevereiro (1862) dirigi-me a Campinas, que dista 69 milhas de São Paulo, e conta com aproximadamente 6000 habitantes; entre estes algumas centenas de alemães, dois quais os mais influentes também são infiéis. Preguei ali três vezes a audiências bastante numerosas e, depois, no dia 25 de fevereiro, parti para Limeira, onde estou agora. Este é um pequeno povoado de uns 1500 habitantes. Dista mais ou menos 36 milhas de Campinas [...] Num raio de cerca de 15 milhas, com centro nesta vila, há alguns milhares de alemães, muitos dos quais estão aqui há mais de dez anos e, em todo esse período, não ouviram um só sermão. Quase todos moram em colônias de oitenta a algumas centenas de pessoas (SCHNEIDER, apud RIBEIRO, 1973, p. 101).¹⁶

Onde se lê mais acima, “auditório seleta” presente no culto metodista apoiado por presbiterianos, entenda-se este como parte da burguesia cafeeira piracicabana, liberal, republicana e maçônica, em ascensão política e social, tal qual sua congênere e vizinha sociedade campineira.

¹⁶ Na percepção de Schneider, as distancias informadas representam respectivamente 111, 58 e 24 quilômetros.

Contando com tal apoio político, o Colégio Piracicabano começou a ganhar clientela imediata no seio das elites, seus amigos e correligionários que constituíam também a classe média urbana nascente: médicos, advogados e comerciantes (MESQUITA, [s.d.], p. 5).

Esse bom relacionamento entre calvinistas e wesleyanos-arminianos prosseguiu com o tempo e os interesses comuns na implantação do protestantismo no Império Brasileiro, ao ponto do ofício fúnebre do Rev. Koger, um metodista, ter sido conduzido por pastores presbiterianos em um templo metodista, na data de 29 de janeiro de 1886.

No dia seguinte, no salão de cultos da Igreja Metodista, na mesma casa em que o Rev. Koger faleceu, os Revs. George W. Chamberlein e Modesto Carvalhosa, ministros honrados da Igreja Presbiteriana, dirigiram o ofício fúnebre e desde aquele dia os restos mortais do irmão Koger descansam no Cemitério Protestante de São Paulo, na “Consolação” (KENNEDY, 1928, p. 43).

No mesmo ano de 1886, na inauguração do templo metodista do Catete, na capital imperial, Kennedy registra durante uma série de conferências de oito dias, a presença de “oradores distintíssimos de Igrejas-irmãs, como os Revs. Miguel Torres, Dr. A. L. Blackford e J. M. G. dos Santos” (KENNEDY, 1928, p. 49). A “série de conferências” foi e é ainda um instrumento de proselitismo protestante e consiste em uma série de pregações em dias contínuos nos locais de culto, onde pregadores locais e/ou convidados de outras comunidades/igrejas assumem o púlpito e geralmente terminam suas pregações ou sermões com um apelo para a conversão individual. Esse tipo de atividade, preparado pela comunidade local como um evento especial, muitas vezes em datas de inauguração ou aniversário de templos ou Igrejas, visa o proselitismo ou reativamento numérico de fiéis. Ora, o sermão nada mais é do que um discurso com uma temática religiosa de fundo. O protestantismo inicialmente implantado no Brasil segue a regra geral protestante de que o ápice do culto está na pregação que é elaborada de forma racional e aprendida geralmente nos seminários teológicos que dão um “lustro” acadêmico aos pastores/as, principalmente no que diz respeito às regras de exegese e hermenêutica dos textos bíblicos e as regras de homilética. Estas últimas, basicamente as mesmas para o proferimento de qualquer discurso. A novidade protestante no Brasil precisava se apresentar de forma culta e erudita bem como mostrar-se uma religião de gente instruída e bem informada. Daí a necessidade de se ter a presença de um “ministro ilustrado” e “oradores distintíssimos”, expressão esta que tomamos emprestado da citação supra, que soubessem bem elaborar um discurso/sermão racional, bem como

apresentá-lo de forma impactante ao público. Muitas das vezes esses sermões eram lidos, prática que tem caído em desuso nas celebrações cúlitas dos protestantismos brasileiros. Atualmente, acompanhando muitas prédicas em igrejas evangélicas, percebemos muitas vezes a utilização de um esboço de sermão por parte dos pregadores/as ou apenas uma leitura bíblica e um posterior falar espontâneo e de improviso.

Não se confunda a “série de conferências” com a Conferência Metodista, expressão histórica do metodismo que significa uma área de competência eclesiástica geográfica e/ou administrativa encabeçada por um bispo. Membros clérigos e leigos dessa Igreja alocados nessa área competência reúnem-se de tempos em tempos para deliberações. No metodismo brasileiro atual, a “Conferência” foi substituída pela expressão “Região Eclesiástica” e as reuniões periódicas são denominadas de “Concílio”, mesmo este não sendo composto exclusivamente por clérigos.

Para que se aquilatem as impressões pré-concebidas sobre o Brasil e os brasileiros e o choque cultural/ideológico do protestantismo que se desejava implantar, veja-se o relato de Martha Watts sobre Piracicaba, na sua carta aos Estados Unidos datada de 4 de outubro de 1881:

Eu ainda não posso escrever muito sobre o povo, pois ainda não os conheço muito bem enquanto povo. Dizem que as casas são sujas, assim como suas relações de negócios, mas não temos testemunhado nada disso. Temos recebido apenas gentileza e cortesia daqueles que nos temos conhecido. Suas cerimônias repletas de idolatria e sua quase total indiferença à observância do domingo são os grandes males evidentes a todos. No domingo uma garota negra veio à nossa porta com uma caixa de enfeites para vender, e perguntou-me se queria comprar algum deles. Eu lhe disse que era domingo, no que ela respondeu de maneira mais simples possível que isso não fazia diferença. Atônita, repeti suas palavras, e lhe disse que não comprávamos nem vendíamos no domingo, e que servíamos a Deus naquele dia [...] Os brasileiros têm uma licença da Câmara Municipal para mendigar aos sábados e domingos; a Igreja envia mendigos trajando um uniforme com uma imagem de um “santo” negro, dentro de uma caixa, e eles esmolam para aquele santo em particular no domingo, e os italianos desocupados ficam com os outros dias. De qualquer forma, não acho que todas as pessoas más do mundo estejam no Brasil, e à medida que me for inteirando poderei contar sobre suas virtudes. Eles são infelizes, de qualquer forma, por terem um Estado que tornou-se extremamente corrupto nas mãos de seus líderes [...] Deus garantirá que vivamos na plenitude de sua luz, que eles também receberão de nós! O mês de junho é uma ocasião festiva especial, já que é o mês de nascimento de São João, padroeiro do país. Houve muitos feriados com uma queima constante de fogos e badalar dos sinos. Esta estação é a época mais importante do ano, como dezembro é para nós. Marca uma festiva estação, sendo que o Dia de São João é o

principal dos dias, como o natal é para nós (aspas no original) (WATTS In MESQUITA, 2001, p. 25 e 29).

Além das suspeitas sobre a eventual dupla sujeira, das casas brasileiras e das relações de negócios dos brasileiros, levantadas por terceiros inominados, mas provavelmente de seu círculo social de forte colorido religioso, Watts também fica atônita pelo fato de se comerciar no domingo, algo visceralmente contra seus valores, quase tão sério quanto a sua repugnância pelas “cerimônias repletas de idolatria”.

Talvez o olhar protestante tenha desfocada a visão ao ver brasileiros negros recolhedores de óbulos e devidamente uniformizados, para enxergá-los como mendigos. Por mais simples e humildes que esses uniformes pudessem ser, pressupõe-se de quem os enverga, certa dose de garbo e sentimento de pertença. Em princípio, ninguém veste, desfila ou simplesmente se apresenta em “uniforme de mendigo”. Outro juízo de valor que se observa, é o fato dos brasileiros serem “infelizes”. A razão dessa infelicidade estaria nos líderes corruptos do Estado brasileiro. Ideologicamente, por liderança corrupta do Estado, entenda-se o sistema monárquico e seus líderes, inclusive líderes eclesiásticos que precisavam ser “destronados” para a implantação da nova ordem social republicana, espelhada na República Norte-americana, padrão ideal de Estado compartilhado pelos missionários americanos e seus apoiadores liberais republicanos.

A Missionária Martha Watts vê-se como um instrumento de Deus através do qual os brasileiros receberão iluminação divina, isto é, receberão a revelação dos valores carregados nas bagagens dos missionários. Percebe-se também certa dose de idiossincrasia quanto aos fogos e badalar dos sinos durante as festividades de São João. Sinos são instrumentos altamente simbólicos para marcar eventos religiosos e sua manipulação ostensiva pressupõe presença e autoridade para fazê-lo, no caso em espécie, apenas direito oficial católico que precisava ser desfeito pelas novas lideranças iluminadas republicanas. A manifestação cultural e religiosa católica popular das festas juninas também causou estranheza à missionária quanto aos “muitos feriados”. Para esta, vinda de um país tradicionalmente com poucos feriados, principalmente feriados religiosos (lembramo-nos dos feriados religiosos da Páscoa e Natal), as seguidas festas, provavelmente noturnas, poderiam mostrar-se sem sentido, ou melhor, com um sentido exageradamente religioso incrustado na população seguidora da religião do Estado.

Por fim, destacamos a percepção de Martha Watts de que para os brasileiros, as festas juninas eram as mais importantes, assim como, dialeticamente, dezembro (natal) era a época mais importante para esses protestantes. Martha Watts percebia-se como “protestante” (não como “evangélica” ou “crente”) (WATTS In MESQUITA, 2001, p. 176).

Enquanto trabalho missionário, os metodistas “rodearam” Campinas, mas não fizeram nenhuma incursão no núcleo urbano até a inauguração da atual Igreja Metodista Central em Campinas no ano de 1914 (lembre-se que até 1924, Americana ainda era parte do município de Campinas). A primeira igreja metodista formalmente constituída no Brasil e de membresia cem por cento norte-americanas, estabelecida no povoamento Saltinho (Americana) no ano 1871, não estava na sede do município de Campinas, mas “no meio de várias fazendas dos irmãos daquela localidade” (KENNEDY, 1928, p. 40). Não se deve confundir essa então corrutela com o posterior município de Saltinho, criado em 30 de dezembro de 1991, por desmembramento de Piracicaba, situado entre este município e o Município de Mombuca (IBGE, 2010).

A Igreja Metodista em Capivari foi fundada em 2 de janeiro de 1883, com três membros. Em 1888 já se tem notícia de trabalhos metodistas em Salto de Itu, atual município de Salto (BARBOSA, 2005, p. 55-57). Sobre o ano de 1883, nosso “informante” Kennedy diz que:

Em setembro o Sr. Ransom foi ajudar o Rev. Koger em Piracicaba, onde este ainda se achava à testa da missão metodista nessa cidade. Aí o trabalho ia solidificando-se e foi sede das nossas operações evangélicas dessa zona, estendendo-se por diversos lugares onde se pregava o evangelho com certa regularidade. No seu santo zelo, o Rev. Koger ia visitando e pregando Cristo em São João de Ipanema, Estação de Itaiçi, em Indaiatuba, Capivari e Mombuca, e em todos esses lugares havia de um a quatro membros. O trabalho de colportagem, em 1883, destacou-se muito em Piracicaba e em seus arredores (KENNEDY, 1928, p. 49).

O postergamento do implante do metodismo em Campinas deve-se provavelmente a um pacto de distribuição de territórios entre presbiterianos e metodistas. Já se delineava em 1884 uma possível “divisão do território entre as diversas igrejas evangélicas, desejosas de cooperar do melhor modo possível, com as denominações cristãs” (KENNEDY, 1928, p. 38).

De fato, em 1900, presbiterianos e metodistas pactuaram que:

No lugar onde houver uma congregação ou trabalho regular da igreja I. Presbiteriana não devem encetar trabalho evangélico pregadores metodistas; no lugar onde houver congregação ou trabalho regular da Igreja Evangélica Metodista, não devem encetar trabalho evangélico pregadores presbiterianos (KENNEDY, 1928, p. 104).

Na região de Campinas, esse pacto de divisão territorial começou a cindir quando da implantação em Amparo de uma congregação metodista composta de 11 fiéis em 28 de fevereiro de 1901, área então destinada aos presbiterianos. Em fevereiro de 1903, nas dependências da Igreja Metodista em Amparo, presbiterianos e metodistas realizaram um encontro onde ficou acordado que “somente os metodistas trabalhariam em Amparo e somente os presbiterianos trabalhariam em Serra Negra” (KENNEDY, 1928, p. 114). Tal pacto tornou-se letra morta com a entrada no cenário religioso protestante brasileiro da Igreja Presbiteriana Independente formada por cisão da Igreja Presbiteriana, organizada em 31 de julho de 1903, com base em um discurso nacionalista e antimaçônico (LIMA, 2005, p. 39).

De qualquer maneira, com a queda da monarquia e dos privilégios do catolicismo como igreja oficial do Estado, assim como dos expressivos esforços missionários das igrejas protestantes e/ou das sociedades missionárias, o protestantismo virou o século e implantou-se definitivamente nas terras brasileiras, prosperando durante a Primeira República.

Do volume 2 do livro *A geography and atlas of protestant missions* (Uma geografia e atlas das missões protestantes) editado em 1903, destacamos o seguinte verbete:

América do Sul: Área: 7.000.000 milhas quadradas. População: 37.500.000. (...) Número de sociedades operando: 36. Número de missionários estrangeiros trabalhando: 682. Proporção de missionários estrangeiros em relação a população: 01 para cada grupo de 54.985 habitantes. (adaptado) (BEACH, 1903).

O mesmo volume acima referido traz em destaque parte da atual Região Sudeste do Brasil, onde podemos encontrar a sinalização pelo autor, de vários pontos de missão da sociedade missionária protestante *American Society*. Julgamos interessante reproduzir tal mapa destacado como complemento de informação (figura nº 07) (BEACH, 1903, mapa 05).

Lamentamos que tal obra não relacionou o número de missionários destacados para cada uma delas, bem como não pudemos distinguir se o trabalho desses missionários era conveniado com alguma denominação protestante ou era de iniciativa apenas da sociedade

missionária americana. Não sabemos se esse trabalho era de pregação proselitista, colportagem de bíblias “protestantes” ou de versões católicas, se havia rodízio de missionários e outras possíveis indagações que ficam sem resposta. De concreto, fica a certeza de que “circulavam” missionários americanos da *American Society* em uma região em expansão do litoral de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, em direção ao interior. De qualquer maneira, por tal mapa publicado em 1903, observa-se o interesse dessa sociedade missionária norte-americana na implantação do protestantismo de colorido norte-americano na atual região sudeste brasileira. O autor desse atlas grifou em vermelho as cidades/localidades que correspondem aos atuais municípios de Rio Novo do Sul no Estado do Espírito Santo; Barra Mansa, Niterói, Nova Friburgo, Passa Três, Petrópolis e Rio de Janeiro no Estado do Rio de Janeiro; Araguari, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Lavras, Ouro Preto, São João Del Rei, Ubá e Uberaba no Estado de Minas Gerais; Campinas, Ribeirão Preto, Santa Rita do Passa Quatro, São Paulo e Taubaté no Estado de São Paulo. Além das cidades acima informadas, a *American Society* também operava nas cidades de Porto Alegre, Bento Gonçalves, Santa Maria, Pelotas, Jaguarão e Rio Grande, no Rio Grande do Sul; Curitiba e Castro no Paraná; Florianópolis em Santa Catarina; Salvador e Feira de Santana na Bahia; Aracaju em Sergipe; Recife em Pernambuco; Fortaleza e Independência no Ceará; Natal, Rio Grande do Norte; São Luís e Caxias no Maranhão.

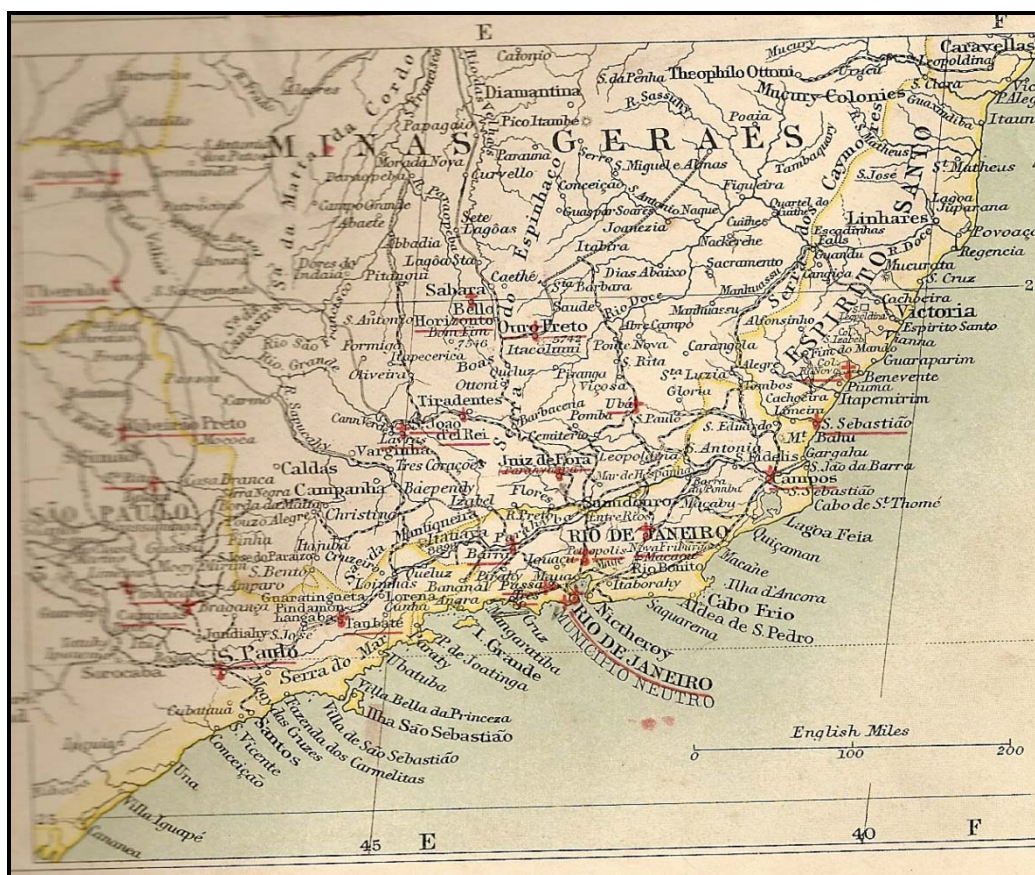


Figura 7 – Mapa dos pontos missionários da *American Society* em 1903

Por volta da virada do século XIX para o século XX, operavam no Brasil, quatorze sociedades missionárias. Das quais dez dos Estados Unidos, duas da Grã-Bretanha e uma internacional com sede no Canadá (BEACH, 1901, p. 139).

Os esforços protestantes no Brasil são dignos de especial menção. O primeiro destes é o grande número de trabalhadores protestantes entre os estrangeiros residentes. Castells observou na Conferência Ecumênica que eles são em número de 120 missionários para 140.000 residentes estrangeiros na República. Por outro lado, somente a metade desses missionários tem trabalhado e com afincos entre os brasileiros romanistas e os irreligiosos. Essa ênfase de trabalho dos protestantes para seus compatriotas é característica na maioria dos países sulamericanos e especialmente notável aqui. Isso é excedentemente importante aqui como apoio ao movimento protestante, por um lado, para os diretamente beneficiados. Por outro lado, remove os impedimentos do caminho daqueles que poderiam arguir contra o irreparável protestantismo professado por suas vidas. Educação é uma ênfase no Brasil. A mais proeminente instituição no continente é o Mackenzie College dos presbiterianos, localizado em São Paulo. Em 1900, ao final do seu

vigésimo-nono ano, reportou a matrícula de 546 alunos, dos quais 71 no nível “College”. Nos quatorze anos precedentes educou 6077 estudantes e crianças de ambos os sexos. Apenas para mostrar seu aspecto cosmopolita, estavam matriculados durante o ano reportado, 339 brasileiros, 48 alemães, 38 italianos, 18 americanos, 14 franceses, 12 ingleses e 17 de outras nacionalidades. Religiosamente considerados, 427 eram romanistas, 117 eram protestantes e 2 hebreus. Não obstante a superior quantidade de católicos, as características protestantes da instituição são sempre enfatizadas ao tempo em que mantem a estima popular da instituição. Outras instituições menores, mas de alto padrão, tem feito um admirável trabalho a despeito dos anátemas dos padres, o que usualmente prova que eles são a mais efetiva forma de propaganda para preenchimento dessas escolas (BEACH, 1901, p. 130-131).

O autor do texto acima percebe-se descrevendo o movimento missionário “protestante”, como se pode notar pelo uso repetido dessa palavra. Não usam na sua língua nativa, expressões equivalentes as palavras “crentes”, “evangélicos” ou “reformados”, mas categoricamente “protestantes”. Isso reforça nosso entendimento de que a estratégia missionária global era implantar o protestantismo de matiz norte-americano. No Brasil, em especial, via educação entre as elites do país. São protestantes implantando o protestantismo americano. O autor fala em 140.000 trabalhadores estrangeiros. Ora, havia no Brasil muito mais do que isso em termos de trabalhadores imigrantes no Brasil na virada do século XIX para o século XX. Talvez o autor esteja apontando para trabalhadores de origem protestante norte-americana ou inglesa. Se confiável o número de 140.000 protestantes trabalhadores estrangeiros e 120 missionários, dos quais metade dedicada aos estrangeiros e metade voltada ao proselitismo entre brasileiros, teremos a relação de um missionário para cada grupo de 1167 protestantes estrangeiros, certamente uma relação alta. O autor dá a entender também que, esses missionários protestantes dedicados para os trabalhadores protestantes estrangeiros, ajudavam a manter um padrão comum ou médio de disciplina e moral protestantes como que “provando” através de suas vidas cotidianas que o protestantismo era irreprochável. Os outros sessenta missionários tinham como alvo, não simplesmente os católicos, mas duas classes de brasileiros: os romanistas e os irreligiosos (heathen). Esperava-se conversão ao protestantismo, tanto de católicos, sectariamente chamados de “romanistas”, quanto dos que fossem irreligiosos ou apenas nominalmente religiosos. A expressão “romanista” também é utilizada na contabilização religiosa dos alunos do Mackenzie College. O espírito emulativo concorrencial também aflora quando da descrição genérica de maldições oriundas dos padres e que isso só fazia crescer o alunado nas instituições protestantes de ensino. Onze anos após a República, a identidade protestante se fazia pela descrição negativa do outro, no caso

os católicos, e pela descrição positiva de si mesmo, isto é, um protestantismo culto e superior. Assim como as escolas protestantes de Campinas e Piracicaba e as muitas outras já plenas atuação pelo Brasil na virada do século retrasado para o século passado, o Mackenzie College acolhe estudantes de diversas origens nacionais e credos, mas com capacidade financeira de pagamento. Em algum momento, o protestantismo acaba por ser apresentado para esses estudantes. Um protestantismo propagado só para quem pode ouvir se pagar, não é uma religião de massas, mas de elite. Insistimos que o protestantismo marcadamente norte-americano que se implantou no Brasil com ares de religião superior e erudita optou pela via das elites frequentadoras das instituições de ensino.

Além de uma formação intelectual destinada aos alunos, estaria sutilmente embutida nela a mensagem cristã protestante. Como consequência, o objetivo missionário desses protestantes era utilizar a prática escolar como meio de cristianizar a sociedade, a cultura, os hábitos e os costumes dos brasileiros no que diz respeito aos valores liberais democráticos em sua leitura americanizada. O Internacional, assim como outras iniciativas missionárias protestantes na esfera escolar, procurou e conseguiu até certo ponto, estabelecer padrões modeladores de consciências e caráter, de modo que a influência cristã protestante fosse notada nas atitudes de seus alunos (ALBINO, 1996, p. 120).

Como complemento, compusemos as três próximas figuras com base nos dados informados pelo “Atlas” e observamos que, segundo o autor do mesmo, o mundo religioso de 1900 no Mackenzie College estava dividido entre romanistas e protestantes, com um percentual ínfimo de hebreus (mantivemos as palavras do autor, isto é, “romanistas”, “protestantes” e “hebreus”). Não se fala em “sem-religião” ou de outras religiões (BEACH, 1901, p. 130).

MUNDO RELIGIOSO NO MACKENZIE COLLEGE - 1900		
RELIGIÃO PROFESSADA	Nº DE ALUNOS	%
ROMANISTAS	427	78.2%
PROTESTANTES	117	21.4%
HEBREUS	2	0.4%
TOTAL	546	100.0%

Figura 8 – adesão religiosa no Mackenzie College

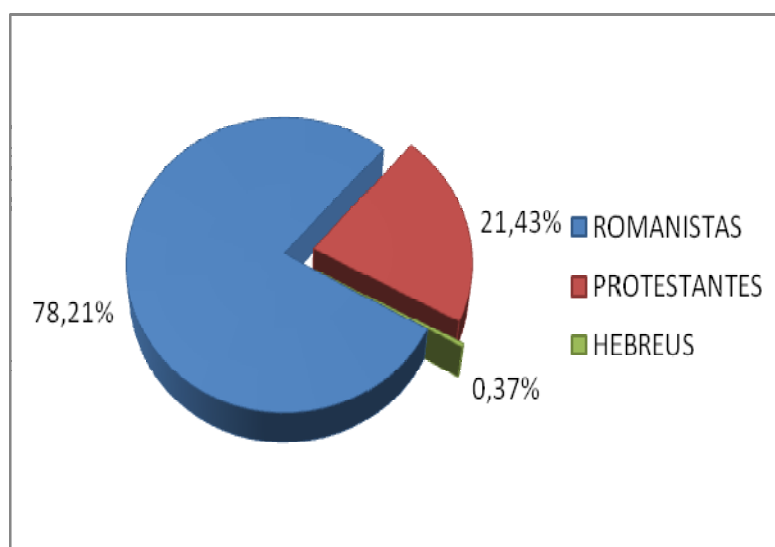


Figura 9 – Gráfica das percentagens religiosas no Mackenzie College em 1900

A diversidade de nacionalidades entre os alunos pode ser aferida pela seguinte tabela:

NACIONALIDADE	Nº ALUNOS	%
BRASILEIROS	399	
SUB-TOTAL (brasileiros)	399	73.08%
ALEMÃES	48	8.79%
ITALIANOS	38	6.96%

AMERICANOS	18	3.30%
FRANCESES	14	2.56%
INGLESES	12	2.20%
OUTRAS NACIONALIDADES	17	3.11%
SUB-TOTAL (outras nacionalidades)	147	26.92%
TOTAL	546	100.00%

Figura 10 – Diversidade de nacionalidades no Mackenzie College em 1900

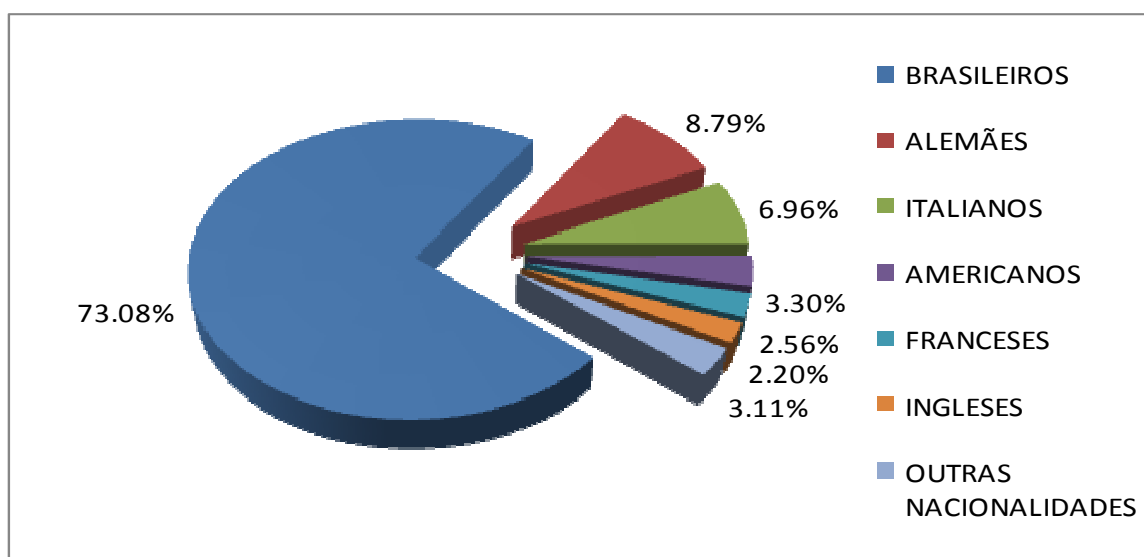


Figura 11 – Gráfico percentual de nacionalidades no Mackenzie College em 1900

A seguinte montagem foi efetuada a partir da página de estatísticas das atividades das sociedades missionárias mundiais protestantes e é útil para se verificar os dados, nomes

e origens das 36 sociedades missionárias que voltaram olhos para a América do Sul na transição do século XIX para o século XX (BEACH, 1903, p. 23).

countries and societies	year included in the report	year of its first work in the field	foreign missionaries including physicians:						studios	nursing		educational		medical		patients during year reported		
			Ordained men	Unordained men	missionaries' wives	other missionary women	nurses, both sexes	were missionaries' wives		ordinations, or substitutes	communications	admissions, not communications	day-school	people in same	higher institutions		students in same	foreign male physicians
VIII - SOUTH AMERICA			1864	3	1	27	3											
American Societies			1890	5	1	4	2	12	6	5	450							
American Bible Society			1848	2	2	4	4											
American Church Missionary Society			1856	24	1	23	11	78	19	52	4095	42	1395					
American Seamen's Friend Society			1876	12	1	10	10	22	7	35	2774	3	100	1	78			
Board of Foreign Missions Presb. Chanc. North			1900-1901	7	7	8	3											
Board of Missions of the Methodist Episcopal Church, South			1901-1901	1869	12	11	7	14	12	52	1054	3	119	1	15	3		
Christian and Missionary Alliance			1901-1901	1891														
Executive Committee of Foreign Mission Board of the Associate Reformed Presbyterian Synod of the South			1900-1900	1898	4	2	2	1	2			1	20	1	75			
First-Day Adventists			1900	1882	8	8	1	33	8	64	1932	2	150					
Foreign Department, Y.M.C.A., North America			1900	1885	3	2	7	2	2	106	3	212						
Foreign Mission Board of the Baptist Convention of Ontario and Quebec			1900	1896	6	3	1	1	3									
Foreign Mission Board - National Baptist Convention			1900	1893	6	2	2	5	5	2	300	2	250					
Foreign Mission Board - Southern Baptist Convention			1901-1901															
Foreign Mission Committee - Presbyterian Church Canada			1900	1895	3	3	1	1	3									
Gospel Missionary Union			1899	1836	25	4	23	23	195	32	15	4984	22	1707	5	519	1	1
Home and Foreign Missionary Society African Methodist Episcopal Church			1900	1887	11	11	17	3	46	13	58	11	401					
Independent Baptist Missionary Movement			1900	1895														
International Medical Missionary and Benevolent Association			1900	1897	1	12	4											
Missionary Society of the Methodist Episcopal Church			1900	1881														
Mission Board of the Seventh-Day Adventists			1888-1899	127	45	123	64	488	139	283	17808	94	4488	11	940	5	1	
Venezuela Mission			1900															
Woman's Foreign Missionary Society - Methodist Episcopal Church - South			1900															
Totals: 27 American Societies				2	9	14	11	7	13	1	4996	29	3559					
British Societies																		
Brazil Mission - Help for Brazil			1899-1900	1808	1	1	1											
British and Foreign Bible Society			1900	1895	4	4	1											
British Guiana Congregational Union			1900-1901	1894	4	6	8											
Christian Missions [commonly called "Brethren"]			1900	1835	8			13	9		1359	5						
London Missionary Society			1900	1844	7	24	12	11	32	10	7							
Missionary Pence Association			1900	1844	31	48	33	18	172	39	7	6437	8746	46	4856	3	1	
Regions Beyond Missionary Union			1900															
Society for the propagation of the Gospel			1900															
South American Missionary Society			1900															
Totals: 9 British Societies				7	3	7	6	2	8	26	4174	29	3875					
Continental Society			1899-1900	1776	32	11	40	6	356	21	20	8696	21596	25	2900			
Högskoleförbundet			1889	1890	43	33	7											
International Societies			1900	1884	2													
Eastern Annual Conference of the Wesleyan Methodist Church West Indies			1899		243	140	211	88	1087	223	352	37843	55173	200	10437	14	943	6
Mission der Biologemeine			1900															
Salvation Army			1900															
Wesleyan Methodist Home and Foreign Missionary Society of the Western Annual Conference-West Indies			1900															
Grand Total: 36 Societies																		

Figura 12 – Atividades das sociedades missionárias na América do Sul

Uma observação incidental relativa a questões de gênero e religião: Note-se no quadro acima as categorias “homens ordenados”; “homens não ordenados”; “esposas de missionários” e “outras mulheres missionárias”. Ordenação significa que o homem recebeu

algum tipo de reconhecimento por uma instituição religiosa para ser chamado de pastor, missionário ou algum outro nome, ao menos no âmbito dessa instituição. Alguns homens atuavam como missionários, mas sem esse reconhecimento de ordenação, talvez em funções diferentes daquelas do tipo pastoral ou clerical. Não há mulheres “ordenadas” ou “não ordenadas”. Ou elas são “esposas de missionários” ou “missionárias”. Transparece que “homens ordenados” e “homens não ordenados” são mais importantes e têm precedência do que as “esposas de missionários” e “outras mulheres missionárias”. As “esposas de missionários” embora não tenham o *status* de missionárias, também são contadas como missionárias. São coadjuvantes menores dos homens (ordenados ou não). Na última categoria ficam as “outras mulheres missionárias” que nem são “esposas de missionários” nem “ordenadas” ou “não ordenadas”. São trabalhadoras reconhecidas apenas como “missionárias”, provavelmente laborando tanto quanto os homens, mas sem o *status* do reconhecimento pastoral ou clerical. Seriam essas missionárias todas solteiras? Provavelmente não. Porém não existe a categoria “marido de missionária”. O privilégio clerical masculino do protestantismo em implantação na América do Sul, em nada diferia do privilégio clerical masculino do catolicismo na região. A seguinte tabela reproduzida com adaptações, demonstrará que as “esposas de missionários” eram contadas como missionárias. Também servirá para ratificar a afirmação de que o protestantismo na América do Sul, descartou a via das instituições de assistência médica como forma de inserção, privilegiando as instituições de ensino (BEACH, 1903, p. 19).

COUNTRIES	Foreign missionaries including physicians				Stations			Native constituency			Educational			Medical					
	Ordained men	Unordained men	Missionaries' wives	Other missionary women	Total foreign missionaries	Native workers, both sexes	Where missionaries reside	Outposts, or substations	Communicants	Adherents, not communicants	Total native constituency	Day-school	Pupils in same	Higher institutions	Students in same	Foreign male physicians	Foreign women physicians	Hospitals, or dispensaries	Patients during year reported
The Aborigines of America	305	99	188	221	813	413	371	177	17651	14875	32526	201	5307	35	780	16	4	12	6768
Mexico	62	18	64	66	210	547	98	434	20769	17000	37769	148	7073	18	2217	8	4	4	200
Central America	40	11	38	13	102	293	48	57	4969	6454	11423	50	2617	1		1		1	
The West Indies	200	34	159	51	444	4073	236	578	68807	170773	239580	494	54608	8	163	2	1		
South America	243	140	211	88	682	1087	223	352	37843	55173	93016	200	16437	14	943	6	1		
Oceania	129	31	108	70	338	3058	196	1924	75681	277458	353139	2756	72638	38	1003	14	2	13	1212
New Zealand and Australian																			
Aborigines and New Guinea	54	22	36	23	135	548	97	105	4958	28942	33900	101	4451	3	82	7	1	10	483
Malay Archipelago, or Malaysia	158	17	110	20	305	1553	135	524	37746	56494	94240	393	19190	15	250	6	1	8	6580
Japan and its outlying islands	252	40	232	248	772	1817	247	853	42835	41559	84394	148	8794	54	3735	14	1	13	16437
Korea	51	14	40	36	141	157	26	354	8288	2042	10330	43	601	6	113	13	7	12	19993
China	610	578	772	825	2785	6388	653	2476	112808	91864	204672	1819	35412	170	5150	162	79	259	691732
Siam, Laos, Straits Settlements and Protected States	52	26	55	31	164	275	31	38	4557	2718	7275	66	2166	8	1493	12	3	10	18869
Burma	66	7	70	59	202	1797	38	548	43420	91111	594	585	16578	41	4440	7	2	17	
Ceylon	94	52	19	64	229	3338	99	360	12887	18184	31071	822	60882	19	1347	1	9	9	8338
India	1169	464	899	1304	3836	23001	1257	5367	376617	591310	967927	8285	342114	376	24255	89	111	313	1209738
Persia	26	9	22	28	85	281	13	80	3120	79	3199	114	3060	1	70	5	6	11	99713
Turkey, or the Ottoman Empire	128	108	123	278	637	1805	122	526	168367	51244	219611	767	36719	51	3251	35	3	63	189737
Africa	1158	634	779	480	3051	15732	1032	5806	274650	576530	851180	3497	201473	94	3574	66	9	126	232175
Madagascar and other African Islands	99	36	99	50	284	6547	102	1461	68207	103165	171372	3031	168177	42	1306	7		17	25827
Fields practically unoccupied	11	7	8	1	27	24	7	3				1	12		5			5	9143
Missions to the Jews	132	382	96	2	612	204	210					58	5392			45		35	
Japanese and Chinese in christian lands	14	11	15	61	101	124	75	44	2855	872	3727	38	1594	1	9	1			
Papal Europe	77	68	56	73	274	930	184	296	10007	18502	28509	106	7910	9	462	1		7	6300
Bible Societies	36	46	10	4	96	1213	61												
Sailor's Societies	97	175	12	9	293	76	210	1											
Grand total	5263	3029	4221	4105	16618	75281	5771	22364	1397042	2216549	3613391	23723	1075205	1005	54648	526	244	947	2545503

Figura 13 – Atividades das sociedades missionárias no início do século XX

Observe-se na tabela acima, na linha destacada em negrito, a ausência de hospitais e dispensários na América do Sul. Também no ano reportado (1900) não houve nenhum tipo de atendimento de saúde por parte dos sete profissionais elencados. Isso contrasta com os 259 hospitais e dispensários operados por 241 profissionais da saúde que atenderam 691.732 pessoas na China. Ou mais ainda se comparado com a Índia: esse país recebeu os serviços de 200 profissionais de saúde que atenderam 1.209.738 pessoas em 313 hospitais/dispensários.

2.4.1 Campinas – a passagem para o século XX

A cidade de Campinas conseguiu superar as dificuldades geradas pelas sucessivas epidemias e por volta da virada do século XIX para o século XX, ainda impulsionada pelo café, algodão e produção industrial, acertou seu rumo em direção ao desenvolvimento urbano.

Na passagem do século, o município de Campinas contava com uma população aproximada de 70.000 habitantes [...] a população rural era composta de 50.000 habitantes [...] A retomada do desenvolvimento industrial verificar-se-ia, somente em 1908 com a lei 129 da Câmara Municipal, que concedia favores à indústria (BATTISTONI, 1996, p. 60).

Conforme a cidade industrializa-se o antigo centro expande-se. Arrabaldes e fazendas de café foram integrados na mancha urbana. A população operária passa a residir nos aglomerados urbanos com os sugestivos nomes de “Parques”, “Jardins” e “Vilas”. Na década de 1940,

com o surto industrial, a cidade se expande para a periferia. Desta maneira, vários arrabaldes vão ser formados recebendo o nome de “vilas” como: Vila Marieta, Vila Nova, Vila Itapura, etc... Ou “jardins” como Chapadão, Guanabara, etc... (BATTISTONI, 1996, p.73).

Também o protestantismo, por essa quadra, já estava se desenvolvendo pelo Brasil. Em Campinas, além dos presbiterianos, luteranos e metodistas, os batistas também se fize-

ram presentes no núcleo urbano de Campinas. Quatorze anos antes dos metodistas, tentaram a implantação de uma igreja para brasileiros em 1900, inclusive com a frequência em 1901 do missionário norte-americano Willian Bagby, um dos expoentes da implantação dos trabalhos batistas no Brasil. Essa igreja dissolveu-se em 1904 e alguns de seus membros passaram a frequentar a Igreja Presbiteriana Independente de Campinas. Esses mesmos membros reorganizaram-se novamente como Igreja Batista em Campinas no ano de 1907 (PIBC, 2010).

Passada a primeira metade do século XX, portanto já longe do período inicial de inserção do protestantismo em Campinas, algumas igrejas foram objeto da percepção de escritores que falaram sobre a cidade. Para o ano de 1947, existe uma menção para a “Comunidade Evangélica da Igreja Alemã”, situada na Rua Álvares Machado, nº 402 (GUIMARÃES; FONSECA, 1947, p. 31). Os autores deveriam estar se referindo a atual Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, cujas dependências estão situadas na mesma rua, nº 492.

Um dos autores da informação acima sobre os luteranos publicou em 1953 uma listagem de igrejas protestantes em Campinas e seus endereços. Nessa listagem, deixou de mencionar os luteranos, mas acrescentou os salvacionistas do Exército de Salvação (grafado pelo autor originalmente como Exército da Salvação). Adaptamos essa listagem no quadro a seguir, com a ressalva de que reproduzimos os nomes das igrejas conforme publicado no original, inclusive com as lacunas dos endereços (GUIMARÃES, 1953, p. 115).

IGREJA	ENDEREÇO
BATISTA DE CAMPINAS	Rua Vieira Bueno, Cambuí
BATISTA DE SÃO PAULO	Rua Ferreira Penteado, 936
PRESBITERIANA	Rua Bernardino de Campos, 636
PRESBITERIANA	Vila Marieta

PRESBITERIANA	Rua General Osório
PRESBITERIANA	Rua Bernardino de Campos - Largo do Mercado
PRESBITERIANA INDEPENDENTE	Bairro São Bernardo
PRESBITERIANA INDEPENDENTE	Rua Luzitana
METODISTA EPISCOPAL	Rua Ferreira Penteado, 236
EXÉRCITO DA SALVAÇÃO	Rua Santos Dumont, 587

Figura 14 – Igrejas evangélicas em Campinas - 1953

Nossa terceira fonte irá relacionar para o ano de 1952, sete comunidades religiosas protestantes em Campinas e sua membresia (exclusive o Exército de Salvação) (FERREIRA, 1952, p. 383). Com base nessa fonte, apresentamos a seguinte tabela, agora acrescida da membresia:

IGREJA	A	B (%)	C	D (%)
CRISTÃ PRESBITERIANA	415	29.88%		
EVANGÉLICA LUTERANA	130	9.36%		
PRESBITERIANA INDEPENDENTE	240	17.28%		

DENTE			
BATISTA (PRIMEIRA)	165	11.88%	
METODISTA	309	22.25%	
BATISTA (CAMBUÍ)	96	6.91%	
BATISTA (GUANABARA)	34	2.45%	
TOTAL DE PRESBITERIANOS		655	47.16%
TOTAL DE BATISTAS		295	21.24%
TOTAL DE METODISTAS		309	22.25%
TOTAL DE LUTERANOS		130	9.36%
TOTAL DE GERAL DE MEM- BRESIA	1389	1389	100.00%

Figura 15 – Igrejas evangélicas e membresia em Campinas – 1952

As colunas “A” e “B” indicam, respectivamente, o número de membros em cada uma das sete igrejas locais e o seu percentual em relação ao total de evangélicos na cidade. As colunas “C” e “D” indicam, respectivamente, o total de membros por denominação e o respectivo percentual em relação ao total de evangélicos na cidade de Campinas em 1952. O pesquisador presbiteriano Júlio Andrade Ferreira apontou existirem apenas sete igrejas protestantes em Campinas ao narrar a história destas na cidade. O Exército de Salvação, por provável membresia ínfima não foi relacionado. Mesmo sem estes últimos, o número de evangélicos na metade do século XX, é de somente 1389 aderentes, todos de igrejas históricas ou de missão, dos quais os presbiterianos são quase a metade, mais exatamente 47,16%.

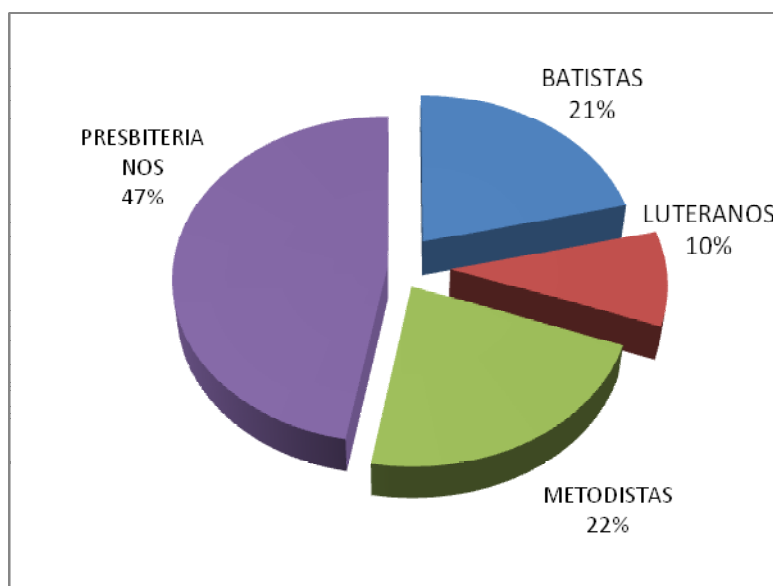


Figura 16 - Relação percentual de igrejas evangélicas em 1952

Se a população campineira em 1950 era de 152.547 habitantes, então os protestantes representavam 0,91% dessa população (CENSO, 2010). Cinquenta anos depois, o censo 2000 apontou que para uma população de 969.396 habitantes, o número de evangélicos era de 177.514 aderentes, resultando no percentual de 18,31% sobre o total da população (CENSO, 2010).

Em um primeiro momento, nos causou estranheza e suspeição o fato de que as três fontes que publicaram dados sobre as igrejas protestantes por volta de 1950, não informaram a presença de nenhuma expressão pentecostal. Porém, ao visitar-mos o site da Igreja Assembleia de Deus em Campinas – Ministério Belém, encontramos a informação de que essa igreja foi implantada em Campinas através do Missionário Pastor Delfino Bruneli “no fim de 1949” (ADCAMP, 2010). Assim, é plausível que aqueles que escreveram sobre as igrejas protestantes em Campinas por volta da metade do século XX, não tenham observado a presença de nenhuma expressão pentecostal na cidade. O número de assembleianos em Campinas segundo o censo 2000 é de 32.813 professantes (CENSO, 2010).

A profunda queda (*crash*) da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, seguida da inesperada quebra (*crack*) desta, reverberaram consequências no Brasil. O Estado de São Paulo e Campinas foram diretamente atingidos pela crise que se seguiu. Rompeu-se a políti-

ca do Café com Leite através da Revolução de 1930, ascendeu um político que estava fora do eixo São Paulo-Minas Gerais, o caudilho gaúcho de São Borja, Getúlio Dorneles Vargas. Emblematicamente o deposto Presidente da República, Washington Luis, o “paulista de Macaé” é enviado ao exílio. A crise que se segue atinge diretamente o “baronato” do café no interior paulista, com a perda de espaço nos arranjos políticos nacionais e quebra de fazendas pela repentina inexistência de mercado para o principal produto de exportação brasileira de então, o café.

Em Campinas, em 1930, estava nitidamente instalada a crise urbana, ao mesmo tempo que, o complexo cafeeiro enfrentava sua crise definitiva cedendo espaço àquelas transformações profundas da estrutura social e econômica, nas quais se incluíam a industrialização e a urbanização. Esta segunda crise configura-se por dois aspectos: *a forma de organização territorial* – ocupação e apropriação do solo urbano, - *e a produção de condições gerais para o processo de industrialização* – a expansão da urbanização, a valorização das terras urbanas e a implantação de unidades industriais [...] Outras condicionantes sociais implicavam no seu reconhecimento como crise. O mercado de trabalho impunha ao trabalhador a submissão as condições miseráveis de vida; o fortalecimento desse operariado, tanto por sua ampliação numérica como pela organização política; e, ainda, a instalação de novas unidades produtivas, demandava, tudo isso, uma ampliação e renovação das estruturas existentes (itálicos no original) (CARPINTERO, 1996, p. 37).

Em razão da notória crise, o empresariado campineiro perfaz um rearranjo em suas possibilidades de investimentos já no próprio ano de 1929. Uma vez que o campo, isto é, o café, estava engessado para a produção de lucros, a saída para os detentores do capital estava em voltar-se para a cidade.

A ideia de expandir a cidade ou de abrir ruas, avenidas e construir novos prédios, estava diretamente relacionada aos interesses dos proprietários de terras ou dos empresários da construção civil. Naquele momento de crise da economia cafeeira, tornou-se interessante não apenas a transformação do proprietário rural em urbano, como também, o investimento na construção civil. Eram formas de transferir capital de um ramo para o outro sem grandes gastos (CARPINTERO, 1996, p. 38).

Campinas sobreviveu aos eventos resultantes da quebra da Bolsa de Nova York, a Revolução de 1930, a Revolução Constitucionalista de 1932 ou Revolução Paulista, assim como a Segunda Grande Guerra. Terminada esta e com os novos ares de democracia que se

respirava no Brasil após a ditadura Vargas, Campinas expande-se aproveitando também as novas oportunidades industriais proporcionadas pela substituição das importações.

Definiu-se, também, uma nova etapa nos processos urbanos em Campinas. Grandes indústrias instalaram-se no município, novas lojas e escritórios começaram a ocupar o centro, edifícios públicos foram construídos e o sistema de transportes colocou em funcionamento as primeiras linhas de ônibus. Mais importante, contudo, foi a expansão exacerbada da área loteada a partir de então. Em dez anos o município multiplicou aproximadamente 3,5 vezes sua área total. Passou de 16.246.000 m², em 1945, para 52.921.000 m², em 1954 (CARPINTERO, 1996, p. 44).

O centro da cidade de Campinas foi escolhido como o motor das oportunidades de investimento e transformações. Antigos prédios públicos e particulares foram postos abaixo, juntamente com antigos casarões dos Barões do Café para a construção de edifícios comerciais e de apartamentos. Edifícios de vários andares surgiram na área central. O transporte urbano por ônibus foi instalado para transportar os trabalhadores para um centro que se dedicava cada vez mais ao comércio e aos serviços. Em sintonia com os empreendedores imobiliários particulares, o poder público municipal desapropriou uma série de edificações e efetuou o alargamento das ruas e avenidas centrais para privilegiamento dos transportes viários e valorização imobiliária da área central. Os cortiços e a pobreza visível foram expulsos para as periferias.

A constituição do centro urbano respondia às exigências postas pela crise dos anos trinta, sendo elemento importante na formação de um mercado imobiliário, no contexto da industrialização, da transformação de proprietários rurais em urbanos e na organização de uma indústria de construção civil. A crise diluiu-se com a constituição desse centro e seu suporte ideológico foi dado pelo planejamento através do Plano de Melhoramentos Urbanos. Tal exclusão passava pela segregação espacial, a expulsão das camadas mais pobres, então ocupantes dos *cortiços*. Nisso se continha talvez, o aspecto mais importante do projeto da classe hegemônica para diluição da crise: a apropriação do centro e a exclusão da periferia. Os maciços investimentos públicos no centro garantiam esse objetivo pelos mecanismos sociais de valor (itálicos no original) (CARPINTERO, 1996, p. 84).

Para que se aquilate o poder avassalador das ações da Prefeitura Municipal, citamos a derrubada da Igreja do Rosário em 1956, instalada no Largo do mesmo nome desde o ano de 1817, apenas para fazer espaço para a abertura da nova via central, atual Av. Francisco

Glicério. No mesmo ano de 1956, a Igreja Metodista Central em Campinas teve parte do seu templo demolido para alargamento da Rua José Paulino, perdendo definitivamente sua torre.

As demolições foram consequência de um plano de reestruturação urbana cujo apogeu se deu na cidade entre os anos 1950 e 1970. Neste período, nada menos que 66 edificações foram desapropriadas e derrubadas entre as avenidas Francisco Glicério e Campos Sales. Além dos prédios do teatro e da igreja, a Prefeitura autorizou, entre outras, as demolições do Solar dos Alves, do Palacete Armbrust e do Pavilhão Campos Salles do Escritório Central da Cia. Mogiana – num procedimento que os preservacionistas consideram hoje um crime contra a memória da cidade (CÂMARA, 2009).

A Lei Municipal 640 de 28 de dezembro de 1951 que dispõe sobre “melhoramentos urbanos” foi uma radical atualização de uma norma municipal datada de 1938 (Ato nº 118). Ao compulsarmos a Lei Municipal 640/51, pudemos perceber que o executivo municipal foi empoderado no sentido de poder fazer mudanças na paisagem urbana muito além da área central da cidade. Permitiu-se que a partir do Paço Municipal, o burgomestre de plantão realizasse mudanças de alto impacto na paisagem urbana. A Revolução Militar de 1964 foi o elemento catalizador das ações do poder municipal para mudanças na cidade. Sem oposição, a prefeitura podia agir sem contestação. Foi exatamente o caso da derrubada do Teatro Municipal Carlos Gomes. Construído em 1930 (arquitetura eclética) e com 1300 lugares, era um local de produção de cultura e um dos ícones da cidade. Foi destruído em 1965 por ordem do Prefeito Municipal Ruy Novaes.¹⁷

Especulação imobiliária e industrializações incentivadas pelo governo executivo municipal, além de apoio estadual e federal durante o período do “milagre econômico” foram os produtores de um novo surto de industrialização e consequente periferação de camadas pobres da população.

A partir de 1960, e principalmente nos anos 70, Campinas tornou-se um dos eixos da expansão industrial do Estado. A desconcentração relativa da

¹⁷ No local do antigo teatro existe atualmente uma loja de departamentos C&A com vários andares. Do teatro, foram preservados um lustre de cristais da Boêmia com 5,70m X 2,20m, além de cinco menores e 13 arandelas. Essas peças foram tombadas em 1969 e encontram-se preservadas e instaladas no salão nobre e capela da Escola Preparatória de Cadetes do Exército – EsPCEX, em Campinas. Cf. (PARATODOS, 2009); (ICONOGRAFIA, 2009).

atividade industrial a partir da região metropolitana de São Paulo, conduziu o município a um acelerado crescimento econômico e populacional. Além disso, a integração do mercado de trabalho, com a subordinação da agricultura à indústria, contribuiu para que novos incentivos governamentais beneficiassem a região [...] As transformações econômico-sociais por que passou o interior paulista, e particularmente Campinas, geraram a reprodução do padrão periférico urbano, anteriormente peculiar às grandes concentrações metropolitanas (BAENINGER, 1996, p.20).

A globalização mundial também operou consequências no Brasil e na região de Campinas. A globalização ou mundialização provocou insegurança obreira. Muitos trabalhadores continuaram por atuar como alimentadores do processo de periferização nas cidades. Na década de 1990, isso se fez sentir em Campinas e região. A formação de núcleos populacionais por meio de ocupação de terras urbanas está inserida nesse processo. O auto-denominado Parque Oziel, ocupação urbana periférica em Campinas ocorrida em 1997 é um exemplo.

Trabalhar com a palavra *globalização* implica no uso de um vocábulo aparentemente consagrado tanto na área acadêmica como na mídia, sendo possível sem prejuízo maior, a utilização do termo *mundialização* como sinônimo na abordagem do tema. É possível ainda encontrar no ambiente acadêmico, certa especialização do uso da palavra *globalização*, com a construção de neologismos como o utilizado por Milton Santos – *globalitarismo*. Ao dissertar sobre globalitarismos e totalitarismos, explica esse autor que:

Em tais condições, instalam-se a competitividade, o salve-se-quem-puder, a volta ao canibalismo, a supressão da solidariedade, acumulando dificuldades para um convívio social saudável e para o exercício da democracia [...] Na esfera da sociabilidade, levantam-se utilitarismos como regra de vida mediante a exacerbação do consumo, dos narcisismos, do imediatismo, do egoísmo, do abandono da solidariedade, com a implantação, galopante, de uma ética pragmática individualista [...] São todas essas, condições para a difusão de um pensamento e de uma prática totalitárias [...] Esses totalitarismos se dão na esfera do trabalho como, por exemplo, num mundo agrícola modernizado onde os atores subalternizados convivem, como num exército, submetidos a uma disciplina militar. O totalitarismo não é, porém, limitado à esfera do trabalho, escorrendo para a esfera da política e das relações interpessoais e invadindo o próprio mundo da pesquisa e do ensino universitários, mediante um cerco às idéias cada vez menos dissimulado (SANTOS, 2003, p. 54).

Globalismo e globalidade são os termos utilizados por Beck (1999, p. 27) como ponto de apoio na formação da globalização, no qual globalismo representa a ideologia do

neoliberalismo que bane a ação política; globalidade a não existência de espaços isolados no planeta, e globalização "os processos em cujo andamento os Estados nacionais vêm a sua soberania, sua identidade, suas redes de comunicação, suas chances de poder e suas orientações sofrerem a interferência cruzada de atores transnacionais" (BECK, 1999, p. 30).

Lembremos que o desemprego ao final da década de 1990 e início do século XXI surpreendentemente não alcançava somente os países denominados pobres, do terceiro-mundo ou subdesenvolvidos, dependendo da lente com que se queira enxergar, mas também a segurança do trabalho nos países ricos, Estados Unidos à frente (SANTOS, 2003, p. 73).

E o pior: chegamos ao ano 2000 sem nenhuma solução para o agravamento dos dois mais sérios reveses do século XX: o desemprego de massa e o crescimento das desigualdades no seio das nações ou entre elas. Mesmo os EUA, com a economia de melhor desempenho do mundo em matéria de criação de empregos, foram incapazes de resolver o problema daqueles que o presidente Clinton chama de "pobres apesar de empregados" (*working poor*), isto é, aqueles que trabalham oito ou mais horas por dia sem conseguir ganhar o suficiente para ter uma vida decente (aspas no original) (RICUPERO, 2002, p. 73).

Milton Santos apresenta três definições de pobreza (SANTOS, 2003, p. 73), ou seja, três abordagens do que tem sido a pobreza durante a última metade do século XX. Em um primeiro momento a pobreza mostra-se como uma pobreza "incluída", isto é, uma pobreza local e não comunicável, causada como que por um "acidente natural ou social", produzindo "pobres incluídos". Posteriormente, em um segundo momento, todos aqueles que ficam a margem do consumo, pois que fora do processo econômico baseado no consumismo, caem para a categoria da marginalidade, mas ainda uma questão tratada localmente, isto é, uma questão interna de cada país. O terceiro momento dessa pobreza e que se estende até os dias de hoje, é aquela que produz uma "pobreza estrutural globalizada excludente dos pobres".

Nessa última fase, os pobres não são incluídos nem marginalizados, eles são excluídos (grifo nosso) [...] A divisão do trabalho era, até recentemente, algo mais ou menos espontâneo. Agora não, hoje ela obedece a cânones científicos - por isso a consideramos uma divisão do trabalho administrada - e é movida por um mecanismo que traz consigo a produção das dívidas sociais e a disseminação da pobreza numa escala global. Saímos de uma pobreza para entrar em outra. Deixa-se de ser pobre em um lugar para ser pobre em outro. Nas condições atuais, é uma pobreza quase sem remédio, trazida não apenas pela expansão do desemprego, como, também, pela redução do valor do trabalho [...] Uma das grandes diferenças do ponto de vista ético é que a pobreza de agora surge, impõe-se

e explica-se como algo natural e inevitável [...] Atacam-se, funcionalmente, manifestações da pobreza, enquanto estruturalmente se cria a pobreza ao nível do mundo. E isso se dá com a colaboração passiva ou ativa dos governos nacionais (SANTOS, 2003, p. 72-73).

É nesse “clima” que Campinas chegou ao século XXI. E as igrejas evangélicas? Estas, cuja existência pouco se percebia no início do século XX, sobreviveram às dificuldades iniciais de sua inserção em Campinas. Cresceram, adaptaram-se e fazem parte da paisagem social atual da cidade, como podemos inferir pelos dados do Censo 2000 IBGE a seguir apresentados, com base nos Primeiros Resultados da Amostra.

Em quatro colunas (Brasil, São Paulo, Região Metropolitana de Campinas e Campinas) podemos verificar os totais de população em relação à adesão religiosa, nos termos dos critérios adotados pelo IBGE. Em cada coluna das regiões apresentamos um número percentual em relação ao total da população. É possível assim aferir, por exemplo, que os evangélicos em Campinas representavam no ano 2000, 18,31% da adesão religiosa entre a população da cidade. Da mesma maneira, fica clara que a maior adesão entre os evangélicos está no setor pentecostal que representava em 2000, 13,15% da população Campineira.

O percentual de evangélicos na cidade de Campinas também é superior à média nacional que é de 15,41% (CENSO, 2010).

População residente por situação do domicílio, sexo e religião					
Variável	Brasil	Estado de São Paulo	Campinas - SP - Região Metropolitana	Campinas - SP	
Situação do domicílio	População residente (Pessoas)	População residente (Pessoas)	População residente (Pessoas)	População residente (Pessoas)	
Sexo	Total	Total	Total	Total	%
Ano	Total	Total	Total	Total	%
Religião	%	%	%	%	%
Total	169872856	37035456	2338148	969396	100,00
Católica Apostólica Romana	124980132	26039203	1628438	662944	68,39
Evangélicas	26184941	6311233	452624	177514	18,31
Evangélicas de missão	6939765	1068451	87806	35378	3,65
Evangélicas de missão - Evangélica Adventista do Sétimo Dia	1142377	218850	20103	5501	0,57
Evangélicas de missão - Igreja Evangélica de Confissão Luterana	1062145	27782	3962	1048	0,11
Evangélicas de missão - Igreja Evangélica Batista	3162691	467763	38641	18012	1,86
Evangélicas de missão - Igreja Presbiteriana	981064	257669	20324	8799	0,91
Evangélicas de missão - outras	591488	96387	4776	2019	0,21
Evangélicas de origem pentecostal	17975249	4863532	338977	127457	13,15
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Congregacional Cristã do Brasil	2489113	1309130	93328	34976	3,61
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus	2101887	605781	35509	14303	1,48
Evangélicas de origem pentecostal - Evangélica Evangelho Quadrangular	1318805	370144	35488	11583	1,19
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Evangélica Assembleia de Deus	8418140	1468128	98221	32813	3,38
Evangélicas de origem pentecostal - outras	3647303	1110348	76431	33782	3,48
Evangélicas - outras religiões Evangélicas	1269928	379250	25841	14679	1,51
Testemunhas de Jeová	1104886	373337	25401	8329	0,86
Espírita	202401	779325	39349	22359	2,31
Espiritualista	25889	5941	433	359	0,04
Umbanda	397431	79119	3251	1869	0,19
Candomblé	127582	27610	1182	808	0,08
Judaica	86825	42174	501	364	0,04
Budismo	214873	143358	4748	2407	0,25
Outras religiões orientais	158912	70471	3457	1709	0,18
Islâmica	27239	12062	231	192	0,02
Hinduísta	2905	766	11	11	0,00
Tradições esotéricas	58445	14254	1350	789	0,08
Tradições indígenas	17088	1310	70	24	0,00
Outras religiosidades	989303	220766	16680	8219	0,85
Sem religião	12492403	2695655	142271	70962	7,32
Não determinadas	357648	112950	6621	2578	0,28
Sem declaração	383953	105720	11530	7958	0,82

Figura 17 percentual de evangélicos na cidade de Campinas também é superior à média nacional que é de 15,41%

Como vimos, é longa a trajetória percorrida desde a Reforma até a inserção do protestantismo no Brasil e região de Campinas.

Atualmente, por toda a cidade de Campinas é possível se encontrar manifestações da presença evangélica. Essa marcha processual civilizatória religiosa alcançou boa parte da sociedade campineira em vários segmentos sociais. Tal presença também é encontrada em figurações existentes em uma comunidade periférica e carente – o Parque Oziel. É sobre ele que veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 OS EVANGÉLICOS NA CONSTITUIÇÃO DO PARQUE OZIEL

INTRODUÇÃO

O modelo de economia agrícola baseado na exploração do café exaure-se com a crise mundial de 1929, afetando diretamente a economia campineira. A partir desse momento a economia volta-se para uma economia urbana industrial que florescerá até a década de 1960 (NEVES , 2007, p. 33). Posteriormente e com o crescimento habitacional, ao lado da indústria, o setor de serviços irá desempenhar um papel relevante na economia dessa cidade do interior paulista.

Em 1945 tem início em Campinas um processo de ocupação por grandes e extensivas ampliações da mancha urbana, fora da malha segregada, cuja tendência se confirma a partir dos anos 50. Tudo isso contribui para configurar o que podemos chamar de primeiro momento da periferização da cidade (NEVES , 2007, p. 34).

A década de 90 do século XX assistiu no Brasil às consequências do processo de mundialização das políticas neoliberais aqui reverberadas ou especificamente implantadas. A insegurança obreira causada pelo desemprego, política de baixos salários e diminuição da intervenção do Estado na economia e ação de políticas públicas, como programas de moradia

para setores de baixa renda, levou setores urbanizados da população a resistir por sua sobrevivência. Uma das formas de resistência foi à ocupação de áreas com o fito de instalação de moradias para cidadãos de baixa renda. O nascimento do bairro Parque Oziel alinha-se com essa tendência.

3.1 O Parque Oziel na constituição centro-periferia de Campinas

O local conhecido genericamente como Parque Oziel está inserido nesse antigo processo de periferização, no caso por ocupação através de invasão. O nome “Oziel” é uma manifestação de homenagem prestada pelos líderes da ocupação, em memória do jovem Oziel da Silva morto em 1996 no confronto entre agricultores e forças policiais, conhecido como “O massacre de Eldorado de Carajás”. Sua localização está no entroncamento de duas importantes estradas estaduais paulistas, isto é, a Via Anhanguera e a Via Santos Dumont (SP 75). Os mapas oficiais apresentam o local como o bairro Jardim do Lago II, porém a ocupação ocorrida em 1997 criou uma área urbana contínua com aproximadamente 1.600.000 m², que contava com aproximadamente 11.000 habitantes em 2000¹⁸ que se identificam como moradores do Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B (CASSIANO, 2007, p. 1). Na confluência das duas rodovias acima citadas, também está localizado um grande centro de compras ou *outlet* chamado Campinas Shopping. Na mesma região está estabelecido o complexo hoteleiro *The Royal Palm Plaza/Royal Palm Resort* (ROYALPALM, 2010). A Gleba B faz divisa com a Estrada Velha de Indaiatuba (SP 73). Para quem chega ou sai de Campinas pela Via Santos Dumont, salta aos olhos o contraste entre o *outlet* e o hotel de luxo, com as edificações precárias e/ou rústicas do Parque Oziel. Também entre a Via Anhanguera e a Estrada Velha de Indaiatuba, próximo do Oziel, construiu-se um expressivo conjunto de loteamentos contíguos “Classe A” denominado *Swiss Park*, que conta atualmente com imóveis residenciais de alto luxo (SWISSPARK, 2010).

Assim, percebe-se que os três bairros oriundos de ocupação referenciados genericamente como “Oziel” ou “Parque Oziel” são parte da periferia urbana vulnerável de Campinas, ladeada por manifestações de consumo e riqueza. É claro que aqui estamos falando de periferia não no conceito superado de “centro-periferia”, mas da periferia que existe

¹⁸ Estimativa populacional própria efetuada com base no Censo 2000/IBGE.

insertado por entre a área geográfica da cidade.

Na verdade, a idéia da dualização socioespacial foi unanimidade nos estudos urbanos, até a década de 80, e o modelo de organização espacial baseado na dicotomia centro *versus* periferia predominou nas análises sobre a questão urbana. No entanto, após a década de 80, esta questão passou a ser repensada, em face das profundas alterações ocorridas na estrutura social urbana, particularmente devido às mudanças significativas ocorridas no mercado de trabalho. Diante da observação desta nova realidade, os estudos sobre a segregação socioespacial urbana passam a se preocupar mais com as transformações na estrutura socioespacial no interior das metrópoles e sua maior complexidade, levando até mesmo à necessidade de se repensar, por exemplo, o conteúdo social das áreas genericamente denominadas “periferias” CUNHA, 2006, p. 14).

Como seria impossível estabelecer contato com todas as expressões religiosas evangélicas estabelecidas em Campinas, optou-se pela pesquisa a partir de um extrato populacional e geográfico com delimitação possível de ser mapeado e visitado para descrição.

A área que escolhemos é formada a partir dessa ocupação que se solidificou, perenizando-se na paisagem geográfica e social de Campinas. No Parque Oziel, encontramos inúmeras igrejas evangélicas o que nos é útil para as pesquisas. As igrejas instaladas no Oziel podem ser consideradas representativas dos protestantismos, pois lá encontramos, entre outras igrejas, a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil¹⁹, Batista (da Convenção Batista Brasileira), Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus (principalmente do Ministério Belém), Igreja do Nazareno, além de diversas pequenas comunidades religiosas de corte pentecostal. A grande presença e diversidade de igrejas evangélicas na área escolhida nos trazem segurança como escolha do local para a pesquisa. O “Complexo do Oziel”, formado pelo Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B, foi o principal fornecedor de votos para o Vereador Jairson Valério dos Anjos, o “Canário”, do Partido dos Trabalhadores – PT (CAMARACAMPINAS, 2010). Esse “poder de eleição” nos dá um indicativo da capacidade de mobilização da comunidade e de sua projeção no cenário político partidário da cidade. Esse líder comunitário desde os primeiros momentos da ocupação é morador no Parque Oziel e membro ativo de uma das igrejas da Igreja Assembleia de Deus instaladas na região.

É interessante observar também que em Campinas, tal qual São Paulo e outras grandes cidades se reproduzem um fenômeno urbano relativamente novo na distribuição dos

¹⁹ Congregação suportada pela Primeira Igreja Presbiteriana implantada em Campinas.

espaços de convivência social, isto é, os “enclaves fortificados” que se sobrepõem ao padrão centro-periferia e que são “fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho” (CALDEIRA, 2000, p. 211). Em Campinas, existem vários exemplos desses enclaves urbanos segregados e segregadores de convívio social. São representados pelos vários condomínios e bairros fechados, *Shopping Centers, Malls, Outlets*, e condomínios de escritórios propagandeados pela mídia campineira como *office centers*. O espaço geográfico objeto das nossas pesquisas, a área de ocupação do Parque Oziel, está “colado” ao maior e mais luxuoso hotel da cidade de Campinas, o já citado *The Royal Palm Plaza*. O *resort* está cercado por um alto muro que segrega o espaço desse empreendimento hoteleiro de qualquer possibilidade de convívio com a população ao redor. Essa “muralha de enclave fortificado” separa e representa dois espaços urbanos contrastantes: a cidade luxuosa e a cidade pobre e carente. Existe uma questão ideológica na utilização das palavras “invasão” e “ocupação”. Um evangélico pentecostal (casado – estudante universitário) nos questionou a utilização do termo “invasão”, pois para ele, nesse local ocorreu uma “ocupação” de terras urbanas improdutivas, por trabalhadores carentes.

O “Oziel” talvez pode também ser descrito como um “enclave fortificado” às avessas, pois embora não tendo muros e seja de livre acesso, ouvimos depoimentos de moradores sobre eventual restrição de circulação em determinados locais da comunidade, por questões de segurança. Nessa região carente, salta aos olhos, mesmo daqueles que não são especialistas, a não existência (ou existência precária) de equipamentos sociais como, arruamento e pavimentação, esgoto e água encanada. É notória a presença de bares e igrejas evangélicas instaladas próximos uns dos outros. Aos domingos, próximo aos horários dos cultos verificou que como opção de lazer, muitas pessoas ficam reunidas nos bares (dentro ou fora), enquanto evangélicos, isoladamente ou em grupos dirigem-se para suas reuniões.

Os mapas que indicam a região do Oziel, não assinalam nenhum dos três bairros, mas sim, Jardim do Lago II. Parte de suas ruas também não possui uma denominação oficial, mas oficiosa, visto terem sido dadas pelos próprios moradores. Assim, foi preciso fazer uma “construção” da realidade daquilo que entendemos como “Oziel”. A expressão “Oziel” é uma parte que expressa um todo constituído por uma comunidade de três bairros sem limites oficialmente constituídos.



Figura 18 – Oziel (imagem no sentido sul-norte)

A figura acima mostra uma fotografia recolhida no *Google Earth*. Note-se que o adensamento populacional recebeu a inscrição “Jardim do Lago II”, oficialmente existente, mas inexistente “de fato”. Dessa maneira, para a “construção” do que entendemos ser o Oziel, nos servimos dos setores censitários disponibilizados pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censo 2000.

A figura a seguir, foi construída a partir da malha digital utilizada no Censo 2000 e disponibilizada pelo IBGE, sobrepondo os setores censitários sobre o que entendemos corresponder aos três bairros do Oziel.

A mancha em destaque abrange uma área maior do que o loteamento original Jardim do Lago II. A sobreposição da malha digital é aproximada.



Figura 19 Loteamento Jardim Lago II

Utilizamos a mesma técnica de sobreposição para apresentar a seguir a malha correspondente ao “nosso” Oziel. Numeramos de 01 a 16 os setores censitários. Cada número corresponde a um código de setor censitário disponibilizado pelo IBGE.

Os números 08, 15 e 16 correspondem a áreas de adensamento populacional que formam parte da comunidade do Oziel, embora mais periféricas. O número 01, embora esteja separado do Parque Oziel pela Via Santos Dumont, apresenta as mesmas características populacionais e paisagem urbana do conjunto. Existe uma passarela que serve para o trânsito da população entre essa região e o Oziel. Tal passarela foi construída após a população do Parque Oziel ter feito diversas manifestações por melhorias no bairro em especial pela construção da passarela. Para isso, por diversas vezes entre os anos de 1997 e 1998 a população fechou temporariamente as duas pistas da Rodovia Santos Dumont (SOUZA, 2009, p. 2826). Já sob a liderança do atual Vereador Canário, a mesma rodovia foi fechada pelos moradores respectivamente em março de 2001 e outubro de 2002 (OZIEL, 2010). Em 2001 pleiteou-se escolas para a população e em 2002, as demandas eram por uma

nova passarela. Todas essas reivindicações foram atendidas pelo poder público. Considerando o fato de que o Vereador Canário é uma liderança expressiva entre os evangélicos do bairro, é plausível que parte da população que bloqueou em diversas vezes o fluxo de veículos nessa importante rodovia paulista seja composta também por evangélicos.

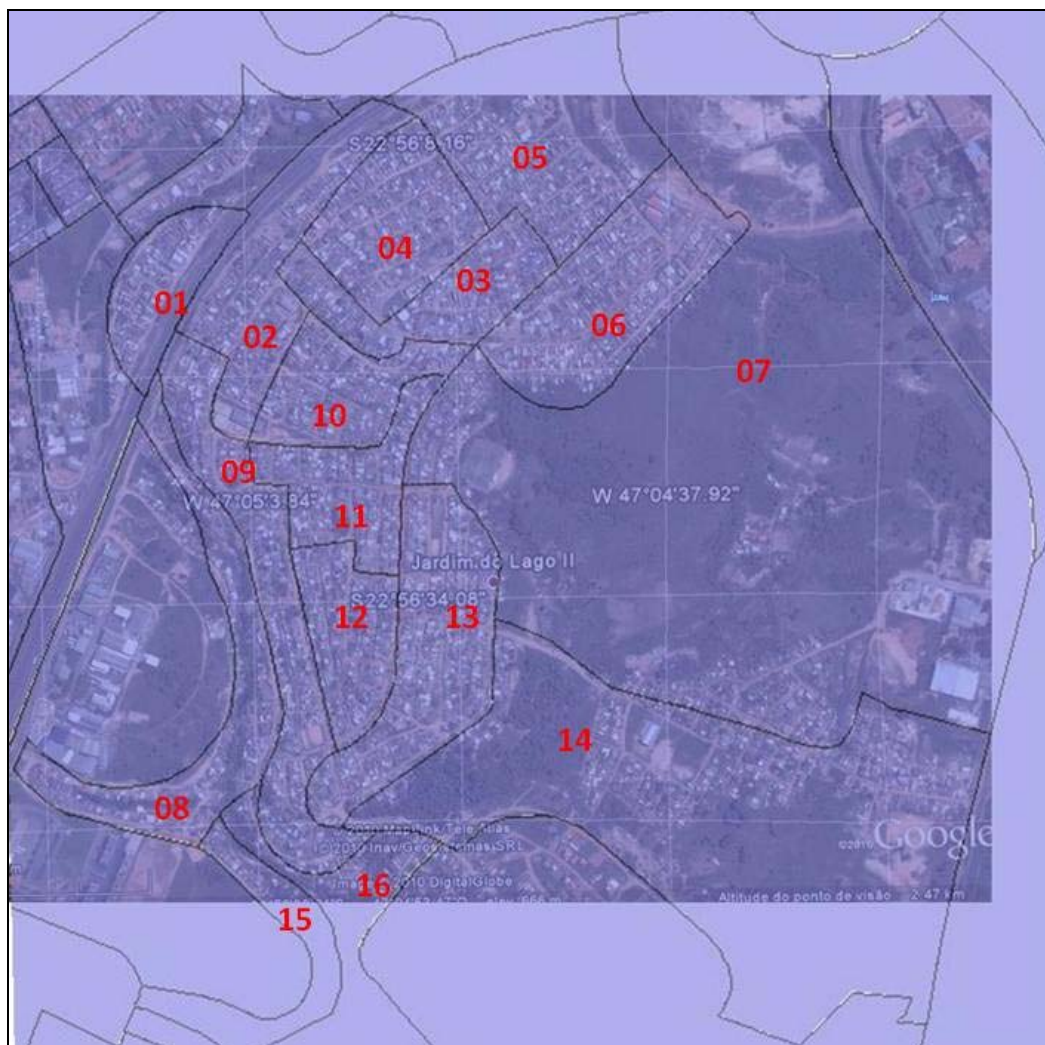


Figura 20 – setores censitários numerados de 01 a 16

A tabela a seguir relaciona os setores censitários acima numerados de 01 a 16, com os códigos dos setores censitários disponibilizados pelo IBGE.

Nº correspondente	Cód_setor
1	350950205000417
2	350950205000350
3	350950205000349
4	350950205000351
5	350950205000352
6	350950205000353
7	350950205000337
8	350950205000346
9	350950205000345
10	350950205000348
11	350950205000347
12	350950205000344
13	350950205000343
14	350950205000338
15	350950205000341
16	350950205000342

Figura nº 21 Setores censitários

Uma vez que os dados computados foram elaborados a partir dos dados censitários do IBGE e que a malha digital é aproximada em relação à realidade local, entendemos pela necessidade de se disponibilizar nesta metodologia de construção do “Oziel” o “ponto inicial” e o “ponto final” de cada setor censitário.

Cod_setor	Ponto Inicial e Final
350950205000337	ENTRONCAMENTO DA "ROTATORIA DE ACESSO A ROD. SANTOS DUMONT SP-70" COM A "ESTRADA VELHA INDAIATUBA-ITU SP-073"
350950205000338	CRUZAMENTO DA "RUA ENG. SILVIO ANTONIO ZUFFO GRIEDO" COM A "RUA JOAO CANAES"
350950205000341	FAVELA DO JD.DO LAGO II (PARTE) - ENCONTRO DA "AV. ENG. MARCIO DUARTE RIBEIRO" COM "AFLUENTE DO CORR. TAUBATE"
350950205000342	FAVELA DO JD.DO LAGO II (PARTE) -CRUZAMENTO DA "AV. ENG. MARCIO DUARTE RIBEIRO" COM "RUA CABO RUBENS ZIMMERMANN"
350950205000343	CRUZAMENTO DA "RUA GENTIL RIBEIRO" COM A RUA IRAI"
350950205000344	ENTRONCAMENTO DA "RUA GENTIL RIBEIRO" COM A "RUA DA LUTA"
350950205000345	ENTRONCAMENTO DA "RODOVIA SANTOS DUMONT - SP 079" COM "PROLONGAMENTO E RUA SEM DENOMINAÇÃO"
350950205000346	FAVELA DO JD.DO LAGO II (PARTE) - ENTRONCAMENTO DA "R.MARGINAL A ROD.SANTOS DUMONT" COM "RUA CABO RUBENS ZIMMERMANN (AV. 2)"
350950205000347	CRUZAMENTO DA "RUA S/D" COM A "RUA DA DIVISA"
350950205000348	ENTRONCAMENTO DA "RUA 58" COM A "RUA 55"
350950205000349	CRUZAMENTO DA "RUA FAUZE SELHE" COM A "AV. CARLOS STELLA NETO"
350950205000350	ENTRONCAMENTO DA "ROD. SANTOS DUMONT (SP 079)" COM "PROLONGAMENTO E RUA SEM DENOMINAÇÃO"
350950205000351	ENTRONCAMENTO DA "RUA FAUZE SELHE" COM "RUA SEM DENOMINAÇÃO"
350950205000352	ENTRONCAMENTO DA-ROD SANTOS DUMONT SP 79-COM A -R WADI ABDALLA GNATOS.
350950205000353	ENTRONCAMENTO DA "RPASCOAL CARLOS MAGNO" COM "RUAWADI ABDALLA GNATOS"
350950205000417	RUA JOÃO CARLOS NOUGUES COM RUA K

Figura 22 – código do setor censitário X ponto inicial e final

Da mesma maneira que o “ponto final” e o “ponto inicial” de cada setor censitário se fazem necessária a descrição do cada uma desses perímetros, conforme disponibilizado pelo IBGE e ofertado em anexo.



Figura 23 – Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B

A figura acima apresenta em destaque os três bairros da comunidade que compõem a ocupação do “Oziel”. Note-se que a Gleba B faz frente para a Estrada Velha de Indaiatuba e é ligada ao Parque Oziel por uma rua de terra. A figura a seguir mostra outro ângulo da ocupação do Oziel em uma foto aérea de 2005. Compusemos sobre a imagem original, indicações das estradas circundantes, *Campinas Mall* e *The Royal Palm Plaza*.

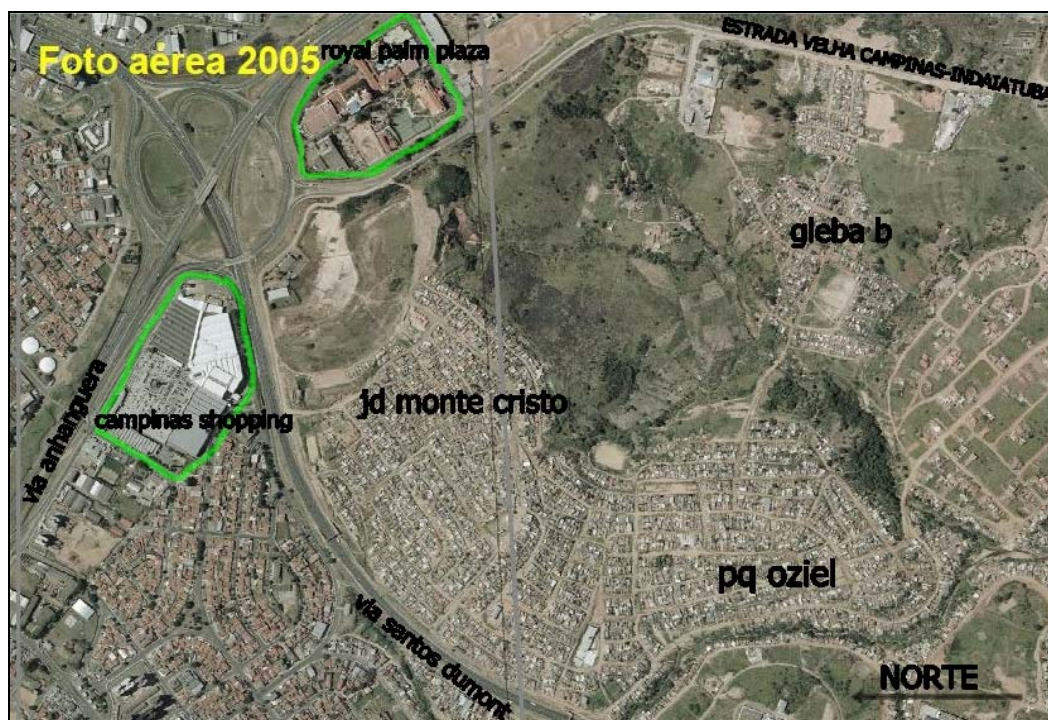


Figura 24 (CIDADES, 2010)

3.1.1 – Representações tabulares do Parque Oziel

Com base nas tabelas do *Censo Demográfico 2000 – Agregado por Setores Censitários dos Resultados do Universo* e das variáveis colhidas nos dados do conjunto de setores censitários representativos do Oziel, compusemos as próximas representações tabulares (IBGE/CENSITÁRIOS, 2003). Todos os setores censitários utilizados são do tipo de aglomerado subnormal.

O setor especial é aquele que apresenta características que tornam necessário um tratamento diferenciado de coleta em relação aos setores comuns ou não-especiais. – Setor especial de aglomerado subnormal é o conjunto constituído por um mínimo de 51 domicílios, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular), dispostos, em geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços essenciais. (IBGE/CENSITÁRIOS, 2003, item 2.7.3).

Tabela 1 - Domicílios e população residente por sexo, segundo a espécie do domicílio

Espécie do domicílio	Domicílios	Moradores		
		Total	Homens	Mulheres
Domicílios	3035	10975	5580	5395
Domicílio Particular	3035	10975	5580	5395
Permanente	3026	10949	5565	5384
Improvisado	9	26	15	11
Unidade em domicílio coletivo				

Figura 25 Domicílios e população residente por sexo

A maioria de 99,70 % dos entrevistados declarou morar em domicílio permanente. Considerando o total de 10975 moradores, teremos uma média de 3,61 moradores por domicílio permanente. Os homens perfazem 50,84 % e as mulheres 49,16 % da distribuição de moradores por sexo em domicílio permanente.

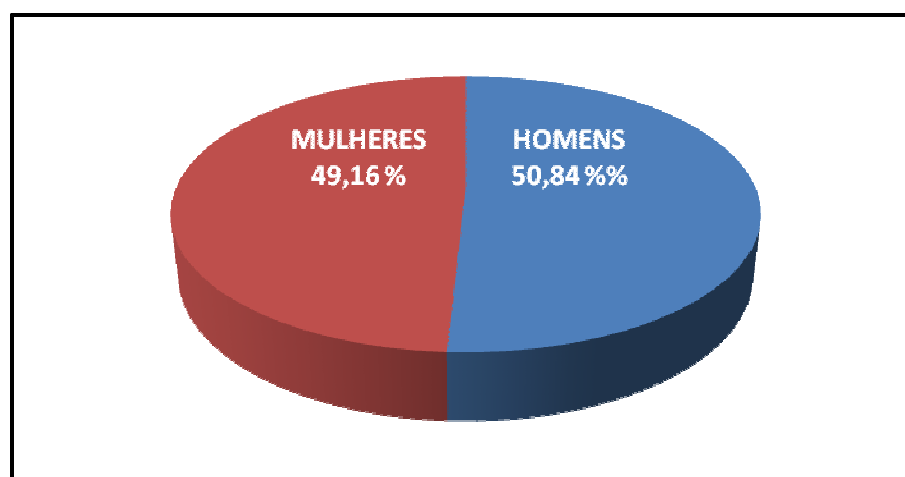


Figura 26 – Domicílios particulares permanentes e população residente por sexo

No ano de 2000, apesar da rusticidade da maioria dos domicílios, estes já não portavam a característica de improvisados apesar do IBGE ainda os considerar instalados em setores especiais e carentes de serviços essenciais.

Tabela 2 - Domicílios particulares permanentes e moradores em domicílios particulares permanentes por sexo, segundo o tipo e a condição de ocupação

Tipo e condição de ocupação	Domicílios particulares permanentes	Moradores em domicílios particulares permanentes		
		Total	Homens	Mulheres
Total	3026	10949	5565	5384
<i>Condição de ocupação</i>				
Próprio				
Quitado	1431	5300	2685	2615
Em aquisição	16	48	22	26
Alugado	21	85	36	49
Cedidos				
Por empregador	5	12	8	4
De outra forma	30	96	53	43
Outra condição	1523	5408	2761	2647
<i>Tipo e condição de ocupação</i>				
Casa				
Própria				
Quitada	1362			
Em aquisição	16			
Alugada	17			
Cedida				
Por empregador	5			
De outra forma	28			
Outra condição	1428			
Apartamento				
Próprio				
Quitado	4	37	19	18
Em aquisição				
Alugado	2			
Cedido				
Por empregador				
De outra forma	1			
Outra condição	3			
Cômodo	160	547	291	256

Figura 27 Domicílios particulares permanentes e moradores em domicílios particulares permanentes por sexo

No ano 2000, uma parte expressiva da população na área de ocupação/invasão, correspondente a 47,29 %, declarou-se como moradora permanente de imóvel quitado (1431 domicílios permanentes). Outros 1523 domicílios particulares permanentes, correspondentes a 50,33 % dos domicílios particulares permanentes, foram enquadrados como “outra condição” de ocupação. Não temos como aferir, mas apenas suspeitar que, parte da população via-se como já moradora por tempo suficiente na área de ocupação, para sentir-se minimamente segura para informar que o imóvel era “quitado”. Outra parte da população, talvez ainda percebe-se a insegurança de propriedade de moradia em lugar de ocupação. A

comunidade urbana foi e é atualmente constituída principalmente por casas. De qualquer maneira, o novo Censo 2010, provavelmente revelará uma nova percepção dos moradores, isto é, revelarão maciçamente serem moradores permanentes em domicílio quitado e próprio.

Tabela 3 - Domicílios particulares permanentes próprios e moradores em domicílios particulares permanentes próprios por sexo, segundo o tipo do domicílio e a condição de ocupação do terreno

Tipo do domicílio próprio e condição de ocupação do terreno	Domicílios particulares permanentes próprios	Moradores em domicílios particulares permanentes próprios		
		Total	Homens	Mulheres
Total	1447	5348	2707	2641
<i>Condição de ocupação do terreno</i>				
Terreno próprio	72	283	137	146
Terreno cedido	316	1181	579	602
Outra condição	1059	3884	1991	1893
<i>Tipo do domicílio próprio e condição de ocupação do terreno</i>				
<i>Casa (própria)</i>				
Terreno próprio	72			
Terreno cedido	316			
Outra condição	990			
<i>Apartamento (próprio)</i>				
Terreno próprio				
Terreno cedido				
Outra condição	4			
<i>Cômodo (próprio)</i>				
Terreno próprio				
Terreno cedido				
Outra condição	65			

Figura 28 Domicílios particulares permanentes próprios e moradores em domicílios particulares permanentes próprios por sexo, segundo tipo do domicílio e a condição de ocupação do terreno.

A estatística da Tabela 3 revela que apenas 72 domicílios permanentes próprios receberam edificações em terreno próprio. Os demais domicílios foram elencados como estabelecidos em terreno cedido ou sob outra condição.

Tabela 4 - Domicílios particulares permanentes e moradores em domicílios particulares permanentes por sexo, segundo o tipo do domicílio e o abastecimento de água

Tipo do domicílio e abastecimento de água	Domicílios particulares permanentes	Moradores em domicílios particulares permanentes		
		Total	Homens	Mulheres
Total				
<i>Abastecimento de água</i>				
Rede Geral	2843	10336	5260	5076
Canalizada em pelo menos um cômodo	2633	9647	4909	4738
Canalizada só na propriedade ou terreno	210	689	351	338
Poço ou nascente na propriedade	21	90	48	42
Canalizada em pelo menos um cômodo	11	45	24	21
Canalizada só na propriedade ou terreno	1	3	2	1
Não canalizada	9	42	22	20
Outra forma	162	523	257	266
Canalizada em pelo menos um cômodo	33	116	53	63
Canalizada só na propriedade ou terreno	8	22	11	11
Não canalizada	121	385	193	192
<i>Tipo do domicílio e abastecimento de água</i>				
Casa	2856	10365	5255	5110
Rede Geral	2678			
Canalizada em pelo menos um cômodo	2494			
Canalizada só na propriedade ou terreno	181			
Poço ou nascente na propriedade	21			
Canalizada em pelo menos um cômodo	11			
Canalizada só na propriedade ou terreno	1			
Não canalizada	9			
Outra forma	157			
Canalizada em pelo menos um cômodo	31			
Canalizada só na propriedade ou terreno	8			
Não canalizada	118			
Apartamento	10	37	19	18
Rede Geral	8			
Canalizada em pelo menos um cômodo	6			
Canalizada só na propriedade ou terreno	2			
Poço ou nascente na propriedade				
Canalizada em pelo menos um cômodo				
Canalizada só na propriedade ou terreno				
Não canalizada				
Outra forma	2			
Canalizada em pelo menos um cômodo				
Canalizada só na propriedade ou terreno				
Não canalizada	2			
Cômodo	160	547	291	256
Rede Geral	157			
Poço ou nascente na propriedade				
Outra forma	3			

Figura nº 29 Domicílios particulares permanentes próprios e moradores em domicílios particulares permanentes próprios por sexo, segundo tipo do domicílio e o abastecimento de água.

De maneira geral, a estatística mostra a presença de abastecimento de água canalizada em ao menos um cômodo do domicílio ou na propriedade ou terreno.

Tabela 5 - Domicílios particulares permanentes e moradores em domicílios particulares permanentes por sexo, segundo algumas características dos domicílios

Características do domicílio	Domicílios particulares permanentes	Moradores em domicílios particulares permanentes		
		Total	Homens	Mulheres
Total	3026	10949	5565	5384
<i>Existência de banheiro ou sanitário e tipo do esgotamento sanitário</i>				
Tinha banheiro ou sanitário	2943	10725	5448	5277
Rede geral de esgoto ou pluvial	80	268	137	131
Fossa séptica	1022	3623	1847	1776
Fossa rudimentar	1093	4018	2054	1964
Vala	177	645	324	321
Rio, lago ou mar	552	2105	1055	1050
Outro escoadouro	19	66	31	35
Não tinha banheiro nem sanitário	83	224	117	107
<i>Tipo do domicílio, existência de banheiro ou sanitário e tipo do esgotamento sanitário</i>				
Casa	2856	10365	5255	5110
Tinha banheiro ou sanitário	2780			
Rede geral de esgoto ou pluvial	57			
Fossa séptica	957			
Fossa rudimentar	1073			
Vala	122			
Rio, lago ou mar	552			
Outro escoadouro	19			
Não tinha banheiro nem sanitário	76			
Apartamento	10	37	19	18
Tinha banheiro ou sanitário	9			
Rede geral de esgoto ou pluvial	1			
Fossa séptica				
Fossa rudimentar	7			
Vala	1			
Rio, lago ou mar				
Outro escoadouro				
Não tinha banheiro nem sanitário	1			
Cômodo	160	547	291	256
Tinha banheiro ou sanitário	154			
Não tinha banheiro nem sanitário	6			

Figura 30 Figura nº 29 Domicílios particulares permanentes próprios e moradores em domicílios particulares permanentes próprios por sexo, segundo algumas características dos domicílios.

Dos 3026 domicílios particulares permanentes, somente 80 (2,64 %) tinham acesso a rede geral de esgoto ou pluvial. O esgoto era escoado via fossa séptica, fossa rudimentar, vala ou rio. Como as fotografias e depoimentos colhidos na pesquisa de campo nos informaram, o lixo e boa parte do esgoto ainda são despejados no rio circundante do bairro,

bem como por inúmeras valas existentes junto das moradias. A inclinação existente, favorece a descida dos dejetos por gravidade até o Rio ou Córrego Taubaté.

Tabela 6 - Domicílios particulares permanentes e moradores em domicílios particulares permanentes por sexo, segundo o tipo do domicílio e a existência e número de banheiros

Tipos do domicílio e existência e número de banheiros	Domicílios particulares permanentes	Moradores em domicílios particulares permanentes		
		Total	Homens	Mulheres
Total	3026	10949	5565	5384
<i>Existência e número de banheiros</i>				
Tinha banheiro	2468	9016	4563	4453
Com 1 banheiro	2389	8667	4376	4291
Com 2 banheiros	76	340	182	158
Com 3 banheiros	3	9	5	4
Com 4 banheiros				
Com 5 banheiros				
Com 6 banheiros				
Com 7 banheiros				
Com 8 banheiros				
Com 9 ou mais banheiros				
Não tinha banheiro	558	1933	1002	931
<i>Tipo do domicílio e existência e número de banheiros</i>				
Casa	2856	10365	5255	5110
Tinha banheiro	2316			
Com 1 banheiro	2242			
Com 2 banheiros	71			
Com 3 banheiros	3			
Com 4 ou mais banheiros				
Não tinha banheiro	540			
Apartamento	10	37	19	18
Tinha banheiro	6			
Com 1 banheiro	6			
Com 2 banheiros				
Com 3 banheiros				
Com 4 ou mais banheiros				
Não tinha banheiro	4			
Cômodo	160	547	291	256
Tinha banheiro ou sanitário	146			
Não tinha banheiro nem sanitário	14			

Figura 31 Figura 30 Figura nº 29 Domicílios particulares permanentes próprios e moradores em domicílios particulares permanentes próprios por sexo, segundo o tipo de domicílio e a existência e número de banheiro.

Enquanto casas simples ou rústicas, a maioria dos domicílios particulares permanentes tinham um banheiro. Isso equivale a 2389 domicílios com um banheiro (78,94 %).

Expressivamente, do total de 3026 domicílios, 558 domicílios particulares permanentes não tinham banheiro (18,44 %).

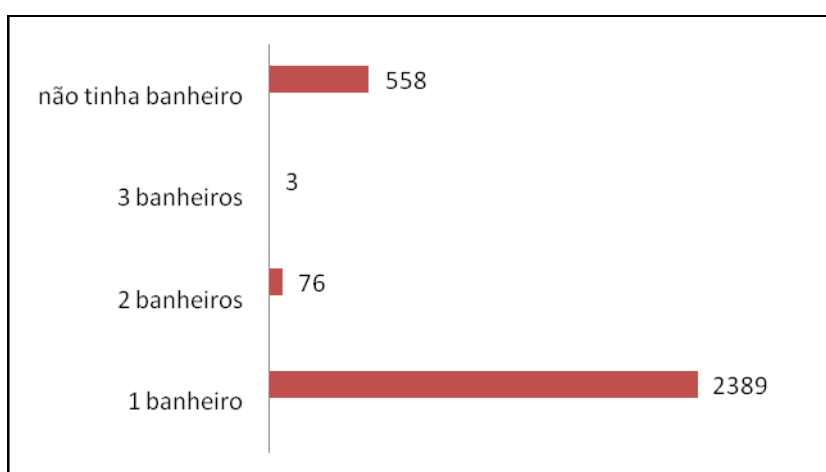


Figura 32 – domicílios com banheiro e sem banheiro

Tabela 7 - Domicílios particulares permanentes e moradores em domicílios particulares permanentes por sexo, segundo o tipo do domicílio e o destino do lixo

Tipo do domicílio e destino do lixo	Domicílios particulares permanentes	Moradores em domicílios particulares		
		Total	Homens	Mulheres
Total	3026	10949	5565	5384
<i>Destino do lixo:</i>				
Coletado	2779	10052	5113	4939
Por serviço de limpeza	2159	7741	3901	3840
Por caçamba de serviço de limpeza	620	2311	1212	1099
Queimado na propriedade	64	210	107	103
Enterrado na propriedade	1	3	1	2
Jogado em terreno baldio ou logradouro	135	502	249	253
Jogado em rio, lago ou mar	44	178	92	86
Outro destino do lixo	3	4	3	1
<i>Tipo do domicílio e destino do lixo</i>				
Casa	2856	10365	5255	5110
Coletado	2611			
Por serviço de limpeza	2005			
Por caçamba de serviço de limpeza	606			
Queimado na propriedade	62			
Enterrado na propriedade	1			
Jogado em terreno baldio ou logradouro	135			
Jogado em rio, lago ou mar	44			
Outro destino do lixo	3			
Apartamento	10	37	19	18
Coletado	8			
Por serviço de limpeza	6			
Por caçamba de serviço de limpeza	2			
Queimado na propriedade	2			
Enterrado na propriedade				
Jogado em terreno baldio ou logradouro				
Jogado em rio, lago ou mar				
Outro destino do lixo				
Cômodo	160	547	291	256
Coletado	160			
Queimado na propriedade				
Enterrado na propriedade				
Jogado em terreno baldio ou logradouro				
Jogado em rio, lago ou mar				
Outro destino do lixo				

Figura 33 Domicílios particulares permanentes e moradores em domicílios particulares permanentes por sexo, segundo o tipo do domicílio e o tipo do lixo.

As estatísticas nos informam que 91,83 % do lixo têm destinação por coleta de serviço de limpeza ou caçamba. Nossa vivência no local nos permitiu inúmeras vezes contemplar

a queima de lixo em frente das residências com ruas de terra ou municipais carregando sacos de lixo e jogando na vala do ribeirão que passa pelo local.

Tabela 8 - Domicílios particulares permanentes por sexo do responsável, segundo o número e sexo dos moradores

Número e sexo dos moradores	Domicílios particulares permanentes		
	Total	Sexo do responsável	
		Masculino	Feminino
Total	3026	2342	684
<i>Total</i>			
1 morador	369	275	94
2 moradores	509	358	151
3 moradores	664	511	153
4 moradores	617	488	129
5 moradores	441	367	74
6 moradores ou mais	426	343	83
6 moradores	233		
7 moradores	110		
8 moradores	49		
9 moradores	17		
10 moradores ou mais	17		
<i>Homens</i>			
Nenhum	186		186
1 morador	1189	962	227
2 moradores	938	776	162
3 ou mais moradores	713	604	109
3 moradores	448		
4 moradores	192		
5 moradores	55		
6 moradores	14		
7 moradores	3		
8 moradores	1		
9 moradores	0		
10 ou mais moradores	0		
<i>Mulheres</i>			
Nenhuma	358	358	
1 moradora	1044	772	272
2 moradoras	903	668	235
3 ou mais moradoras		544	177
3 moradoras	457		
4 moradoras	181		
5 moradoras	63		
6 moradoras	17		
7 moradoras	2		
8 moradoras	1		
9 moradoras			
10 ou mais moradoras			

Figura nº 34 Domicílios particulares permanentes por sexo do responsável, segundo o número e sexo dos moradores.

Quanto aos domicílios particulares permanentes por sexo do responsável, segundo o número e sexo dos moradores, notamos que os homens são os responsáveis pela maioria de 2342 domicílios (77,39 %).

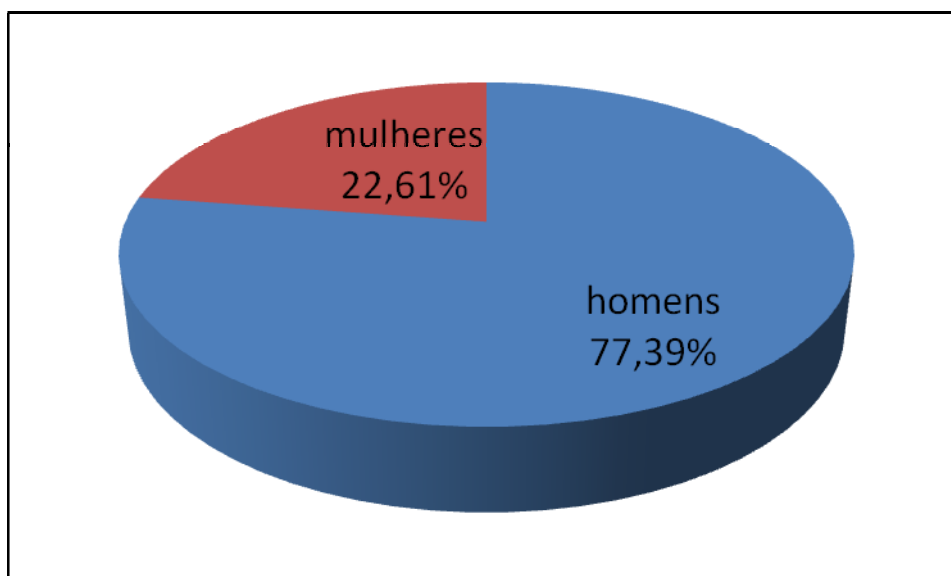


Figura nº 35 – Divisão percentual por sexo – responsável pelo domicílio.

Tabela 9 - Domicílios particulares permanentes por destino do lixo, segundo algumas características dos domicílios

Características do domicílio	Domicílios particulares permanentes		
	Total	Destino do lixo	
		Coletado	Outro destino
Total	3026	2779	247
<i>Abastecimento de água</i>			
Rede Geral	2843	2680	163
Canalizada em pelo menos um cômodo	2633	2488	145
Canalizada só na propriedade ou terreno	210	192	18
Poço ou nascente (na propriedade)	21	7	14
Canalizada em pelo menos um cômodo	11	2	9
Canalizada só na propriedade ou terreno	1	1	
Não canalizada	9	4	5
Outra forma	162	92	70
Canalizada em pelo menos um cômodo	33	23	10
Canalizada só na propriedade ou terreno	8	5	3
Não canalizada	121	64	57
<i>Existência de banheiro ou sanitário e tipo de esgotamento sanitário</i>			
Tinha banheiro ou sanitário	2943	2718	225
Rede geral de esgoto ou pluvial	80	78	2
Fossa séptica	1022	1005	17
Fossa rudimentar	1093	977	116
Vala	177	165	12
Rio, lago ou mar	552	478	74
Outro escoadouro	19	15	4
Não tinha banheiro nem sanitário	83	61	22
<i>Existência de banheiro</i>			
Tinha banheiro	2468	2325	143
Não tinha banheiro	558	454	104

Figura 36 Domicílios particulares por destino do lixo, segundo algumas características dos domicílios.

A tabela acima, Domicílios particulares permanentes por destino de lixo, segundo algumas características dos domicílios, reforça nossa constatação de que, mesmo que exista rede de água instalada, o descarte do lixo era bastante precário em 2000 e continua sendo um problema de saúde pública ainda nos dias de hoje.

Tabela 10 - População residente por sexo, segundo a relação com a pessoa responsável pelo domicílio

Relação com a pessoa responsável pelo domicílio	População residente		
	Total	Homens	Mulheres
Total	10975	5580	5395
Responsável	3035	2349	686
Cônjuge ou companheiro(a)	2030	152	1878
Filho(a) ou enteado(a)	4864	2528	2336
Pai, mãe ou sogro(a)	122	34	88
Neto(a) ou bisneto(a)	260	149	111
Irmão ou irmã	229	137	92
Outro parente	364	191	173
Agregado(a)	55	30	25
Pensionista	16	10	6
Empregado(a) doméstico(a)			
Parentes do(a) empregado(a) doméstico(a)			
Individual em domicílio coletivo			

Figura 37 População residente por sexo, segundo a relação com a pessoa responsável pelo domicílio.

A Tabela 10 – população residente por sexo, segundo a relação com a pessoa responsável pelo domicílio, nos informa que os responsáveis pelos domicílios do Parque Oziel têm uma correspondência de relação principalmente com o cônjuge ou companheiro(a) e com o filho(a) e enteado(a).

Tabela 11 - População residente por sexo, segundo os grupos de idade

Grupos de idade	População residente														
	Total			Homens			Mulheres			Cônjuge ou companheiro(a)		Filho(a) ou enteado(a)		Outro parente	
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Total	10975	5580	5395	2030	152	1878	4864	2528	2336	364	191	173			
0 a 4 anos	1682	836	846				1504	741	763				95	81	
5 a 9 anos	1291	684	607				1204	630	574				54	33	
10 a 14 anos	1129	546	583	10		10	1029	505	524				40	47	
15 a 19 anos	1000	483	517	143	4	139	654	366	288				66	70	
20 a 24 anos	1142	553	589	366	11	355	275	161	114				83	62	
25 a 29 anos	1183	620	563	433	22	411	98	63	35				52	26	
30 a 34 anos	1012	542	470	355	38	317	52	32	20				34	15	
35 a 39 anos	807	418	389	280	26	254	24	12	12				20	12	
40 a 44 anos	578	296	282	180	18	162	9	8	1				12	19	
45 a 49 anos	388	205	183	98	9	89	5	4	1				15	18	
50 a 54 anos	268	137	131	69	9	60	2	1	1				11	19	
55 a 59 anos	187	99	88	44	6	38	1		1				7	18	
60 a 64 anos	133	70	63	26	2	24	3	3					8	14	
65 a 69 anos	89	48	41	16	5	11	1		1				6	12	
70 a 74 anos	38	15	23	5	1	4	2	1	1				2	9	
75 a 79 anos	25	17	8	3	1	2	1	1					2	2	
80 ou mais anos	23	11	12	2		2							4	7	

Figura 38 População residente por sexo, segundo os grupos de idade.

A Tabela 11 - População residente por sexo, segundo os grupos de idade, nos fornece uma visão da distribuição da população do Parque Oziel através de dezessete grupos de idade.

Com base na Tabela 11, elaboramos o gráfico abaixo onde se pode visualizar essa distribuição por grupos de idade comparativamente ao total e sexo de cada grupo.

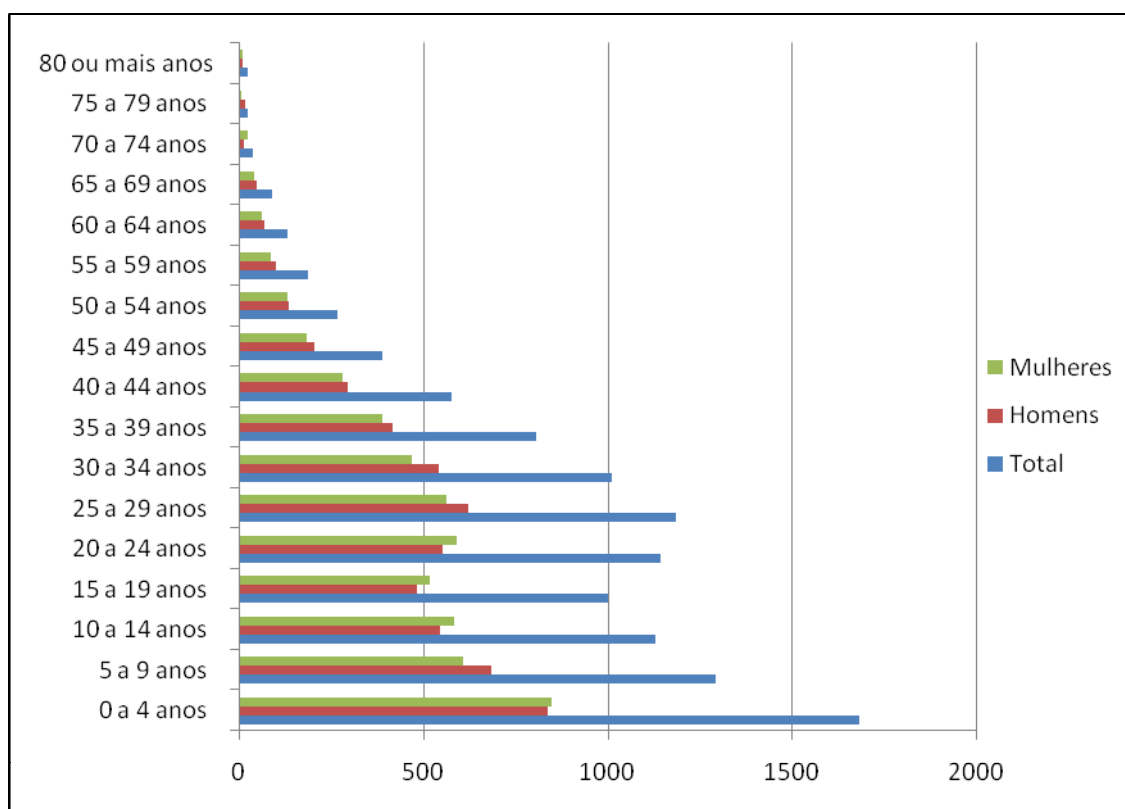


Figura 39 – Distribuição dos grupos etários do Parque Oziel

Tabela 12 - Responsáveis por domicílios particulares permanentes por sexo e alfabetização, segundo os grupos de idade.

Grupos de idade	Responsáveis por domicílios particulares permanentes								
	Total			Sexo					
	Total	Alfabetização		Total	Masculino		Total	Feminino	
		Sim	Não		Sim	Não		Sim	Não
Total	3026	2578	448	2342	2008	334	684	570	114
10 a 14 anos	1	1	0	1					
15 a 19 anos	53	49	4	40			13		
20 a 24 anos	339	310	29	286			53		
25 a 29 anos	565	514	51	477			88		
30 a 34 anos	545	484	61	430			115		
35 a 39 anos	465	399	66	357			108		
40 a 44 anos	348	305	43	252			96		
45 a 49 anos	249	200	49	176			73		
50 a 54 anos	164	125	39	114			50		
55 a 59 anos	117	86	31	86			31		
60 a 64 anos	80	57	23	56			630		
65 a 69 anos	53	30	23	36			17		
70 a 74 anos	20	6	14	11			9		
75 a 79 anos	17	7	10	13			4		
80 ou mais anos	10	5	5	7			3		

Figura 40 Responsáveis por domicílios particulares permanentes por sexo e alfabetização.

Em relação ao total dos responsáveis por domicílio permanente, percebemos que 14,80 %, isto é, 448 responsáveis, são não-alfabetizados. Desse total de 448 responsáveis não-alfabetizados, 334 são homens e 114 são mulheres, correspondendo respectivamente a 74,55 % e 25,44 %.

Tabela 13 - Responsáveis por domicílios por sexo, segundo o curso mais elevado e a última série concluída com aprovação

Curso mais elevado e a última série concluída com aprovação	Responsáveis por domicílios		
	Total	Homens	Mulheres
Total	3026	2342	684
Não frequentou curso algum	409	301	108
Frequentou, como curso mais elevado, a alfabetização de adultos	49	38	11
Frequentou, como curso mais elevado, o antigo primário	558	410	148
Concluiu com aprovação a primeira série	91	69	22
Concluiu com aprovação a segunda série	104	69	35
Concluiu com aprovação a terceira série	95	73	22
Concluiu com aprovação a quarta série	268	199	69
Frequentou, como curso mais elevado, o antigo ginásio	90	61	29
Concluiu com aprovação a primeira série	25	14	11
Concluiu com aprovação a segunda série	17	13	4
Concluiu com aprovação a terceira série	17	14	3
Concluiu com aprovação a quarta série	31	20	11
Frequentou, como curso mais elevado, o antigo clássico, científico, etc.	9	5	4
Concluiu com aprovação a primeira série	3	1	2
Concluiu com aprovação a segunda série	0	0	0
Concluiu com aprovação a terceira série	6	4	2
Frequentou, como curso mais elevado, o ensino fundamental, ou 1º grau	1615	1298	317
Concluiu com aprovação a primeira série	77	68	9
Concluiu com aprovação a segunda série	128	103	25
Concluiu com aprovação a terceira série	146	118	28
Concluiu com aprovação a quarta série	365	295	70
Concluiu com aprovação a quinta série	272	223	49
Concluiu com aprovação a sexta série	157	123	34
Concluiu com aprovação a sétima série	173	135	38
Concluiu com aprovação a oitava série	294	230	64
Concluiu com aprovação o curso não seriado do ensino fundamental, ou 1º grau	3	3	0
Frequentou, como curso mais elevado, o ensino médio ou 2º grau	266	205	61
Concluiu com aprovação a primeira série	45	33	12
Concluiu com aprovação a segunda série	40	29	11
Concluiu com aprovação a terceira série	177	140	37
Concluiu com aprovação o curso não seriado do ensino médio, ou 2º grau	4	3	1
Frequentou, como curso mais elevado, o superior	30	24	6
Concluiu com aprovação a primeira série	3	2	1
Concluiu com aprovação a segunda série	1	1	0
Concluiu com aprovação a terceira série	6	5	1
Concluiu com aprovação a quarta série	3	1	2
Concluiu com aprovação a quinta série	6	5	1
Concluiu com aprovação a sexta série	11	10	1
Frequentou, como curso mais elevado, o mestrado ou doutorado	0	0	0

Figura 41 Responsáveis por domicílios por sexo, segundo o curso mais elevado e a última série concluída.

Em 2000, apenas 30 pessoas responsáveis pelo domicílio frequentaram como curso mais elevado, o superior. Desses, apenas 6 eram mulheres. Nossa percepção é que haverá uma mudança significativa dessa estatística com o Censo 2010.

Tabela 14 - Responsáveis por domicílios por domicílios particulares permanentes por sexo, segundo os anos de estudo

Anos de estudo	Responsáveis por domicílios		
	Total	Homens	Mulheres
Total	3026	2342	684
Com anos de estudo determinado	3023	2339	684
Sem instrução ou menos que 1 ano	409	301	108
1 ou mais anos	2614	2038	576
1 ano	217	175	42
2 anos	232	172	60
3 anos	241	191	50
4 anos	633	494	139
5 anos	297	237	60
6 anos	174	136	38
7 anos	190	149	41
8 anos	329	253	76
9 anos	48	34	14
10 anos	40	29	11
11 anos	183	144	39
12 anos	3	2	1
13 anos	1	1	
14 anos	6	5	1
15 anos	3	1	2
16 anos	6	5	1
17 ou mais anos	11	10	1
Com anos de estudo não determinado	3	3	

Figura 42 Responsáveis por domicílios por sexo, segundo os anos de estudo.

A Tabela 14 é complementar a Tabela 13 e nos apresenta uma amostra rarefeita em relação aos anos de estudos dos responsáveis por domicílios particulares permanentes com 12 ou mais anos de estudos.

Tabela 15 - Responsáveis por domicílios particulares permanentes por anos de estudo, segundo os grupos de idade

Grupos de idade	Responsáveis por domicílios particulares permanentes																		
	Anos de estudo																Anos de estudo não determinado		
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17 ou mais	
10 anos																			
11 anos																			
12 anos																			
13 anos																			
14 anos																			
15 anos						1													
16 anos		1																	
17 anos		1	1	2		1		1											
18 anos			2		4	4		4	2	1									
19 anos				3	5	4	4	1	4	2									
20 anos	1	1	2	3	6	8	3	8	4		1								
21 anos	1	2	4	2	5	14	6	11	5	3	1	4			1				
22 anos	3	3	3	1	11	16	4	5	10	1	1	6	1					1	
23 anos	6	3	4	4	11	16	8	16	11	3	4	6						1	
24 anos	7	5	5	4	13	12	9	5	18	3	1	6						1	
25 anos	6	3	8	8	19	23	9	8	13	5	10								
26 anos	9	8	11	10	20	13	7	10	17	1	3	8							
27 anos	6	5	6	15	16	13	6	7	16	1	2	13	1						2
28 anos	11	7	10	9	18	14	10	8	18	3		16							
29 anos	10	3	8	6	27	8	6	4	14	3		12						1	
30 ou mais anos	346	176	166	174	478	150	102	112	197	20	27	97	1	1	6	3	5	6	1

Figura 43 amostra rarefeita em relação aos anos de estudos dos responsáveis por domicílios particulares permanentes com 12 ou mais anos de estudos.

A tabela acima nos informa que no ano de 2000, praticamente não havia acesso dos moradores responsáveis em níveis de ensino superiores, mesmo porque a média geral de escolaridade dos responsáveis por domicílios particulares permanentes era de 4,54 anos, conforme nos mostra a Tabela 16.

Tabela 16 - Responsáveis por domicílios particulares permanentes com anos de estudo determinado, total e média de anos de estudo, segundo o sexo

Sexo	Responsáveis com anos de estudo determinado	Anos de estudo	
		Total	Média
Total	3023	13733	4,54
Homens	2339	10688	4,56
Mulheres	684	3045	4,45

Figura 44 Responsáveis por domicílios particulares permanentes com anos de estudo determinado, total e média de estudo, segundo o sexo.

Tabela 17 - Responsáveis por domicílios e total de rendimento nominal mensal dos responsáveis, por sexo, segundo as faixas de rendimento nominal mensal

Faixas de rendimento nominal mensal	Responsáveis por domicílios			Total de rendimento nominal		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Total	3026	2342	684	887284	742612	144672
Sem rendimento mensal	740	548	192	-	-	-
Com rendimento mensal	2286	1794	492	887284	742612	144672
Até 1/2 salário mínimo	47	23	24			
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	382	245	137			
Mais de 1 a 2 salários mínimos	674	484	190			
Mais de 2 a 3 salários mínimos	584	507	77			
Mais de 3 a 5 salários mínimos	426	381	45			
Mais de 5 a 10 salários mínimos	161	144	17			
Mais de 10 a 15 salários mínimos	8	7	1			
Mais de 15 a 20 salários mínimos	1	1				
Mais de 20 salários mínimos	3	2	1			

Figura 45 Responsáveis por domicílios e total de rendimento nominal mensal dos responsáveis, por sexo, segundo as faixas de rendimento nominal e mensal.

O Salário Mínimo vigente na época do recenseamento era de R\$ 151,00 e passou a vigorar a partir de 03 de março de 2000. Com base nesse valor, o rendimento médio do responsável por domicílio era de R\$ 293,22 (887284/3026) ou 1,94 Salários Mínimos, e a renda média *per capita* era de R\$ 80,84 (887284/10975).

Esses valores atualizados para setembro de 2010 correspondem respectivamente a um rendimento médio por responsável por domicílio de R\$ 585,11 e a um rendimento médio *per capita* de R\$ 161,31 (TABELA, 2010).

Tabela 18 - População residente de 5 anos ou mais por sexo e alfabetização, segundo os grupos de idade

Grupos de idade	População residente de 5 anos ou mais					
	Total		Sexo e alfabetização			
	Alfabetizados	Não alfabetizados	Masculino		Feminino	
			Alfabetizados	Não alfabetizados	Alfabetizados	Não alfabetizados
Total	7476	1817	3778	966	3698	851
5 a 9 anos	486	805	235	449	251	356
10 a 14 anos	1062	67	511	35	551	32
15 a 19 anos	951	49	454	29	497	20
20 a 24 anos	1046	96	504	49	542	47
25 a 29 anos	1085	98	559	61	526	37
30 a 34 anos	892	120	474	68	418	52
35 a 39 anos	695	112	359	59	336	53
40 a 44 anos	493	85	259	37	234	48
45 a 49 anos	300	88	158	47	142	41
50 a 54 anos	191	77	99	38	92	39
55 a 59 anos	127	60	71	28	56	32
60 a 64 anos	80	53	51	19	29	34
65 a 69 anos	40	49	27	21	13	28
70 a 74 anos	10	28	5	10	5	18
75 a 79 anos	10	15	7	10	3	5
80 ou mais anos	8	15	5	6	3	9

Figura 46 População residente de cinco anos ou mais por sexo e alfabetização, segundo os grupos de idade.

A relação entre alfabetizados e não-alfabetizados nos dá um percentual de 24,30 % de não-alfabetizados entre moradores da população residente de 5 anos ou mais. As Tabelas 19 e 20 complementam os dados fornecidos pela Tabela 18.

Tabela 19 - População residente por sexo e alfabetização, segundo a relação com a pessoa responsável e idade

Relação com a pessoa responsável e idade	População residente											
	Total					Homens					Mulheres	
	Total	Alfabetizados	Não alfabetizados	Total	Alfabetizados	Não	Total	Alfabetizados	Não	Total	Alfabetizados	Não
Total	9293	7476	1817	4744	3778	966	4549	3698	851			
Responsável, 10 ou mais anos de idade	3035	2585	450	2349	2014	335	632	517	115			
Cônjuge ou companheiro(a), 10 ou mais anos de idade	2030	1770	260	152	124	28	1878	1646	232			
Filho(a) ou enteado(a), 5 ou mais anos de idade	3360	2490	870	1787	1305	482	1573	1185	388			
Pai, mãe ou sogro(a), 20 ou mais anos de idade	122	45	77	34	10	24	88	35	53			
Neto(a) ou bisneto(a), 5 ou mais anos de idade	123	69	54	77	38	39	46	31	15			
Irmão ou irmã, 5 ou mais anos de idade	227	195	32	136	115	21	91	80	11			
Outro(a) parente, 5 ou mais anos de idade	327	264	63	169	137	32	158	127	31			
Agregado(a), 5 ou mais anos de idade	54	44	10	30	26	4	24	18	6			
Pensionista, 5 ou mais anos de idade	15	14	1	10	9	1	5	5				

Empregado(a) doméstico(a), 10 ou mais anos de idade
 Parente do(a) empregado(a) doméstico(a), 5 ou mais
 Individual em domicílio coletivo, 5 ou mais anos de idade

Figura 47 População residente por sexo e alfabetização, segundo a relação com a pessoa responsável e a idade.

Tabela 20 - Filho(a)s ou enteado(a)s, com 5 anos ou mais de idade, das pessoas responsáveis pelos domicílios, por sexo e alfabetização, segundo as faixas de idade do filho(a) ou enteado(a) e os anos de estudo da pessoa responsável.

Faixas de idade do filho(a) ou enteado(a) e anos de estudo da pessoa responsável pelo domicílio	Filho(a)s ou enteado(a)s, com 5 anos ou mais de idade, das pessoas responsáveis pelos								
	Total			Homens			Mulheres		
	Total	Alfabetizados	Não alfabetizados	Total	Alfabetizados	Não alfabetizados	Total	Alfabetizados	Não alfabetizados
<i>5 anos ou mais de idade</i>									
<i>Anos de estudo das pessoas responsáveis</i>									
Sem instrução ou com menos que 1 ano	539	384	155	285	204	81	254	180	74
1 ano	295	224	71	157	114	43	138	110	28
2 anos	292	224	68	157	119	38	135	105	30
3 anos	287	206	81	149	106	43	138	100	38
4 anos	755	589	166	413	307	106	342	282	60
5 anos	284	211	73	137	104	33	147	107	40
6 anos	197	136	61	112	80	32	85	56	29
7 anos	194	143	51	107	79	28	87	64	23
8 anos	304	226	78	161	116	45	143	110	33
9 anos	38	21	17	23	15	8	15	6	9
10 anos	27	19	8	15	10	5	12	9	3
11 anos	118	85	33	55	40	15	63	45	18
12 anos	2	2					2	2	
13 anos									
14 anos	2		2	2		2			
15 anos									
16 anos	9	8	1	6	5	1	3	3	
17 ou mais anos	12	11	1	7	6	1	5	5	
Anos de estudo não determinado	5	1	4	1		1	4	1	3
<i>5 a 14 anos de idade</i>									
<i>Anos de estudo das pessoas responsáveis</i>									
Sem instrução ou com menos que 1 ano	321	192	129						
1 ano	172	115	57						
2 anos	187	123	64						
3 anos	193	120	73						
4 anos	465	310	155						
5 anos	232	160	72						
6 anos	152	93	59						
7 anos	140	93	47						
8 anos	209	133	76						
9 anos	30	14	16						
10 anos	22	14	8						
11 anos	90	58	32						
12 anos	2	2							
13 anos									
14 anos	2		2						
15 anos									
16 anos	4	3	1						
17 ou mais anos	7	6	1						
Anos de estudo não determinado	5	1	4						
<i>15 ou mais anos de idade</i>									
<i>Anos de estudo das pessoas responsáveis</i>									
Sem instrução ou com menos que 1 ano	218	192	26						
1 ano	123	109	14						
2 anos	105	101	4						
3 anos	94	86	8						
4 anos	290	279	11						
5 anos	52	51	1						
6 anos	45	43	2						
7 anos	54	50	4						
8 anos	95	93	2						
9 anos	8	7	1						
10 anos	5	5							
11 anos	28	27	1						
12 anos									
13 anos									
14 anos									
15 anos									
16 anos	5	5							
17 ou mais anos	5	5							
Anos de estudo não determinado									

Figura 48 Filhos ou enteados com cinco anos ou mais de idade.

A análise das Tabelas acima apresentadas nos traça um perfil dos moradores do Parque Oziel por volta do ano 2000, portanto, pouco tempo após a ocupação e ainda em processo de consolidação. Os números apresentados poderão ser úteis para outros vieses de análise sobre a área de ocupação em tela.

3.1.2 Relação e localização das igrejas do Parque Oziel atualizada em 06 de setembro de 2010

Em razão da precariedade dos nomes oficiais e populares, optamos por apresentar os nomes das vias onde estão localizadas as igrejas, conforme o nome mais conhecido (ou sua variante). Também utilizamos o expediente de marcar as coordenadas geográficas com um aparelho GPS, para melhor identificação dos locais de culto.

1. Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil - Rua Ten. Antonio Barbosa, nº 256 – Parque Oziel
 ““ Coordenadas: W 47°05’05” S 22°56’40”
2. Igreja Evangélica Pentecostal Jesus é Lindo - Rua Ten. Antonio Barbosa, nº 268 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°05’07” S 22°56’43”
3. Igreja Congregação Cristã no Brasil - Rua Marcelina R. Paschoal, s/n – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°05’10” S 22°56’47”
4. Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Belém - Rua Marcelina R. Paschoal, s/n – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°05’10” S 22°56’48”
5. Igreja Católica Apostólica Romana (Comunidade São Judas Tadeu-Paróquia Sagrada Família) - Rua Marcelina R. Paschoal, nº 452 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°05’03” S 22°56’57”
6. Igreja Missionária Pentecostal Vale da Benção - Rua Marcelina R. Paschoal, nº 269 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°05’04” S 22°56’57”
7. Igreja Batista Bíblica Shalon (Comunhão Batista Bíblica) - Rua Márcio Duarte Ribeiro, nº 496 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°05’12” S 22°56’56”

8. Igreja Missionária Pentecostal Vale da Bênção - Av. Márcio Duarte Ribeiro nº 326 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°04'54" S 22°56'27"
9. “Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Belém – Parque Oziel II - Rua Cabo Rubens Zimmermann, nº 1355 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°05'10" S 22°56'23"
10. Igreja Presbiteriana Independente - Rua Cabo Rubens Zimmermann, s/n – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°05'05" S 22°56'29"
11. Igreja Pentecostal Lírio dos Vales em Marcha - Rua Marcelo Ranuzia, nº 1261 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°05'05" S 22°56'28"
12. Igreja Pentecostal Luz que Brilha - Rua 46 A nº 106 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°05'00" S 22°56'30"
13. Igreja Católica Apostólica Romana - Rua Luiza Rodrigues da Silva, nº 187 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°04'58" S 22°56'31"
14. Igreja Universal do Reino de Deus - Rua Rev. Herculano Gouveia Junior, nº 660 – Jardim do Lago - Coordenadas: W 47°05'10" S 22°56'21"
15. Igreja Pentecostal Amor de Jesus Cristo - Rua 47 A, s/n – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°04'56" S 22°56'34"
16. Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Belém - Parque Oziel I Av. Eng. Márcio Duarte Ribeiro, nº 633 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°04'55" S 22°56'37"
17. Igreja Pentecostal Deus Abre o Mar - Rua Bartolo Vicentini, nº 418 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°04'59" S 22°56'41"
18. Igreja Pentecostal da Paz - Rua Bartolo Vicentini, nº 157 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°05'01" S 22°56'35"
19. Igreja Pentecostal Deus é Amor - Rua 45 A, nº 44 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°05'01" S 22°56'44"
20. Igreja Evangélica Assembleia de Deus da Missão - Rua 45 A, nº 1003 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°04'58" S 22°56'47"
21. Igreja Evangélica Pentecostal Israel Unidos em Cristo - Rua Cabo Rubens Zimmermann, nº 10 (ou 317) – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°05'00" S 22°56'49"

22. Igreja Evangélica Pentecostal Remida em Cristo - Rua Eng. Silvio Antonio Grieco, nº 317 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°04'55" S 22°56'43"
23. Igreja Pentecostal Família de Cristo - Rua 80 A, nº 32 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°04'51" S 22°56'36"
24. Igreja Pentecostal dos Dez Mandamento Alfa e Ômega (*sic*) - Rua Tem Neviton Garrutti, nº 455 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°04'51" S 22°56'26"
25. Igreja do Nazareno Canaã - Rua 47 A – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°04'56" S 22°56'27"
26. Igreja Pentecostal das Maravilhas - Rua Antonio Catuso, nº 48 – Parque Oziel - Coordenadas: W 47°04'56" S 22°56'25"
27. Igreja Batista do Jardim Monte Cristo - Av. Márcio Duarte Ribeiro, nº 56 – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°04'49" S 22°56'20"
28. Igreja Pentecostal Luz do Mundo - Av. Carlos Estela Neto, s/n – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°04'43" S 22°56'19"
29. Igreja Congregação Cristã no Brasil - Av. Carlos Estela Neto, nº 157 – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°04'40" S 22°56'16"
30. Igreja Adventista do Sétimo Dia - Rua Rita Oswaldo Felipe ou Rua 60 nº 01 – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°04'46" S 22°56'14"
31. Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Belém – Jardim Monte Cristo - Rua 60 s/n (ou nº 345) – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°04'52" S 22°56'16"
32. Igreja Internacional da Graça de Deus - Rua Carlos Estela Neto, s/n – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°04'54" S 22°56'19"
33. Igreja Pentecostal Deus é Amor - Rua Prof. Nadir Leite do Canto, nº 395 – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°04'53" S 22°56'16"
34. Igreja do Evangelho Quadrangular - Rua Carlos Estela Neto, nº 768 – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°04'53" S 22°56'16"
35. Igreja Apostólica do Brasil - Rua Carlos Estela Neto, nº 792 – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°04'59" S 22°56'14" –

36. Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Madureira - Rua Rosa Agriteles Cipriano, s/n – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°04'52" S 22°56'12"
37. Igreja Pentecostal Deus te Ama - Rua 66 nº 13 – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°04'51" S 22°56'05"
38. Igreja Católica Apostólica Romana (Comunidade Santos Reis) - Rua Fause Sélia (ou Seche), nº 75 – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°05'02" S 22°56'16"
39. Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Ferreira - Rua Fause Sélia (ou Seche), nº 121 – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°05'04" S 22°56'17"
40. Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Perus - Rua Prof^a. Carolina Souza C. Barros, s/n – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°05'01" S 22°56'18"
41. Igreja Pentecostal Casa de Oração em Nome de Jesus - Rua Fause Sélia (ou Seche), nº 221 – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°05'05" S 22°56'20"
42. Igreja da Missão - Rua 57 A, nº 39 – Jardim Monte Cristo - Coordenadas: W 47°04'57" S 22°56'10"
43. Igreja Evangélica Pentecostal Sarça Ardente - Rua Mauro Fialho, nº 74 – Gleba B - Coordenadas: W 47°04'41" S 22°56'40"
44. Igreja Pentecostal Resgatando Vidas - Rua 16 nº 04 – Gleba B - Coordenadas: W 47°04'38" S 22°56'44"
45. Igreja Pentecostal Deus é Amor - Rua Gentil Ribeiro, nº 57 (Quadra B7) – Gleba B - Coordenadas: W 47°04'35" S 22°56'43"
46. Igreja Pentecostal Chave da Vitória - Rua 03 s/n – Gleba B - Coordenadas: W 47°04'29" S 22°56'43"
47. Igreja Batista – Gleba B - Rua 4 nº 04 – Gleba B - Coordenadas: W 47°04'27" S 22°56'44"
48. Igreja do Nazareno Canaã – Gleba B - Rua 8 nº 27 – Gleba B - Coordenadas: W 47°04'32" S 22°56'41"
49. Igreja Evangélica Assembléia de Deus – Ministério Belém – Gleba B - Rua 8 s/n (ou nº 19) – Gleba B - Coordenadas: W 47°04'31" S 22°56'40"

Das 49 igrejas acima relacionadas, encontramos três igrejas da Igreja Católica Apostólica Romana (números 05, 13 e 38), representando 6,12% do total de igrejas encontradas na localidade. As demais quarenta e seis igrejas são de corte protestante.

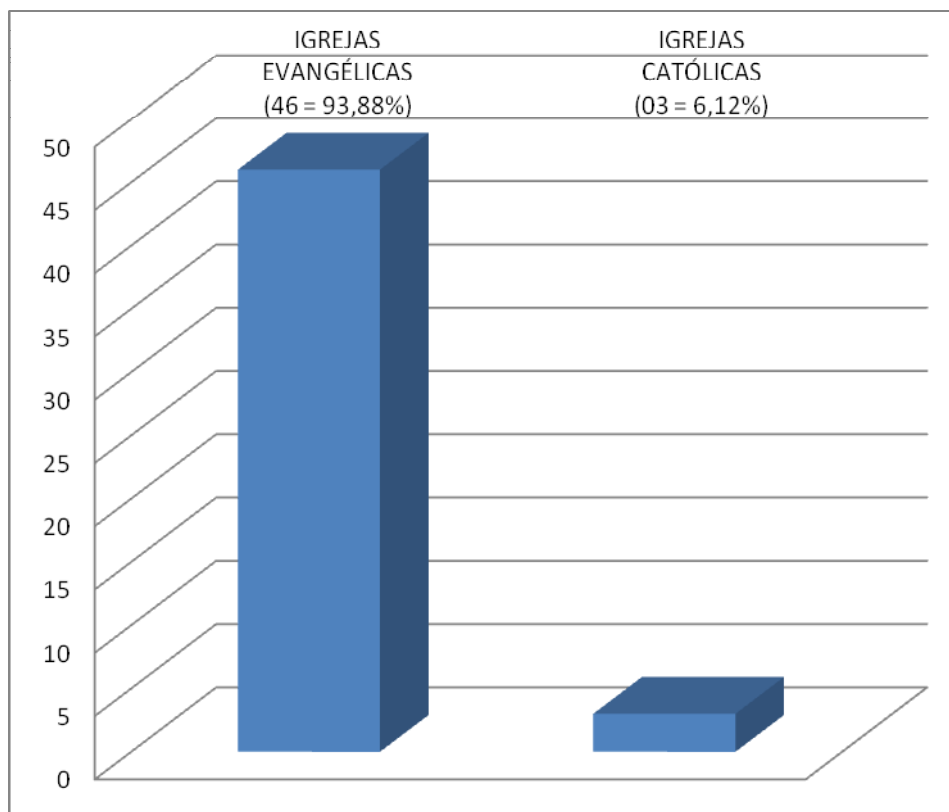


Figura 49 – Relação Igrejas evangélicas X Igrejas católicas

Utilizando a nomenclatura do IBGE, encontramos cinco igrejas evangélicas de missão, sendo três batistas (números 07, 27 e 47), uma Presbiteriana Independente (número 10) e uma Adventista (número 30). As igrejas evangélicas de missão correspondem a 10,20% do total de igrejas e 10,86% do total de igrejas evangélicas. Excetuando-se as comunidades católicas e as comunidades evangélicas de missão, teremos a presença de quarenta e uma igrejas evangélicas de origem pentecostal, isto é, 83,67% do total de igrejas e 89,13% do total de igrejas evangélicas.

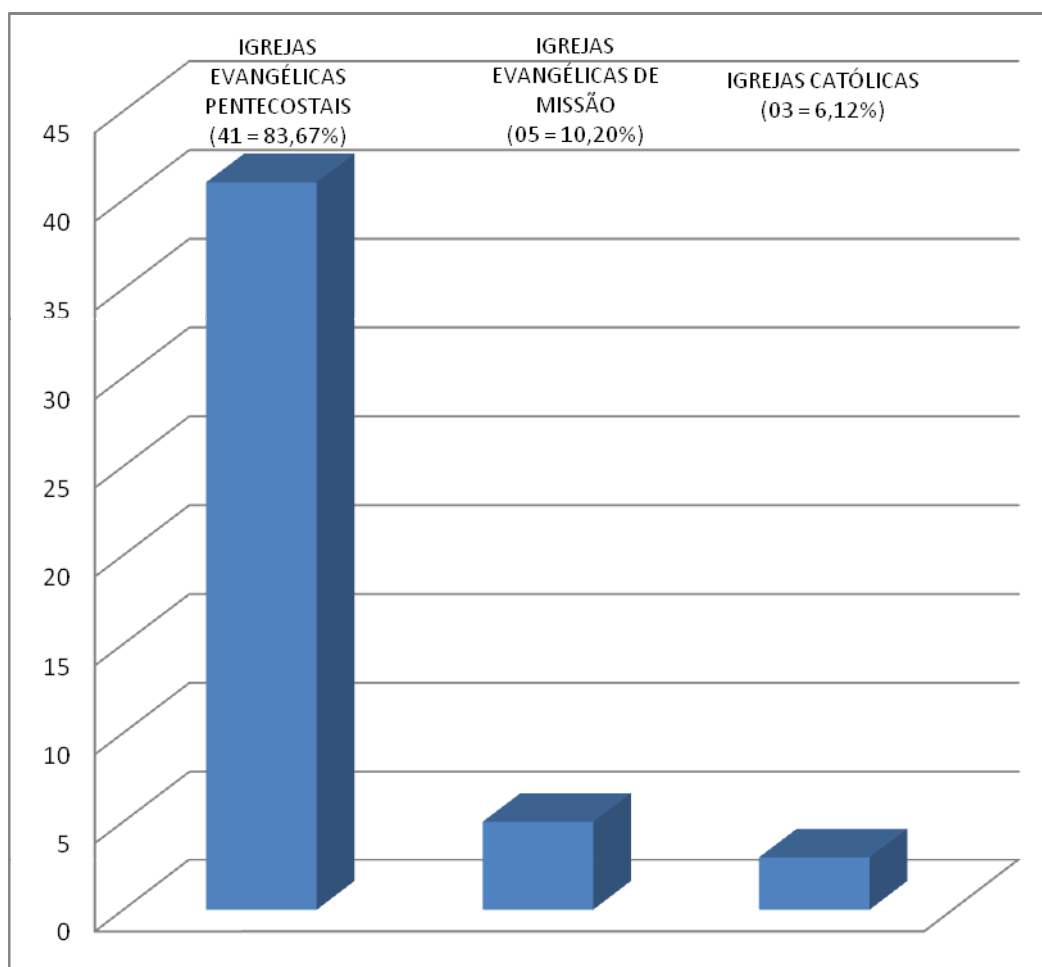


Figura 50 – Relação Igrejas evangélicas pentecostais X Igrejas evangélicas de missão X Igrejas católicas.

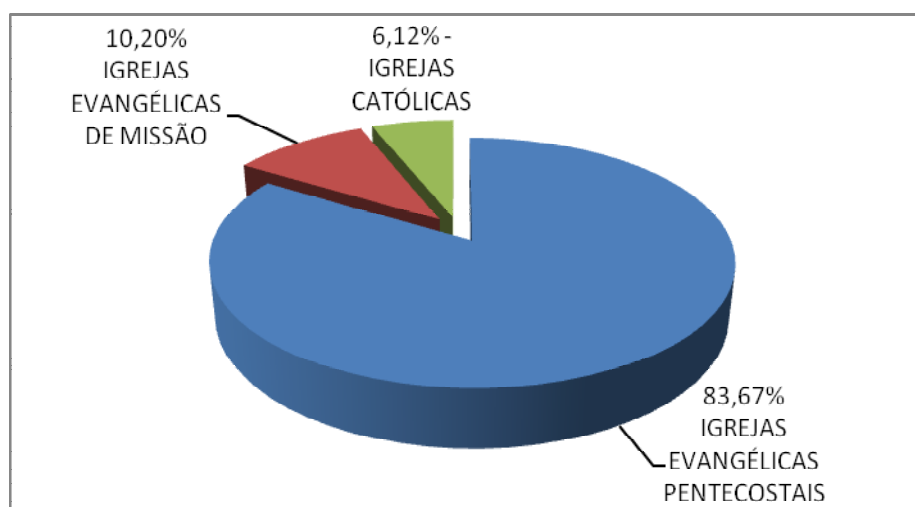


Figura 51 – Relação percentual da presença das Igrejas evangélicas pentecostais X Igrejas evangélicas de missão X Igrejas católicas.

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus está representada com nove comunidades, sendo cinco do Ministério Belém (números 04, 09, 16, 31 e 49) e uma comunidade respectivamente dos Ministérios Missão (número 20), Madureira (número 36), Ferreira (número 39) e Perus (número 40). Ainda dentro do enquadramento de igrejas evangélicas de origem pentecostal nos termos de IBGE, temos na localidade pesquisada a presença de uma Igreja Universal do Reino de Deus (número 14), uma Igreja do Evangelho Quadrangular (número 34) e duas igrejas da Congregação Cristã no Brasil (números 03 e 29). Esclarecemos que a Igreja Universal do Reino de Deus está localizada no Jardim do Lago I mas na divisa da comunidade do Parque Oziel, portanto com um raio geográfico de influência que alcança o Oziel. Ao se adotar o critério de enquadramento de igrejas neopentecostais, citamos a presença dentro do Oziel, da Igreja Internacional da Graça de Deus (número 32). Destacamos também a presença de três igrejas da Igreja Pentecostal Deus é Amor (números 19, 33 e 45). Adotando a palavra “amor” como nome da igreja, além da já citada Deus é Amor, encontramos mais duas igrejas, quais sejam: Igreja Pentecostal Deus te Ama (número 37) e Igreja Pentecostal Amor de Jesus Cristo (número 15). Além das nove igrejas da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, mais quatro igrejas adotaram a expressão “evangélica” em seus nomes, quais sejam: Igreja Evangélica Pentecostal Jesus é Lindo (número 02), Igreja Evangélica Pentecostal Israel Unidos em Cristo (número 21), Igreja Evangélica Pentecostal Remida em Cristo (número 22) e Igreja Evangélica Pentecostal Sarça Ardente (número 43). Há uma destacada preferência ao se utilizar o designativo “pentecostal” para compor o nome de igrejas. Vejamos: além das duas igrejas da Igreja Missionária Pentecostal Vale da Bênção e das três igrejas da Igreja Pentecostal Deus é Amor, mais dezoito igrejas optaram pela inclusão do uso do nome “pentecostal”, respectivamente as de número 01, 02, 11, 12, 15, 17, 18, 23, 24, 26, 28, 37, 41, 43, 44 e 46.

Do total de quarenta e seis igrejas evangélicas, vinte e quatro delas estão no Parque Oziel (52,17%). No Jardim Monte Cristo encontramos quinze igrejas evangélicas que correspondem a 32,60% do total de igrejas evangélicas contabilizadas. As demais sete igrejas evangélicas estão na Gleba B e correspondem a 15,21% do total de igrejas evangélicas. Existem duas igrejas católicas no Parque Oziel e uma no Jardim Monte Cristo.

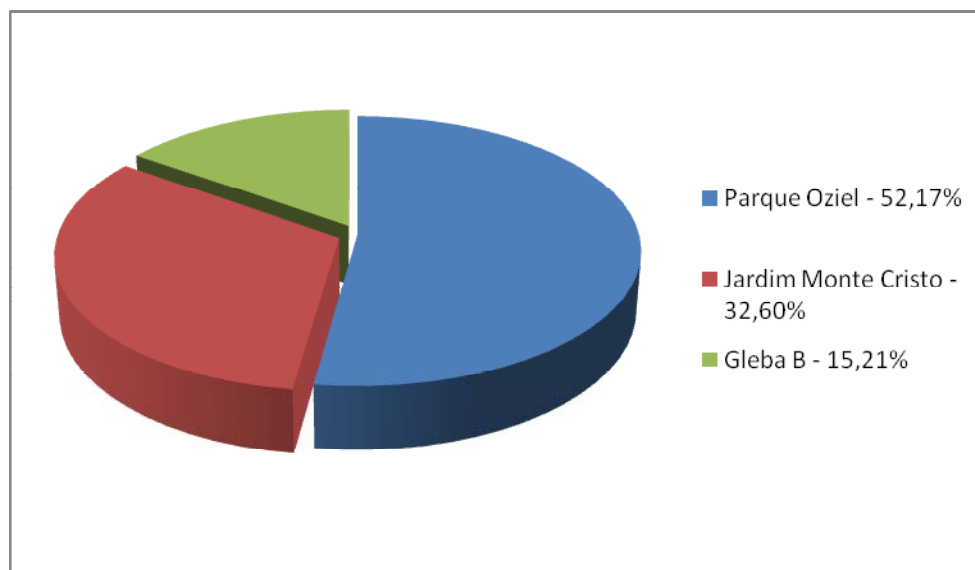


Figura 52 – Distribuição percentual das igrejas evangélicas por bairro.

Não vimos nenhum templo da Igreja Católica Apostólica Romana na Gleba B, porém destacamos que no local existe um trabalho educacional salesiano gratuito voltado para a população do Parque Oziel (Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B) (OSSJB, 2010).²⁰

Para facilidade de visualização, apresentamos a seguir, em duas colunas, a relação de igrejas encontradas na área de ocupação sob pesquisa. O número referencial da coluna da esquerda foi utilizado para plotar sobre as imagens que se seguem à localização georeferenciada de cada comunidade religiosa.

Optamos por destacar nas fotos a seguir as igrejas católicas (05, 13 e 38), assinalando-as com a cor verde (note-se que estão todas no Parque Oziel/Jardim Monte Cristo). As igrejas evangélicas foram apontadas com a cor amarela. Caso as três comunidades do Oziel (Parque Oziel/Jardim Monte Cristo/Gleba B) fossem apresentadas em uma mesma imagem, haveria sobreposição dos marcadores, com a conseqüente perda de visibilidade das informações. Assim, dividimos as imagens em duas, isto é, primeiramente apresentamos a igrejas

²⁰ O local está estrategicamente localizado entre o Parque Oziel e a Gleba B, na Av. Márcio Duarte Ribeiro, 178. As instalações (quadras de esportes e outros equipamentos sociais) podem ser vistas parcialmente no quadrante superior esquerdo da figura 54.

localizadas na Gleba B e em uma segunda imagem, as igrejas localizadas no Parque Oziel e Jardim Monte Cristo.

REF.	IGREJA
1	Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil
2	Igreja Evangélica Pentecostal Jesus é Lindo
3	Igreja Congregação Cristã no Brasil
4	Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Belém
5	Igreja Católica Apostólica Romana (Comunidade São Judas Tadeu-Paróquia Sagrada Família)
6	Igreja Missionária Pentecostal Vale da Bênção
7	Igreja Batista Bíblica Shalon
8	Igreja Missionária Pentecostal Vale da Bênção
9	Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Belém – Parque Oziel II
10	Igreja Presbiteriana Independente
11	Igreja Pentecostal Lírio dos Vales em Marcha
12	Igreja Pentecostal Luz que Brilha
13	Igreja Católica Apostólica Romana
14	Igreja Universal do Reino de Deus
15	Igreja Pentecostal Amor de Jesus Cristo
16	Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Belém - Parque Oziel I
17	Igreja Pentecostal Deus Abre o Mar
18	Igreja Pentecostal da Paz
19	Igreja Pentecostal Deus é Amor
20	Igreja Evangélica Assembleia de Deus da Missão
21	Igreja Evangélica Pentecostal Israel Unidos em Cristo
22	Igreja Evangélica Pentecostal Remida em Cristo
23	Igreja Pentecostal Família de Cristo
24	Igreja Pentecostal dos Dez Mandamento Alfa e Ômega (<i>sic</i>)
25	Igreja do Nazareno Canaã
26	Igreja Pentecostal das Maravilhas
27	Igreja Batista do Jardim Monte Cristo
28	Igreja Pentecostal Luz do Mundo
29	Igreja Congregação Cristã no Brasil
30	Igreja Adventista do Sétimo Dia
31	Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Belém – Jardim Monte Cristo
32	Igreja Internacional da Graça de Deus
33	Igreja Pentecostal Deus é Amor
34	Igreja do Evangelho Quadrangular
35	Igreja Apostólica do Brasil
36	Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Madureira
37	Igreja Pentecostal Amor de Deus
38	Igreja Católica Apostólica Romana (Comunidade Santos Reis)
39	Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Ferreira
40	Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Perus
41	Igreja Pentecostal Casa de Oração em Nome de Jesus
42	Igreja da Missão
43	Igreja Evangélica Pentecostal Sarça Ardente
44	Igreja Pentecostal Resgatando Vidas
45	Igreja Pentecostal Deus é Amor
46	Igreja Pentecostal Chave da Vitória
47	Igreja Batista – Gleba B
48	Igreja do Nazareno Canaã – Gleba B
49	Igreja Evangélica Assembléia de Deus – Ministério Belém – Gleba B

Figura 53 Igrejas no Parque Oziel.

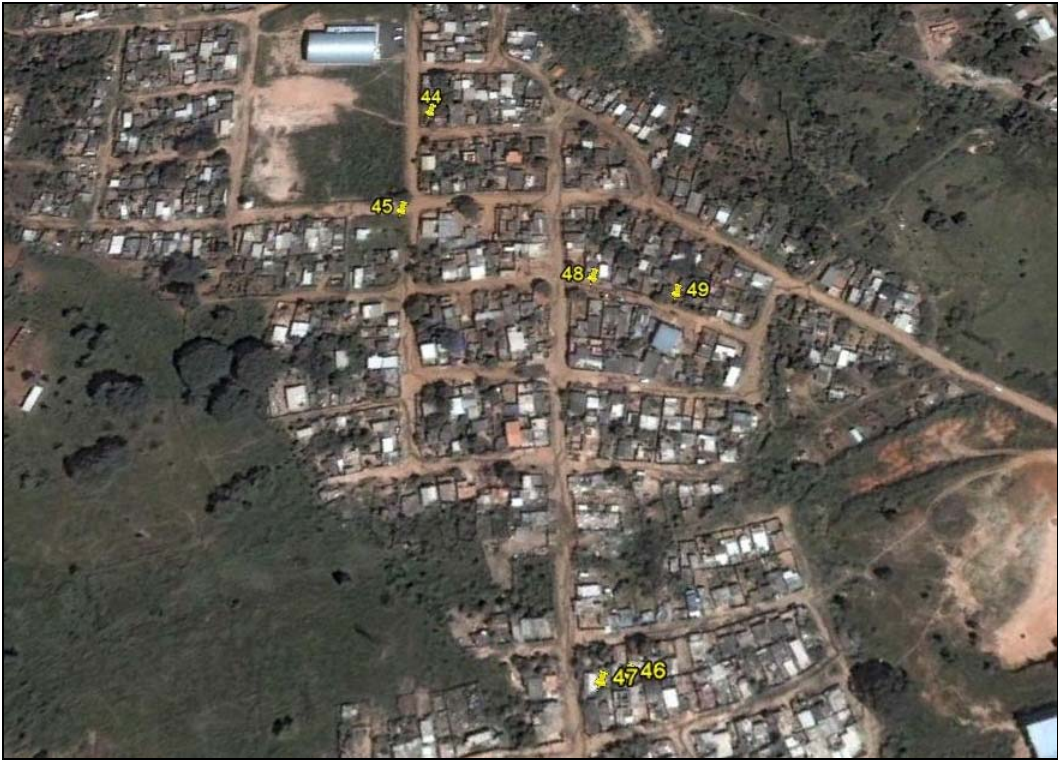


Figura 54 – Gleba B



Figura 55 – Parque Oziel e Jardim Monte Cristo.

As igrejas estão espalhadas pelo bairro, portando não há concentração em determinado espaço. Essa desconcentração não planejada ocorre talvez em razão do tipo de clientela religiosa, isto é, fiéis que se deslocam a pé para as atividades religiosas, portanto com igrejas próximas de suas residências. As igrejas enquanto edificações, são visivelmente reconhecidas como locais de atividade religiosa. Talvez a informalidade para a criação de igrejas evangélicas explique a quantidade e diversidade dessa expressão religiosa no bairro. Também é preciso levar-se em consideração o apoio que a liderança local, na pessoa da presidência da associação de moradores e Edil da municipalidade, empresta aos evangélicos, como teremos oportunidade de detalhar no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4 ETNOGRAFIA E ANÁLISE DOS COSTUMES EVANGÉLICOS NAS IGREJAS DO PARQUE OZIEL

INTRODUÇÃO

Vimos no capítulo anterior como ocorreu a formação do Parque Oziel e os seus três bairros: o Parque Oziel propriamente dito, o Jardim Monte Cristo e a Gleba B, todos portadores de nomes oficialmente inexistentes, mas com uma presença de fato na paisagem urbana campineira. Vimos também que as igrejas evangélicas existem em função de uma clientela religiosa que se desloca a pé para as atividades cúlticas. Tais igrejas, majoritariamente evangélicas de origem pentecostal, estão espalhadas pelos três bairros componentes da área de ocupação por trabalhadores sem teto. Nossa expectativa inicial era de que no Parque Oziel somente encontraríamos igrejas de corte pentecostal, mas a pesquisa de campo nos reportou também três comunidades evangélicas de missão.

Uma vez apresentado o bairro em si no capítulo anterior, nosso interesse volta-se para o recolhimento de impressões sobre os locais dos cultos evangélicos e da dinâmica desses cultos. Para isso, participamos e compilamos várias atividades cúlticas tanto em igrejas pen-

tecostais quanto em igrejas evangélicas de missão. Fizemos apontamentos também sobre manifestações evangélicas ocorridas fora do âmbito do Parque Oziel, mas que de alguma forma guardam pontos de contato com os evangélicos do Oziel. Dessa maneira acreditamos poder apresentar um corte sobre a atual expressão cültica de origem protestante que é válida, não somente para o Parque Oziel, mas em boa parte válida também para os evangélicos da cidade de Campinas, todos componentes do atual multiforme protestantismo campineiro.

Muitos dos costumes evangélicos observados no Parque Oziel, são também exercidos por evangélicos de outras paragens, como é o caso a seguir explicitado da marca supra identitária que entendemos estar sendo “eleita” espontaneamente pelos evangélicos, isto é, um processo civilizatório introjetado em marcha através de escolhas não racionais.

4.1 – A adesão do símbolo do peixe como marca identitária evangélica

Se existe um símbolo cristão por excelência e de imediata identificação, este é a chamada Cruz de Cristo, cujo fato original, a se confiar nos relatos dos evangelhos e de outras fontes, só foi visto pelos atores das narrativas bíblicas no entorno do episódio da crucificação.

Trata-se de um instrumento de simples construção e operação para suplício e morte lenta que, como se sabe, foi uma das formas de assassinato de Estado amplamente utilizada pelo Império Romano (HORSLEY, 2004, p. 239). Qualquer árvore com certo porte poderia ser escolhida para se cravar os tornozelos do condenado e esticá-lo de peito aberto. Na Palestina abundante de oliveiras tal método foi muito utilizado. Não podemos imaginar Roma e seus satélites subordinados investindo vultosos recursos financeiros para tirar a vida de um ser humano, portanto a crucificação era uma forma rústica e não dispendiosa de matar. Talvez um condenado de escol viesse a merecer a construção de uma cruz em madeira mais dispendiosa, volumosa e trabalhada, mas acreditamos ser inocência se acreditar que, em geral, os cofres imperiais fossem abertos para elaboração de custosos projetos desse instrumento de morte.

Em dois mil anos de cristianismo, incontáveis tipos de cruzes foram imaginadas, montadas, esculpidas e reproduzidas pictorialmente em locais de culto cristão, residências, locais de internação coletiva (quartéis, hospitais, escolas, etc.), além de uso em adereços

personais, no mais das vezes e de forma intercambiável, sob o título de talismã protetor, jóia e identificador de confessionalidade, entre outros. Assim, entendemos que, as reproduções de uma cruz de Cristo construída em medidas horizontais e verticais perfeitas, simétricas e proporcionais, com um lenho trabalhado de forma retangular ou quadrado, perfeitamente acabada como que montada pelas mãos de exímio artífice marceneiro, é pura obra de criação inspirada no mito original.

De qualquer maneira, tal símbolo imaginado e reproduzido sob a evocação de um exemplar original não preservado, sobreviveu ao primeiro grande cisma do cristianismo no ano de 1054 (grande cisma do oriente) e ao cisma ocidental de 1517 por ocasião da Reforma Protestante e se preservou como um, senão o mais forte dos símbolos cristãos, de aceitação e uso por todas as vertentes cristãs, ainda que com inúmeras variações e múltiplas restrições. Em adição à cruz, o cristianismo produziu muitos outros símbolos para uso em suas liturgias e identificações de adesão religiosa.

Muitos desses símbolos foram incorporados ou adaptados do berço matriz do cristianismo, isto é, o judaísmo. Ramos elenca uma série desses “*símbolos cristãos e seu (possível) significado*” (RAMOS, 2006, p.16 e ss) com um pequeno desenho ou reprodução ilustrativa cujos nomes transcrevemos a seguir: adaga, águia, ankt (cruz ansada egípcia), Arca da Aliança, arco-íris, balança, bandeira cristã, boi, borboleta, cabrito, cajado, cálice, cálice e cruz, campanário, carneiro, castiçal, Cedro do Líbano, cervo, cetro e coroa, chama (fogo), *Chi Rho* (monograma), círculo, círculos entrelaçados, concha, coroa de espinhos, coroa do advento, Cordeiro de Deus, coroa, cravos, *ecce agnus dei* (eis o cordeiro de Deus), escada, espada, espada flamejante, estrela de cinco pontas, estrela de sete pontas, estrela de seis pontas, estrela de nove pontas, estrela, sol e lua, fênix, *fleur-de-lis*, galo, fonte, golfinho, harpa (lira), homem alado, IHC (monograma), jarro e bacia, lâmpada, *INRI* (letras em latim), linha e prumo, lírio, livro, flor de lótus, maçã, mão de Deus, margarida, menorah (candelabro de sete braços), moedas, monograma feito pela justaposição das letras gregas I e X, navio, Nimbus, *XPICTOC* ou *XPISTOS* (o nome de Cristo em grego), *IHSOYS* ou *YH-COYC*, óleo, olho, pães e peixes, peixe, peixe (três), pomba, pombas (sete), porta, palmas, papoula, pavão, *PAX* (paz), pelicano, pérola, quatro pétalas de flor, ramo de oliveira, rolo, romã, rosa, roupa e dados, sarça ardente, selo, selo de Lutero, serpente, sete-chamas, sete lâmpadas, sol da justiça, tábuas dos mandamentos, tocha, torre, trevo, triângulo, trigo, trombeta, tronco de Jessé, turíbulo (incensário), uvas, verga da porta, videira, violeta e as seguintes cruces - cruz (âncora – forma de âncora de almirante), cruz batismal, cruz bizantina, cruz

celta, cruz e chama (metodista), cruz de Jerusalém, cruz de Malta, cruz de Santo André, cruz do calvário, cruz do cristo vencedor, cruz do natal, cruz do triunfo, cruz flor-de-lis, cruz grega, cruz latina, cruz latina alfa e ômega, cruz pascal, cruz Tau e cruz trevo. Outro autor elencou de forma ilustrada e comentada, cento e sessenta e três símbolos judaico-cristãos utilizados pelo cristianismo, inclusive expondo fotos de alguns destes encontrados nas catacumbas de Roma (STAFFORD, 1952, p. 367).

Vimos que o peixe é apenas um entre dezenas de símbolos cristãos. É “um dos primeiríssimos exemplos da iconografia cristã” (JOSGRILBERG, 2007, p.14), amplamente utilizado pelo mundo cristão. “O uso de fotografias, impressos e pinturas reproduzidas em massa, na educação religiosa e na devoção tem sido muito importante para os cristãos desde o século dezenove porque essas imagens permitem uma sutil transição do artefato para o mundo.” (MORGAN, 1970, p. 8).

Existe uma relação direta entre o símbolo e determinada realidade social. O símbolo é uma forma de comunicação que expressa dizeres que são recepcionados por uma sociedade que sabe interpretá-los. Através de uma língua, expressões corporais gestuais ou faciais, emblemas, cheiros, cores, roupas ou outros instrumentos imagináveis com poder de atuação como símbolos, ocorrem diálogos ou monólogos por entre os meandros de uma sociedade. Determinado símbolo pode não representar algo para alguém, mas para outrem, parte de uma configuração “estruturada de pessoas mutuamente orientadas e dependentes”, tal símbolo será em algum nível recebido e interpretado (ELIAS, 1993, p. 235). Para aquele capaz de distinguir o símbolo, uma realidade se abrirá. Norbert Elias exemplifica logo na introdução da sua “Teoria simbólica” com a apresentação da relação entre um mapa e a cidade representada por esse mapa.

Suponhamos que eu visito uma cidade desconhecida com um plano das ruas na mão. Neste caso, não devo hesitar em distinguir dois modos de existência. As ruas, casas e as praças podem ser classificadas como realmente existentes. O plano da cidade é uma representação simbólica desta realidade. Neste caso, não é necessário duvidar da adequação entre símbolo e realidade [...] Não é despropositado conceptualizar a relação entre a cidade e o seu mapa como uma relação entre algo que realmente existe e algo que é meramente a sua representação simbólica. Ela satisfaz a inclinação característica da nossa época de conceber as diferenças como contrastes. Porém, neste caso, a conotação do contraste é aquela que existe entre a fantasia e a realidade. O mapa e a cidade têm um modo de existência diferente mas não contrastado. [...] Há vários tipos de representações simbólicas. Os mapas são apenas um deles. As línguas são outro (ELIAS, 1994b, p. 4).

O símbolo do peixe ao longo da caminhada da sociedade humana foi utilizado de várias formas como instrumento de transmissão de conhecimento.

A comunicação por meio de símbolos, que pode variar de sociedade para sociedade, é uma das singularidades da humanidade. Fundamenta-se na organização biológica dos seres humanos [...] É também uma condição do crescimento do conhecimento (ELIAS, 1994b, p. 4).

Esse conhecimento recepcionado e transmitido por gerações acaba por incorporar valores e comportamentos para indivíduos que se relacionam em uma figuração social. “No desenvolvimento social, por sua vez, o instrumento principal de transmissão e mudanças são os símbolos, aqui entendidos em sentido amplo, pois além de incluírem conhecimento, agregam normas de conduta e sentimento (RIBEIRO, 2010, p. 141).”

Talvez os relatos neotestamentários sobre a multiplicação dos pães e dos peixes tenham produzido a empatia necessária para a força de adesão como símbolo.²¹ É por demais conhecido o fato de que a palavra “peixe”, em grego, escreve-se *ichtus*, e é ao mesmo tempo, acróstico para Jesus Cristo Filho de Deus Salvador.

O simbolismo religioso do peixe não é um privilégio judaico-cristão, pois pode ser encontrado por todo o mundo antigo em regiões como Egito, Grécia e Mesopotâmia, “mas o simbolismo do peixe alcança seu clímax nos primeiros usos cristãos do peixe como símbolo de Cristo” (HOOKE, 1961, p. 537). Também está na memória coletiva dos cristãos e mesmo ensina-se que, durante tempos de perseguição aos cristãos do primeiro século da era comum, para aproximação com outro cristão desconhecido, o primeiro riscava no chão, talvez com uma varinha, um semicírculo côncavo ou convexo. Se qualquer outro, ao se aproximar, completasse com outro semicírculo de tal maneira que surgisse a forma de um peixe, ficava imediatamente estabelecido o contato e a confiança mútua em pertencerem à mesma crença religiosa. Este autor já ouviu incontáveis sermões em igrejas evangélicas sobre essa narrativa em similaridade com a citação a seguir:

O símbolo do peixe foi provavelmente usado pelos cristãos perseguidos como meio de evitar a indesejada perseguição da polícia romana. Quando

²¹ Cf. Mateus 7, 12 e 17; Marcos 6; Lucas 11 e 24; João 21.

mostrado do lado de fora de um lar pagão, era indicativo de que um banquete funeral estava sendo oferecido pelo morto, mas quando aparecia do lado de fora de um lar cristão, era um sinal de que a Eucaristia seria celebrada lá, à noite e em segredo (STAFFORD, 1952, p. 38).

Enquanto partido político, o Partido Social Cristão – PSC escolheu o símbolo do peixe para associar sua característica de “cristão”, junto ao eleitorado brasileiro, no desejo de que o eleitorado o identifique como “o partido do peixinho”. O site dessa agremiação política partidária reproduz e reforça a tradição popular ao informar que quando perseguidos, os seguidores de Cristo riscavam o chão, desenhando o símbolo do peixe na areia, o que significava a senha para a saudação entre eles, caracterizando a comunicação social cristã em suas raízes mais profundas (PSC, 2008).²²

Apresentamos a seguir alguns “logos” disponibilizados no site dessa agremiação partidária (PSC, 2010).



Figura 56 – logomarcas do Partido Social Cristão

²² Também os seguintes sites ligados ao Partido Social Cristão, reproduzem esse texto: <http://www.reginaldoalmeida.com.br/?mdl=paginas&pg=psc_historia> e <http://nelitolopes20.blogspot.com/2007_04_01_archive.html>

Pouco tempo após recolhermos as logomarcas acima, o Partido Social Cristão “revitalizou” seu emblema, conforme apresentamos a seguir:



Figura 57 Logo Partido Social Cristão

Temos conosco que tais relatos não se sustentam a um mínimo de razão e argumentação, pois que fantasiosos e inocentes, senão vejamos: Não é preciso estar diante de nenhuma Gestapo para que tais arranjos de identificação secretos caiam por terra em dois instantes. Bastaria um “agente secreto” romano sair pelos quatro cantos de Roma e adjacências riscando semicírculos pelo chão para em pouco tempo capturar incautos cristãos e cristãs, como quem captura passarinhos em armadilhas. Da mesma forma, em relação ao arranjo “secreto” para a ceia ou eucaristia, o autor acima não explica como um cidadão romano pagão seria recebido se viesse a prestar suas homenagens para um morto, caso fosse induzido por engano a adentrar em uma residência pela exposição na parede externa de uma imagem de um peixe! Ninguém seria tolo o bastante para em tempos de perseguição religiosa expor-se de forma tão inocente.

Ainda que na presença desses relatos inconsistentes, é fato que as expressões religiosas cristãs estão perfeitamente acostumadas com a presença, pelos séculos, das mais variadas formas de representação de peixe ou peixes, como parte de sua simbologia.



Figura 58 – Fonte do Batistério de Kelibia– (Tunísia) (WEHRHAHN-STAUCH, 2009)

O protestantismo brasileiro é multifacetado e concorrencial entre si, em que pese o fato de que a Igreja Católica ainda ser o grande “doador universal” de fiéis para as igrejas evangélicas, na esteira do sucesso do proselitismo agressivo e conseqüente trânsito religioso.

Na falta de um símbolo supra eclesiástico entre os protestantes, estes passaram a se apropriar do simbólico peixe ou peixinho como sua bandeira “suprapartidária”.

Não é a cruz em suas variadas formas que se encontra na traseira dos veículos como símbolo de crença religiosa. Também não é a cruz que se utiliza muitas das vezes em eventos em que se deseja mostrar a condição de evangélico. Vejamos alguns exemplos:

Em 16 de agosto de 2008, no *campus* Rudge Ramos da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP ocorreu o 4º encontro de estudantes “Espiritualidade na Universidade”. Ora, o símbolo cristão do cartazete de divulgação e do convite distribuído, era justamente um peixinho estilizado (figura abaixo).



Figura 59 – Reprodução do convite

Chegou às nossas mãos um *squeeze* promocional da Federação das Sociedades Metodistas da Juvenis, produzido pela 1ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista, com área de competência administrativa/eclesiástica correspondente ao Estado do Rio de Janeiro. Nesse material, foi inserido um adesivo com o motivo do peixe onde consta a frase “unidos por Cristo”, conforme reproduções a seguir.



Figuras 60 e 61 – *Squeeze*

Durante nossas pesquisas, visitamos vários sites de origem evangélica, sejam de igrejas, organizações para eclesiais e blogs de fiéis. Em muitas dessas páginas encontramos o símbolo do peixe como forma de identificação com o público evangélico. Como exemplo, citamos o site “Vida com Deus” de viés evangélico que também adota o símbolo gráfico do peixe como emblema de identificação, conforme reprodução a seguir (VIDDA-COMDEUS, 2010).



Figura 62 Peixe nos países

Como exemplo de utilização do símbolo do peixe por uma igreja, apresentamos tal símbolo inserido na página da Igreja Batista Vale de Bênção (DF) (VALEDEBENÇÃO, 2010).



Figura 63 Peixe Vale da Bênção

No site da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, um banner com a figura do peixe, redireciona o leitor visitante para a rádio online da igreja (RENASCER, 2010).



Figura 64 e 65 Banner do peixe como símbolos

A Convenção Batista Brasileira também se utiliza da marca do peixe em seu site na internet, inclusive com a seguinte imagem (CONVENÇÃO, 2010).



Figura 64 e 65 Banner do peixe como símbolos

O site de relacionamentos “romance cristão”, que explora o nicho de mercado evangélico, informa ao público que “se você procura cristãos para amizade, namoro e casamento estão no lugar certo” (romancecristão, 2010). A página inicial desse site para “namoro evangélico” apresenta um banner com um único símbolo

cristão, isto é, o peixe, conforme se pode verificar na figura abaixo que reproduz parte dessa página da internet.



Figura 66 IEAD adotou o símbolo do peixe

O site da Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério da Missão no Estado do Tocantins, adotou o peixe como sua parte de sua logomarca, conforme figura abaixo (ADMISSÃO, 2010).



Figura 66 Símbolo do peixe na Assembleia de Deus Missão

Em Campinas, como decerto em todo o Brasil, é comum que se encontre em muitos estabelecimentos comerciais e repartições públicas, a presença de um crucifixo e/ou uma imagem de um/a santo/a de devoção católico. Assim como os evangélicos em geral costumam referir-se à eucaristia como a “Santa Ceia” ou “Ceia do Senhor”, também se referem ao crucifixo como “a cruz” e nunca como “crucifixo”. Talvez isso ocorra em razão de um antigo postulado protestante de que a cruz está vazia em razão da ressurreição de Jesus Cristo, e assim não pode ser representada com ele morto. Uma cruz que ostente uma representação do Cristo crucificado será possivelmente considerada por um protestante como um cru-

cifixo, objeto passível de idolatria, ação condenável pelas correntes herdeiras das Reformas Protestantes. Portanto, no linguajar evangélico as cruzes encontradas nesse meio são do tipo “cruz vazia”.

Quando os evangélicos se utilizam de uma cruz, o fazem naquilo que chamam de “cruz vazia”, em oposição à cruz com o Cristo crucificado – o crucifixo. Dessa forma, em publicações, pinturas de parede de igrejas, como objeto de adorno litúrgico ou jóia pessoal, etc., um evangélico utilizará uma “cruz vazia” e jamais com uma representação do Cristo por sobre a cruz. Discorremos sobre isso, para observar que em uma casa, estabelecimento público ou mesmo na utilização de jóias, fica fácil se inferir a presença religiosa católica romana, pelos usos de símbolos tais como crucifixo ou imagem. Assim dizemos que, em razão do anticatolicismo ainda vigente no Brasil, evangélicos têm adotado a estratégia de exhibir ostensivamente e por apropriação, o símbolo do peixe como marca de pertença religiosa, tanto em estabelecimentos comerciais, quanto em artefatos, jóias e adereços pessoais, em detrimento da cruz, mesmo da chamada “cruz vazia”.

Como exemplo de adereço pessoal, citamos a empresa Gem Art Jóias e Pedras Preciosas que oferece sob o título de “jóias evangélicas” dois pingentes em forma de peixe com a inscrição interna respectivamente, **IXOYZ** e JESUS (figura abaixo) (GEMART, 2008).



Figura 67 Jóias evangélicas

Em Campinas visitamos um salão de cabeleireira, cuja proprietária é membro de uma das igrejas de bairro da Igreja do Nazareno. Em uma das paredes e de forma bem visível vimos uma placa hexagonal de fundo preto com os dizeres “JESUS CRISTO Administrador desta empresa” acrescido do “peixinho”. Após explicarmos nosso interesse acadêmico, indagamos sobre tal placa e sobre a pertença religiosa da proprietária. Esta se prontificou a nos fornecer informações bem como nos autorizou a captar imagens fotográficas de seu estabelecimento. Disse-nos que já frequentou a Igreja do Nazareno Central em Campinas e que optou por ligar-se a uma igreja de bairro (não é frequente a igreja do Parque Oziel – Igreja do Nazareno Canaã). Também disse que dá preferência na contratação de profissionais evangélicos.²³ Como muitos evangélicos, faz compra de artigos religiosos em livrarias evangélicas. Quando de uma visita em uma livraria evangélica, disse que viu a placa e resolveu comprá-la para exibir em seu estabelecimento, pois os dizeres correspondiam ao que ela acreditava. Disse também que na livraria, “tinha um monte dessas placas” para venda. Tempos depois quando retornamos ao pequeno estabelecimento para tirar fotografias, encontramos o salão reformado e pintado, porém a placa com o “peixinho” permaneceu após a reforma, apenas trocada de lugar. Do fundo do salão, a placa foi colocada na parede à direita de quem entra, logo na entrada (próximas duas imagens). Provavelmente, com base no relato de que havia “um monte” de placas para serem vendidas, devem existir muitos estabelecimentos ostentando os dizeres “JESUS CRISTO – Administrador desta empresa” mais o “peixinho”.

Esses exemplos reforçam nosso entendimento de que evangélicos têm se apropriado do símbolo cristão do peixe, como marca identitária em substituição ao outro símbolo cristão - a cruz.

²³ Por provável influência do texto de Gl 6,10 “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé.”



Figura 68 – Reprodução da placa afixada na parede



Figura 69 – Localização da placa no estabelecimento

Apresentamos a seguir um exemplo de utilização atual do símbolo do peixe por parte de cristãos católicos em Campinas. No conjunto arquitetônico da Igreja Matriz Santa Isabel, no bairro de Santa Isabel, as duas grades que guarnecem a entrada ao templo, foram objeto de manifestação artística religiosa. Nessas obras de serralheria artística efetuou-se uma composição com o motivo do peixe, da cruz e de linhas evocando ondas.



Figuras 70 e 71 – Vista geral da Igreja Santa Isabel e detalhe da grade

Desejamos reafirmar nosso entendimento de que o símbolo cristão do peixe tem sido objeto de utilização identitária frequente por parte dos evangélicos, porém o seu uso, obviamente, não é privilégio destes.

A frota de automóveis em circulação na cidade de Campinas, para o ano de 2000, é de 409.364 unidades (IBGE/CIDADESAT, 2009).

Durante os meses de novembro e dezembro de 2008, fizemos uma pesquisa empírica na cidade de Campinas. Com uma rotina de cidadão comum da cidade, percorremos em nosso veículo diversos bairros dessa cidade. O que se vê atrás de um veículo?

O que se coloca externamente em um veículo e que esteja na linha de visada para os que o olham, pode ser objeto de análise sob o ponto de vista de seleção de hábitos e costumes da população. Na parte de trás de um automóvel, é comum se encontrar marcas e emblemas que dizem sobre o fabricante, o modelo, os revendedores autorizados original e eventuais outras vendas.

Foi raro encontrar veículos com absolutamente nenhum emblema na parte traseira que entendemos ser a que mais se projeta para o “público externo”. Como que em um processo de individualização do produto industrializado “automóvel”, por meio de exercício criativo, as pessoas “colam” um sem número de suas marcas de distinção e individualização. De dentro do veículo, passamos a anotar as placas e cidades dos veículos que traziam o peixe ou o terço. Esse método nos permitiu fazer a amostragem em uma extensa área espacial da cidade e em diversos horários, tanto em dias úteis quanto em fins de semana.

De forma recorrente, e como uma “descoberta” paralela, encontramos também bandeiras do Brasil, da Itália, do Estado do Rio Grande do Sul e os símbolos maçônicos do esquadro e do compasso.

Embora tenhamos visto os adesivos do peixe também em caminhões, ônibus e vans, optamos por assinalar somente os automóveis. Tais adesivos religiosos de diversas cores, mas comumente em cor prata, foram identificados em uma distribuição de automóveis os mais diversos, isto é, modelos novos e antigos, populares e modelos mais sofisticados, uma maioria carros “de família”, “de empresa” e mesmo alguns taxis. Entre as dificuldades, relatamos que muitos registros de placas com os adesivos de peixe ou terço, deixaram de ser anotados pelo simples fato de que ambos os veículos estavam em movimento (o nosso e o veículo pesquisado), e somente veículos em baixa velocidade puderam ter suas placas e cidades anotadas. Também coletamos informações de veículos estacionados nas ruas e centros de compras. Na coleta, de um total de 108 veículos/placas, 100 possuem placa de Campinas, 04 do Estado do Paraná, 01 de Brasília, 01 de Minas Gerais (Poços de Caldas) e 02 sem identificação segura de local de registro, número tão pequeno que não interfere nos propósitos deste trabalho.

As placas foram digitadas em uma planilha eletrônica, onde receberam um tratamento para eliminação de duplicidade. Pudemos perceber que o fenômeno não é exclusividade de Campinas, mas se estende por outras regiões do país. De fato, em inúmeras outras ocasiões

ões anteriores, encontramos a presença do peixe e do terço em veículos ao transitar na cidade de São Paulo e cidades do ABCD paulista.

Dentro do intento de captar a manifestação religiosa da população evangélica através dos dísticos do peixinho observamos paralelamente uma grande quantidade de adesivos/emblemas de um terço estilizado com a imagem interna. Disse-nos a atendente de uma livraria em Campinas, especializada em produtos religiosos católicos, que essa era a Virgem do Silêncio e que “a maioria das pessoas não sabe disso”. Não encontramos nessa e nem em outra livraria católica campineira o símbolo do peixe para venda. Quanto ao adesivo do peixe, encontramos o mesmo em todas as livrarias evangélicas visitadas no centro de Campinas. O terço é um instrumento composto por uma pequena cruz e por contas ou esferas de diversos diâmetros que auxilia o fiel católico a rezar determinado número de orações. Tal instrumento – o terço, confunde-se com a própria intenção de se rezar o Terço e/ou o Rosário (figura 72).

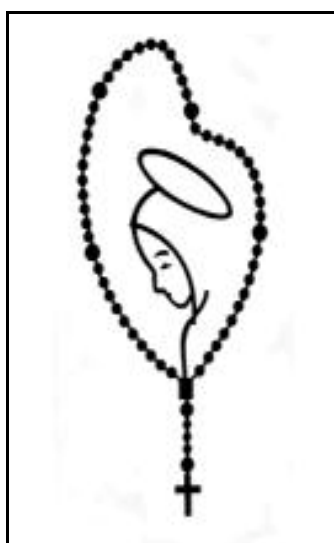


Figura 72 – Modelo do adesivo do Terço comumente encontrado nos veículos

Evidentemente o terço encontrado na traseira dos veículos, medindo entre 10 e 15 centímetros, não é o instrumento físico de auxílio à fé propriamente dito, mas uma evocação daquele, aproximadamente do mesmo tamanho dos peixinhos em questão. Por óbvio, é uma manifestação externa da fé católica do proprietário ou da família proprietária do veículo. Portanto, não é preciso se fazer nenhuma enquete pessoal para se ligar o fenômeno à esfera do campo religioso popular católico. É uma manifestação ostensiva de catolicismo.

É impossível se fazer uma pesquisa no campo religioso sobre a presença do adesivo do peixe nos veículos, sem da mesma forma não se observar a presença do adesivo do terço. É mesmo necessário que se colete a presença do terço como parte do mesmo fenômeno. Em um primeiro momento suspeitamos da existência de certa tensão religiosa que se explicita na ostensividade de se portar dicotomicamente (católico e protestante) um emblema religioso em publico de forma tão cotidiana. Não sabemos quem começou a exibir seus adesivos, se o “time” do terço ou o “time” do peixinho, portanto fica indefinido quem é “tese” ou “antítese” nesse fenômeno religioso. Mas é plausível se suspeitar de uma tensão adjacente ao hábito de se exibir um terço ou um peixe na traseira dos automóveis, talvez uma declaração surda de que “sou católico” em oposição a um “sou evangélico” ou vice-versa.

a espécie humana tende a representar a realidade em termos de opostos. O fluxo das percepções, em outras palavras, é decomposto na base de categorias nitidamente contrapostas: luz e sombras, calor e frio, alto e baixo. O antigo lema atribuído a Heráclito, segundo o qual a realidade é uma guerra de opostos – lema que Hegel retraduziu em termos da sua concepção dialética – pode ser lido numa chave diferente e igualmente anacrônica. Certa vez, um biólogo famoso observou que essa obsessão centrada na polaridade tem profundas raízes biológicas, na medida em que a mente humana é comparável a um computador que opera na base de uma lógica de tipo sim/não, tudo/nada (GINZBURG, 1989, p. 97).

Do percentual coletado de 108 veículos, encontramos 71 deles portando o adesivo do terço e 37 portando o adesivo do peixe. De 100% do total, a maioria de 65,74% corresponde ao terço e 34,26% ficam para o peixe (figura 4). Assim, podemos perceber por essa tabulação que, a maior parte daqueles que expõem sua aderência religiosa via “adesivo” são católicos.

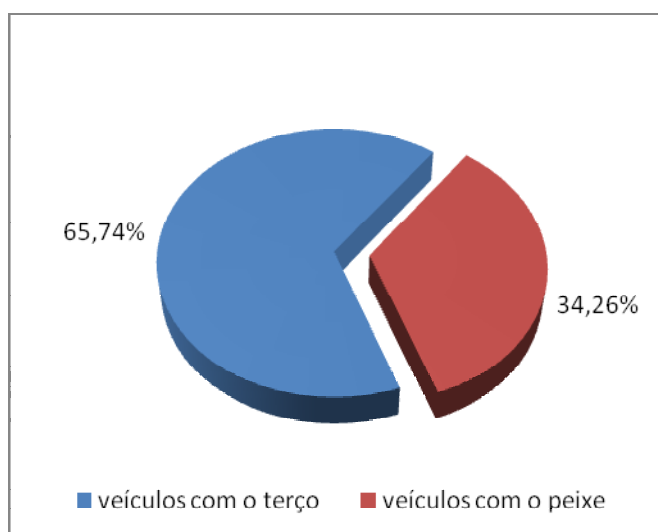


Figura 73 – Distribuição da amostragem (total de 108 veículos)

Além do recolhimento das placas dos automóveis como já acima informado, colhemos o testemunho de dois clérigos, respectivamente, das Igrejas Metodista e Nazarena. Também elaboramos um formulário de pesquisa (questionário) que foi enviado via *email* para quatro pessoas com quem havíamos feito um contato prévio e se dispuseram a respondê-lo bem como devolvê-lo via *email* (anexo 1).

Destacamos a presença em Campinas do Seminário Teológico Batista Independente que exibe em sua logomarca, tanto na sua sede, quanto em seu site na internet, uma figura do peixe assemelhada aos encontrados nos automóveis, exceto pelo fato de ser colocada na vertical e conter uma cruz estilizada em seu centro, como se pode observar na figura abaixo que foi colhida no site oficial da instituição (CIBI, 2008).



Figura 74 – Detalhe ampliado da logo do Seminário Batista Independente

Em janeiro de 2009, durante uma conversa com um pastor metodista (morador em Campinas - SP), perguntamos: O senhor usa um “peixinho” no seu carro? A resposta foi:

Não, é muito perigoso! A gente pode acabar dando mau testemunho no trânsito.²⁴ O que esse clérigo demonstrou, foi um conhecimento explícito de que o uso do adesivo do peixe, implica portar publicamente uma adesão religiosa protestante ou evangélica, como se ra. Ele não elaborou um questionamento sobre o que é o peixe, qual seu significado, quem usa que tipo de peixe ou desenho estava em pauta. Sua resposta estava acima de qualquer dúvida sobre o peixinho.

Percebemos que o peixinho pertence ao seu cotidiano e está introjetado em sua cultura religiosa. Sua preocupação maior era com aspectos éticos comportamentais pessoais, isto é, portar um peixinho na traseira de seu veículo, implica em agir dentro dos princípios estritos de urbanidade e qualquer deslize ou destempero de humor no trânsito, pode implicar em uma atitude fora dos padrões medianamente aceitos pelos segmentos evangélicos e que no jargão destes chama-se “mau testemunho”.

Em busca de usuários do “peixinho”, conversamos por telefone (01/2008) com o clérigo (teólogo e cientista social) Luciano Duarte Silva que, baseado em Campinas, exerce a função de Superintendente Distrital de um dos distritos da Igreja do Nazareno no Brasil. Este nos informou que não o utiliza em seu veículo, porém nos disse que, *verbis*, “conheço muita gente que tem”. Tal “muita gente”, evidentemente em referência ao seu meio religioso evangélico.

Em nossas idas e vindas ao Parque Oziel, tivemos inúmeras oportunidades de presenciar tanto a presença do adesivo do peixe, quanto do adesivo do terço na traseira dos veículos em circulação pelo bairro. Quanto ao “peixinho”, o vimos em um veículo estacionado durante um culto na Igreja Assembleia de Deus do Parque Oziel II. O mesmo ocorreu em outra ocasião na Igreja do Nazareno Canaã do Parque Oziel. O fato interessante é que no estacionamento da Igreja Presbiteriana Independente no Oziel, encontramos quatro veículos com o adesivo do peixe, pertencentes aos fiéis da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Campinas que para lá se deslocam com a finalidade de trabalhar nessa comunidade religiosa do Oziel de linha presbiteriana, conforme fotos postadas a seguir.²⁵

²⁴ Recuperamos esse trecho do diálogo com a nossa fonte e o transcrevemos de forma muito próxima ao literal.

²⁵ Os veículos encontrados com o “peixinho” no Parque Oziel, não foram computados na tabulação acima de 108 veículos.



Figura 75 – Veículos com o adesivo do peixe (estacionamento da Igreja Presbiteriana Independente - Parque Oziel)

4.1.1 – Os informantes por questionários

Nossa informante “A” não é apenas frequentadora, mas desenvolve várias atividades na Igreja Bola de Neve em Campinas. Profissional liberal, mora em um condomínio fechado. Seu núcleo familiar é composto por quatro pessoas que se utilizam de três veículos.

Os informantes “B” e “C”, são membros de igrejas metodistas em Campinas. “B” é gerente de uma empresa multinacional e seu núcleo familiar é de quatro pessoas. A família se utiliza de três veículos. “C” exerce suas atividades como secretária de uma organização não governamental ligada a educação religiosa. Seu núcleo familiar é composto de quatro pessoas que se utilizam de um veículo.

O entrevistado “D” é pastor de uma igreja independente de viés pentecostal, isto é, um empreendimento religioso local dirigido por um pastor ou pastora, sem vínculos com outras igrejas/instituições religiosas, localizada em Campinas, que no jargão que se ouve no meio evangélico denomina-se “ministério independente”. Utiliza-se de um veículo para a família.

Passamos agora para a apresentação de uma tabulação com as perguntas e respostas dos nossos entrevistados/as.

Para a pergunta 1, “quantos automóveis a família utiliza?” as respostas foram:

INFORMANTE	RESPOSTA
A	3
B	3
C	1
D	1

Figura 76 Tabela de perguntas e respostas dos entrevistados

Para a pergunta 2, [“quantos possuem um adesivo do tipo “peixinho”?” as respostas foram:

INFORMANTE	RESPOSTA
A	2
B	3
C	1
D	1

Figura 77 Tabela de perguntas e respostas dos entrevistados

as respostas foram:

INFORMANTE	RESPOSTA
A	Livraria evangélica
B	Livraria evangélica
C	Livraria evangélica
D	Livraria

Figura 78 Figura 77 Tabela de perguntas e respostas dos entrevistados

Para a pergunta 4, “qual o local onde eles/s foi/foram fixados/s no automóvel/veis? Por qual razão?”, as respostas foram:

INFORMANTE	RESPOSTA
A	Na lataria.... A razão de ter esse adesivo é uma forma de identificação – sou cristão
B	Parte traseira direita dos automóveis
C	Na traseira. Razão: questão de rápida (e possível) identificação por outros cristãos (ou não cristãos, mas que conheçam o símbolo).
D	Na parte de trás externa do carro

Figura 79 Figura 78 Tabela de perguntas e respostas dos entrevistados

Para a pergunta 5, “O que significa para você utilizar um “peixinho” na parte exterior do/s automóvel/veis? Em outras palavras por qual razão você tem um “peixinho” no automóvel?”, as respostas foram:

INFORMANTE	RESPOSTA
A	A razão de identificação... É como se os cristãos fossem uma “tribo” e esse é o símbolo das pessoas que acreditam em Jesus Cristo.
B	Para que sejamos identificados como cristãos.
C	Única e exclusivamente para identificar-me como cristão.
D	Para se identificar como cristão

Figura 80 Tabela de perguntas e respostas dos entrevistados

Para a pergunta 6, [“O que significa ou “diz” para você encontrar ou visualizar um “peixinho” em outro veículo no trânsito?”], as respostas foram:

INFORMANTE	RESPOSTA
A	A gente se identifica como um cristão, mas não significa que todos que usam esse adesivo servem a Jesus. Muitos acham bonitos e colocam, outros colocam porque é moda... Mas não significa que a pessoa tem atitudes de um cristão.
B	Que provavelmente o proprietário desse veículo seja também um cristão e deseja ser reconhecido como tal.
C	Deve significar que o (a) proprietário (a) é cristão (ã), mas hoje, na realidade, eu não sei se é bem isso que acontece,

	pois deparamos diariamente com veículos possuindo esse símbolo e outros que indiquem crenças diferentes, inclusive não cristãs.
D	A possibilidade de ter um cristão a bordo.

Figura 81 Tabela de perguntas e respostas dos entrevistados

Nossos informantes dos questionários representam um corte interessante e representativo do universo de adesão protestante em Campinas. Temos duas respostas oriundas de uma igreja tradicional ou histórica, isto é, a Igreja Metodista cuja inserção em Campinas, confunde-se com a implantação do protestantismo no Brasil. Em outra ponta, recolhemos as impressões de uma testemunha que milita na igreja Bola de Neve ou Bola de Neve Church (*sic*), designação oficial dessa agremiação religiosa. Enquadramo-nos entre aqueles que a classificam como um empreendimento religioso neopentecostal, novel em termos de protestantismo.

Também pululam nas cidades brasileiras, igrejas nascidas em geral pela construção que se ergue ao redor de um líder carismático no sentido weberiano (WEBER, 1999, p. 193 – 204). Diferente de igrejas denominacionais como os batistas, por exemplo, que, embora constituídos em unidades de governo isoladas e independentes, bem como unidos por longa trajetória histórica através de ligas que estes chamam de “convenção”, as igrejas ou “ministérios independentes” (expressão que já tivemos a oportunidade de citar anteriormente), são responsáveis por parte do quadro religioso evangélico no Brasil, portanto, importantes como referência entre as práticas e costumes evangélicos.

De uma dessas igrejas independentes, de viés pentecostal, pudemos colher informações para a feitura da nossa pesquisa. Os testemunhos informais, mas válidos do pastor metodista e nazareno, facilitaram a composição do quadro que nos dispomos a elaborar. Ressaltamos que a Igreja do Nazareno é de forte presença em Campinas, sendo uma igreja oriunda do movimento *holiness*, estabelecida originalmente em 1895 nos EUA, nos termos de sua historiografia oficial (BARROS, [1997?], p. 18).

Pelas respostas dos questionários pudemos ver que duas famílias possuem três veículos cada, o que denota sinais exteriores de sua condição social. Interessante que, todas as

famílias pesquisadas adquiriram seus adesivos em livrarias (três com certeza em livrarias evangélicas e o informante “D” provavelmente também), o que nos leva a inferir sobre o costume recorrente de esses evangélicos efetuarem compras de produtos relacionados à sua fé. De um total de oito automóveis, sete portam o símbolo do peixe. É clara para os informantes a necessidade de posicionar o “peixe” em local externo ao veículo, estrategicamente visível para o “público externo”.

É inequívoco para os informantes que o símbolo do peixe ora sob pesquisa, é ao mesmo tempo um símbolo cristão e que sua exibição ambulante não somente os identifica como tal, como também é uma espécie de “senha” para identificação de outros cristãos. Que tipo de cristão? Cristãos evangélicos ou protestantes, sem dúvida. É uma espécie de marca identitária supra-denominacional informal. Fica a suspeita que esses evangélicos, consideram a si mesmos cristãos em oposição aos católicos, provavelmente considerados não-cristãos, e, portanto, objeto de possível proselitismo. Somente o aprofundamento da pesquisa poderá responder a essa indagação. A portabilidade do emblema do terço abre uma nova chave de pesquisa que pretendemos explorar no futuro.

O extrato evangélico pesquisado nos permite concluir que estes protestantes têm substituído o símbolo cristão tradicional que é a cruz ou cruz de Cristo, por outro símbolo cristão que é o peixe. A apropriação e adoção do símbolo do peixe pelos protestantes ou evangélicos, faz com que este passe à condição de marca de distinção de tal segmento religioso e conseqüentemente sirva de meio de exclusão dos demais setores que também se denominam cristãos, provavelmente dentro da antiga postura anticatólico protestante brasileira. Também um entendimento melhor sobre a presença e exibição ostensiva do terço por parte de católicos requer maior aprofundamento.

4.2 Igreja do Nazareno Canaã – Parque Oziel

A igreja está situada em uma esquina na parte alta do bairro, na divisa entre o Parque Oziel e o Jardim Monte Cristo, local de fácil acesso por estar próxima de uma via asfaltada, embora a rua de entrada do templo e a rua ao lado, ser de arruamento precário (ruas de terra). É ladeada de construções em alvenaria com acabamento rústico. O imóvel é guarnecido por uma cerca de metal. Está pintado por dentro e por fora. O chão é de piso frio de cor clara. O templo faz fundos com a Igreja Missionária Pentecostal Vale da Benção. Contamos

por volta de cem cadeiras “de plástico”, porém o local comporta em uma estimativa pessoal nossa, pelo menos o dobro do número dessas cadeiras. Aos domingos são realizados dois cultos, um matutino e um vespertino. O pastor responsável, Pastor Deny Anderson, nos informou que as reformas em andamento, com uma planta desenhada por profissional da arquitetura, visam dobrar a capacidade de audiência no local. O templo está equipado com seis ventiladores, um computador *desktop*, *datashow*, duas mesas de som, baixo, guitarra, teclado, bateria e outros instrumentos de percussão. As paredes são pintadas e o chão e a área do púlpito/altar são revestidos de placas de cerâmica.

O Pastor Deny Anderson, é o *bandleader* responsável pelos ensaios, onde também toca teclado e dirige o vocal. Durante o culto que presenciamos, nove pessoas estavam envolvidas com o louvor, das quais três no *backvocal*, uma no computador/*datashow* e uma na mesa de som. O púlpito de madeira está situado ao centro de um tablado, sendo os instrumentos e *backvocals* distribuídos a esquerda e a direita deste, em um plano ligeiramente superior ao público participante das celebrações religiosas. Atrás do púlpito existe um cartaz comemorativo do 8º aniversário da igreja. Aos fundos, acima da porta de entrada, outro cartaz decora o local. Só ficamos sabendo que o púlpito era um balcão adaptado após a entrevista pessoal que fizemos com o Rev. Deny Anderson.

Existe um mural com informações para a comunidade, tais como o segundo encontro de casais e o cursinho pré-vestibular comunitário gratuito que se realiza nas dependências da Igreja Católica do Jardim Monte Cristo. Na frente da propriedade, ao lado e aos fundos, existem placas indicativas com o nome “Igreja do Nazareno Canaã (duas delas com horários das atividades). Na grade “da esquina”, uma faixa convida o público externo para a “quinta-feira da vitória”. O culto vespertino começou as 19:30 horas com a leitura do Salmo de número 51, com toda a congregação em pé, realizada pelo Pastor Anderson na versão Almeida Revista e Atualizada. O Pastor efetuou uma oração invocatória da presença de Deus durante o culto e ao final desta, a audiência prorrompeu em palmas.

Com hinários da Igreja do Nazareno, cantou-se com a congregação assentada, o hino de número dois, acompanhado pelos instrumentos (bateria, guitarras, etc.) e *backvocal*. Os hinários foram retirados após o cântico congregacional desse hino e guardados em um local à entrada do templo. Tal hino corresponde aos hinos de 324, 15 e 228, respectivamente dos hinários evangélicos “Hinário evangélico”, “Cantor cristão” e “Hinário para o culto cristão”. Em seguida ouviu-se um “testemunho”. Após isso, a congregação colocou-se em pé e foi proferida uma oração intercessória por cura e alívio de doenças, bem como por “dificulda-

des”. Passou-se para um momento de informações e recados para a congregação, preferidos pelo Pastor. Entre outros comunicados, este falou sobre o “carnezinho de pizza” que fora distribuído anteriormente, cuja finalidade é arrecadar fundos para o novo telhado do templo (“carnet” com vinte pizzas a R\$ 15,00 cada pizza). Também falou-se sobre o Congresso de Casais a ser realizado na cidade de Serra Negra. Com base no texto bíblico de Ageu 1,4-9, o Pastor efetuou o que chamou de uma “exortação” à igreja em relação a compromissos assumidos pelos fiéis para a manutenção dos trabalhos da igreja.

O ato litúrgico seguinte foi o momento do louvor, isto é, diversos cânticos coletivos em pé intercalados por pequenas pregações e orações. O sermão foi efetuado com base no texto bíblico do Evangelho Segundo São João 4,19-24. A pregação foi efetuada a partir do púlpito e durante esta, vez ou outra ocorriam manifestações individuais de exclamação por parte dos ouvintes com “glória a Deus”, “aleluia(s)” e “amém”. Também, vez ou outra, levantavam-se um ou os dois braços ao alto. O Pastor fez a congregação interagir entre si ao, por algumas vezes, comandar do púlpito uma instrução iniciada por “Vire para o irmão que está ao seu lado e diga...” seguida pela repetição de uma frase de impacto ou de efeito. As pessoas então se viram para os lados, para frente e para trás, a maioria cumprimentando ou colocando a mão nas costas do interlocutor, repetindo a frase comandada, ocorrendo certo rebuliço entre a audiência.

A pregação encerrou-se com um solo ao teclado pelo Rev. Deny Anderson, culminado com um apelo para que cada fiel fosse “verdadeiramente um adorador” e os que quisessem fossem “ao altar”. Aqueles que lá se achegaram puseram-se de joelhos durante o tempo em se efetuou uma inflamada oração. O culto encerrou com a impetração da benção pelo Pastor Deny Anderson. Deixamos de anotar o exato momento em que os juniores (adolescentes) saíram da celebração cúltica para reunirem-se em outro local para seu próprio culto. Também deixamos de anotar o momento das ofertas. Ao término da reunião religiosa, o Pastor permaneceu no entorno do púlpito, conversando com várias pessoas. Foi-nos fornecido um “boletim” impresso verso e anverso em duas folhas de papel branco tamanho A4.

Seguem três fotografias colhidas durante um ensaio do “grupo de louvor” no interior do templo e duas efetuadas na parte externa.



Figura 82 Ensaio grupo de louvor

Note-se na foto acima que não há “bancos de igreja”, isto é, bancos de madeira com assento coletivo para cinco ou seis pessoas. As cadeiras individuais “de plástico” são uma solução barata para compor o local de assentamento dos fiéis em relação aos bancos de madeira. Muitas igrejas optam por esse tipo de cadeira, pois além de baratas, podem ser empilhadas com facilidade para limpeza do salão do templo. Na medida da necessidade e de forma flexibilizada, as cadeiras podem ser retiradas das pilhas para se montar imediatamente lugares para novos participantes das celebrações. No templo da Igreja do Nazareno Canaã, a disposição básica é de duas alas de cadeiras separadas por um corredor que vai da entrada do salão de cultos até o púlpito. Na foto acima, vê-se o Rev. Deny Anderson ao teclado.

Bem em frente ao púlpito, existe um receptáculo feito de acrílico transparente em forma de taça ou cálice. Esse utensílio é comumente utilizado em festas para acomodar gelo e bebidas. É utilizado de forma sacralizada em muitas igrejas da seguinte maneira: Em determinado momento do culto, as pessoas vão à frente e depositam pequenos bilhetes, geralmente dobrados, nos quais inscrevem orações ou pedidos de graças para si ou para outrem.

Esses “pedidos de oração” recebem então uma oração generalizada para o cumprimento dos desejos ali depositados. Também são costume que pessoas levem para casa alguns desses pedidos para receberem orações durante a semana. Outro destino possível desses papéis é ser encaminhado para um grupo de pessoas chamado de “grupo de oração”, “grupo de intercessão” ou equivalente, os quais farão orações intercessórias pelas palavras escritas nos bilhetes. Temos conhecimento também que, existem comunidades que fazem uma celebração especial e, ao final, queimam esses papéis. Essas celebrações podem ocorrer também junto com as “orações no monte”. O fato de se usar um cálice estilizado talvez esteja relacionado com o texto bíblico de Ap 4,8.²⁶



Figura 83 Ensaio grupo de louvor

Na figura acima, vê-se em detalhe o Rev. Deny Anderson ao teclado e a direita deste, a “cozinha”, isto é, os instrumentos de percussão. Na pele do bumbo da bateria de jazz, está impresso a logomarca da Igreja do Nazareno e a inscrição “Canaã Worship”. Nas duas

²⁶ “e, quando tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostaram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos”

congas pintadas de preto, constam as frases “os olhos do Senhor estão em todo lugar”²⁷ e “soldado de Cristo”.



Figura 84 Ensaio Grupo de louvor

Percebe-se pela foto acima que as duas ruas que fazem a esquina na qual a igreja está instalada não são asfaltadas ou pavimentadas. Também não há calçadas construídas.

²⁷ Cf. Pv 15,3 “Os olhos do Senhor estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons”



Figura 85 Rua de entrada do Templo

A foto acima mostra com maiores detalhes a rua de entrada do templo. Não há pavimentação e calçadas.

As águas servidas correm a céu aberto pela rua (vide setas indicativas).

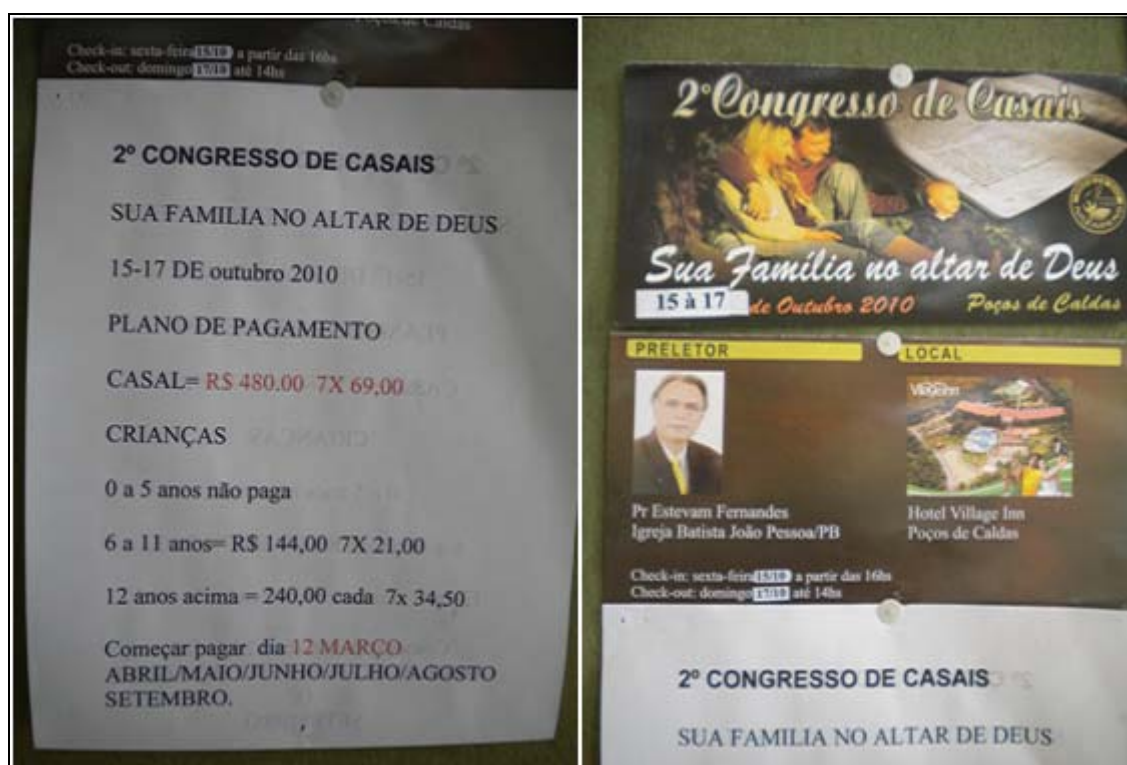


Figura 86 cartazete de propaganda do Segundo Congresso de Casais

Reproduzimos acima o cartazete de propaganda do Segundo Congresso de Casais da Igreja do Nazareno Canaã, afixado em um quadro de anúncios da igreja, com data marcada para 15 a 17 de outubro de 2010, no Hotel Village Inn em Poços de Caldas – MG. O preletor convidado é o Pastor Estevam Fernandes, pastor titular da Igreja Batista de João Pessoa – PB e o tema geral é “Sua família no altar de Deus”. Do lado esquerdo, podemos ver em detalhe os encargos financeiros para a participação em tal evento. No mesmo quadro de anúncios, constava um impresso de propaganda de cursinho pré-vestibular comunitário nas dependências da Igreja Católica do Jardim Monte Cristo, voltado aos moradores do Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B, conforme reprodução a seguir.

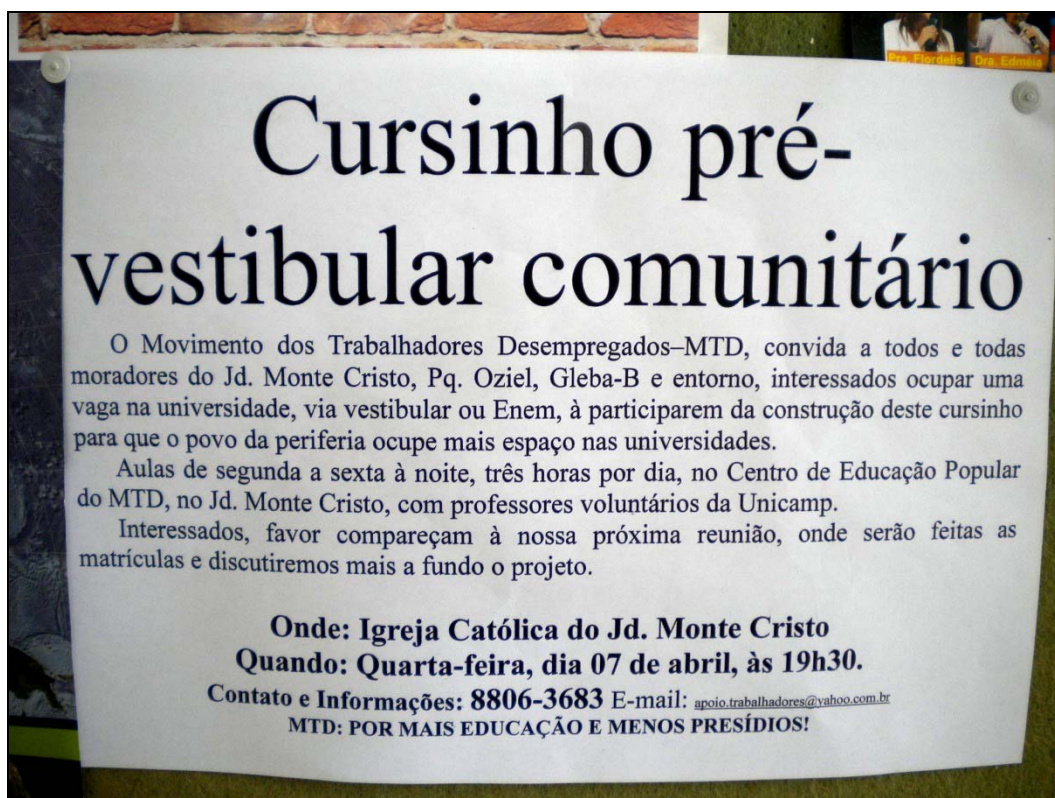


Figura 87 boletim semanal de livre circulação

A dinâmica social dessa igreja pode ser mensurada pelas informações veiculadas em seu boletim semanal de livre circulação, impresso em duas folhas (verso e anverso) de papel tamanho A4. Apresentamos esse boletim nos anexos com a omissão proposital de alguns nomes, endereços e telefones.

4.3 - Igreja Assembleia de Deus – Ministério Belém - Gleba “B”

O templo localiza-se em uma estreita e curta rua de terra com desníveis e buracos, sem calçadas laterais, praticamente sem trânsito de veículos, com trechos que mal consegue passar um carro de passeio pequeno. Existe iluminação pública e as residências das redondezas do templo são dotadas de eletricidade. As moradias demonstram precariedade, sendo edificadas com composições de alvenaria (boa parte sem acabamento de reboco/chapisco – tijolo à vista) e placas de madeira/compensado. Exteriormente o templo exhibe sinais de que a construção ainda inacabada é feita com vagar, em razão das notórias marcas de deterioração de tempo. Em que isso pese, é nítido para o olhar do senso comum que aquele local é um espaço de atividade religiosa, isto é, uma igreja. Mesmo sem placa indicativa na frente

do templo, elementos da comunidade local que nos ajudaram a encontrá-lo (transeuntes e clientes de um bar próximo) têm percepção das atividades religiosas do local como sendo da Igreja Assembleia de Deus. As pessoas chegam a pé visto que moram nas redondezas. Uma frequentadora nos disse que é convertida há 12 anos. Mora com duas filhas pequenas próxima do templo em uma rua (viela?) de terra, bastante esburacada e com desníveis. Vimos exteriormente à residência. Trata-se de um imóvel rústico composto de parte em alvenaria sem acabamento e parte em placas de madeira do tipo compensado. Disse que pelo fato de não existir loja de material evangélico no Parque Oziel, faz suas compras desse tipo de produto no centro. Informou que a única loja que existia, estava estabelecida na Gleba B, mas fechou as portas. Disse que veio morar na localidade, pois não podia pagar aluguel com seus ganhos de doméstica. Do lado do templo ficaram estacionados apenas os veículos do pesquisador, do pastor local e de um fiel da congregação (talvez existisse espaço para apenas mais um veículo pequeno). O Pastor trabalha com tempo parcial para a igreja, pois exerce as funções de microempresário.



Figura 88 – Frente do templo

Como se pode notar pela fotografia acima, os degraus da escada de seis pisos estão bastante deteriorados, assim como o “madeirite” da porta de entrada e janelas. Na mesma composição da paisagem urbana das residências ao redor, o templo está em sua maior parte com tijolos à vista, com o que vamos chamar de “manchas de chapisco”.



Figura 89 – Detalhe da fachada do templo

A próxima fotografia espelha as condições das construções das residências e a rua estreita e esburacada por onde corre uma vala de esgoto conforme assinalado por setas.

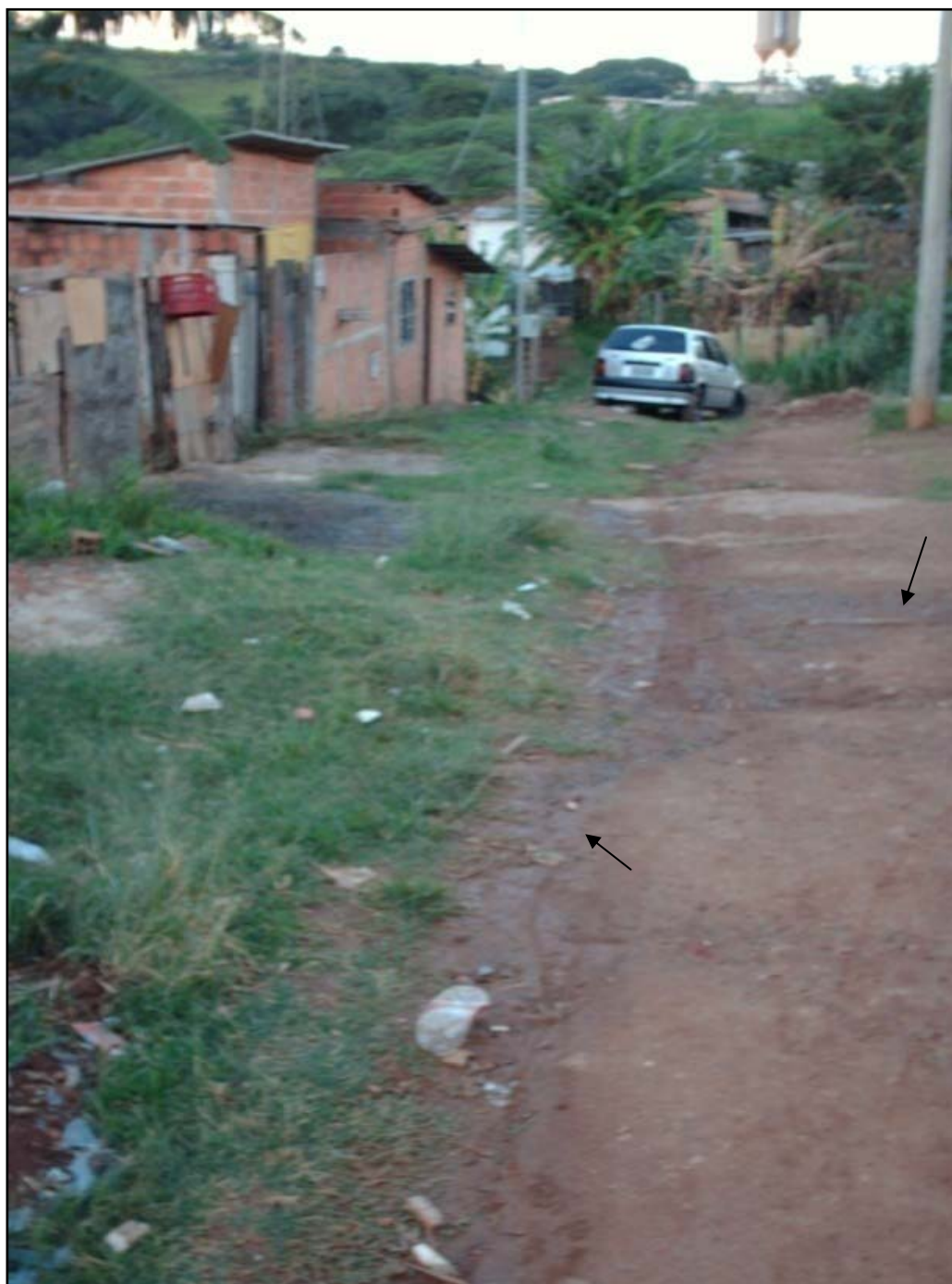


Figura 90 – Vista parcial da rua em frente ao templo

/

O interior do templo é bem iluminado com lâmpadas fluorescentes do tipo que se vende atualmente no mercado sob a informação de ser mais econômica e ecológica. O chão está no contra-piso. Os bancos de madeira são simples e abertos nas laterais, sem genuflexório, com capacidade para cinco ou seis pessoas. Nesses bancos, não há desenhos, símbolos esculpido, estofamento ou encosto alto. Os assentos e os encostos (espaldas) não são de

madeira maciça ou inteiriça, mas de tábuas de madeira dispostas lado a lado. Os bancos adquirem sua estrutura com armações de metal no centro e nas pontas que também fazem às vezes de pé ou suporte. Também existem “bancos” compostos de cadeiras de madeira unidos por ripas na frente e atrás, com capacidade para cinco pessoas. O púlpito é construído em alvenaria e localizado ao centro de um tablado também de alvenaria. Por detrás do púlpito, nesse tablado, ficam dispostas algumas cadeiras com espalda alta e sem apoio para braços. A ornamentação consiste de dois grandes vasos de folhagens ladeando o púlpito. As portas do templo e as janelas são de compensado de madeira, com visíveis mostras de deterioração por ação das intempéries (portanto não há “janelas de vidro” ou estruturas de *vitreaux*). Encostado à parede, do lado direito de quem assume o púlpito fica a mesa de som, dois suportes de microfone, estante musical, caixa de som, um baixo elétrico, uma guitarra elétrica e uma bateria. Duas caixas acústicas estão instaladas nas paredes laterais. Não vimos *datashow* ou outros recursos visuais para acompanhamento musicais, leituras coletivas ou outras projeções. O “contra-regra” chegou antes do início do culto para, no jargão que temos escutado “montar a aparelhagem”.

O pastor responsável pela comunidade religiosa chegou às 18h35min horas e depois de alguns instantes e cumprimento dirigiu-se ao altar e lá ficou em atitude de oração, de joelhos apoiado em uma cadeira, trajado de terno e de costas para os bancos do templo. As pessoas, na medida em que iam chegando, ajoelhavam-se apoiadas nos assentos dos bancos em atitude de oração por alguns minutos. O templo fica silencioso e só se ouve os passos de uma ou outra pessoa ou de crianças aqui ou acolá. Os homens sentam-se do lado esquerdo de quem olha para frente do altar/púlpito. As mulheres sentam-se do lado direito. Os casais casados podem optar em sentar-se do lado direito. Como praxe nessa Igreja (com “I” maiúsculo) pentecostal, as mulheres trajam saias ou vestidos e boa parte dos homens traja terno e gravata. Depois de certo tempo, ouve-se o som de sussurros ou murmúrios interrompidos vez ou outra por interjeições dos optantes tais como, aleluia e/ou glória e/ou glória(s) a Deus. Por volta das 19h00min horas, iniciou-se o culto com o Pastor ao púlpito proferindo palavras de boas-vindas seguida de uma oração.

Cada encontro pessoal é complementado com “a paz do Senhor”. Todo aquele ou aquela, que é apresentado como irmão ou irmã tal, e profere palavras ou cânticos para a comunidade irá antes cumprimentar a “todos com a paz do Senhor”, sempre empunhando um microfone. Numeramos em ordem crescente todas as músicas que foram cantadas, de forma coletiva ou individual. Por escolha da congregação e assentados, cantaram-se o hino nº 243

da Harpa Cristã (música 01). Ato contínuo cantou-se congregacionalmente o hino 244 da Harpa Cristã (música 02). Tais hinos foram acompanhados instrumentalmente por uma guitarra e o músico limitou-se a tocar, isto é, não houve micro-pregação como elemento de ligação entre os hinos. Todas as músicas que foram cantadas coletivamente nos pareceram ter sido cantadas de cor, inclusive as da Harpa Cristã, pelo fato de que as pessoas entoavam, na nossa forma de entendimento, de forma segura, entusiasmada e sem titubeio. O co-pastor irmão... (este foi referido para a congregação como co-pastor) efetuou a leitura bíblica do Salmo 116, na versão Almeida Revista e Corrigida com a congregação em pé (o tratamento por irmão e irmã antes do nome é de uso corriqueiro entre evangélicos, dentro e fora dos espaços cúlticos). Ainda com todos em pé, foram verbalizados pedidos de oração oriundos da congregação em direção ao púlpito, seguido de uma oração intercessória proferida pelo co-pastor e reverberada individualmente pelos congregantes com uma espécie de responsal espontâneo constituído de frases curtas em voz audível, algumas delas repetições afirmativas de pequenos trechos da oração intercessória. De onde estávamos sentados, no primeiro banco da igreja, não ouvimos glossolalia.

O pastor responsável assumiu a direção da liturgia daí para frente, com os chamamentos daqueles e daquelas que iriam atuar no culto. Em seguida a congregação sentou-se e entoou dois louvores dirigidos pelo Pastor. Que se tenha em mente a diferenciação que entendemos existir entre hino, corinho, louvor e cântico no meio evangélico. A designação de músicas de melodia e letra de fácil memorização e pouca elaboração é o corinho, muitas vezes acompanhado por palmas. Não se utiliza a prática de dizer “coro” para esse tipo de música no meio evangélico, pois corinho é a expressão usual e consagrada. A origem dos corinhos remonta as décadas de 50 e 60 do século passado (CUNHA, 2007, p. 80). O louvor e o cântico são expressões musicais equivalentes ao *gospel*. A expressão *gospel* é nascida no meio evangélico “inicialmente relacionado à música, mas posteriormente vinculada a outras manifestações de cultura (CUNHA, 2007, p. 15).

Para efeito de descrição, a parte inicial desses (músicas 03 e 04) e outros louvores foram transcrita ao final deste relato. Não conseguimos registrar todas as músicas que foram cantadas. Tivemos dificuldade em nominar a maior parte da autoria (letra e música) dos cânticos registrados. As músicas 03 e 04 foram acompanhadas instrumentalmente por guitarra e baixo. As mulheres que compõem o chamado “círculo de oração” colocaram-se em pé e pela direção de uma regente entoaram um cântico entremeado de solos (música 05), que enfatizava aspectos sobre união, poderem e glorificação (com *playback*). Todos canta-

ram assentadamente outro louvor (música 06), com *playback*. A mocidade (jovens) entoou um cântico em pé entremeado de solos (música 07). Em seguida a congregação cantou sentada por duas vezes a música 08 acompanhada de guitarra e baixo. Levantaram-se as crianças (aproximadamente 22) e com uma dirigente e entoaram um cântico (número 09) com *playback* e gestual coreográfico. Depois das crianças, foram feitas as apresentações dos visitantes, inclusive deste pesquisador. Atos contínuos todos dizem um brado em uníssono: “Sois bem-vindos em nome de Jesus”. Enquanto se entoam cânticos, os fiéis saem de seus lugares para cumprimentar os visitantes.

Os cânticos coletivos foram respectivamente correspondem às músicas de 10 a 14 (não conseguimos anotar as músicas 13 e 14). Do púlpito, uma irmã entoou um solo (música 15) leu o salmo 46 na versão revista e atualizada, cantou outro solo (música 16) e deu um testemunho (solos com *playback*). Dirigidos pelo Pastor, com a igreja assentada, cantou-se a música 17, acompanhada por guitarra (eventualmente brotavam orações pela congregação, inclusive com glossolalia). Do púlpito um irmão proferiu uma breve palavra para a congregação, entremeada de glossolalia. Uma irmã canta um louvor (música 18) e pede “e a igreja continua louvando ao Senhor”. A igreja passa a cantar coletivamente, exceto os homens assentados perto do pesquisador. Estes permaneceram assentados e nos pareceu que apenas observavam as manifestações entusiasmadas de outros homens (poucos) e varias mulheres que em meio de orações em alta voz e glossolalia levantavam-se de seus lugares (vários e várias com um ou dois braços levantados). Após isso, uma irmã, a partir do púlpito deu um testemunho e efetuou uma oração (com a igreja em pé) em gratidão pelas ofertas. Outra irmã assumiu o local de púlpito e cantou um louvor (música 19 - com *playback*), enquanto a salva (um saquinho ligado a uma haste de madeira) era passada entre os bancos.

O Pastor então dirigiu um cântico (música 20) acompanhado pela guitarra (esta sempre ficou ao lado da mesa de som) enquanto as crianças saem do salão de cultos acompanhadas por uma irmã. O Pastor pede para todos ficarem em pé e ocorre então um momento que vamos chamar de “vibrante e emocionalmente fervoroso” com manifestações corporais de pessoas se levantando de seus lugares, cantando, orando, inclusive com glossolalia, executando movimentos como que de uma dança. Alguns dos que se levantavam, saiam dos seus lugares e transitavam pela frente do altar ou pelo corredor entre os bancos, ocorrendo depois, como que um “ajuntamento entusiasmado de pessoas” em frente ao púlpito.

Exatamente as 20h30min horas, assume o púlpito um pastor trajando terno e gravata, convidado de outra localidade do Estado de São Paulo, que convida então a assistência a

“receber e compreender a palavra do Senhor”. No mais das vezes, as leituras bíblicas e referências a esta, ocorreram com a Bíblia posta no púlpito. Queremos dizer com isso que o pregador não ficou gesticulando com a Bíblia na mão (uma das mãos sempre estava ocupada com o microfone), expondo fisicamente esse livro de capa preta para a audiência. A pregação foi proferida a maior parte do tempo com a pessoa do pregador detrás do púlpito ou bem próximo a este.

O pregador não se deslocou em nenhum momento para os extremos do tablado/altar ou desceu deste. De um teclado que não havíamos percebido antes, passa a sair uma melodia que faz às vezes de fundo musical suave durante toda a pregação. O pregador fez a leitura do livro de Gênesis 18,13-14 na versão Almeida Revista e Corrigida e citou de memória o texto na versão Almeida Revista e Atualizada. Durante a pregação, a audiência se estabiliza nos bancos e presta atenção como em uma aula magistral. As leituras bíblicas e o sermão foram efetuados em linguagem escorreita.

Anotamos algumas frases literalmente (estas entre aspas) ou a ideia transmitida: “A palavra do Senhor tem a função de alegrar, consolar e confortar”; “O Deus que você serve é um Deus grande”; “O Deus que eu sirvo é grande” seguido de uma pergunta para a igreja que é “Amém queridos?”; falou sobre o tempo que demora em chegar à benção, mas não existe impossível para Deus; “Sinta Deus renovando a promessa que ele fez na sua vida”; “Quando Deus promete, Deus cumpre”; “É o poder da palavra de Deus”; “Quando Deus fala, ele cumpre a sua promessa”; citou o profeta Jeremias; “Deus tem compromisso com a sua palavra”; “Deus zela pela sua Palavra”; deu um testemunho de vida de ter saído das drogas, que também Deus lhe poupou a vida e que pela graça de Deus hoje ele é pregador; “Deus gosta de coisas impossíveis”; “Se você está achando que fé é impossível, entregue para Deus”; “Ele vai entrar com providência”; por alguns instantes o pregador ora em línguas ou glossolalia (em momento algum no culto identificamos ou se informou a presença de xenolalia); “Deus vai visitar causas nesta noite, parece impossível, mas Deus vai entrar com providência”; “Quando Deus entra em cena os demônios saem”; “Sinta a presença dele – Oh glória!”; o pregador mudou o foco da pregação para a saída do Egito; “Não existe nada impossível para Deus”; às 21h20min horas a música de fundo mudou para uma gravação com uma melodia tipo *lounge* ou música ambiente, como se queira; o pregador citou o personagem bíblico Daniel; as 21h04min horas passou a fazer um apelo; “Nesta noite eu vou orar por você”; “Nesta noite você vai receber o milagre dele”; “Nesta noite ... hoje pode ser a tua noite”; o pregador pediu para que a congregação ficasse em pé; “Não existe nada im-

possível para Deus”; “Tem alguém que não aceitou Jesus esta noite e quer receber a Jesus?; “Tem alguém que quer se reconciliar?”; ”Tem alguém com uma causa impossível, eu vou orar?”.

Muitas pessoas vão à frente e postam-se junto ao púlpito. Desse púlpito que nunca foi “abandonado”, o Pastor passa a fazer uma oração. Cantou-se outro louvor (música 21). Há como que uma manifestação coletiva de liberação corporal em frente ao altar enquanto os demais participantes do culto permaneciam em seus lugares em posição corporal que indica estarem orando. Os outros que estavam assentados ficaram olhando em direção da área do púlpito. Os que eram “tomados pelo Espírito” como que pulavam, dançavam e levantavam os braços para o alto, em meio a muita glossolalia e brados de glórias e aleluias. A pregação terminou às 21h15min horas.

O pastor titular pediu que todos se assentassem, proferiu alguns agradecimentos finais e sua alegria pela presença de todos. Também deu uma série de informações/recados administrativos e fez convites para os cultos durante a semana. Entre as informações prestadas para a congregação, estava uma sobre as atividades na igreja local, do Instituto Paulo Freire. Após pedir que todos ficassem em pé, passou a palavra para o pastor visitante que fez uma oração e impetrou a chamada bênção apostólica. As 21h25min horas encerraram-se os trabalhos, ficando as pessoas conversando ou se despedindo (os pastores ficaram ao lado do púlpito conversando com as pessoas).

Relação das letras iniciais da músicas/louvores

Música 03

Autoria de Asaph Borba

Jesus em tua presença, reunimo-nos aqui.

Contemplamos tua face e rendemo-nos a ti.

Pois um dia tua morte trouxe vida a todos nós.

E nos deu completo acesso ao coração do Pai.

Música 04

Em Espírito, em verdade, te adoramos, te adoramos (bis)

Rei do reis, e Senhor, te entregamos nosso viver (bis)
Pra te adorar óh Rei dos reis, foi que eu nasci óh rei Jesus,
Meu prazer é te louvar, meu prazer é estar nos átrios do senhor,
Meu prazer é viver na casa de Deus onde flui o amor

Música 06

Cantai ao Senhor um cântico novo (3 x)
Cantai ao Senhor, cantai ao Senhor.
Porque ele fez, ele faz maravilhas (3 x)
Cantai ao Senhor, cantai ao Senhor

Música 08

Ao único que é digno de receber
A honra e a glória
A força e o poder
Ao rei eterno imortal
Invisível mais real
A ele ministramos o louvor

Música 09

(transcrevemos o coro ou estribilho da música)
Grande, tão grande, alto, tão alto.
Fundo, profundo, é maior que o mundo.
Mas é pequeno, cabe lá dentro
Do coração de quem se entrega ao salvador

Música 10

*Visitante seja bem-vindo,
Sua presença é um prazer,
Com Jesus estamos dizendo, essa igreja ama você.*

Música 11

*Deus te ama e eu te amo, assim devemos viver.
Deus te ama e eu te amo, vivamos sempre assim.*

Música 12

*Não importa a Igreja que tu vais, se atrás do calvário tu estás.
Se o teu coração é igual ao meu, dai-me a mão e meu irmão serás.
Dai-me a mão, dai-me a mão, dai-me a mão e meu irmão serás. (2x)²⁸*

Música 17

*Porque dele e por ele, para ele são todas as coisas. (2x)
A ele a glória (3x)
Prá sempre, amém.*

Música 20

*Autoria de Asaph Borba
Eu navegarei no oceano do Espírito
E ali adorarei ao Deus do meu amor
Eu adorarei ao Deus da minha vida*

²⁸ Este “corinho” provavelmente é baseado no Sermão nº 39 de John Wesley proferido em 1749 (WESLEY, 2006, Sermão 39, II, 2).

Que me compreendeu sem nenhuma explicação.

4.4 Igreja Batista do Jardim Monte Cristo

A igreja está situada no Jardim Monte Cristo, em uma rua asfaltada que faz divisa com o Parque Oziel. O responsável pela comunidade é o Pastor Donaldo Carvalho da Paixão. Este nos recebeu e após nos inquirir sobre o objetivo das pesquisas que estávamos procedendo na região, prontificou-se a nos ajudar no que fosse possível. O Pastor Donaldo nos informou que exerce o ministério pastoral por um período de mais de 30 anos. Formou-se em teologia no Seminário Batista do Sul e no Seminário Evangélico Unido, ambos no Rio de Janeiro. A igreja atualmente sob sua responsabilidade teve início sob o suporte da Igreja Batista Memorial do Centenário em Campinas, que entendeu pela conveniência de abrir uma congregação para atender especificamente as pessoas residentes no Parque Oziel e redondezas.

O Pastor Donaldo nos informou que, de fato, o público frequentador de sua igreja é majoritariamente composto de moradores dos arredores da igreja. A maioria se desloca a pé para as atividades da igreja que ao domingos tem cultos matutinos e vespertinos. A igreja está assentada sobre um terreno, cuja “posse” está se “acertando”, segundo o Pastor Donaldo. Existe também em funcionamento outra congregação na Gleba B. Informou-nos ainda o Pastor Donaldo que a igreja “é tradicional”, ligada à Convenção Batista Brasileira. Parte do sustento da igreja vem “da igreja mãe”. Disse que a igreja tem “mais ou menos quarenta batizados” e uma frequência de sessenta pessoas nos cultos dominicais vespertinos.

O Pastor nos levou para a entrevista em uma sala que, além da mesa e cadeiras, onde são efetuados atendimentos pastorais, também são guardados alimentos para doação e confecção de lanches que são servidos antes do culto. Informou-nos o pastor que, “não vendemos prosperidade” e que por razões como estas, “é difícil crescer”. Na opinião deste, os principais problemas encontrados em sua comunidade, são ligados à saúde mental, principalmente aqueles motivados pelo uso de drogas e pelo alcoolismo. Nomeou também “brigas de casal” e “crianças soltas”. Explicou-nos que é comum existirem crianças a partir de 4 anos cuja “mãe trabalha e as crianças são deixadas sozinhas durante a semana”. Acrescentou que, na “Igreja da Gleba” comparecem aproximadamente 40 crianças nos trabalhos de quarta-feira.

Aos sábados, nesse mesmo local, comparecem aproximadamente 80 crianças. Nesses dois dias da semana, a maioria das crianças vai sem a presença dos pais, isto é, vão “sozinhas”. Disse que, no Monte Cristo é “mais estruturado” em relação à Gleba B. Informou existir e conhecer uma associação de bairro. Disse ser “apolítico”, mas “as pessoas se envolvem”. Não incentiva a participação em movimentos no bairro, e ressaltou: “em movimentos de desordem”. Na sua percepção, o Oziel tem aproximadamente 35.000 habitantes e por volta de 40 igrejas evangélicas.

Na presença do Pastor Donaldo, conversamos com uma senhora frequentadora da igreja (cientificada da pesquisa) que nos informou ser oriunda de uma cidade do interior da Bahia, local onde já frequentava a Igreja Batista Filadélfia. È moradora na região por um período de cinco anos. Disse que “o Canário”, presidente da associação que congrega os moradores do Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B, ajudou a encontrar o local para a implantação da sua residência. Seu marido é “desviado”, jargão que no meio evangélico é utilizado para designar aqueles ou aquelas que foram assíduos nos trabalhos de uma igreja, porém abandonaram essa prática religiosa cotidiana. Já tivemos oportunidade de constatar que, o “desviado” ou “crente desviado” como também se costuma ouvir entre evangélicos, em geral identifica-se como “crente” ou “evangélico”, mas apenas deixa de ser frequentador de uma igreja local.

Essa informante tem dois filhos e trabalha com venda avulsa de hena e lingerie. Costuma ouvir uma rádio evangélica chamada “Rádio Esperança”. Também assiste eventualmente ao programa televisivo do Missionário R.R. Soares. Outra informante, devidamente cientificada da razão da entrevista, oriunda do Estado da Bahia, nos disse ser moradora do Oziel “desde o comecinho” da ocupação. Informou ser separada e ter cinco filhos, acrescentando que eram 4+1. Perguntada sobre o significado desses 4+1, esclareceu que quatro filhos eram de um primeiro relacionamento conjugal e um filho do último relacionamento. Disse ter sido frequentadora de uma Igreja do Evangelho Quadrangular em um bairro em Campinas (omitimos a indicação desse bairro). Quando deseja consumir produtos ligados à sua fé, “vai à loja de produtos evangélicos”. Informou que faz “curso na APEC com mais uma moça” da igreja à noite.²⁹ Perguntada sobre se já havia visto um adesivo em forma de “peixinho” na traseira dos carros, disse que “sim”. Sobre o que queria dizer esse “peixinho”,

²⁹ APEC – Aliança pró evangelização das crianças (organização evangélica para-eclesialística).

informou que “é de quem crê em Jesus”. Nesse momento o Pastor Donaldo verbalizou que o “peixinho” é um símbolo do cristianismo “não identificando a religião... batista, metodista, qualquer religião”. Informou que já utilizou esse adesivo em seu veículo particular.

Perguntada à informante sobre o costume de ouvir rádio, em especial rádio evangélica, disse que ouve “pouco rádio”. O Pastor Donaldo entrevistou informando que quanto à questão de se ouvir rádio evangélica e programas evangélicos na televisão, “não podemos radicalizar”, pois o “livre-arbítrio deve ser respeitado”. Este acrescentou que “é meio às avessas com rádio”, pois é “ilegal”, logicamente referindo-se as chamadas “rádios piratas”. Continuou dizendo que, faz as compras para a igreja “bem longe” para poder ser legal, isto é, receber a Nota Fiscal referente à compra da mercadoria. Indagado sobre isso, informou que existem estabelecimentos na região que não emitem Nota Fiscal e que ele não deseja estimular a ilegalidade. Também faz as comprar de materiais de construção para a igreja em outras regiões da cidade de Campinas. Disse que compra material religioso na JUERP, APEC, SOCEP.³⁰ Perguntada sobre atividades de lazer, a última informante disse gostar de assistir novelas, citando “Caminho das Índias” e “Alma Gêmea”, ambas veiculadas pela EPTV-Campinas, emissora de televisão afiliada à Rede Globo de Televisão.

O Pastor Donaldo manifestou seu desagrado por uma dessas novelas “porque é espírita”. Completou dizendo: “a gente não proíbe, mas orienta. Orientar sim, proibir não”. A informante continuou dizendo que “quando não tem o que fazer” assiste “DVD de música evangélica”. Perguntada onde adquiria esses DVDs, disse que “de camelô” e “na (Livraria) Saraiva”. Iniciamos um questionamento sobre o costume de se cantar “parabéns prá você” e ato contínuo o Pastor Donaldo nos informou que é costume cantar essa canção nos aniversários dos membros da igreja, acrescida da quadra evangélica “com Deus ao seu lado...”. Não marcamos o momento exato, mas o Pastor Donaldo também nos informou que as crianças que decoram versículos bíblicos ganham pequenos mimos como incentivo para esse exercício de memória.

Desejamos registrar que, após a entrevista qualitativa acima relatada, por uma deferência do Pastor Donaldo, participamos do “lanche” preparado pela comunidade antes do culto. O lanche, preparado por mulheres da comunidade (sanduíches e refrigerantes à vontade

³⁰ JUERP – Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira. APEC – Aliança Pró Evangelização de Crianças. SOCEP – Sociedade Cristã Evangélica de Publicações Ltda. As duas primeiras organizações são para-eclesiais. Essas três organizações evangélicas possuem livrarias em Campinas.

de), após uma prece de agradecimento, foi servido em um anexo do templo onde se formam “rodinhas” animadas de jovens e adolescentes. Em que pese o possível questionamento quanto ao juízo de valor, tanto estes quanto os adultos presentes estavam trajados de forma diferenciada, isto é, com “roupa de domingo”. Os homens não estavam de terno e gravata (exceto o Pastor Donaldo). Havia inúmeras crianças brincando nesse espaço. Após esse momento de socialização nesse espaço de refeição, deu-se início ao culto precedido pelo encerramento da Escola Dominical. Reproduzimos a seguir um *fac-simile* do convite oferecido juntamente com o Boletim da igreja.

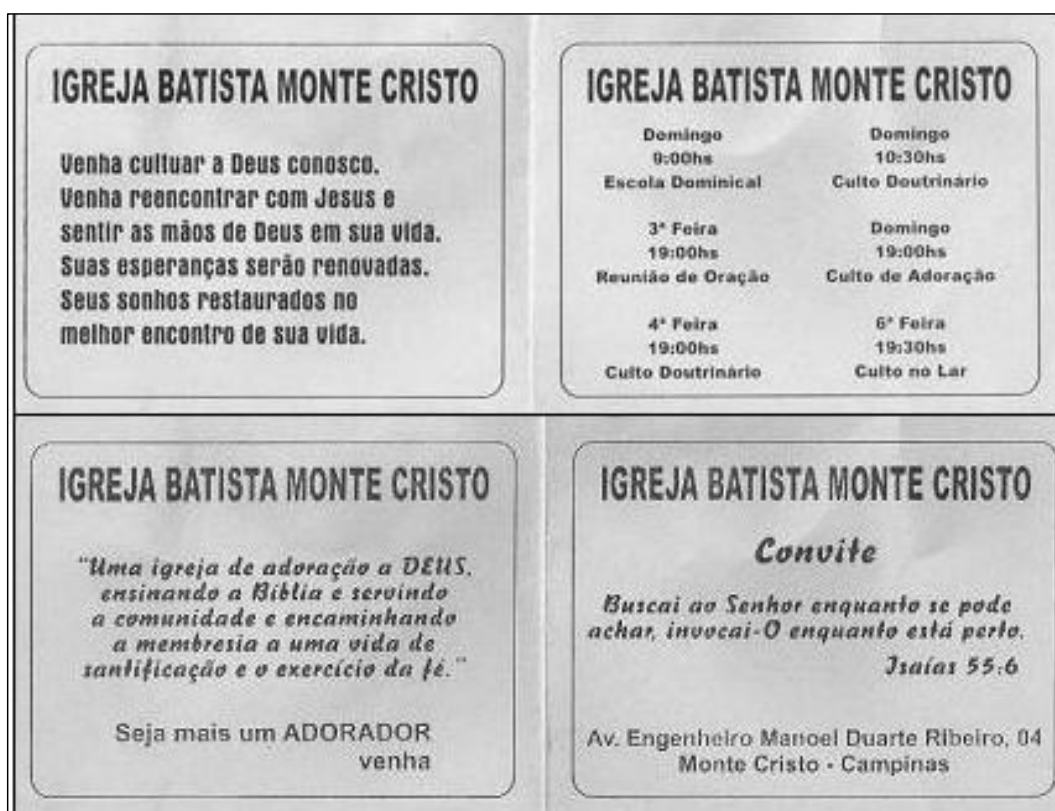


Figura 91 - Reprodução do convite da Igreja Batista do Jardim Monte Cristo

Transcrevemos resumidamente os atos litúrgicos registrados. O encerramento da Escola Dominical foi feito com um cumprimento inicial aos presentes. Passou-se para a apresentação das classes de Escola Dominical. Apresentou-se um jogral por um grupo de 4 crianças. Em seguida, outra turma de oito crianças com idade um pouco superior, fez a lei-

tura conjunta do Evangelho Segundo São Lucas 2,9, diretamente da revista da Escola Dominical. Fez-se uma oração de agradecimento pelos aniversariantes do mês. Com um cântico coletivo do hino de número 244 do Cantor Cristão (projetado no *datashow*) acompanhado de um violão, procedeu-se a coleta dos dízimos e das ofertas. O ato de ofertório encerrou-se com uma oração audível, enquanto a congregação permanecia em silêncio, quebrada apenas por um amém ao final da prece espontânea.

O Pastor Donaldo, em seguida, dirigiu algumas palavras de acolhimentos aos visitantes. Após a leitura de I Cor 10,14-17 (versão Almeida revista e corrigida), foi distribuída a Santa Ceia aos membros da igreja (pedacinhos de pão de forma e suco de uva em cálices individuais). Por detrás de um púlpito de madeira com microfone fixo, o pastor local proferiu um sermão em linguagem escorreita e gestos comedidos. Disse durante o sermão: “no final das nossas vidas receberemos uma estrelinha no céu... um planta, outro colhe”. Cantou-se ao final o hino 142 do Cantor Cristão - “Pão da vida”. O culto encerrou-se com a bênção proferida pelo Pastor Donaldo que se dirigiu à saída onde passou a cumprimentar os presentes. Todas as leituras bíblicas foram efetuadas na versão Almeida Revista e Corrigida. Em nenhum momento em que estivemos no âmbito da igreja, ouvimos o cumprimento tipicamente pentecostal “paz do Senhor” ou assemelhado.

O templo está equipado com cadeiras brancas individuais “de plástico”. Também anotamos a presença da mesa de som, *data show*, *laptop*, um violão e uma bateria. Nessa ocasião, as paredes estavam com um aspecto bastante deteriorado e não havia forração no teto. Pela manhã de 18 de abril de 2010, estávamos passando em frente ao templo quando nos chamou a atenção o fato de que a igreja estava irradiando músicas do tipo “louvor” para o público externo. Essa ação que vamos chamar de “animação” ocorreu logo antes do culto matutino, provavelmente como uma chamada ou convite para a população ao redor participar do culto religioso. Vemos isso como uma adaptação de parte das funções exercidas pelos sinos de igreja. Nessa ocasião o Pastor Donaldo nos confirmou o não uso da saudação do tipo “paz do Senhor” pelo fato da igreja ser tradicional. Surpreendeu-nos verificar que a igreja estava em boa parte reformada, isto é, com as paredes com acabamento e com pintura branca novos, bem como um novo forro também pintado de branco. Também havia mais instrumentos musicais (guitarras e baixo elétrico). Não observamos a presença de órgão ou piano assim como de “teclado” (provavelmente a igreja tem um ou mais de um teclado, mas como esse instrumento, em geral, é montado e desmontado rapidamente, deve ter ficado ao largo das nossas observações).

4.5 Igreja Pentecostal Deus te Ama

A Igreja Pentecostal Deus te Ama é dirigida pelo Missionário Manoel de Lima e está situada na Rua 66 A-13, no Monte Cristo, em uma rua sem pavimento e calçadas, paralela a Rodovia Santos Dumont e próxima da última passarela que cruza essa estrada estadual, pouco antes do entroncamento com a Rodovia Anhanguera. Existem valas na rua que dificultam a passagem de veículos que, aliás, transitam muito pouco pelo local, contrastando com o movimento da Via Santos Dumont poucos metros da entrada do templo. O Missionário reside no local com sua família (esposa e filho menor). O templo está situado na parte superior do imóvel e a residência é acessada lateralmente. O Pastor Manoel de Lima informou que prefere ser chamado de Missionário ou de Pastor. Informou que desenvolve uma programação todos os dias as 10h00minh pela rádio Sky FM - 94,9.



Figura 92 Fachada da Igreja Deus te Ama

Exteriormente o templo tem uma inscrição pintada com a frase “Deus te Ama” e uma placa com a inscrição “Igreja Pentecostal Deus te Ama” e um coração pintado na cor vermelha com a frase “Deus te Ama”. Disse-nos o Pastor que todos os dias há culto em sua igreja iniciados as 19h00minh. Para evitar furtos, a frente da igreja é gradeada, mas com partes de

alvenaria (parcialmente pintada de branco e com tijolos a vista). A parede da porta da frente é pintada de azul e as paredes interiores são pintadas de branco. Olhando a partir de quem entra no salão de cultos, do lado esquerdo há um grupo de assentos compostos basicamente por bancos antigos pintados de branco. Do lado direito há vários tipos de cadeiras brancas “de plástico”. O piso está no “contrapiso”. O púlpito de madeira é um balcão de recepção em semicírculo forrado de toalhas brancas. O local é espartanamente decorado com dois vasos de folhagens. Por detrás do púlpito também há toalhas brancas. Contamos 44 lugares disponíveis no local e havia 19 pessoas no culto de sábado que passamos a relatar (estivemos outras vezes no local em conversa informal).

O culto iniciou-se às 19h00 dirigido pelo Missionário Manoel. Este fez uma oração inicial acrescentada pela oração do Pai Nosso. Em seguida foi feita a leitura do salmo 86 e de partes de Romanos 6. Uma senhora fez um solo à capela com um hino que dizia “Deus prometeu com certeza dar graça...”. Em seguida essa senhora proferiu um testemunho de graça recebido e leu o Salmo 94. Cantaram-se coletivamente os hinos 244 e 82 da Harpa Cristã. Outra pessoa deu um testemunho e ato contínuo a congregação leu em pé o capítulo 24 inteiro do Evangelho de Lucas, na versão Revista e Corrigida.

O dirigente referiu-se especificamente a este evangelho como “São Lucas” assim como posteriormente verberou “São João”. Após a congregação assentar-se, ocorreu um novo testemunho por um jovem. Este mesmo jovem cantou sem acompanhamento três “louvores”. O Missionário Manoel tomou a palavra e destacou que a igreja estava em campanha, isto é, a campanha dos sete passos para a vitória em sete domingos. Em outra ocasião, esse líder informou-nos que a sua igreja vive de campanhas; “termina uma, começo outra”. Sobre as campanhas disse ainda que não peça dinheiro ao povo, mas que as pessoas dão espontaneamente. Ele fez a leitura de São João 5,1-4. Passou então a dirigir o momento de “louvores” (cânticos) pela congregação.

Quase que entre todos os atos acima descritos, os fiéis prorrompiam em palmas. Após os cânticos de louvor coletivos, o Missionário passou a falar da programação da rádio e das bênçãos oriundas desse trabalho. Disse que recebia ligações ao vivo de Campinas e das cidades de Valinhos, Sumaré, Hortolândia e Monte Mor. E que “Jesus vem fazendo um milagre pelo programa”. Distribuiu água unguida (*sic*) em copos e garrafas para levar para casa, “garrafa para levar para casa e unguir a casa toda”. Disse que essa água também servia para todas as doenças. Antes do início da Santa Ceia, duas pessoas se apresentaram à frente, no local que era chamado de altar e púlpito, para receberem uma oração especial (uma dela

caiu no chão em êxtase e foi amparada por outra senhora). Fez-se o ofertório através de saquinhos de veludo vermelho passados entre a congregação. Antes do ofertório o Missionário falou sobre a conduta de pastores quanto às ofertas. Disse que “eles torce a Bíblia (*sic*)”. E que “há pastores por aí que começa (*sic*) pedindo de R\$ 1.000,00 a R\$ 50,00”. E prosseguiu falando das supostas ameaças de tais pastores: “Se você não dá, não tem a benção; estão vendendo a benção; a benção é de graça”.

O Missionário Manoel iniciou então a cerimônia da Santa Ceia. Esse dirigente referiu-se diversas vezes para a platéia enfatizando seu título de Missionário, tal como “o Missionário fará a leitura, o Missionário distribuirá a Ceia, etc.). O Missionário Manoel fez a leitura (toda a congregação em pé) do texto de I Coríntios 11,23-34. O dirigente fez a oração do Pai Nosso por três vezes e em seguida cantou-se coletivamente o Pai Nosso. As pessoas receberam o vinho (suco de uva) em taças individuais (taças de Santa Ceia confeccionadas em plástico) e o pão em uma travessa (pão de forma branco cortado em pequenos pedaços retangulares). Durante a Ceia cantou-se o hino “Alvo mais que a neve”. Após a Ceia, o Pastor Manoel em pé, à frente do púlpito, passou para o momento das “revelações do Espírito Santo”. Este mesmo dirigente colocou um CD com música instrumental. Com esse fundo musical, o dirigente falava e orava pelas pessoas. Disse que iria orar por “escurecimento de vistas, relacionamento familiar e angústias”. Disse que Deus havia lhe revelado que ali havia uma mulher (a maioria dos presentes era de mulheres) com problemas de saúde. Após algumas pessoas apresentarem-se para oração, estas foram unguidas com “óleo da unção”. O Missionário encerrou o culto com a Benção Tríplice por volta das 22:00h.



Figura 93 Púlpito/altar da Igreja Deus te Ama

Note-se na fotografia acima, que sobre o púlpito/altar encontram-se o microfone, uma Bíblia Almeida na versão Revista e Corrigida, um frasco de “óleo da unção” industrializado (seta indicativa) e no extremo, uma pilha de envelopes de campanha. Junto desses envelopes, há um pequeno cesto para depósito desses mesmos envelopes. Também é possível ver os dois vasos simples de folhagens. O tapete que se vê apenas parcialmente é o local onde o pastor distribui a Ceia, ora e unge as pessoas.



Figura 94 Aparelhagem de som da Igreja Deus te Ama

A fotografia acima nos mostra com detalhes a “aparelhagem de som” da igreja que está ao lado do púlpito e do vaso de folhagem. No arquivo de estrutura de aço pendente para a esquerda, encontramos amplificadores, CDs e antigos LP's. Chamou-nos a atenção uma prática exercida pelos homens. Na medida em que chegam ao templo, muitos deles dirigem-se imediatamente para um cabide pendurado nessa estrutura/armário onde se encontra uma espécie de “molho de gravatas” com os nós pré-enlaçados (local assinalado). Eles chegam, escolhem uma gravata e vestem. Depois devolvem para o molho de gravatas.

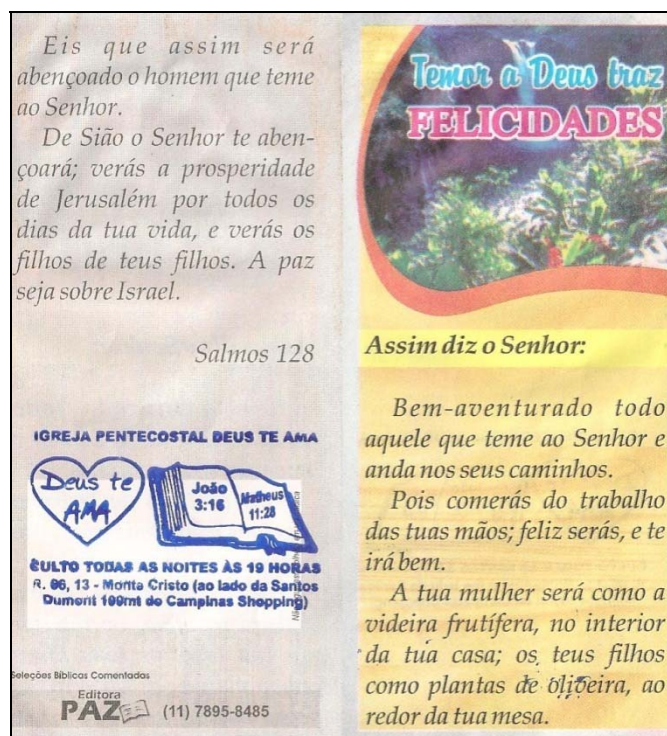


Figura 95 – folheto da Igreja Pentecostal Deus te Ama

Reproduzimos acima o folheto (frente e verso) recebido na Igreja Pentecostal Deus te Ama. Vemos do lado esquerdo, no local já pré-determinado um carimbo com as informações sobre a igreja (nome, endereço e horário dos cultos). É destacado no folheto o fato do templo estar “ao lado” da Via Santos Dumont e a “100 metros do Campinas Shopping”.



Figura 96 – vista interna do templo da Igreja Pentecostal Deus te Ama

Com o templo ainda vazio, antes do culto, uma senhora ficou aproximadamente meia hora de joelhos em oração conforme a imagem acima reproduzida. No momento da foto, ela estava ladeada de um “obreiro”. Tal senhora ajoelhou-se sobre uma almofada e mantinha seus braços apoiados em uma carteira escolar revestida com uma toalha branca. Durante todo o tempo da oração, foi utilizado o microfone. Durante o culto, tivemos a oportunidade de efetuar medições do som. De antemão afirmamos que a validade científica dessas medições é apenas indicativa. Munidos de um decibelímetro marca Minipa – modelo MSL-1351 calibrado de fábrica, postado no púlpito, fizemos as seguintes medições:

- a) Na função de congelamento de máximos (MAX HOLD) anotamos dois picos, respectivamente 91,9 dB e 92,5 dB;
- b) Na função resposta lenta, obtivemos duas médias; 89,9 dB e 88,9 dB.

4.6 Igreja Presbiteriana Independente (IPI) no Parque Oziel

A Igreja Presbiteriana Independente no Parque Oziel está localizada na Rua Cabo Rubens Zimmermann, nº 59 no Parque Oziel (Jardim do Lago II). Os cultos são realizados nas quintas-feiras as 17h00min horas. Aos domingos as 09h30min horas as realizadas as Escolas Dominicais, com uma abertura e liturgia muito assemelhada a um culto. O responsável pelo Ponto de Pregação (estágio anterior a “congregação”) é o Presbítero Licenciado Marcos H. V. C. Camargo, membro do Conselho da Primeira IPI de Campinas, e também componente da Equipe Pastoral. Este foi o dirigente da reunião que participamos. O mesmo informou-nos que os cultos são dirigidos pelo pastor titular Rev. Valdemar de Souza, assim como a ministração da Santa Ceia.

A reunião teve início com uma oração de acolhida efetuada pelo dirigente. Este também fez uma oração especial voltada para aqueles/as que estavam enfrentando problemas de enfermidade. Em seguida foi feita a leitura do Salmo de número 81, na Nova Versão Internacional – NVI. Passou-se então para o momento de “louvor”. Este foi dirigido por um grupo de quatro pessoas (duas mulheres e dois homens) que utilizaram dois violões e uma flauta transversal. As vozes foram amplificadas (dois microfones). Esse “grupo de louvor” postou-se por detrás da mesa em um plano ligeiramente superior ao dos fiéis. Em determinado momento, contamos a presença de quinze adultos e 20 crianças. Os únicos cinco homens presentes eram membros da igreja mãe, além deste pesquisador. Após o “louvor”, passou-se

para um momento que identificamos como de “confissão”. A igreja ficou em silêncio em atitude de oração (em pé, olhos fechados e cabeça ligeiramente abaixada). Durante esse momento cúlrico que foi encerrado com uma oração espontânea pelo dirigente, ouvia-se um fundo musical instrumental através de um violão e flauta transversal. Efetuou-se então a leitura e comentário do livro de Gênesis 4,5-7.

Após a exposição bíblica, o dirigente cantou junto com os presentes duas músicas de ritmo marcadamente nordestino, quais sejam: “Deixe de aperreio” e “Pichototim”. As músicas foram acompanhadas por um CD postado sobre a mesa, voltado para a congregação. Esta também tinha as letras disponíveis em um pequeno caderno de cânticos. O Presbítero Marcos Camargo chamou para frente do salão quatro pessoas para receberem bíblias com dedicatórias elaboradas por este dirigente. Esse mimo foi uma espécie de homenagem ou reconhecimento pelo fato dessas quatro pessoas terem efetuado “pública profissão de fé”. Foram nomeadas individualmente as pessoas que fizeram aniversário. Cantaram-se então os “Parabéns prá você” (*Happy birthday to you*) com a segunda estrofe “evangélica”:

Parabéns prá você
 Nesta data querida.
 Muitas felicidades
 Muitos anos de vida.
 Com Deus ao seu lado
 Num longo porvir.
 Que a vida lhe seja
 Um eterno sorrir.

Após a oração, outro leigo da IPI efetuou uma oração pelos aniversariantes. O Presbítero Marcos Camargo encerrou essa abertura da Escola Dominical com uma oração. Em seguida foi servido um lanche nas dependências da congregação e, ato contínuo, iniciou-se a Escola Dominical. Esta foi dividida em quatro classes, quais sejam: 1) crianças que sabem ler, 2) adolescentes, 3) adultos e 4) doutrina (catecúmenos).

Participamos da classe de adultos na condição de ouvinte/pesquisador. A classe é ministrada por uma Enfermeira formada pela UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo) e que exerce suas funções profissionais na UNICAMP. Esta nos disse que utiliza em sua classe de adultos o método participativo e construtivista. A classe também contou com a presença de um seminarista que, embora membro da Primeira IPI efetua seus estudos teoló-

gicos em um Seminário Batista em Campinas. Em uma sala contígua ao salão de cultos, haviam oito mulheres alunas assentadas em uma roda de cadeiras. Todas essas alunas eram moradoras do Parque Oziel. A aula iniciou-se com uma oração efetuada por uma dessas moradoras, enquanto os demais presentes colocaram-se em atitude de oração silenciosa (olhos fechados e cabeça ligeiramente abaixada).

Ao final os presentes disseram um “amém”. Contamos oito bíblias entre edições da Sociedade Bíblica do Brasil – Revista e atualizada e NVI – Nova Versão Internacional. Foi efetuada a leitura do livro de Êxodo 20,1-17, visando se trabalhar os “dez mandamentos”, com o fito especial de se ensinar a “não jurar em nome de Deus”. Cada um dos presentes efetuou a leitura de um versículo bíblico do texto acima. Em determinado momento uma das alunas expôs que não fala *verbis*, “ai meu Deus do céu”, pois isso é invocar o nome de Deus em vão e errado tanto quanto jurar. Também foi efetuada a leitura de 1Co 13. Algumas alunas tiveram dificuldade em localizar esse texto bíblico, no que foram auxiliadas pela professora e pelo seminarista. Disse-nos a responsável pela classe que um dos objetivos era o de ensinar a “manipular a bíblia” (achar os textos bíblicos).

O templo da Igreja Presbiteriana Independente funciona com uma equipe de no mínimo quinze pessoas em uma casa recém reformada e adaptada, conforme *fac-simile* de parte do Boletim Informativo nº 3198 de 20 de setembro de 2009, abaixo transcrito.

CULTO DE CONSAGRAÇÃO NO OZIEL

Ocorrido no último domingo, o culto contou com aproximadamente 120 pessoas. O espaço, devidamente reformado e adequado, estava lotado. Foram recebidos por Pública Profissão de Fé e Batismo cinco novos irmãos em Cristo. A adolescente Kamila, membro da Igreja e freqüentadora da Congregação, compôs e cantou durante o culto uma música chamada “*Um novo templo*”. A gratidão a Deus pela visão e obra missionárias; pelos obreiros que Ele tem usado nesse importante projeto; pela aquisição, reforma e adequação do espaço para abrigar os moradores do bairro.

A equipe atual é assim composta : Lic. Presb. Marcos Camargo e a esposa Raquel, Sem. Tiago Nogueirade Souza e esposa Luisa de Souza, Dia. Regina Guimarães, Sara Cândido, Adélia Machado, Dora Fiorentini, Mônica Mitraud, Jocelina Andrade (Jô), Presb. Mateus Mitraud, Clodoaldo e esposa Eliana Mangulin. Colaboram também os diáconos Waldeir e Maria de Lourdes Lange.

Pedimos as orações da Igreja em favor da equipe e freqüentadores da Congregação.

Figura 97 - *fac-simile* parcial do Boletim da Primeira IPI de Campinas

É no mínimo emblemático testemunhar o nascimento de uma igreja local histórica e tradicional na cidade, em uma área periférica e carente, que é filha direta da primeira igreja protestante organizada em Campinas há 139 anos (em 2009), fundada em 10 de julho de 1870.



Figura 98 – Templo da IPI no Parque Oziel



Figura 99 – Interior do Templo da IPI no Parque Oziel

A fotografia acima foi efetuada durante o “momento do louvor”. Os fiéis assentam-se em “cadeiras de plástico”. Note-se que a congregação fica em um plano ligeiramente abaixo de onde o conjunto de louvor efetua sua performance. Nesse local encontra-se centralizada a mesa da eucaristia revestida de uma toalha branca e sobre esta um aparador de bíblia (porta-bíblia) com uma cruz vazia insculpida que faz às vezes de púlpito.

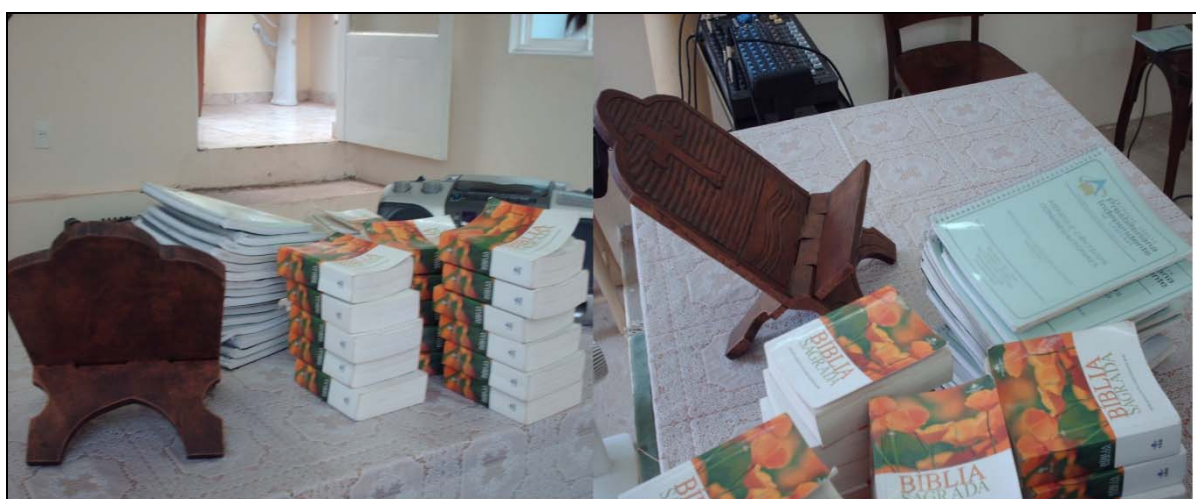


Figura 100 – mesa da eucaristia, mesa de som, púlpito, bíblias e cadernos de cânticos

Após a celebração (abertura da Escola Dominical), ficaram sobre a mesa da Eucaristia, dezesseis bíblias da Sociedade Bíblica do Brasil, na versão Revista e Atualizada, bem

como quinze cadernos de “hinos e cânticos congregacionais”, utilizados para as cerimônias religiosas.

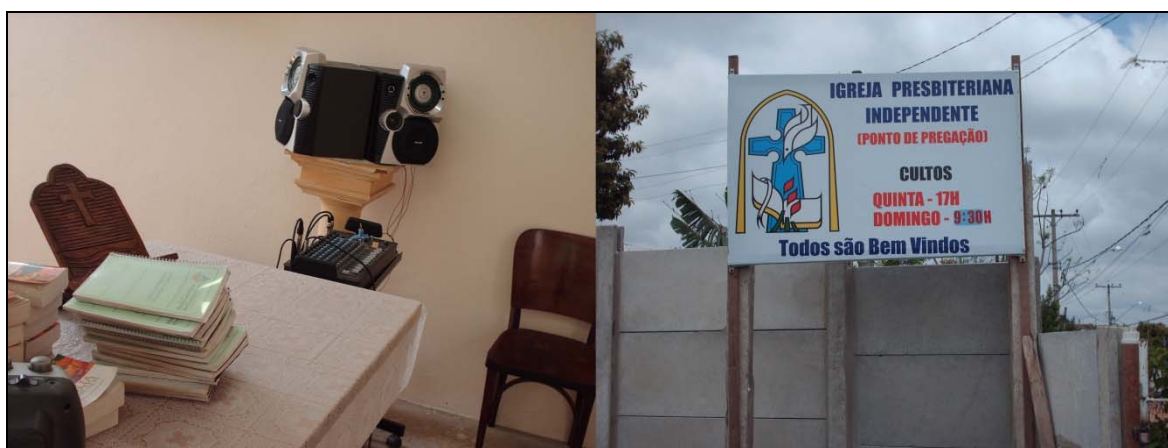


Figura 101 – caixas acústicas, mesa de som e placa indicativa

Na composição fotográfica acima, destacamos a presença das caixas acústicas e da mesa de som. Na entrada da propriedade existe uma placa indicativa da igreja e dos horários das atividades.



Figura 102 – esgoto a céu aberto em direção ao riacho

A fotografia acima foi tirada na entrada do estacionamento existente na frente do templo. Por ela, é possível se aferir a precariedade das moradias da paisagem local. As

duas setas indicam valas por onde escorrem águas servidas em direção ao ribeirão que passa ladeando a rua não pavimentada. Existe um cheiro fétido no ar, típico de dejetos de esgoto não tratado. Quando estávamos indo embora em nosso veículo, transitando muito devagar em razão do barro acumulado e dos buracos, vimos um adolescente carregando dois sacos. Esse rapaz atirou os dois sacos em direção ao ribeirão. Poucos instantes depois vimos duas moças carregando sacos em direção ao ribeirão. Como estávamos com o veículo quase parado, pudemos ouvir o diálogo das mesmas, o qual reproduzimos da maneira mais fiel possível: Disse a primeira: – Mas onde é que a gente joga esse lixo? Respondeu a segunda: – É aqui mesmo no valão. Portanto, além do esgoto sem canalização que escorre para o ribeirão, também o local é utilizado como despejo de lixo pela população, embora tenhamos visto em outras ocasiões caminhões de lixo percorrerem as vias do Parque Oziel. Também vimos, diversas vezes, moradores atear fogo em pequenos montes de lixo ajuntados em frente das suas casas, o que é possível pelo fato de que a maioria das ruas é de terra (não necessariamente “terra batida”).

4.7 Igreja Evangélica Assembleia de Deus- Ministério Belém – Parque Oziel I

O templo da Igreja Assembleia de Deus – Ministério Belém – Parque Oziel I fica no Parque Oziel em uma rua é asfaltada e diversos veículos lá estacionam para as funções religiosas, porém a maioria das pessoas chega ao templo a pé, pois moram nas redondezas, segundo o pastor responsável. Na medida em que as pessoas iam adentrando ao templo, colocavam-se de joelhos com os cotovelos apoiados no assento do banco de madeira, de costas para o púlpito. O culto iniciou-se às 19h00min horas com uma oração pelo pastor responsável. Ato contínuo ao “amém” proferido pelo pastor, a audiência prorrompeu em palmas. Foi informado que este seria um “culto das irmãs”. Cantou-se coletivamente os hinos 3 e 212 da coletânea de hinos Harpa Cristã. Do púlpito, efetuou-se a leitura do texto bíblico de Jeremias 33,12-17 (Almeida revista e corrigida), seguida de uma inflamada oração invocatória. Uma irmã cantou um solo sem acompanhamento (hino 577 da Harpa Cristã – “Em fervente oração... quando tudo deixares no altar...”). Uma dirigente conduziu um coral que entoou um “louvor”. Uma irmã efetuou a leitura de Isaías 43,2 e deu um testemunho. Apresentaram-se seguidamente quatro corais, quais sejam jovens, homens e mulheres, mulheres e coral de crianças.

Todos esses corais entoaram “louvores”. Efetuou-se a coleta dos dízimos e das ofertas, seguida de uma oração por essas ofertas. Uma mulher efetuou um solo através de um “louvor”. Outra mulher realizou a leitura do texto de Isaías 25,3-9 e entoou um solo com um “louvor”. Um casal, acompanhado de *playback* cantou um louvor. Procedeu-se uma oração por uma pessoa enferma. A que iria efetuar a pregação, fez uma oração e a leitura de Ec 9,10, seguida de breve comentário. A mesma efetuou um duo com seu marido acompanhados de *playback*. A pregadora leu o texto de Lucas 1: 6-7 (versão Almeida revista e corrigida) e efetuou sua explanação em um templo lotado. Ao final efetuou um apelo para salvação e arrependimento.

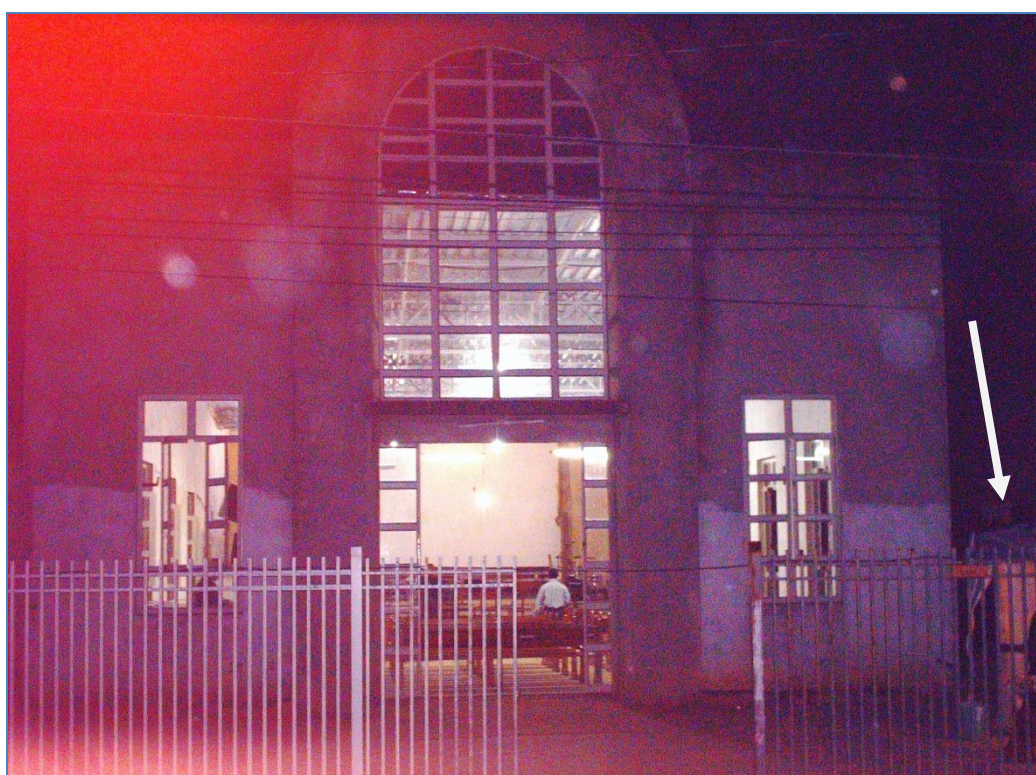


Figura 103 - Frente do templo

A abertura da frente do templo é de esquadrias de metal preenchidas com vidro transparente.³¹ As paredes externas, embora não deterioradas, carecem de pintura protetiva. Há uma cerca na frente da propriedade (semi-pintada). Não vimos placa com o nome da Igreja. A seta indica um pequeno “quiosque” montado para servir pequenos lanches e café aos frequentadores. Pela manhã, nesse espaço, após a Escola Dominical, nos

³¹ Em 05 de setembro de 2010 (domingo) estivemos no local e constatamos que a parede da frente do templo foi reformada e completada (revestimento de material cerâmico). O pastor responsável também nos informou que o próximo projeto é o de completar o acabamento interno do templo.

informou o pastor que sua igreja é formada por moradores locais e muitos deles tem curso superior. Assim, é necessário que os pastores não descuidem “do português”. Também disse que é importante se estudar teologia para pregar e exercer o pastorado. Durante essa manhã, vimos um vendedor, ao melhor estilo “mascate” vender ternos (costumes) para os homens da igreja. Diversos ternos de vários tecidos e estampas ficaram expostos, pendurados em cabides, na grade externa da igreja. Tal vendedor ofereceu seu produto para pagamento em diversas prestações.



Figura 104 - Detalhe da entrada do templo

Na fotografia acima, percebe-se a boa iluminação do salão de cultos e o acabamento por realizar nas paredes e chão. É possível também notar o teto sem forro e o telhado do que entendemos serem “folhas de zinco”, daí talvez, a presença de vários ventiladores no auditório.



Figura 105 – Interior do templo

A fotografia acima foi tomada antes do início dos trabalhos religiosos. Observa-se os bancos inteiriços de madeira envernizada, com capacidade para seis pessoas cada e espaço para descanso de hinários e bíblias (sem genuflexório). A disposição dos bancos segue o padrão assembleiano e nos evoca a disposição dos bancos das grandes igrejas que, desde a Idade Média europeia, dispõem grupos de bancos transversalmente para uso de corais. Um semicírculo de cadeiras individuais para os pastores ladeia o púlpito de acrílico transparente. Também destacamos do lado direito, a bateria de jazz e as “guitarras”. Existem quatro grandes caixas de som, além de diversos outros menores para os instrumentos e retorno de voz. O som dessa parafernália instrumental é amplificado e mixado pelo “contra-regra” que fica instalado em uma pequena construção que pode ser vista do lado esquerdo da fotografia (vide seta). Ele também “pilota” o *datashow* (vide seta).



Figura 106 – Detalhe do púlpito de acrílico

Esse púlpito transparente foi o único púlpito de acrílico que vimos na região do Oziel. A grande maioria dos púlpitos encontrados foi de madeira ou fixo de alvenaria. A campinha disposta no púlpito (vide seta) serve para pedir silêncio e atenção para a direção do púlpito no momento em que o dirigente entender que as orações inflamadas e feitas individualmente pelos fiéis devam acabar.

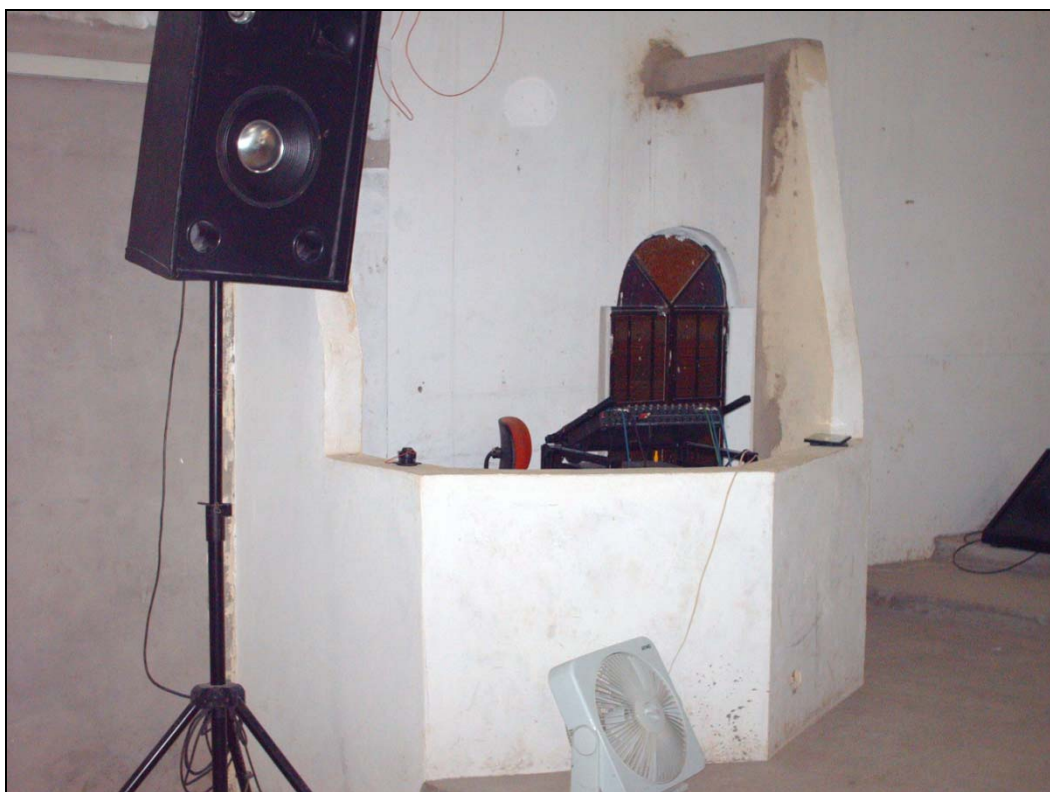


Figura 107 – Detalhe da cabine do contraregra

Além da cabine do contraregra, é possível perceber o chão no contrapiso e as paredes pintadas com necessidade de acabamento. Vê-se também uma das grandes caixas acústicas e uma parte de uma caixa de som para retorno de voz. Como em outras igrejas do Oziel é possível ver a presença de uma janela em esquadria de metal com uma terminação superior em forma de arco. No caso da janela vista acima, é possível perceber uma tentativa de tratamento artístico, pois a parte superior foi dividida em três partes preenchidas com vidros coloridos utilizados em vitrais.



Figura 108 Momento cúltico com líderes

A imagem acima expressa um momento cúltico em que uma fiel entoava um cântico. Os líderes da igreja congregada estavam assentados nas cadeiras individuais postadas em semicírculo. Todos estes estavam trajando terno ou camisa social com gravata. Durante o culto, ficaram sempre próximos de suas bíblias e hinários. Também  possível se observar uma das janelas interiores do templo com terminação em arco.



Figura 109 Vista parcial da comunidade participando do culto

A figura acima retrata um instantâneo da celebração cúllica. Boa parte dos homens estava de paletó e gravata ou de camisa social e gravata, traje dos obreiros que recolheram as ofertas. Na porta do templo, durante toda a celebração, ficaram postados dois “porteiros” que acomodavam as pessoas no salão (vide setas).

4.8 Igreja Evangélica Assembleia de Deus- Ministério Belém – Parque Oziel II (Ministério Belém)

A igreja está situada no Parque Oziel em uma rua asfaltada e sem calçadas que corre paralela à Via Santos Dumont. Estimamos que no templo coubessem aproximadamente 162 pessoas sentadas nos bancos (além dos cinco bancos de madeira destinados aos pastores e obreiros). As paredes internas laterais estão pintadas de branco e a parede próxima ao altar está pintada de cor bege. O culto ocorreu em uma noite de muita chuva. A maioria dos homens estava de paletó e gravata. As leituras bíblicas foram efetuadas na versão Almeida Revista e atualizada. A disposição dos bancos é assembleiana, isto é, duas carreiras de seis bancos para seis pessoas, todos voltados para frente e mais duas carreiras de bancos próxi-

mos ao púlpito voltado de frente uma para a outra. O púlpito é fixo e construído em alvenaria com acabamento em pedras ornamentais de construção. O chão é de concreto e contrapiso. O púlpito está em um tablado de alvenaria com aproximadamente cinquenta centímetros de altura em relação ao piso. Quem está sentado olhando para o púlpito poderá ver uma bateria de jazz no canto esquerdo e próxima da mesa de som. O templo é ornamentado com dois vasos de flores ladeando o púlpito. Esse culto da noite foi anunciado como sendo um culto especial, isto é, um culto de missões. Em razão disso, o templo foi ornado com bandeiras do Brasil, Estado de São Paulo e outras bandeiras de Estados da Federação e outros países. Os bancos de madeira são sustentados por uma armação de metal. Nesse culto também se está comemorando a implantação dos 100 anos da instalação da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. Na medida em que as pessoas adentram ao templo, ajoelham-se no chão com os braços apoiados no assento dos bancos (não há genuflexório instalado nos bancos). Um obreiro nos informou antes do culto que a maioria das pessoas chega a pé, pois moram próximas do templo. Existem duas caixas de som instaladas em cada parede lateral do templo. Nas paredes do templo também existem vários *banners* com versículos bíblicos. Não vimos nenhuma cruz ou outros símbolos cristãos.

O culto iniciou-se às 19h00min horas. Durante todo o culto os que assumiam a palavra, individual ou coletivamente, se utilizavam um ou mais microfones. Da mesma forma cumprimentavam a todos com a Paz do Senhor. O pastor titular começou o culto com uma oração e pediu que todos os presentes se cumprimentassem. Em seguida passou a direção para um liturgo que passou a dirigir os trabalhos. Uma irmã dirigiu a congregação à capela nos hinos 115, 20 e 16 da Harpa Cristã. Com todos em pé, o Pastor Basílio efetuou a leitura de “São João 8” (“São João” verbalizado duas vezes). Em seguida as pessoas apresentaram verbalmente seus pedidos de oração que versavam por curas físicas e problemas em geral. Após a oração pelo Pastor Basílio, todos se assentaram. As irmãs do Círculo de Oração em formação coral cantaram com *playback* (13 ou 14 mulheres, inclusive a dirigente). Em seguida os adolescentes se apresentaram em formação coral acompanhados por *playback* (não vimos datashow instalado). O ritmo da música era claramente para nós no estilo *rock and roll*.

Ato contínuo aos adolescentes o liturgo efetuou uma oração de adoração. O liturgo deu a orientação “a mocidade pode estar louvando a Deus”. Os jovens levantaram-se e cantaram uma música do tipo louvor acompanhados por *playback*. Em seguida aproximadamente 15 crianças cantaram com *playback* e coreografia (gestos) (“a abelhinha faz zum-

zum...”). Um conjunto masculino de 11 componentes cantou uma música cujo refrão dizia “nenhuma condenação há para aquele que está em ti Senhor”. A partir do púlpito um irmão proferiu as seguintes palavras (transcrição próxima da literalidade): “não deixe seu sonho morrer... mas Deus tem poder... não desista nesta noite... Deus faz milagres”. Em seguida contou um louvor apoiado por *playback*. Nesse momento observamos que a igreja estava lotada, inclusive com as oito cadeiras postadas atrás do púlpito com pastores e obreiros vestidos de paletó e gravata.

No corredor central da igreja 12 jovens (homens e mulheres) efetuaram uma coreografia corporal e gestual. Estes estavam com roupas comuns, isto é, não estavam com algum tipo de uniforme para grupo de coreografia. Essa performance foi realizada sob a música que dizia “Deus não rejeita oração, oração é alimento (... então louve, simplesmente louve...). Um grupo de crianças ficou ao largo em tentativa séria de imitar esse grupo de jovens. O Pastor passou para o momento de apresentação dos visitantes da noite. Acompanhados de violão e bateria, todos se levantam, cantam e dirigem-se aos visitantes com votos de boas vindas. Um irmão componente de um trio (duas mulheres e um homem) profere um testemunho, seguida de um cântico com *playback*. Outro duo feminino canta com *playback*. Efetuou-se uma oração pelos missionários e pelas ofertas missionárias depositadas em um envelope. Após um breve testemunho, ouviu-se um solo com *playback*. Durante esse solo passou-se a salva para as ofertas.

As 20h30min horas o pregador visitante, Pastor Ricardo, convidou todos a colocarem-se em pé para uma oração seguida ao convite para a leitura “do Evangelho segundo escreveu João” (versão Almeida Revista e Corrigida). Durante a prédica falou contra a Teologia da Prosperidade e contra os que ainda não acreditam em milagres. Entreado por glosolalia disse que Deus ainda batiza com o Espírito Santo. O pregador não ficou estático atrás do púlpito, mas deslocou-se pela área do tablado com o microfone na mão (a bíblia ficou no púlpito). Discorrendo sobre uma vida correta, disse literalmente aos adolescentes “é importante nossa vida lá fora, nós somos representantes do reino de Deus”. As 21h07min horas pediram para todos ficarem em pé e fez um apelo para que “quem precisa de um milagre” fosse para frente que ele iria orar por essa pessoa e por milagres. Enquanto muitas pessoas iam para frente cantou-se coletivamente a música que dizia “rompendo em fé”. Pediu-se para a irmã (não anotamos o nome) Tal glorificar a Deus, isto é, cantar. Apoiada por *playback* esta irmã cantou uma música (ritmo e batida de bossa nova em violão) que dizia “Oh quão cego eu andei (... foi na cruz, foi na cruz...). Estando o pastor ainda orando pelas

peçoas a mesma irmã cantou (com playback e com ritmo atualizado) um hino que dizia “há poder, sim, força e vigor, só no sangue de Jesus”. O término da pregação ocorreu às 21h25min horas.

O pastor titular, Pastor Basílio assumiu a direção do culto e fez um apelo direcionado para as pessoas que queriam se reconciliar com Deus. Após essa oração passou a proferir informativos administrativos da igreja. Informou sobre a venda de CDs por R\$ 15,00 cada de autoria da irmã que havia cantado durante o culto. Fez-se uma oração pelos aniversariantes e sortearam-se dois CDs dos anteriormente mencionados. Com todos em pé o Pastor Basílio efetuou uma oração e impetrou a Benção Apostólica. O culto terminou às 21h35min horas.

4.9 Igreja Missionária Pentecostal Vale da Benção

Fomos recebidos por uma obreira que nos informou que a Igreja Missionária Pentecostal Vale da Benção iria comemorar seu quinto aniversário com festividades nos dias 20 e 30 de maio de 2010. Contariam para as festividades com a presença de um cantor. Também o Círculo de Oração faria aniversário de cinco anos de existência. Este Círculo de Oração é um agrupamento de mulheres dedicadas à oração. Elas fazem orações intercessórias, visitas e também cantam nas celebrações cúlticas. O templo está situado em uma rua asfaltada, mas sem calçada. Olhando-se de frente para o edifício de culto religioso, lê-se a inscrição em azul e vermelho “Igreja Miss. Pentecostal Vale da Benção”, pintada na parte superior sobre um fundo de tinta branca. A direita de quem olha de frente existe pintada uma inscrição sobre um desenho que evoca um papiro desenrolado que informa as programações da igreja, quais sejam: “Dia dos Cultos – 3ª F 19:00h/5ª F 19:30sábado 19:00h/Domingo 19:00h”. Do lado esquerdo da porta de entrada existe uma janela de vidro com estrutura metálica em forma curva com quatro segmentos. Vista de frente, a igreja é vizinha a esquerda e aos fundos da Igreja do Nazareno Canaã.



Figura 110 – Frente da Igreja Miss. Pentecostal Vale da Bênção

Antes do culto, um fiel (de terno e gravata) ligou e testou a aparelhagem de som que é emitido para quatro caixas acústicas afixadas nas paredes. O culto iniciou-se às 19h30min horas com uma oração efetuada de joelhos por uma fiel apoiada em uma cadeira postada por detrás do púlpito. A frente do local de cultos está situada em um tablado de alvenaria ligeiramente superior ao resto do salão. Cortinas azuis com rendas brancas adornam o fundo do salão. O piso é de lajotas de cerâmica. O púlpito é em formato de semicírculo e forrado com toalhas brancas com rendas. Sobre o púlpito vimos uma bíblia e o óleo da unção. Dois vasos de flores decoram o ambiente. Acima da cortina azul, existe um desenho que ocupa toda a largura da parede. Nesse desenho vê-se uma cordilheira com picos com neve, um rio e sua margem direita evocando a idéia de um vale. Em vermelho está a inscrição “Todo o vale será exaltado – Isaías 40-4”, parte do versículo bíblico que compõe o nome da igreja.³² Não há “bancos de igreja”, mas cadeiras “de plástico” que são alinhadas antes do culto. Outra fiel assumiu a oração de joelhos e microfone na mão. Praticamente todos os atos do culto foram efetuados com a utilização do microfone, apesar do espaço ser relativamente pequeno

³² Is 40,4 “Todo o vale será aterrado, e nivelados, todos os montes e outeiros; o que é tortuoso será retificado, e os lugares escabrosos, aplanados”

e a rua tranquila. Em determinado momento do culto, contamos a presença de vinte mulheres e seis homens, além de várias crianças. Do ponto de vista de quem entram no templo, os homens assentam-se à direita e as mulheres à esquerda (na parede da esquerda existe a inscrição “Círculo de Oração Revelação de Cristo”). As irmãs do “Círculo de Oração Revelação de Cristo” postaram-se à frente e fizeram orações pelo culto, por ser este um culto especial, isto é, o “culto da família”. Também oraram em gratidão pelo aniversário da Igreja. Com a congregação em pé, uma irmã fez a leitura do Salmo 126 – Almeida Revista e Corrigida, seguida de uma oração. Ao final pediu-se “palmas prá Jesus”. Com a congregação assentada uma irmã tomou a frente e verberou: Paz do Senhor, amém? Esta fez um solo acompanhada por *playback*. Recolhemos partes da canção que dizia:

Cristo move as montanhas e tem poder para salvar

... Sempre outros da salvação

Jesus sobre a morte venceu

Cristo move as montanhas e tem poder para salvar

Para sempre autor da salvação...

Terminada a canção pediu-se “e as palmas prá Jesus?”. A liturgista do púlpito pediu novamente “palmas prá Jesus”. Esta disse: “O culto hoje vai ser maravilhoso porque Jesus vai derramar seu poder.”; “Derrama Senhor, derrama Senhor, derrama sobre nós o seu poder”. Fez-se a leitura do Salmo 119,11 e outro solo com *playback* por uma fiel e ao final o pedido de “palmas para o Senhor”. A liturgista pediu novamente “palmas para o Senhor”. Um irmão cooperador leu 1 Samuel 27(?), 1-4, com a congregação assentada e deu um testemunho. Pediu para todos se colocarem em pé e darem as mãos para uma oração coletiva (todos fazem orações audíveis e inflamadas ao mesmo tempo). Ao final pediu-se “palmas prá Jesus”. Outro cooperador fez a leitura de Lucas 4,36 e pediu para todos ficarem em pé para outra oração coletiva (ouviram-se manifestações de glossolalia durante todo o culto). Terminada a oração com “palmas prá Jesus”, todos se assentam. A liturgista passa palavra para as crianças (grupo Soldadinhos de Cristo) que vão para frente e uma delas diz: “Saúdo a igreja com a paz do Senhor”. Elas cantam com *playback* “A minha vida é do mestre, meu coração é do meu mestre... minha esperança é meu mestre...”.



Figura 111 – Vista do interior do templo

A liturgia é passada para o grupo de jovens “Filhos da Promessa” que, após saudar a igreja com a “Paz do Senhor” entoam uma canção acompanhada por playback. Após estes, o Círculo de Oração tomou a frente e em uníssono e de forma veemente falou: O Círculo de Oração Revelação de Cristo saúdam a igreja com a paz do Senhor! Estas fizeram a apresentação de uma canção entremeada de solos, acompanhadas por *playback*. Dizia parte dessa canção: “Esse Deus quando quer fazer não existem barreiras prá lhe deter... É o fogo do grande Jeová”. Após os agradecimentos bateram-se palmas. Pediu-se então que todos ficassem em pé e batessem “palmas bem forte prá Jesus”. Queremos pontuar que por várias vezes foi possível ouvir partes do culto da Igreja do Nazareno vizinha. O Pastor local assumiu o púlpito às 20h10min horas e proferiu uma oração. Efetuou a leitura de Marcos 4,36-41 (Almeida Revisa e Corrigida). Lembrou-se de que deveria ter efetuado os recolhimentos dos dízimos e ofertas e assim, convidou todos para o “tempo das ofertas e dízimos”. Enquanto se recolhiam as ofertas, cantou um “corinho” que dizia:

Deus falou e eu também posso falar
 Que o Senhor é meu pastor e nada me faltará
 Não faltará
 Não faltará

O Senhor é meu pastor e nada me faltará.

Após a música, o pastor efetuou uma oração de agradecimento. Este apresentou os visitantes. Toda a igreja coloca-se em pé e diz em forte uníssono: “Sois bem vindos em nome de Jesus”. Iniciou-se então a pregação. As 21h50min horas, o pastor fez um apelo e oferta de oração para libertação de vidas e por “pessoas e parentes de mães e pais que tem filhos e parentes no mundo das drogas, mundo do crime, da bebida... Deus tem restauração”. A pregação terminou as 21h00min horas. O pastor passou a dar alguns recados e informações. Falou da campanha de oração e jejum das vinte e umas terças de oração, baseada no texto bíblico de Daniel 9 e 10. Disse que a próxima terça-feira é o décimo quarto dia da campanha. Informou ainda que essa campanha seja também por libertação, família, bairro, “pela nossa igreja”, vizinhos, etc.... Com toda a congregação em pé, efetuou um oração. A bênção final (em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo) é repetida em uníssono pela congregação. Ao final desse ato, todos se cumprimentam.

4.10 Oração no Monte – prática cúltica alternativa aos templos

Fomos apresentados para uma senhora que é membro de uma das igrejas da Igreja Assembleia de Deus, de um Ministério outro que não os dois principais ramos dessa agremiação religiosa, isto é, Ministério Belém e Ministério Madureira. Declinamos o nome desse Ministério e vamos chamar essa senhora ficticiamente de Irmã Maria. A Irmã Maria recebe visitas em sua residência de pessoas que desejam receber orações e profecias. Fomos convidados para conhecer essa pessoa que é conhecida por parte do meio evangélico campineiro como portadora do Dom de Profecia, isto é, alguém que ora e tem revelações e palavras vindas diretamente para os ouvintes por uma ação sobrenatural de revelação através do Espírito Santo. Fomos então até a residência dessa senhora, onde após um tempo de sociabilidade, recebemos uma oração intercessória. Esta nos falou e nos convidou para participarmos de uma “oração no monte”. Em uma sexta-feira do mês de junho de 2008, nos dirigimos para um local na periferia de Campinas, às margens da Av. John Boyd Dunlop, próximo da fábrica Pirelli Pneus. Em uma rua de terra, nos encontramos com um grupo de evangélicos (inclusa a Irmã Maria) que nos receberam. O grupo conhecia nossa pertença religiosa. Ficamos sabendo ali que esse grupo estava em jejum de alimentos durante o dia.

Haviam alguns veículos estacionados em uma área descampada próximos. Como fazia muito frio e vento, estavam todos os presentes bastante agasalhados, inclusive com gorros, luvas e cachecóis. Estávamos ansiosos para conhecer o local, mas a Irmã Maria no disse que só poderíamos entrar na mata após a chegada do pastor. Enquanto aguardávamos a chegada desse pastor, uma jovem do grupo entabulou uma conversa conosco e disse que “hoje você vai conhecer o subinatural (*sic*) de Deus”. Em um tom que nos pareceu com certo acento de triunfalismo e desafio, essa mesma jovem verberou novamente minutos depois que eu iria “conhecer o subinatural (*sic*) de Deus”. Há no local uma cerca de arame e uma passagem para pessoas feita por três pontaletes ou mourões dispostos de tal forma que impeçam a passagem de gado.

A Irmã Maria nos disse que “aquele é o portal de Deus” e que só seria possível atravessá-lo após a presença do pastor e de um tempo de oração e consagração. Após a chegada do pastor e das orações inflamadas entremeadas de glossolalia, o grupo adentrou pelo “portal”. Posteriormente ficamos sabendo que o pastor era da IPDA – Igreja Pentecostal Deus é Amor. Descemos por um declive descampado que viemos saber depois que era utilizado como pasto para gado. Todos, senão, quase todos estavam munidos de lanternas (vimos varias vezes celulares serem utilizados para iluminação), pois estava muito escuro. Na medida em que o descampado acabava, via-se a silhueta da copa das árvores quando se “batia” a lanterna. Próximos das árvores começamos a ouvir músicas e brados.

Quando entramos na mata, o som se intensificou fortemente. Nossa cicerone conversou com os presentes e concordou-se que o grupo iria para um local bem ao fundo da mata. Assim, andamos em fila indiana por entre a mata, em constante declive até um local que nos foi indicado. Havíamos sido instruídos anteriormente a levar um lençol. Em determinado momento fez-se a indicação que o grupo iria parar de andar. Observamos que as pessoas estendiam os lençóis no chão irregular e punham-se de joelhos, individualmente, em duplas ou grupos de três ou quatro pessoas. Por pura “imitação prestigiosa”, fizemos o mesmo. Durante o trajeto até o local de “estacionamento” do grupo, nos deparamos com pessoas isoladas, grupos de dois ou três ou grupos maiores de dez ou mais pessoas, de joelhos ou em pé, cantando e orando. Espalhadas, mas próximas umas das outras, as pessoas clamavam orações. De repente, as pessoas pararam de orar, ficaram de pé, dobraram e guardaram seus lençóis. Por iniciativa do pastor, fez-se uma roda e as pessoas começaram a cantar acompanhadas de um pandeiro. Essa ciranda era acompanhada ritmicamente por palmas.

O pastor entremeava os cânticos com pequenas pregações. Depois de muitas músicas cantadas de cor pelos participantes, passou-se para orações espontâneas. Cada pessoa fazia as suas orações no mesmo concomitantemente com que as que estavam do lado. Muitas bradavam a plenos pulmões, com muita glossolalia. Em geral pediam cura física, “libertação” para problemas de relacionamento familiar e desemprego, bênçãos para a igreja e imprecações contra Satanás e/ou seus demônios. Voltou-se a cantar com o acompanhamento de pandeiro e um violão que se agregou.

Notamos que pessoas entravam e saíam da ciranda. Cremos que em certo momento, havia por volta de trinta pessoas reunidas em círculo. Algumas mulheres começaram a profetizar. Estas falavam de cura de doenças e bênçãos para a família (maridos, esposas e filhos/as). Uma mulher colocou as mãos sobre outra e disse algo como “o Senhor está me mostrando espírito de orgulho em você” o que foi rechaçado por outra terceira mulher que “acudiu” a que recebia a profecia. Esta terceira personagem repelia a primeira profetiza com palavras assemelhadas as seguintes: “Essa palavra não é de Deus”... “Eu rejeito essa profecia, em nome de Jesus”.

Depois de certo tempo, o pastor ficou novamente na roda de ciranda que se formou e passou a trazer profecias. Falou que existia uma pessoa com “espírito de traição” ou “demônio de traição” ou que havia “traído seu cônjuge” (não recordamos exatamente esse momento). Esse mesmo pastor, enquanto as pessoas cantavam e oravam na roda, andava por dentro da roda e escolhia subitamente pessoas para ficarem no meio da roda e receberem uma imposição de mãos e oração. Várias pessoas que iam para o centro da roda caíam quase que imediatamente no chão, ato seguido por brados jubilosos de Glória e/ou Glória a Deus e/ou aleluia/s, repetidos incessantemente.

Uma das primeiras pessoas a cair no chão foi uma senhora trajada de vestido, entre sessenta e setenta anos de idade (ouvimos algo sobre seu aniversário e idade, mas não guardamos esses dados). Andando por dentro da roda e de cabeça baixa, o pastor parava bruscamente e puxava o escolhido para o meio da roda. Em determinado momento, o pastor pegou nosso braço com força e de maneira determinada nos levou, melhor dizendo, puxou para o centro da roda. Enquanto todos oravam e estendiam as mãos para o centro da roda, o pastor iniciou uma série de orações em voz bastante alta (gritando) enquanto colocava sua mão sobre a nossa cabeça. Provavelmente como este relator não caiu no chão, nem manifestou glossolalia ou a presença de nenhum demônio, apesar do tempo de oração ter sido maior do que o utilizado em outras pessoas, o pastor pediu a presença de outro pastor na oração.

Enquanto isso, as pessoas permaneciam orando muito alto e olhando para o centro da roda, talvez na expectativa de um desfeito mais espetacularizado.

O segundo pastor nos pediu educadamente e em voz baixa sobre se poderíamos tirar nosso boné para recebermos uma unção com óleo (óleo da unção). Respondendo afirmativamente, foi-nos ministrada uma unção com óleo na testa seguida de imposição de mãos pelos pastores. O pastor líder, com seu braço esquerdo, tomou nosso braço esquerdo e levantou-o de maneira bem esticada. Enquanto orava e impunha a mão direita na nossa cabeça (a palma da mão na testa e os dedos no couro cabeludo) dava pequenos solavancos no nosso braço esquerdo e/ou pequenos empurrões na nossa testa. O fato provável era de perdêssemos o equilíbrio e fôssemos ao chão. Como este relator não queria cair no chão de terra batida e empoeirada, adotamos a postura física de colocar nosso pé direito um pouco mais atrás, como base para mantermos o equilíbrio. Uma vez que, após todos esses procedimentos, nós não fomos ao chão, o pastor terminou sua oração com uma benção sobre a nossa pessoa.

Voltamos então para nosso lugar na roda que continuava “animada” ao som das orações e canções acompanhadas do violão e pandeiro enquanto outras pessoas iam para o centro da ciranda. Em alguns momentos a roda se desfazia parcialmente e pessoas saíam andando, como que sem rumo, em passo acelerado, enquanto faziam suas orações inflamadas ou cantavam. Vimos pessoas em pé, rodopiando sobre si mesmas. Também vimos duas mulheres que se postaram de frente uma para a outra, com os braços esticados para frente na altura dos ombros (tronco ereto).

Durante algum tempo (talvez uns dois) elas executaram uma performance corporal. Quando flexionavam as pernas para baixo (semi-flexão), soltavam um guincho que, com o perdão do nosso neologismo onomatopéico, assemelhava-se a um “áutchi”. Aquela senhora que citamos mais acima como uma das primeiras a cair no chão em êxtase após a imposição de mãos pelo pastor foi protagonista de outro episódio. Em meio da escuridão da noite gélida e gritos de aleluia/s, orações, gritos, imprecações contra o demônio, glossolalia em voz alta, flashes de lanternas e pessoas andando em círculos ou girando, de joelhos ou de pé com os braços levantados, ela caiu novamente no chão. Só que dessa vez ela rolava pelo chão, para cima e para baixo, no declive com raízes expostas onde o grupo estava. Subia muita poeira do chão. Ocorre que a senhora perdeu seus óculos em meio ao poeirão enquanto rolava pela pequena clareira na mata. Pedindo que a acudissem para encontrar seus óculos, algumas pessoas vieram com suas lanternas à pilha para iluminarem o chão local. En-

quanto procuravam pelos óculos da senhora, outras pessoas em oração ou em êxtase passavam por cima ou “trombavam” com aquelas que estavam de joelhos procurando os óculos perdidos. Junto com os gritos “religiosos” ouviam-se “peraí”, “não pisa aí”, “cuidado o óculos da irmã...”. Achados os óculos em meio da escuridão e agradecimentos aos céus, a reunião continuou.

Depois um algum tempo o grupo reuniu-se novamente na formação em forma de círculo, para orações, profecias e cânticos. A jovem que nos disse que veríamos o sobrenatural de Deus naquela noite nos trouxe um pequeno graveto (talvez com dez centímetros de largura por meio centímetro de espessura) na palma da mão. Este graveto foi colhido no local e irradiava uma luminosidade branca que nos pareceu como uma luz do tipo neon. A jovem nos pareceu um pouco frustrada, pois justificou ter achado para nos mostrar, apenas aquele graveto. Posteriormente, ficamos sabendo que a visão de pedaços de galhos e folhas irradiando luz não é incomum entre frequentadores de orações no monte.³³ Esses relatos de luz irradiada em galhos e folhas são atribuídos à presença e poder do Espírito Santo. Quando soubemos que o grupo iria ficar até o início da manhã, nos despedimos da nossa anfitriã e nos retiramos por volta das 03h00min horas, com uma caminhada serpenteando a mata morro acima.

4.10.1 Oração no monte em Diadema

A partir da experiência do “Monte da Pirelli”, designações que ouvimos da boca de frequentadores desse espaço religioso ficaram intrigados por conhecer melhor essa prática cültica protestante alternativa em relação ao que é praticado nos templos. Tendo ouvido falar sobre a existência de um local de “oração no monte” na cidade de Diadema, para lá nos dirigimos na noite de quinta-feira, nove de outubro de 2008. Um frequentador metodista, estudante de teologia da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo e residente no bairro Rudge Ramos em São Bernardo do Campo, foi nosso cicerone. Este nos informou que é bastante comum, estudantes de teologia dessa universidade, de diversas denominações

³³ Disse-nos um pastor assembleiano da cidade de Diadema - SP, que um membro da sua igreja certa vez viu um grande tronco tão iluminado em uma reunião no monte que quis levar para sua residência, no que foi desestimulado pelo pastor. Uma metodista de Campinas nos disse que após horas de orações em um monte da cidade (na verdade dentro do município de Valinhos e muito próximo da divisa com Campinas) as folhas caídas no chão estavam brilhando.

protestantes, frequentarem esse local nas noites de sexta-feira para sábado. Certa feita, nessa mesma universidade acima citada, perguntamos diretamente para um estudante de teologia se este tinha o costume de “orar no morro”, ou se sabia detalhes desse costume. O mesmo nos retrucou imediatamente que, não se “ora no morro”, mas sim “no monte”. A inspiração para se orar “no monte” nasce das inúmeras passagens bíblicas que descrevem teofanias em montes. No ambiente religioso, reajustamos nosso linguajar para “oração no monte” e não mais “oração no morro”, embora os locais que viemos a conhecer para a prática desse costume evangélico, não passe de pequenos montes ou elevações de pouca expressão. Na verdade, tanto em Campinas quanto em Diadema, observamos o fato de que as pessoas vão fazer suas preces e atividades religiosas não na parte mais alta da elevação geográfica, mas nos declives e fraldas. Por uma questão de agenda e oportunidade, estivemos no monte (morro) de Diadema em uma quinta-feira, dia da semana com frequência bem menor de fiéis praticantes de “oração no monte”.

Nosso informante e cicerone disse que, para ele, bem mais de mil pessoas se reúnem pela mata nas madrugadas de sexta-feira. A partir de São Bernardo do Campo – Bairro Rudge Ramos, fomos pela Via Anchieta no sentido litoral até o município contíguo de Diadema, onde a partir de uma saída dessa estrada, tomamos diversas ruas até chegar a uma periferia de Diadema. Estacionamos nosso veículo em uma rua de asfalto (sem saída), próximo do portão de entrada do monte de oração. Nessa oportunidade fomos munidos de uma câmera fotográfica. As fotos que colhemos foram feitas por nosso informante, cuja identidade manteremos em sigilo. Também fizemos gravações de sons e canções recolhidas pela mata.

A figura a seguir, colhida do *Google Earth* mostra uma vista superior da região (inclusive com as coordenadas geográficas).

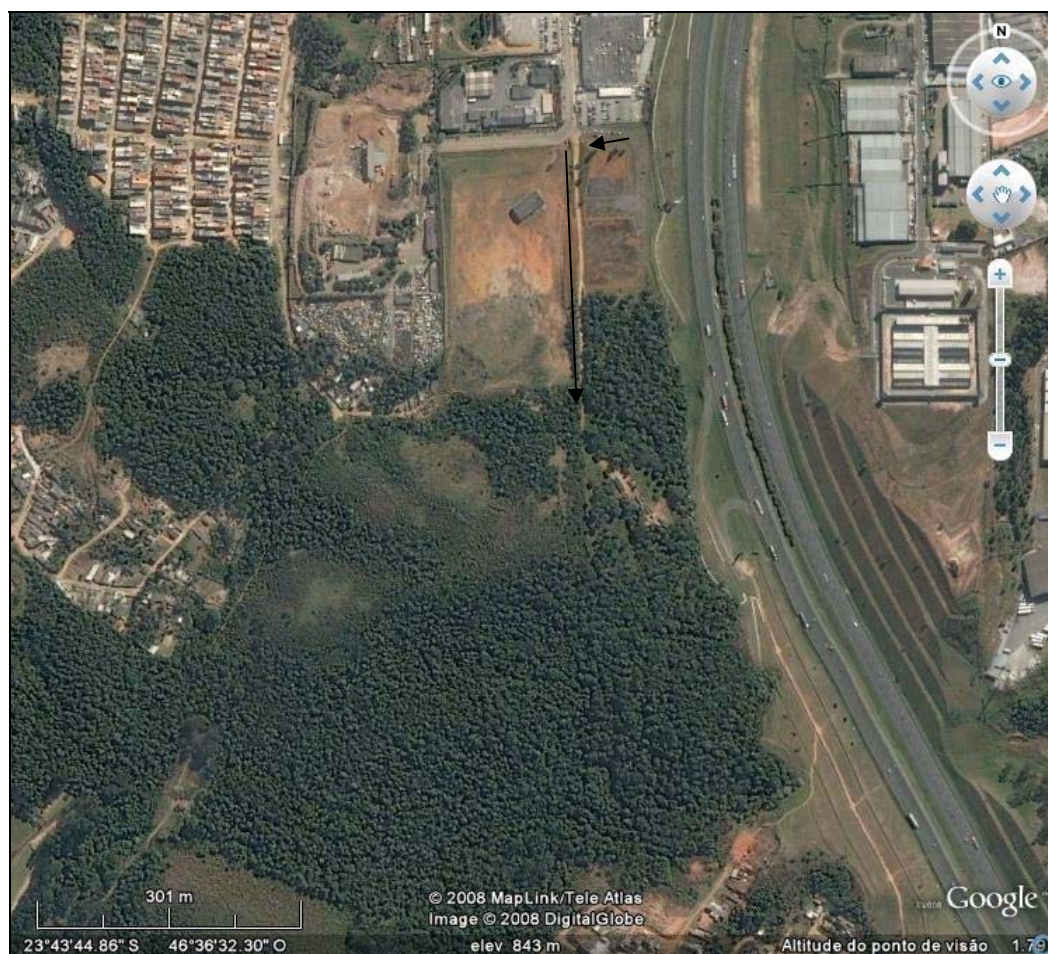


Figura 112 – Vista superior da mata em Diadema

Na figura acima vemos à direita a Via Anchieta. A seta menor indica o portão de entrada para o morro. A seta maior indica o caminho morro acima que as pessoas percorrem até chegarem ao alto quando então se embrenham morro abaixo na mata.



Figura 113 – Portão de entrada do “Monte de oração”

Percebemos em Diadema, tal qual em Campinas que a entrada para o Monte de oração é também um espaço sagrado para muitos praticantes. Estes não entram morro acima sem antes fazerem suas preces em uma espécie de preparação espiritual de purificação para a jornada noite adentro. Alguns fazem essas orações após terem passado pelo portão de entrada. Esclarecemos que, na verdade, o portão fica fechado, mas há uma pequena passagem lateral que é utilizada pelos usuários desse espaço religioso.

A fotografia apresentada a seguir mostra esse portão que faz às vezes de “portal espiritual” para muitos, visto de uma perspectiva um pouco superior, já pelo lado de dentro. Em primeiro plano, do lado esquerdo da foto, há um homem de terno e gravata efetuando uma prece com a mão esquerda alçada e uma bíblia na mão direita (oculta na foto). Mais abaixo existe outro homem, também de paletó e gravata, segurando uma bíblia na mão esquerda. A rua aos fundos e a esquerda é onde ficam estacionados os automóveis dos frequentadores. Disse-nos um vigia de uma fábrica vizinha da entrada do monte, que nas sextas-feiras, a rua fica completamente tomada de veículos estacionados. É possível observar nessa figura, o movimento preparatório para a entrada no monte. Há um burburinho de pessoas ao redor desse espaço.



Figura 114 Na subida do monte em Diadema

A fotografia acima, assim como as demais tiradas nesse dia, foram efetuadas com muito pouca luminosidade. Apesar do *flash* da câmera, precisaram de tratamento para sua utilização. Ainda assim nos foram úteis para registro de peculiaridades desse costume evangélico de oração no monte. Quando estivemos no “monte da Pirelli” em Campinas, notamos algumas pessoas vestidas de branco. Pensamos que eram lençóis enrolados ou adaptados ao corpo em razão do frio que fazia naquele local em Campinas. Deparamos-nos em Diadema com pessoas vestidas de branco tal qual em Campinas (vide setas acima). Perguntamos ao nosso informante e cicerone e este nos disse que tais pessoas utilizavam tais vestes brancas para se parecerem com os anjos. Mesmo estando Campinas distante 114 quilômetros de Diadema, encontramos a utilização do mesmo traje religioso popular. Outra verificação em relação às vestimentas foi constatar que em ambas as situações de oração no monte, isto é, Campinas e Diadema, muitos homens vão trajados de paletó e gravata que, para nós, deve ser entendida também como uma veste litúrgica, no sentido de emprestar um peso de espiritualidade para quem a enverga. A fotografia a seguir corrobora nossa observação sobre a utilização do paletó e gravata (terno ou costume) como veste religiosa.



Figura 115 Vestes religiosas

Na figura acima, vê-se primeiro plano, duas pessoas conversando, sendo que uma delas está de terno e portando uma bíblia na mão esquerda. A outra pessoa está com um capuz na cabeça e luvas nas mãos, os que nos faz inferir que estava fazendo bastante frio naquela noite. A seta mostra um fiel do outro lado da rua, manipulando seu traje religioso branco de anjo. Os veículos estacionados na rua e na calçada são dos frequentadores do espaço religioso.

Conforme subíamos o monte, víamos varias pessoas isoladamente, em duplas ou trios e mesmo o que nos pareceu famílias com crianças, adentrem a escuridão. Vimos crianças pequenas e de colo em vários espaços do monte. Quanto mais perto do alto do morro, mais fácil ficava ouvir os clamores que ecoavam da mata. Uma vez dentro da mata, tal qual em Campinas, ouvia-se uma polifonia de vozes. Muitas pessoas faziam suas preces sozinhas, em pé gesticulando ou ajoelhadas. Mais uma vez, tal qual em Campinas, ouvia-se um vozeiro vociferante emanado por todos os lados da mata escura. Várias fotos foram feitas da seguinte forma: apontava-se e “clicava-se” a câmera para uma parte da mata completamente escura, mas de onde parecia emanar uma prece ou parecia haver um vulto. Após o “clareamento” de várias fotos, surgiram imagens como as que a seguir são apresentadas e comentadas.



Figura 116 Oração no monte: pessoas trajadas de anjo

Na composição acima, vemos do lado esquerdo dois homens (bem agasalhados) elevando suas preces de olhos fechados e cabeças elevadas. Suas mãos estão unidas em forma de prece. Do lado direito temos a presença de quatro pessoas ajoelhadas, não em um lençol, mas em uma lona. Duas delas estão trajadas “de anjo”. Note-se que elas não estão apenas ajoelhadas, mas de fato prostradas com o rosto em terra.



Figura 117 Manifestações no monte

Na composição de imagens acima, vemos no quadrante superior esquerdo um homem vestido com um costume e bíblia na mão esquerda. Ele está apontando seu dedo da mão direita para nenhum lugar específico. Tal senhor gesticulava e travava em alta voz co-

mo que uma discussão no ar (não pudemos anotar ou gravar suas palavras). No quadrante superior direito, vemos um casal em uma das pequenas clareiras que se formam na mata pelos usuários dessa prática religiosa. No quadrante inferior esquerdo, vemos uma senhora na pequena clareira, dirigindo suas orações em direção da mata escura e fechada. No quadrante inferior direito, vemos dois homens orando isoladamente, separados por apenas alguns metros. O primeiro está na mesma atitude de prostração com o rosto em terra, conforme já detectado e registrado anteriormente. O segundo, em pé, profere ao ar suas orações com os braços levantados e mãos abertas na altura dos ombros.



Figura 118 Tipo de vegetação encontrada na mata

Na parte esquerda da composição fotográfica acima é possível constatar o tipo de vegetação encontrada na mata, isto é, árvores de porte e arbustos rasteiros. A seta de cor branca indica a existência de declividade em um “barranco” no meio da floresta (pela localização, arriscamos dizer que provavelmente é um resquício da Mata Atlântica). Após o tratamento da imagem captada digitalmente, descobrimos três pessoas de mãos dadas próximas desse “barranco”. Na parte direita da figura acima, ainda na entrada do morro, aproveitamos para assinalar uma atitude vista também no “Monte da Pirelli” em Campinas, isto é, a auto-imposição de mãos sobre a própria cabeça.

4.10.2 A segunda e terceira visitas ao “Monte da Pirelli”

Em 10 de outubro de 2008, sexta-feira, retornamos pela segunda vez ao “Monte da Pirelli” para observarmos novamente a expressão religiosa protestante noturna. Pouco depois, em 16 de outubro do mesmo ano, fomos pela terceira vez ao local, agora durante o dia para tomada de fotografias diurnas.

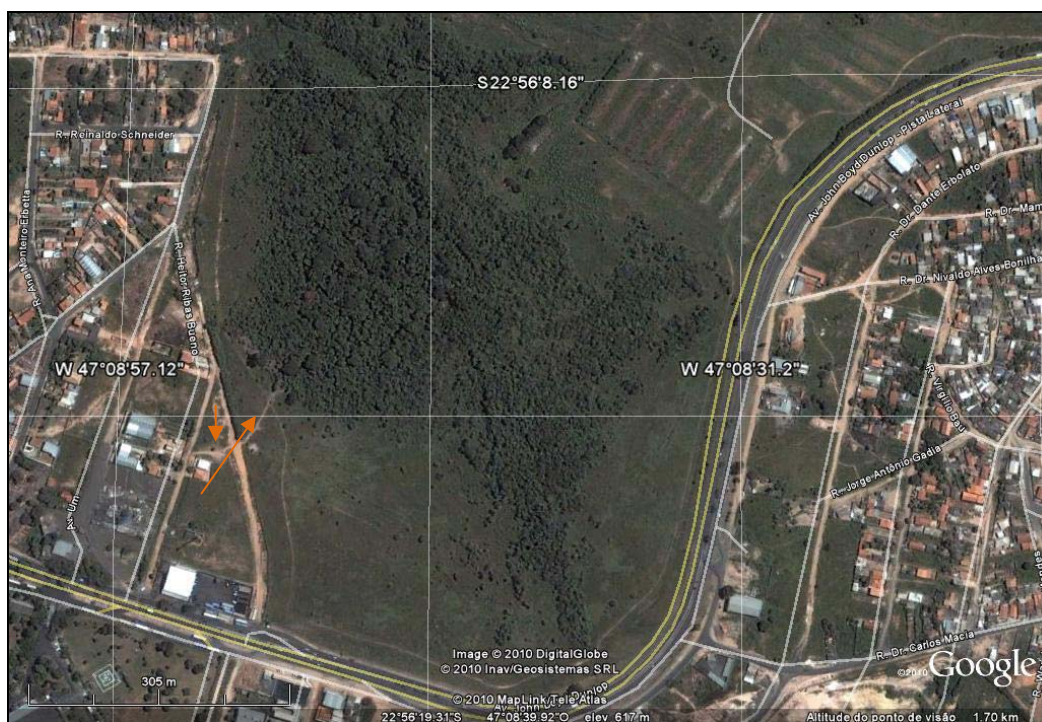


Figura 119 Monte Pirelli

A imagem acima foi acessada em 25 de agosto de 2010 e apresenta o chamado “Monte da Pirelli” (inclusive com as coordenadas geográficas). A seta menor indica a porteira chamada pela já mencionada Irmã Maria de “portal de Deus”. A seta maior indica a direção do declive da esquerda para a direita.



Figura 120 porteira e a passagem de pedestres para irem ao monte

A fotografia acima mostra em detalhe a porteira e a passagem de pedestres constituída de três moirões dispostos triangularmente de maneira que as pessoas possam passar fazendo uma ligeira curva. Vê-se ao fundo a mata fechada. Esse é o “portal de Deus” já mencionado. Em nossa segunda visita ao local, vimos muitos carros e vans estacionados no terreno adjacente ao ponto de entrada. Também testemunhamos o ritual de se fazer orações individuais ou em grupos, antes da passagem em direção à mata.



Figura 121 Trilha que leva em descida para a entrada da mata

A figura acima mostra uma trilha no meio de um pasto que leva em descida para a entrada da mata. Nesse local, assim como em parte da mata, existe muito estrume de gado (também pisoteado pelos fiéis transeuntes noturnos).



Figura 122 Densidade dessa mancha florestal urbana

A fotografia acima, tirada próxima da borda da mata, permite que se aquilate a densidade dessa mancha florestal urbana, ao se verificar a existência de árvores de médio e grande porte.



Figura 123 Animais no campo de pastagens

Embora não tenhamos visto animais soltos nas duas noites que lá estivemos, o espaço é utilizado como campo de pastagens.



Figura 124 Placas na entrada da mata para instruir as pessoas

Entre as placas encontradas na entrada da mata, chamou-nos atenção de uma que dizia “esta é uma APA”, isto é, uma “área de proteção ambiental”. Caso trate-se verdadeiramente de uma APA, tanto o trânsito de animais e de pessoas pela mata é ilegal.

A figura a seguir mostra um segmento da parte interior da mata. Assinalamos uma espécie de círculo no chão. Tanto em Diadema quanto em Campinas, verificamos que as pessoas tendem a formar rodas para as orações. Um observador diurno irá notar nos dois locais pesquisados, inúmeros círculos ou pequenas clareiras por entre os meandros da mata. Certamente são formações surgidas pela utilização contínua do local para a prática religiosa.



Figura 125 Um dos lugares de oração

Em nossa segunda visita ao local, observamos com mais vagar as manifestações religiosas do “monte”. Estas eram muito assemelhadas às verificadas em Diadema. Na medida em que se ia adentrando a mata ouviam-se manifestações de talvez, centenas de pessoas orando, clamando e cantando. Parados no meio da mata, fizemos um giro de 360° e por todas as radiais se ouviam vozerios. Encobertos pela escuridão, ficamos próximos de vários grupos e pessoas individuais. Da mesma maneira que Diadema, muitas clamavam por cura física, genericamente por “libertação”, por emprego para si ou para familiares. Ouvimos brados de orações por filhos e cônjuges, por igrejas, por pastores, etc. Ouvimos muitas vezes expressões tais como “entra com tua providência”, “vai entrando com providência” e outras assemelhadas. Também vimos vários homens trajados de costumes e pessoas vestidas de anjos. Vimos e ouvimos novamente cirandas embaladas por cânticos acompanhados de violões e pandeiros. Assim como em Diadema, recolhemos os “sons da mata” e algumas canções. Apresentadas tais canções ao Professor Diolino Pereira de Brito – Mestre em Ciências da Religião e também Mestre Capoeirista, este nos falou da certeza de que os ritmos acompanhados por pandeiros eram de matriz afro.

Quando resolvemos sair da mata, por volta das 01h30min horas, percebemos que, apesar da nossa lanterna de pilha, estávamos perdidos no labirinto da mata escura. Saímos então perguntando para as pessoas que encontrávamos. Após vários “Paz do Senhor, irmão

(ã)” da nossa parte e correspondido da mesma forma, as pessoas nos indicaram os caminhos morro acima até o pasto descampado, quando então encontramos a saída.

4.11 Orações em público

Por volta das 13h00minh do dia 09 de março de 2010, estávamos almoçando na “Cantina da Física” situada dentro do *campus* da UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, entre o Instituto de Física e o prédio do Ciclo Básico. O apinhado local oferece refeições no estilo *self service* e é frequentado por centenas de estudantes, professores, funcionários e visitantes daquela universidade pública. Chamou-nos a atenção que, em uma mesa próxima da nossa, dois homens (por volta dos trinta anos) fecharam seus olhos, abaixaram ligeiramente as suas cabeças e encurvaram um pouco seus troncos em um distintivo sinal de prece que nos foi impossível escutar devido ao vozerio estudantil próprio da grande presença dessa categoria. Imediatamente nos recordamos da obra do cartunista norte-americano Norman Rockwell (1894-1978) intitulada *Saying Grace* (Dando graças) de 1951 (SCHORR, 1999, p. 22; BUECHNER, 1996, p. 461), famoso por retratar cenas do cotidiano de seu país. Nessa ilustração, Rockwell capta o sentimento de desconforto e surpresa de dois jovens (ambos fumando) sentados à mesma mesa de um restaurante com uma senhora e uma criança, estes dois últimos de cabeça inclinados e troncos também ligeiramente inclinados. A contrastante senhora é retratada de olhos fechados e com as mãos juntas (dedos firmemente entrelaçados) em forma de prece. Diferentemente do quadro de Rockwell de 1951, nossa reprodução ao vivo de 2010, mostrou dois personagens que não entrelaçaram as mãos para orar, mas seguraram os talheres com ambas as mãos e punhos recostados na borda da mesa. De fato, antes da refeição, eles não se constrangeram em destoar do comportamento coletivo circundante e ostensivamente fizeram suas orações de agradecimento pelos alimentos que iriam comer. Em momento oportuno, buscamos uma conversa com os “orantes” e perguntamos se eles eram crentes, o que nos foi respondido de forma afirmativa. Uma vez identificada nossa pertença religiosa, fomos cumprimentados com “a paz do Senhor, irmão” e “paz do Senhor”.

Os dois se identificaram como funcionários da UNICAMP, sendo um deles pertencente à Igreja do Nazareno em um dos bairros de Campinas que não o Parque Oziel. A Igreja do Nazareno tem 53 igrejas locais na cidade de Campinas (NAZARENO, 2010). O outro se identificou como congregante em uma igreja que não pudemos anotar o nome em razão

das condições inusitadas da entrevista, mas que identificamos como um dos chamados “ministério independente” de traço pentecostal. Foi-nos informado também que esta igreja tinha acabado de trocar de nome. Tal expressão pública de religiosidade, embora não frequente, já foi vista por nós em diversas outras ocasiões, evidentemente que sem o nosso interesse atual de pontuar e descrever costumes evangélicos.

O rápido diálogo encerrou-se com um convite incisivo para que comparecêsemos em uma reunião pública de evangélicos que se reúnem semanalmente nesse *campus* da UNICAMP na praça denominada Praça da Paz. Vimos este episódio como um exemplo público de comportamento corporal moldado e introjetado pelo exercício de uma fé religiosa, bem como pudemos testificar que fora dos locais de culto, evangélicos podem interagir e comportar-se sob a bandeira de uma mesma fé comum e supra-denominacional.

CAPÍTULO 5 CONCLUSÃO

INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XIX marcou a chegada e estabelecimento definitivo do protestantismo de missão na região de Campinas. O protestantismo de imigração norte-americano tornou-se a principal base do protestantismo de missão norte-americana que, a partir da região Campinas-Piracicaba irradiou e perenizou o movimento proselitista. A sociedade campineira passou a conviver com novos atores religiosos. Estes vieram a ser reconhecidos sinonimamente como protestantes ou evangélicos. Constitucionalmente proibidos de construir templos, somaram forças com aqueles que vieram destituir a monarquia brasileira. Alavancados pelo espírito do Destino Manifesto, os protestantes norte-americanos esforçaram-se em mostrar para a sociedade, através das elites liberais, que eram portadores de uma religião e culturas superiores.

Em Campinas, na metade do século XX, eram menos de 1.500 pessoas aderentes nas poucas comunidades (ou igrejas) existentes na cidade (nesse cômputo não há pentecostais). Já na virada do século XX para século XXI, passaram a representar 18,31% da população de 969.396 habitantes da cidade. Utilizando as definições e estatísticas do IBGE, os evangélicos

cos de missão, primeiros portadores do proselitismo, representavam em 2000, 3,65% da população campineira. Esse percentual é largamente superado pelos 13,15% de evangélicos de origem pentecostal (“outras religiões evangélicas” representam 1,51% da população em 2000) (IBGE/SIDRA, 2010). Fica visível a predominância de adesão e sucesso do protestantismo no corte pentecostal. Isso nos faz inferir que os costumes produzidos pela prática religiosa, estão marcados por essa principal tendência religiosa, embora o número de 3,65% de praticantes do protestantismo de missão (35.378 aderentes) não seja um valor desprezível no conjunto da população.

Não temos uma estatística sobre a adesão religiosa no Parque Oziel, porém encontramos de forma bem distribuída pela região um número significativo de igrejas evangélicas, principalmente pentecostais. Tal fato nos sugere que a população dessa região deve no mínimo espelhar a estatística de adesão religiosa de Campinas de 18,31 % de evangélicos campineiros em 2000, senão superá-la. A amostragem evangélica pesquisada no Parque Oziel nos dá uma base segura para um olhar sobre os costumes evangélicos atuais nessa região e conseqüentemente em toda a região da cidade Campinas.

A presença dos evangélicos no Parque Oziel ocorre inicialmente pelas mesmas razões motivadoras dos outros habitantes iniciais dessa comunidade. O desemprego e a falta de moradias levaram um agrupamento de pessoas a ocupar uma gleba de terra desabitada na cidade de Campinas. Muitos moradores iniciais eram migrantes como é o caso do Vereador Jairson Valério dos Anjos, o Vereador Canário, e de sua família. Esse líder comunitário do Oziel é natural da Bahia, vindo para São Paulo após moradia no Paraná. Também o Reverendo Deny Anderson da Costa, pastor da Igreja do Nazareno Canaã no Parque Oziel é um exemplo de migrante (Curitiba – PR) que aportou no Oziel.

Outra explicação plausível para o número de igrejas evangélicas instaladas no Parque Oziel (Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B) é o apoio claro e decisivo do Vereador Canário para a implantação de qualquer igreja evangélica no bairro, como vimos na entrevista dada pelo Edil campineiro. “Abri as portas para que todas... quem quisesse comprar igreja dentro do Parque Oziel, estava lá. Desde que fosse falar de Jesus (Entrevista com o Vereador Canário – Resposta 11)”.

As entrevistas com o Vereador Canário e o Reverendo Deny Anderson da Costa, de maneira especial, assim como outros depoimentos colhidos no bairro, fizeram aflorar a existência de uma animosidade entre os três bairros fruto dos embates políticos entre as lideran-

ças iniciais da ocupação. Essas diferenças são percebidas pelos líderes religiosos evangélicos contatados, conforme consta nas entrevistas e relatos de visitas nas igrejas.

A concorrência pelo mercado de adesão religiosa intra evangélica é acirrada no bairro, conforme vimos pela resposta 28 da entrevista do Rev. Deny Anderson da Costa, de tal forma que as relações com a Igreja Católica são mais amistosas do que entre as igrejas evangélicas concorrenciais entre si.

Uma descrição padrão idealizada de um templo protestante campineiro dos primeiros tempos de inserção dessa vertente religiosa cristã, poderá apresentar uma frente chamada de altar com a presença de uma mesa da eucaristia, um ou dois púlpitos de madeira para a pregação e direção litúrgica. A assistência fica assentada em bancos de madeira ou “bancos de igreja”. Os cânticos são entoados com o apoio de hinários impressos. Essa assembleia entoa canções religiosas através do acompanhamento de um órgão ou piano. O corpo está regrado por uma liturgia que diz quando se deve ou não levantar, assentar, abaixar a cabeça e fechar os olhos. Também se rege o comportamento bancário da assistência que escuta um sermão racional oriundo do livro místico – a Bíblia.



Figura 126 – Culto na Igreja Metodista Central em Campinas – (ESTRADA, 2004, foto templo 06)

Para efeito de comparações dentro do espírito eliasiano de pesquisa, olhemos para a fotografia acima (figura 127). Em tal fotografia, efetuada durante um culto na Igreja

Metodista Central em Campinas na década de 1930, podemos ver os fiéis assentados em bancos de madeira (os mesmos que lá estão até hoje), voltados para frente do espaço cúbico. Pode-se ver também inscrições bíblicas pintadas na parede do templo tal qual encontramos atualmente no Parque Oziel.³⁴ Uma parte pequena de um quadro com tipos móveis utilizado para informar as leituras bíblicas e os hinos que serão entoados durante o culto pode ser visto do lado direito da fotografia, função que foi substituída pelo uso do *datashow* nessa igreja e é o arranjo utilizado em várias igrejas do Parque Oziel. Após os bancos, existe uma cancela que delimita o local onde se encontram respectivamente, a mesa da eucaristia, um púlpito central de madeira e três cadeiras ocupadas por pastores e liturgistas. Os ocupantes das três cadeiras mencionadas estão de paletó e gravata, assim como parece ser a vestimenta de homens na assistência. Várias mulheres na assistência estão portando chapéu. A cancela mencionada, que é equipamento comum em templos metodistas mais antigos, também possui um genuflexório utilizado para ministração da Eucaristia ou Santa Ceia, bem como para apelos para se ir “ao altar”. Excetuando-se a decoração com vasos de flores (inclusive um sobre a Mesa da Eucaristia), a frente do local cúbico é despojada. Provavelmente, o instrumento musical para acompanhamento dos hinos e coral, estava no balcão onde a fotografia foi executada. Existe nessa comunidade um harmônio mal preservado que serviu como instrumento litúrgico para essa comunidade durante décadas. Atualmente, na parte frontal desse local cúbico, “orbitam” fios, microfones e pedestais, instrumentos musicais, *datashow*, tela de projeção (telão) e mesas de controle de som, de forma muito assemelhada com o que encontramos nas igrejas da ocupação do Parque Oziel.

Nos templos protestantes não existe um altar propriamente dito. O altar, local de sacrifício, foi substituído pela mesa da eucaristia, na esteira da desconstrução da missa perpetada por Karstadt na Alemanha e Zwínglio na Suíça. Em diversas igrejas evangélicas e conforme relatos colhidos no Parque Oziel (Oziel, Monte Cristo e Gleba B) é frequente o apelo para que se venha “à frente” ou “ao altar” para nesse espaço do templo, receber e se fazer orações por conversão pessoal, cura de doenças, arrependimentos de pecados ou pactos de novas atitudes diante de Deus (muitas vezes as orações por cura física são acompanhadas de unção com “óleo da unção”).

³⁴ Vide figuras 83, 84, 100 e 112.



Figura 127– Tomada exterior da Igreja Metodista Central em Campinas (ESTRADA, 2004, foto templo 07)

Note-se na figura acima a presença da torre acima das duas entradas do templo. Em 1956 o templo foi interditado sob alegação de cupins no forro e alargamento da rua por ordem do então Prefeito Municipal Rui Novaes. Essa torre foi destruída e nunca mais reconstruída. Tal torre é assemelhada com muitas outras construídas em igrejas metodistas no Brasil, Inglaterra e Estados Unidos, apenas para citar algumas características arquitetônicas dessa expressão protestante. Torres ainda podem ser vistas em templos evangélicos antigos no Brasil (evangélicos de missão e pentecostais). Existem templos luteranos no Brasil onde, além da torre, o sino ainda cumpre uma função social de comunicação na comunidade, em datas especiais, tais como casamentos, batismos e falecimentos. Entendemos que para os evangélicos, a exibição de uma torre era motivo de ostentação visual de pertencimento e independência religiosa. A necessidade arquitetônica de mostrar externamente uma torre deixou de ser relevante, pois os evangélicos não lutam mais por liberdade de expressão religiosa que hoje é ampla.

É interessante observar que no templo metodista acima, cujo primeiro culto foi efetuado em 1923, existem aberturas (janelas) muito assemelhadas às encontradas nos

diversos templos rústicos do Parque Oziel. Outras semelhanças e dessemelhanças com as antigas manifestações evangélicas na cidade poderão ser encontradas a partir da descrição dos hábitos evangélicos colhidos no Parque Oziel.

Como critério para apresentação das nossas conclusões sobre tais hábitos evangélicos optamos por relacionar os mesmos em três grupos, respectivamente “hábitos litúrgicos”, “práticas extra-templos” e “hábitos identitários”.

5.1 Hábitos litúrgicos

5.1.1 Demanda por músicos e contra-regras ou sonoplastas

Definitivamente incorporado à “paisagem” da maioria dos templos que conhecemos, dentro e fora do Parque Oziel, sejam evangélicos de missão ou pentecostal, está a presença da bateria de jazz, guitarras elétricas e outros instrumentos, muitas das vezes tomando toda a frente do templo, transformando o “altar” em palco. É interessante observar que a bateria de jazz seria um instrumento litúrgico impensável nas igrejas evangélicas brasileiras quando de sua criação para acompanhamento das músicas de *jazz*, sucessão do *ragtime* surgido por volta de 1890 no Missouri (EUA) (RIBEIRO, 2005, p. 314). Um órgão ou um piano necessitam de pouca manutenção e pouco pessoal especializado para a sua execução. Já a parafernália instrumental dos chamados “conjunto de louvor”, “grupo de louvor” ou banda, requer um grau maior de conservação, bem como a necessidade de um número maior de músicos. Esses novos hábitos cúltricos protestantes geram demanda na sociedade por manutenção desses equipamentos (caixas de som, cabos, guitarras, mesas de som, etc.), bem como por cursos de música instrumental. Em princípio, não existe culto protestante regular atualmente sem toda essa descrição. Existem diversas escolas de música em Campinas que ofertam cursos para suprir essa demanda. Em muitas das vezes, o líder da banda (ou do louvor ou da adoração), assume um papel de preeminência em relação ao clérigo da igreja, suplantando a prédica. “A rígida ordem do culto, característica do protestantismo, é desnecessária quando, no lugar do orador, temos, no centro do culto, um animador das emoções, um provocador dos êxtases coletivos, como acontece nos pentecostalismos (RIVERA, 2005).”

Um exemplo do perfil pastoral atual que engloba, além das funções pastorais de prédica e cura d’almas, as funções de líder do louvor e dirigente de banda gospel, é o

encontrado na Igreja do Nazareno Canaã no Parque Oziel.³⁵ O pastor local com sua banda faz apresentações inclusive em espaços considerados “profanos” ou “seculares” como foi demonstrado na pesquisa.³⁶

Existe em Campinas, uma de rede de oferta de vagas para músicos em bandas de rock evangélico, conforme diversos bilhetes que vimos afixados em escolas de música e lojas de venda de instrumentos musicais, do tipo “procura-se músico evangélico para a vaga de baixista (ou guitarrista, baterista, etc.). Existe um movimento maior de pessoas nessas lojas nos dias de sábado em razão das apresentações que ocorrem pelas igrejas nas noites de sábado e nos cultos de domingo. Os chamados “grupos de louvor” ou “banda *gospel*” percorrem um circuito informal de igrejas em um movimento ecumênico intra-evangélico espontâneo ou não programado formalmente. Nessa ora, as diferenças entre as igrejas são relevadas por seus líderes, em função do movimento ou animação proporcionada pela movimentação dessas bandas, principalmente entre os jovens. Essas mesmas lojas vendem instrumentos de percussão de origem popular africana, como bongos e tumbadoras que atualmente estão incorporados nos hábitos musicais protestantes (sacralizados após a “unção” com óleo). Tivemos oportunidade de presenciar em madrugadas de observação nas “orações nos montes”, conforme reportado no item 4.9 Oração no Monte – prática cültica alternativa aos templos, vários grupos que entoavam cânticos de matriz afros acompanhados por um ou mais de um pandeiro. O pandeiro também está presente nas celebrações do Parque Oziel conforme podemos vê-lo na figura 83. Na mesma linha de descrição dos hábitos protestantes no culto, podemos dizer que não há culto protestante sem a figura de um novo elemento em adição ao clérigo e ao dirigente do louvor, isto é o “contraregra” que “pilota” a mesa de som e a iluminação. Como vimos nas igrejas do Oziel, muitos cultos são apoiados com o uso de projeção com *datashow* e telão. Nesse momento as pessoas ficam divididas entre olhar para o dirigente e o telão. São projetados em geral, textos bíblicos, paisagens, hinos, louvores e corinhos (assumindo a diferença entre “louvor” e “corinho”). Assim, durante um culto no Parque Oziel canta-se hinos, corinhos e louvores (estes últimos reproduzidos do mundo *gospel* midiático). Neste momento, somos inclinados a pensar que isso não é ensinado nos seminários evangélicos, porém é uma prática habitual nas igrejas, cujos membros procuram cursos livres de aperfeiçoamento na área de acústica ou passam seus conhecimentos para

³⁵ Vide figuras 82 e 83.

³⁶ Vide nos anexos a resposta 29 da entrevista com o Reverendo Deny Anderson da Costa.

outros fiéis, em geral do “Ministério do louvor”. Em que pese às inúmeras possibilidades de variação de funções e nomes, as atividades nas igrejas são exercidas por “ministérios”, isto é, um engajamento de fiéis em determinado ramo de ação na comunidade. Assim, exemplificativamente, poderá haver em uma igreja o Ministério do Louvor (ou Louvor e Adoração ou Adoração ou da Música, etc.), Ministério da Liturgia, Ministério da Visitação, Ministério da Pregação (ou da Palavra ou da Proclamação), Ministério da Administração, etc. Em tese, um contraregra poderá escolher ser membro do Ministério do Louvor ou da Liturgia, conforme as regras de administração local de escolha de nomes para as tarefas da comunidade.

Todas as igrejas visitadas no Parque Oziel possuem um equipamento de som constituído de no mínimo, microfones, amplificador, caixas acústicas e mesa de som.³⁷ Existe um uso intensivo de música cantada com *playback* durante as celebrações cülticas, conforme os diversos relatos anotados durante os cultos na região. O estilo de homilética utilizada pelos pregadores do Parque Oziel sofre a influência da disponibilidade do equipamento de amplificação de voz. Vimos várias vezes que aquele ou aquela que toma a frente das atividades litúrgicas empunha o microfone com uma das mãos e passa movimentar-se livremente pela área ao redor do púlpito ou mesmo por entre os bancos da assistência. Mesmo as igrejas com espaços cülticos menores fazem uso largo da parafernália de som.

Nossa impressão é de que nas igrejas do Oziel (exceto na Igreja Batista do Oziel e na Igreja Presbiteriana Independente do Parque Oziel) o volume do som durante os cânticos e pregações segue o indicativo por nós colhidos e reportado durante o culto na Igreja Deus te Ama. Nessa igreja e na Igreja Vale da Benção não havia instrumentos musicais, porém os cânticos eram entoados com *playback*.

5.1.2 Substituição dos púlpitos de madeira por púlpitos de acrílico

Ao longo dos anos temos visitado diversas igrejas evangélicas e visto muitas delas através de sites disponibilizados na internet e cultos transmitidos pela televisão. Temos observado em várias igrejas que os púlpitos de madeira estão sendo substituídos por púlpitos de acrílico que permitem melhor mobilidade cênica no palco/altar, isto é, eles podem ser

³⁷ Vide figuras 83, 84, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 109 e 112.

deslocados (entrar e sair de cena) durante o culto. Isso se dá, provavelmente pelo fato de que o tempo de prédica encurtou pelo privilegiamento das músicas de louvor no chamado estilo *gospel*. Talvez isso ocorra ainda, pelo fato de que o pregador agora se movimenta pelo palco/altar trazendo a revelação não mais pela interpretação racional de um texto sagrado, mas pela interpretação extática e emocional da própria pessoa desse pregador ou pregadora. O eixo desloca-se de uma pregação racional emanada por um pregador “estaqueado” atrás de um púlpito fixo de madeira com o livro sagrado quase que escondido, para uma exposição corporal e gestual do pregador com uma bíblia “movente” em suas mãos. Simbolicamente, as mensagens não provêm da Bíblia, mas da revelação direta recebida pelo pastor ou pastora. Nesse caso, um púlpito de acrílico permite a necessária transparência que não obstrua a revelação da corporeidade do mensageiro/a. Nossa suposição e hipótese inicial eram de que encontraríamos no Parque Oziel, uma quantidade expressiva de púlpitos de acrílico que fossem movimentados livremente pela frente do espaço cútico apenas para utilização durante as pregações.

Ocorre que as pesquisas de campo não corroboraram nossas expectativas, ao menos no que diz respeito ao Parque Oziel. Encontramos apenas um púlpito de acrílico, ainda assim com baixa transparência e permanentemente estacionado ao centro do salão de cultos, conforme figuras número 106 e 107. Na disposição interna do mobiliário cútico das demais igrejas do Parque Oziel os púlpitos são todos de madeira e postados ao centro e de frente para a audiência. Em geral são cobertos por uma toalha de renda ou com detalhes de renda. Não vimos nessas coberturas nenhum destaque de cores litúrgicas sugeridas pelo calendário cristão. Em geral encontramos um ou dois vasos de flores ou floragens ladeando os púlpitos como parte da decoração. Os custos de aquisição de púlpitos foram enfrentados com certa dose de criatividade como pudemos verificar pelo depoimento do Rev. Deny Anderson da Igreja do Nazareno Canaã que adaptou um balcão como púlpito. O mesmo foi feito na Igreja Deus te Ama.³⁸ A Igreja Presbiteriana Independente do Parque Oziel tem um simulacro de púlpito representado por um porta-bíblia postado por sobre a mesa da Eucaristia.³⁹ Em várias outras Igrejas do Oziel, a solução arquitetônica interior foi postar um púlpito construído em alvenaria após os bancos da assistência como vimos na Igreja Assembleia de Deus da Gleba B.

³⁸ Vide Resposta 37 da entrevista com o Rev. Deny Anderson e a figura 82. O balcão adaptado da Igreja Deus te Ama pode ser visto nas figuras 94, 95 e 96.

³⁹ Vide figuras 100 e 101.

Em vários púlpitos encontrados no Parque Oziel, notamos a presença permanente do óleo da unção. Embora a teologia protestante somente admita a presença de dois sacramentos (eucaristia e batismo), o uso intensivo do óleo da unção nos faz entender que os evangélicos adotaram um sacramento de fato, isto é, a unção com o óleo. Essa prática fez florescer uma indústria de produção de tais “óleos”, que passaram a receber nomes como: óleo sagrado da unção, óleo da unção bíblico, óleo da unção Rosa de Saron, óleo da unção de nardo e produtos como “chifre para óleo da unção” (ÓLEO DA UNÇÃO, 2010).



Figura 128 Reprodução (frente e verso) de um frasco de óleo da unção

Esses pequenos frascos de óleo, como o da figura acima que mede 5,30 cm X 2,0 cm, são utilizados para unção dos enfermos em momentos especiais durante os cultos ou de forma particularizada após os cultos. Também são portados pelos pastores/as durante visitas aos enfermos nas casas e hospitais. Instrumentos musicais para uso nos templos também são sacralizados com orações seguidas de impregnação desse óleo em partes dos instrumentos.

Por já termos visto inúmeras vezes dentro e fora do Parque Oziel, dizemos que é comum pastores portarem no bolso esse óleo da unção vendido em pequenos frascos (já vimos chaveiros de óleo da unção). Em qualquer livraria evangélica podem ser escolhidos diversos aromas e composições de óleo da unção. A resposta 38 da entrevista com o Rev. Deny Anderson nos mostra esse costume de deixar o óleo da unção no púlpito. Essa prática também pode ser vista nas fotografias tiradas na Igreja Deus te Ama (figuras 94 e 95) e no relato do culto nessa igreja. A unção com óleo também é utilizada nas orações no monte, como pudemos relatar ter ocorrido conosco mesmo durante uma das madrugadas no Monte da Pirelli. Não conhecemos nenhum indicativo de que tal prática fosse exercida pelos missionários norte-americanos ligados aos movimentos iniciais proselitistas na região Campinas-Piracicaba o que nos demonstra um novo caminho civilizatório dentro do ramo do protestantismo originalmente implantado no Brasil e em especial na cidade de Campinas.

5.1.3 Roupas litúrgicas

A figura 126 nos mostra três homens vestidos com paletó e gravata dirigindo um culto evangélico na década de 1930 na cidade de Campinas. Nesses dirigentes não se observa paramentos ou vestes litúrgicas nem mesmo o uso do colarinho clerical que não é veste litúrgica, mas originalmente roupa de trabalho própria da profissão de clérigo protestante (BRANDÃO *apud* RAMOS, 2007, p, 123). O talar e a toga eram roupas utilizadas pelos professores e alunos das universidades medievais europeias. Foram recepcionadas e adaptadas pelos ramos da Reforma Protestante como vestes litúrgicas. Assim, o talar luterano e a toga tornaram-se a vestimenta utilizada nas celebrações protestante, muitas vezes acrescida da estola sacerdotal, símbolo da ordenação presbiteral (RAMOS, 2007, p, 121-123). Para pontuar o contraste com o catolicismo, os clérigos protestantes em geral (exceto os pastores luteranos e padres anglicanos) não utilizavam o recurso desse tipo de vestimenta como vimos na figura 126. Aos clérigos metodistas brasileiros a toga não era estranha, mas também não era habitual nas celebrações, conforme deduzimos das informações do Bispo Metodista César Dacorso Filho. “No domingo, 21 de abril (de 1940) [...] fui assistir ao culto do meio-dia na Igreja Batista Emanuel em Brooklyn (Nova York – EUA). Ali os ministros usam uma espécie de toga, na hora dos cultos (DACORSO FILHO *In* COSTA, 1967, p. 226).” Essa tendência passou para o protestantismo brasileiro exceto o protestantismo luterano e anglicano. Atualmente, como refluxo dentro da figuração do protestantismo brasileiro, vez ou outra

temos visto em Campinas, exceto no Parque Oziel, pastores e pastoras utilizarem o colarinho clerical fazendo às vezes de roupa litúrgica.

No Parque Oziel, a roupa litúrgica é o “paletó e gravata” como demonstram as fotografias lá colhidas. Tal indumentária é basicamente a mesma utilizada pelos homens no dia a dia de escritórios e ambientes de escritórios de atividades comerciais. O Rev. Deny Anderson declarou na entrevista colhida (Resposta 27) que “a primeira impressão que a pessoa já tem quando olha para uma pessoa com colarinho clerical, vai achar que ela seja um padre. E eu não sou um padre, sou um pastor. Até porque, a bíblia... o Senhor Jesus nos declara e condena... ele diz: “a ninguém chameis pai, porque um somente é o vosso pai, que está no céu”. Então, chamar alguém de padre, aí é um pontinho só que a Igreja Católica teria que rever.” Diferentemente de outras ministrações da Eucaristia (Santa Ceia) que participamos no Parque Oziel, o Missionário Manoel de Lima da Igreja Pentecostal Deus te Ama dirigiu essa celebração vestido de um jaleco branco $\frac{3}{4}$ (do tipo que se usa em laboratórios ou por professores em sala de aula) por sobre a camisa social branca com gravata. A cerimônia da Eucaristia é feita em geral com pão de forma vendido comercialmente e cortado em pequenos pedaços de forma quadrada. O vinho é substituído por suco de uva. As igrejas costumam servir em cálices transparentes de plástico que são descartáveis (mas geralmente reutilizados após lavagem) com a inscrição “Em memória de mim”. Entendemos que a Eucaristia nas igrejas do Parque Oziel são conduzidas sob influência reformada zwingliana.

5.2 Práticas extra-templo

5.2.1 Multiplicidade de bíblias

Contrastando com tempos passados, quando a estratégia missionária inicial protestante no Brasil era “colocar a bíblia na mão do povo” através da ação de colportores, com poucas versões editadas pelas sociedades bíblicas dedicadas a essa tarefa, temos hoje em dia uma quantidade significativa de edições bíblicas. Atualmente, os fiéis (inclusive da periferia urbana) não são mais proprietários de uma bíblia, mas de várias e com diferentes opções doutrinárias ofertadas para um mercado consumidor ávido por informações nessa área, talvez “emulado” pelo fenômeno dos pregadores midiáticos (ex: “Bíblia de estudo devocional Max

Lucado, Bíblia de estudo despertar, A bíblia da mulher que ora, Bíblia A Rocha, Bíblia da adolescente – aplicação pessoal, Bíblia de estudo batalha espiritual e vitória financeira, *et coetera*).⁴⁰ As bíblias de capa preta ainda são as mais comuns, mas é possível encontrar-se bíblias com as mais diferentes capas. As bíblias evangélicas são confeccionadas, em geral, com papel bíblia branco contrastando com as bíblias católicas que são confeccionadas com papel de cor amarela. A principal versão utilizada pelos evangélicos é a feita pela tradução de João Ferreira de Almeida na Edição Revista e Atualizada e na Edição Revista e Corrigida. A versão NVI – Nova Versão Internacional também foi vista com certa frequência nas mãos dos fiéis do Parque Oziel.

Os evangélicos ainda podem ser considerados como “povo da bíblia”. Como já demonstrado na pesquisa, este livro pode ser visto sendo carregado pelas pessoas que se deslocam individualmente ou em grupo, antes e depois dos horários de cultos pelas ruas do Oziel. A influência da leitura bíblica pode ser aquilatada pela quantidade de referências bíblicas que são citadas direta ou indiretamente pelas pessoas entrevistadas no Parque Oziel. Como descrito em mais de uma igreja, como por exemplo, na visita a Igreja Batista do Jardim Monte Cristo, as crianças são incentivadas a decorar trechos bíblicos e declamá-los nos momentos cúlticos. Nesse sentido constatamos também a atualidade e eficácia do momento de doutrinação das Escolas Dominicais (ou Sabática para os Adventistas). A importância da Bíblia também pode ser aquilatada pela quantidade de exemplares disponíveis para consulta aos presentes nos cultos da Igreja Presbiteriana Independente do Parque Oziel como nos mostra as fotografias da figura 101.

5.2.2 Livrarias evangélicas como canal de distribuição de bens relativos à fé

Sabemos que os protestantes atualmente são consumidores de bens ligados à suas práticas religiosas (não só bíblias). Temos tido notícia de que evangélicos campineiros eventualmente se deslocam para a cidade de São Paulo para compras na “Rua dos crentes”. Esperávamos encontrar no Parque Oziel fiéis que se deslocassem para a cidade de São Paulo

⁴⁰ Em 20 de maio de 2009 anotamos a fala de Erní Walter Seibert, ligado à Sociedade Bíblica do Brasil – SBB, durante palestra que assistimos na Semana Wesleyana nas dependências da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Disse o palestrante que a SBB ficou surpresa com a venda totalmente esgotada de 20.000 exemplares do Novo Testamento Interlinear Grego-Português, uma edição com perfil técnico-teológico.

para compras em tal local de referência em vendas de produtos evangélicos. Porém nossas pesquisas concluíram que os evangélicos são sim consumidores de produtos ligados à sua fé, porém tais produtos são adquiridos no mercado campineiro, em especial através das livrarias evangélicas. Não encontramos no Parque Oziel, fiéis que se deslocam para São Paulo – Capital, para adquirir produtos evangélicos.

A “Rua dos crentes” é a Rua Conde de Sarzedas que fica no centro da cidade de São Paulo, próximo ao Fórum Cível João Mendes Junior. Nesse local, onde estivemos algumas vezes, é possível adquirir todo o material para se montar uma igreja, tais como, bíblias, literatura, “estojos de santa ceia”, óleos de unção, roupas masculinas e femininas (ternos, togas de coral, etc.), bancos de igreja, equipamentos eletrônicos (caixas de som, microfones, mesas de som), instrumentos musicais e o mais que se imaginar para a montagem e manutenção de uma igreja evangélica. Já nesse local e em cada loja que se entra o cumprimento é o mesmo, independente de o potencial cliente ser evangélico ou não: Paz do Senhor, irmão...

Existem várias livrarias evangélicas em Campinas que suprem a demanda por produtos dessa vertente religiosa. Encontramos na Gleba B uma livraria evangélica – Livraria Estrela da manhã, cuja placa dizia “venda de CDs, bíblias, Harpa Cristã” (localização: Coordenadas: W 47°04’33” S 22°56’42”). Como cidadão domiciliado em Campinas pudemos presenciar a saciedade que nos grandes supermercados de Campinas, ao lado das bíblias católicas, são ofertadas diversas bíblias na versão João Ferreira de Almeida. Também nesses supermercados é possível adquirir CDs de músicas evangélicas e livros de autores como Max Lucado e Silas Mala faia, apenas para citarmos dois autores de *Best Sellers*. Tivemos notícia da presença do autor norte-americano Max Lucado na Igreja do Nazareno Central em Campinas. Quanto ao pregador midiático brasileiro e expoente na Igreja Assembleia de Deus, Silas Mala faia, já o assistimos por diversas vezes no templo da mesma Igreja do Nazareno Central em Campinas.

5.2.3 Consumo de bens ilegais (“piratas”)

As entrevistas nos relataram que os evangélicos do Parque Oziel fazem uso das livrarias evangélicas para adquirirem produtos relativos à sua fé. Também fazem uso de produtos pirateados e vendidos livremente no comércio popular, principalmente CDs de músicas evangélicas. O alto preço dos produtos originais e a disponibilidade farta dos

produtos pirateados são as causas prováveis desse consumo alternativo por parte dos evangélicos, sublimando eventual sentimento de culpa por adquirir produtos não legalizados.

Ainda sobre hábitos de consumo inspirados na prática religiosa, podemos encontrar em Campinas, principalmente aos sábados, na área central da cidade de comércio popular conhecida como “camelódromo” uma expressiva quantidade de “camelôs” que oferecem CDs de música evangélica do tipo *gospel*, com capas e conteúdo grosseiramente falsificados. A pesquisa de campo demonstrou que muitos cultos são efetuados com cânticos acompanhados de CDs. Também mostrou que muitos evangélicos ouvem músicas em suas casas através de CDs. Existe uma preocupação dos pastores quanto à compra de mercadoria (CDs) falsificada, mas a prática demonstra que esses produtos são consumidos livremente pelos evangélicos independente da postura antipirataria dos pastores. Isso nos faz concluir que não existe uma eficácia total entre o que é ensinado nos púlpitos e Escolas Dominicais e a escolha pessoal dos fiéis. Em outras palavras, os fiéis não obedecem aos pastores naquilo que é de seu interesse pessoal, mas conflitante com aspectos éticos ensinados pelos líderes religiosos. Nesse sentido o Reverendo Deny Anderson da Costa verberou em sua entrevista (Resposta 46) ser a aquisição de produtos piratas o “calcanhar de Aquiles de todo cristão”.

Certa feita, no comércio popular de Campinas na área central da cidade, encontramos, dois camelôs separados por duas quadras (quarteirões) de distância e que vendiam produtos evangélicos piratas. Ambos tocavam ao mesmo tempo o CD com a música “Entra na minha vida” (cura todas as feridas, me ensina a ter santidade, quero amar somente a ti). Isso demonstra que as músicas evangélicas têm um mercado consumidor expressivo e incorporado nos hábitos dessa parcela da população. Essa venda de produtos evangélicos piratas já está definitivamente incorporada à paisagem da vida cotidiana da cidade nos locais de comércio popular.

5.2.4 Oração no Monte

Também o culto protestante não se desenvolve apenas no espaço dos templos, mas alternativamente, encontramos manifestações habituais de um protestantismo fortemente emocional em reuniões que ocorrem durante as madrugadas, principalmente de sexta-feira para sábado, em morros na periferia de Campinas, chamadas de “oração no monte”, com afluência de centenas e talvez milhares de pessoas, inclusas aí, evangélicos do Parque Oziel. Talvez a novidade da pesquisa não esteja na “descoberta” de tais “montes de oração”, mas na

frequência e importância que essa prática adquiriu entre os evangélicos. Além dos locais visitados e relatados, soubemos da existência de locais desse tipo de manifestação cültica em Valinhos, divisa com Campinas, no Distrito campineiro de Joaquim Egídio e no “eucaliptal”.

5.2.5 Rádios evangélicas

Encontramos na área pesquisada, pessoas que têm o hábito de manter seus rádios constantemente ligados (em casa e/ou no trabalho) em rádios evangélicas, talvez como forma de manter um clima de espiritualidade em seus lares. Isso é parte de um nicho de mercado em franca exploração. Uma fiel da Igreja Batista do Jardim Monte Cristo relatou especificamente o costume de ouvir a rádio Esperança. O Pastor Donald da mesma igreja relatou sua preocupação com o fato de que os crentes ouvem rádios ilegais, isto é, piratas, apesar de sua contrariedade e ensino. Existe um componente de prestígio em ser pregador via rádio, como pudemos verificar com a pesquisa na Igreja Deus te Ama, cujo líder é pregador regularmente na rádio Sky FM 94,9. Sob anonimato, disse-nos um pastor de uma igreja da cidade de Campinas (não do Parque Oziel) que pregou algumas vezes em uma rádio, mas desistiu quando percebeu pelo esquema utilizado diariamente pela rádio que se tratava de algo ilegal. Nessa rádio evangélica pirata, cada dia os equipamentos irradiadores eram instalados em um local diferente como forma de burlar as origens das emissões de ondas de rádio FM.

Disse-nos também outro evangélico sobre a facilidade de se montar uma rádio pirata. Este adquiriu, segundo ele, um “aparelhinho transmissor de FM”. Tal aparelhinho foi comprado para se instalar na parafernália eletrônica da banda *gospel* com a finalidade de prover retorno de som aos músicos de forma mais eficiente do que com caixas de som. Ocorre que tal “aparelhinho”, segundo a nossa fonte, faz a transmissão do som que pode ser captado pelo *dial* em FM por uma distância de aproximadamente dois quilômetros ou mais de raio da origem emissão. Disse-nos que esse equipamento também é utilizado por jovens que se reúnem em postos de combustível. Um dos veículos instala o aparelho e sintoniza em determinada rádio FM. Todos os demais veículos sintonizam seus rádios na mesma estação e criam um *network* com vários carros emitindo as mesmas músicas

Na percepção do Rev. Deny Anderson da Costa (entrevista – resposta 45) quanto às rádios evangélicas, “Eu ouço, meu povo costuma ouvir, mas as rádios são muito ruins [...] Nossas rádios evangélicas são péssimas. Sem contar que são na maioria esmagadora “piratas”. E isso já é um mal testemunho.”.

Em relação à televisão, também os evangélicos do Parque Oziel, como vimos nas entrevistas, buscam os pregadores midiáticos como fonte de inspiração religiosa, “homogeneizando” as crenças doutrinárias e conseqüentemente os hábitos de vida derivados dessa crença.

5.2.6 Demanda por estudos teológicos

Existem diversos seminários e centros de formação teológica em Campinas. Provavelmente essa clientela é majoritariamente formada por pentecostais que, em um passado não longínquo, era refrataria a estudos formais de teologia. Essa clientela religiosa protestante está em demanda por uma melhor formação de seus quadros. Não havia em outros tempos, o hábito de estudos teológicos entre os pentecostais, porém, apesar do fato de o emocionalismo ainda é uma das marcas distintas da religiosidade popular evangélica, tem ocorrido uma mudança de hábitos em relação à busca de uma educação teológica mais formal. Suspeitamos testemunhar um tempo histórico representativo de um *boom* na demanda por informação teológica. Além dos pastores da Igreja Batista do Jardim Monte Cristo e da Igreja do Nazareno diversos outros pastores (não encontramos pastoras no Oziel) de origem pentecostal nos informaram ter frequentado cursos de teologia, ainda que na categoria de cursos livres, isto é, não reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC. Foi-nos relatado por pastores pentecostais locais que antigamente (o valor de “antigamente” fica em aberto) os pastores não freqüentavam seminários, mas atualmente, muitos fiéis têm curso superior e que não podem falar e pregar de qualquer maneira. Encontramos na região pesquisada uma pessoa de prática confessional pentecostal moradora no Parque Oziel que completou a Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP na modalidade EAD – Ensino à Distância, dirigindo-se para a cidade de Sorocaba para as aulas presenciais obrigatórias no pólo de ensino montado nessa cidade. Essa opção deu-se, segundo ela, pelo fato de que não existia curso superior de teologia de matriz protestante reconhecido pelo MEC na cidade de Campinas. Atualmente essa universidade ministra o curso superior em Teologia na modalidade EAD também em Campinas, sendo a única com viés protestante reconhecida pelo MEC. Além da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, as seguintes instituições ofertam cursos de teologia: Seminário Presbiteriano do Sul (fundado em 1888), Faculdade Teológica Batista de Campinas, Seminário Batista Independente, Faculdade de Educação Teológica das Assembléias de Deus (ligada ao Ministério Belém) e Faculdade

Nazarena do Brasil (ligada a Igreja do Nazareno), Instituto Bíblico de Campinas – IBICAMP.

5.2.7 Cumprimentos evangélicos

Em diferentes grupos protestantes de viés pentecostal ao simples ato de exercer um cumprimento, como marca de pertença religiosa, adiciona-se as palavras: “a paz do Senhor”, “a paz do Senhor, irmão/ã”, “a paz”, “paz” ou “paz de Deus” como vimos durante os cultos no Parque Oziel, nas manifestações das orações no monte e no episódio dos orantes no restaurante universitário. Tais cumprimentos são como que uma senha ou código de pertença religiosa evangélica. Nos púlpitos e apresentações durante os cultos, é comum que “a paz do Senhor” venha seguida de um “amém” que assume a forma interrogativa, ficando assim: “A paz do Senhor, amém?”. No que é responsivamente correspondido pela congregação com outro “amém” coletivo.

A candidata a Presidência da República Dilma Rousseff mais de uma vez utilizou o expediente de cumprimentar a audiência através do “Paz do Senhor”. Em 05 de outubro de 2009, ‘a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, foi mimética na saudação cristã: “Que a Paz do Senhor esteja com vocês!” (PORTOVELHO, 2010). Sobre o mesmo evento reportou o jornal Folha de São Paulo ‘Dilma iniciou seu discurso com uma saudação comum entre os cristãos. “Que a paz do Senhor esteja com vocês” (FOLHAONLINE, 2010)’. Na verdade essa saudação é comum apenas entre os cristãos da figuração evangélica pentecostal, tal qual o uso que se faz nas figurações judaicas com o cumprimento *shalom aleikhem* e nas figurações árabes com o cumprimento *assalamu alaikum*.

Conforme já relatado, o Pastor Donald da Igreja Batista do Jardim Monte Cristo confirmou a não utilização do “Paz do Senhor” nessa igreja evangélica de missão. Mesmo circundados de pentecostais, tal tipo de cumprimento também não é de utilização pelos frequentadores da Igreja Presbiteriana Independente do Parque Oziel. A resposta 29 da entrevista do Rev. Deny Anderson da Costa corrobora essa prática pentecostal de cumprimento.

5.2.8 Negação do ato de jurar publicamente

Nos termos neotestamentários de Mateus 5,34 (Eu, porém, vos digo que, de maneira nenhuma jureis...) e Tiago 5,12 (Mas, sobretudo, meus irmãos, não jureis...), tomados ao pé da letra, muitos protestantes não praticam juramentos públicos ou privados. Acreditamos que, exemplificativamente, no “juramento à Bandeira”, juramentos em colação de grau acadêmico e nos juramentos durante oitiva como testemunha em processo judicial civil ou criminal, o compromisso público foi escamoteado de “juro” para “prometo”, como forma de burlar a literalidade da interpretação dos textos bíblicos acima referenciados, não necessariamente em função dos evangélicos.

Juramento é uma posição assumida por alguém que o faz com o acento em um empenho sob algo reputado altamente relevante, valoroso, honroso, quase beirando a quebra de um *taboo* ou interdito. Assim, quando alguém jura por Deus, pela sua alma, pelos seus filhos ou pela alma de sua mãe, por exemplo, está invocando, tomando por empréstimo e colando sua palavra empenhada sob a respeitabilidade ou honra de outrem que lhe é muito caro. É nesse sentido o texto do Código de Processo Civil em seu Artigo 415 que prescreve: “Ao início da inquirição, a testemunha prestará o compromisso de dizer a verdade do que souber e lhe for perguntado” (NERY JUNIOR, NERY, 1999). Já o Código de Processo Penal é mais incisivo, pois apresenta um componente de empenho, não sobre a honra de outrem, mas de si mesmo, nos seguintes termos do Artigo 203: “A testemunha fará, sob palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e lhe for perguntado... (PINTO, WINDT, CÉSPEDES, 2006).

O hábito de não jurar encontra-se enraizado entre os evangélicos que aprendem a exercer tal prática nos cultos e Escola Dominical. Recolhemos um exemplo disso na visita que fizemos na classe da Escola Dominical da Igreja Presbiteriana Independente do Parque Oziel, quando uma fiel nova convertida verbalizou sobre a inconveniência de se proferir juramentos durante a aula sobre os dez mandamentos.

5.2.9 Ministério com casais

O Ministério de casais (ou com casais ou da família ou das famílias) é um dos tipos de ministérios encontrados nas igrejas evangélicas conforme já explicitado no item 5.1.1. Chamou-nos a atenção o fato de que tal tipo de envolvimento de prática religiosa extra-templo também ocorre no Parque Oziel conforme relato da pesquisa de campo e entrevista com o

Rev. Deny Anderson da Costa. A figura 87 reproduz o cartazete promocional de um Congresso de Casais, na verdade do segundo congresso de casais organizado pela Igreja do Nazareno Canaã, instalada no Parque Oziel. Não se trata de um congresso no sentido técnico acadêmico, mas de um encontro de espiritualidade organizado fora das dependências do templo. Algo como que um *camp meeting* mais sofisticado, pois é realizado nas dependências de um hotel. No caso específico colhido nessa igreja local, o encontro não é apenas para casais, mas também para os filhos, portanto para toda a família. Em resumo, é um encontro religioso de famílias no ambiente de um hotel.

É de se ressaltar que pessoas moradoras em um local periférico por ocupação façam espaço em seus orçamentos para a realização de tais programas, tendo em vista os custos dessa atividade. Que se tenha em vista serem os fiéis dizimistas e ofertantes, conforme os relatos apresentados sobre as visitas nas igrejas do Parque Oziel (vide também as respostas 19, 20 e 21 da entrevista como o Rev. Deny Anderson da Costa).

Se fizermos uma simulação para a participação em um “congresso” como o proposto pela Igreja da Nazarena Canaã para uma família de quatro pessoas (casal e um filho entre 6 a 11 anos e outro filho acima de 12 anos) terá de custo de R\$ 864,00 ou R\$ 123,42 se dividido em sete vezes como alternativa possível na proposta de pagamento, além dos custos de deslocamento e despesas locais (vide figura 87). O orçamento do evangélico também encontra espaço para consumir CDs de música gospel, livros e outros produtos ligados à sua fé, disponíveis em livrarias evangélicas, livrarias não evangélicas, supermercados e apelos por compras e contribuições via rádio e televisão.

A presença de um pastor batista da Convenção Batista Brasileira (igreja evangélica de missão) no evento acima referenciado, cuja base religiosa local é a cidade de João Pessoa no Estado da Paraíba, nos mostra o convívio transversal entre as igrejas evangélicas. O fato da igreja local do pastor convidado estar geograficamente distante em outro Estado da Federação exclui qualquer possibilidade de concorrência no mercado religioso local do Parque Oziel.

5.3 Hábitos identitários

5.3.1 Peixe X Rosário

Outro hábito evangélico estudado é o uso de um dístico ou adesivo em forma de peixe, instalado ostensivamente na traseira de veículos em circulação pelas cidades brasileiras e

largamente encontradas em Campinas. Esse hábito entre os evangélicos de várias origens é utilizado como forma identitária comum. Também é uma forma surda de enfrentamento religioso, uma “guerra religiosa” dentro do antigo espírito anticatolicista do protestantismo brasileiro, visto que os católicos romanos também se utilizam no mesmo espaço dos veículos, um dístico estilizado de um rosário com a efigie da Virgem do Silêncio.

5.3.2 Festa de aniversário evangélica

Quando este redator que é paulistano de nascimento foi morar no Rio Grande do Sul, defrontou-se com hábitos os mais corriqueiros, simples e únicos, próprios das relações sociais daquele Estado da federação brasileira. Para quem pertence a um grupo social, certos hábitos comuns ou ordinários passam despercebidos, mas aos “de fora”, podem causar estranhamento. Por outro lado, isso permite também a possibilidade de se perceber o imperceptível aos olhos dos “de dentro”. Como exemplo, citamos que nas festas de aniversário no estado gaúcho, é comum que se cante para o aniversariante além do “parabéns prá você”, tradução adaptada do *happy birthday to you* de origem norte-americana, o chamado parabéns gaúcho, campeiro ou crioulo. Os que desconhecem esses gauchismos podem ficar constrangidos em festas de aniversário. *Mutatis mutandis* ocorre o mesmo com as festas de aniversário de evangélicos em geral.

Como registro sociológico de comemorações de aniversário entre evangélicos, relatamos a presença de tal costume no Parque Oziel com o cântico coletivo da comuníssima versão evangélica “com Deus ao seu lado”, cantada sobre a melodia do *happy birthday to you*. Nesta oportunidade, relatamos ter presenciado inúmeras vezes certo constrangimento aos “não iniciados” nas coisas evangélicas quando em festas de aniversário se canta tal versão e os convidados que desconhecem a música, ficam olhando os demais cantarem e baterem palmas, sem saber exatamente como se comportar naquele grupo que, certamente age em tal instante de forma diferente do padrão geral da sociedade. A utilização do Parabéns prá você evangélico foi relatado nas visitas às igrejas Presbiteriana Independente e Batista (Jardim Monte Cristo). A entrevista com o Rev. Deny Anderson da Igreja do Nazareno Canaã revelou a variação “é benção; é um montão de benção”, “é glória, é um montão de glória, aleluia”. Também tivemos a oportunidade de ouvir essa mesma variação através de um pastor neopentecostal da cidade de São Bernardo do Campo – SP.

Ainda em relação às festas evangélicas, registramos existir uma diferenciação entre os casamentos católicos e os casamentos evangélicos. Apesar do nosso convívio com a comunidade evangélica do Parque Oziel, não tivemos oportunidade de presenciar e relatar um casamento evangélico nessa comunidade. Mas mesmo assim e diante da expectativa da eventual oportunidade de assistir um casamento no Oziel, iniciamos algumas pesquisas preliminares sobre o tema. Contactamos um grupo de musicistas que tocam em casamentos e perguntamos se eles percebiam diferença entre um casamento católico e um casamento evangélico. Eles responderam livremente e de forma geral confirmando nossa hipótese inicial de haver uma distinção entre os casamentos efetuados sob esses dois ritos religiosos. Informaram que o casamento católico é mais curto e o casamento evangélico é mais demorado. Daí, em razão do tempo de permanência dos músicos nas dependências do local do casamento, o preço cobrado pelo casamento evangélico é superior ao do casamento católico.

Em outra ocasião, conversamos com uma cerimonialista de casamentos (católica) de Campinas e região. Esta disse: O “casamento evangélico é mais tranquilo. As baladas são suaves. É mais família”. Também disse que o casamento evangélico “é bem mais demorado”.

Disse-nos ainda que o casamento católico costuma iniciar-se no horário acordado pois o Padre não costuma esperar muito tempo em razão dos demais casamentos que já estão agendados. O casamento evangélico quase sempre atrasa em razão da demora da chegada da noiva. Segundo essa cerimonialista, o casamento evangélico dura por volta de uma hora e o casamento católico dura por volta de trinta a quarenta minutos. A cerimonialista confirmou que os músicos em geral cobram mais caro pelos casamentos evangélicos do que pelos casamentos católicos em razão da diferenciação do tempo de duração desses eventos religiosos.

Quanto a festas coletivas, diga-se de passagem que os evangélicos também fazem suas festas juninas em coadunação com a cultura popular e interiorana paulista, porém transmutadas em “festa julina”, por provável diferenciação com as festas juninas católicas (vide respostas 65, 66 e 67 da entrevista com o Rev. Deny Anderson da Costa).

5.4 Observações finais

A pesquisa demonstrou existir na periferia da cidade de Campinas uma estrutura composta de pessoas mutuamente orientadas que interagem entre si enquanto professantes de uma figuração religiosa. Essa interação ocorre na vivência do bairro onde moram, a grande área de ocupação popular do Parque Oziel composta do Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B, também com reflexos na vivência com outras figurações componentes da sociedade campineira.

Essa prática religiosa é produtora de hábitos que ditam atitudes orientadoras da marcha civilizatória dos atores envolvidos, individualmente e coletivamente. Essa marcha civilizatória produtora de hábitos pode ser tracejada ao passado desde as tensões da Reforma Protestante até os dias de hoje na sociedade campineira.

Das marchas e contra-marchas civilizatórias protestantes restou-nos nessa específica periferia do Parque Oziel uma significativa estrutura figuracional evangélica que interage com os demais segmentos da sociedade campineira.

Diversos desses hábitos evangélicos encontrados no Parque Oziel foram elencados e analisados. Em consonância com o método eliasiano, entendemos que tais conclusões enquanto verdadeiras não guardam a pretensão de serem absolutas. Enquanto verdades encadeadas em um processo, estão sujeitas a modificações conforme o olhar que se lance sobre elas. Aliás o material compilado, especialmente aquele colhido no Parque Oziel, provavelmente permitirá que o debate acadêmico redunde em outras verdades sobre hábitos evangélicos que escaparam ao olhar desta pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

AHLSTROM, Sydney E. *A religious history of the american people*. New Haven and London: Yale University Press, 1973.

ALBINO, Marcus. *“Ide por todo o mundo” : a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana 1869-1892*. Campinas: Área de publicações CMU/UNICAMP, 1996.

BAENINGER, Rosana. *Espaço e tempo em Campinas: migrantes e expansão do pólo industrial paulista*. Campinas: CMU/UNICAMP, 1996.

BARBOSA, José Carlos. *Salvar e educar – o Metodismo no Brasil do século XIX*. Piracicaba: CEPEME, 2005.

BARROS, Jorge M. S. et al (Orgs). *Manual 1997-2001 da Igreja do Nazareno (PLG 601)*. [s.l.] Casa Nazarena de Publicações, [1997?].

BATTISTONI FILHO, Duílio. *Campinas – uma visão histórica*. Campinas: Pontes, 1996.

BEACH, Harlan P. *A geography and atlas of protestant missions*. Statistics and atlas. New York: Student volunteer movement for foreign missions, volume I, 1901.

_____. Student volunteer movement for foreign missions, volume II, 1903.

BECK, Ulrick. *O que é globalização? Equívocos do globalismo: respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Apud RAMOS, Luiz Carlos, *Anuário litúrgico 2007*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2007.

BUECHNER, Thomas S. *Norman Rockwell, artist and illustrator*. New York: Harry N. Abrams, 1996.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros – crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Imagens de Jesus na religiosidade brasileira de origem protestante: Pentecostal e neopentecostal*. São Bernardo do Campo: Revista Estudos de Religião 20, junho de 2001.

_____. *Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*. Petrópolis, São Paulo, São Bernardo do Campo: Vozes, Simpósio, UMESP, 1999.

CARPINTERO, Antonio Carlos Cabral. *Momento de ruptura: As transformações no centro de Campinas na década dos cinquenta*. Campinas: CMU/UNICAMP, 1996.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

CHAUNU, Pierre. *O tempo das reformas (1250-1550), II – a reforma protestante*. Lisboa: Edições 70, 1993.

COLLINSON, Patrick. *A Reforma*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

CUNHA, José Marcos Pinto. *Novas metrópolis paulistas – População, vulnerabilidade e segregação*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2006. Texto disponível em formato pdf.

<http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/vulnerabilidade/arquivos/arquivos/vulnerab_introdu%E7%E3o_9-20.pdf. Acesso em: 10 mar. 2009.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel - um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2007.

DACORSO FILHO, César. In COSTA, Nelson de Godoy. *César Dacorso Filho, príncipe da Igreja Metodista do Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1967.

DREHER, Martin N. *A crise e a renovação da igreja no período da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

_____. *Igreja e germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

DURANT, Will. *A reforma: história da civilização européia – de Wycliff a Calvino: 1300-1564*. Rio de Janeiro: Record. 2002.

ELIAS, Norbert. *Compromiso y distanciamiento*. Barcelona: Ediciones Península, 1990.

_____. *Escritos & ensaios: Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2006.

_____. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, v 2.

_____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, v 1.

_____. *Sociología fundamental*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.

_____. *Teoria simbólica*. Oeiras: Celta Editora, 1994.

_____ ; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ESTRADA, Celi Gustafson. *A História dos Noventa Anos da Igreja Metodista Central de Campinas*. Campinas: [s.e.], [2004?]. Formato CD-Rom.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FEBVRE, Lucien. *Martín Lutero – um destino*. México: Fundo de Cultura Econômica, 1998.

_____. *O problema da incredulidade no século XVI – a religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERNÁNDEZ-ARMESTO; WILSON, Derek. *Reforma: o cristianismo e o mundo 1500-2000*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FERREIRA, Júlio Andrade. *História das Igrejas Evangélicas em Campinas*. In Monografia histórica do município de Campinas. Rio de Janeiro: Serviço Geográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.

FURTADO, Celso. *Economia colonial no Brasil nos séculos XVI e XVII: elementos de história econômica aplicados à análise de problemas econômicos e sociais*. São Paulo: Hucitec, 2000.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GUIMARÃES, Alaôr Malta. *Campinas – dados históricos e estatísticos*. Campinas: Livraria Brasil, 1953.

_____. _____ ; FONSECA, Francisco. *Seção de estatística e arquivo da Prefeitura Municipal de Campinas*. Campinas: [Prefeitura Municipal de Campinas ?], 1947.

HEMPTON, David. *Methodism: empire of the spirit*. New Haven: Yale University Press, 2005.

HORSLEY, Richard A. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

JACOB, César Romero; HEES, Dora Rodrigues; BRUSTLEIN, Violette. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais*. São Paulo: Loyola, 2003.

JONES, Judith MacKnight. Apud RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888)*. São Paulo: Pioneira, 1973.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. Luiz Carlos Ramos (Org), *Anuário litúrgico 2007*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006.

KENNEDY, James L. *Cincoenta annos de methodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Methodistista, 1928.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A cidade: os cantos e os antros – Campinas 1850-1900*. Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo: EDUSP; 2008.

LEGE, Klaus-Wilhelm (Editor). *A história alemã do Brasil*. São Paulo: Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, 2001.

LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: ASTE, 2002.

LÉONARD, Émile-G. *Histoire du protestantisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.

LIMA, Éber Ferreira Silveira. *Protestantes em confronto: conservadores e liberais na época de Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Pendão Real, 2005.

LINDBERG, Carter. *As Reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LUNÉ, Antônio José Batista de. *Almanak da Província de São Paulo para 1873*. Organizado e publicado por Antonio José Baptista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1985 (reprodução fac-similar da edição publicada pela Typographia Americana, em 1873).

MARIANO, Ricardo. In ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre. *A Igreja Universal no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MATOS, Alderi de Souza. *Os pioneiros presbiterianos no Brasil (1859-1900): pastores e leigos do século 19*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *O celeste porvir - a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

_____. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

MESQUITA, Zuleica. (Org.) *Evangelizar e civilizar – cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata – subsídios para a história da sublevação na Esquadra pelo marinheiro João Cândido em 1910*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

MORGAN, David. *Visual piety*. University of California press: Berkeley, Los Angeles, 1998.

MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo – de comunidade à metrópole*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970.

NERY JUNIOR, Nelson; NERY, Rosa Maria Andrade. *Código de Processo Civil comentado e legislação processual civil extravagante em vigor*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1999.

PINTO, Antonio Luiz de Toledo; WINDT, Márcia Cristina Vaz dos Santos; CÉSPEDES, Lívia; obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de. *Código de Processo Penal. Código Penal; Código de Processo Penal; Constituição Federal*. São Paulo: Saraiva, 2006.

PUCCI, Luis. *Planta da cidade de Campinas – 1878*. Campinas: Depositada no CMU – Centro de Memória da Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, pasta 21.

RAMOS, Luiz Carlos. *Anuário litúrgico 2006*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006.

_____. *Anuário litúrgico 2007*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2007.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1984.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888) – aspectos culturais da aceitação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973.

RIBEIRO, Renato Janine. *Uma ética do sentido*. In ELIAS, Norbert. *O processo civilizador : formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro : Zahar, 1994, v 2.

RIBEIRO, José Alexandre dos Santos. *Sobre os instrumentos sinfônicos*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

RICUPERO, Rubens. *Esperança e ação: A ONU e a busca de desenvolvimento mais justo: um depoimento pessoal*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. *A Igreja Evangélica Brasileira entre a bíblia e a Palavra de Deus in REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 78-99, setembro/novembro 2005.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROSSI, Agnelo. *Diretório Protestante do Brasil*. Campinas: Tipografia Paulista, 1939.

_____. *Campineiro pela graça de Deus*. Campinas: PUC-CAMP, [19--].

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHNEIDER, F. J. C. *Foreign Missionary*. Apud RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888). São Paulo: Pioneira, 1973.

SCHORR, Collier. *Norman Rockwell*. New York: Harry N. Abrams, 1999.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Do alto da colina: religião e política na história dos Estados Unidos*. In SILVA, Carlos Eduardo Lins da. (Org.) Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos Estados Unidos. São Paulo: Paz e terra, 2009.

SILVA, De Plácido e. *Vocabulário jurídico*. Rio de Janeiro: Forense, 2002. Verbetes CASO FORTUITO.

STAFFORD, Thomas Albert. *Christian symbolism in the evangelical Churches*. Abingdon press: New York, Nashville, 1952.

TSCHUDI, J. J. von. *Viagens às Províncias do Rio de Janeiro e S. Paulo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1976.

WEBER, Max. *Economia e sociedade – Fundamentos da sociologia compreensiva*. v.1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.

_____. *Economia y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

_____. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

WESLEY, John. *Sermões, Edição Jackson – versão digital*. Apud: VVAA Sermões de Wesley: Texto inglês com duas traduções em português. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006. CD-Rom.

WILLAIME, Jean-Paul. *O protestantismo como objeto sociológico*. Revista Estudos de Religião 18. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000.

WILLIAMS, George Huntston. *La Reforma Radical*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

TESES E DISSERTAÇÕES

ARAÚJO, Márcio Bergamo de. *Neotribalismo e novos movimentos religiosos: estudo e caso das práxis da igreja Bola de Neve Church*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. 2006.

BRITO, Diolino Pereira de. *A capoeira de braços para o ar – um estudo da capoeira gospel no ABC paulista*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

CLARK, Jorge Uilson. *Presbiterianismo do Sul em Campinas: primórdio da educação liberal*. Campinas: UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Tese de Doutorado em Educação, 2005.

ELIAS, Norbert. *Note on my method*, s/d, p.7, (Manuscrito), Apud, RIBEIRO, Luci Silva. *Processo e figuração: um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias*. Campinas: UNICAMP, 2010, p. 156. Tese de Doutorado em Sociologia.

FRESTON, Paul. *Protestantismo e política no Brasil. Da constituinte ao impeachment*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, 1993.

NEVES, Izabella Maria de Camargo. *Dinâmica demográfica e assentamentos urbanos populares em Campinas na década de 90*. Dissertação de Mestrado em Demografia. Campinas: UNICAMP, 2007.

RIBEIRO, Luci Silva. *Processo e figuração: um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias*. Campinas: UNICAMP, 2010. Tese de Doutorado em Sociologia.

ROMEIRO, Paulo Rodrigues. *Esperanças e decepções: uma análise crítica da prática pastoral do neopentecostalismo na Igreja Internacional da Graça de Deus sob a perspectiva da praxis religiosa*. São Bernardo do Campo: 2004, UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. Tese de Doutorado em Ciências da Religião.

PÁGINAS DA INTERNET

ADCAMP. Disponível em: <http://www.adcamp.org.br>>. Acesso em 10 mar. 2010.

ADMISSÃO. Disponível em: <<http://www.admissao-to.com>>. Acesso em 05 ago. 2010.

CÂMARA. Disponível em: <<http://www.camaracampinas.sp.gov.br/noticias/exposicao-na-camara-reabre-feridas-das-demolicoes>>. Acesso em 12 jun. 2009.

CAMARACAMPINAS. Câmara Municipal de Campinas. Disponível em: <<http://www.camaracampinas.sp.gov.br/vereadores/resumo/canario>>. Acesso em 20 abr. 2010.

CASSIANO, Célia Maria. *O jornal Correio Popular e o processo de construção da identidade sociocultural dos moradores do Parque Oziel: 1997-2007*. Disponível em: <<http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Celia%20Maria%20Cassiano%20-20completo.pdf>>. V Seminário Memória, Ciência e Arte – UNICAMP, 2007. Acesso em 20 jun. 2010.

CENSO. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Texto disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 25 fev. 2010.

CHURCHS. *The New York Times*. Erica de 01 out. 1881. Disponível em: <<http://www.nytimes.com>>. Acesso em: 22 Jan. 2010.

CHURCHS. *The New York Times*. Erica de 09 nov. 1879. Disponível em: <<http://www.nytimes.com>>. Acesso em: 22 jan. 2010.

CIBI. Disponível em: <<http://www.cibi.org.br/stbi.html>> e <<http://www.cibi.org.br/stbi/36-stbicampinas.html>>. Acesso em 20 dez. 2008.

CIDADES. A imagem original está disponibilizada em <<http://www.cidades.gov.br/secretarias-nacionais/programas-anos/biblioteca/seminario-de-regularizacao-fundiaria-no-brasil/g1-aspectos-ambientais/5%20-%20Prefeitura%20de%20Campinas.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2010.

COMUNIDADE. Disponível em: <<http://www.comunidadenovavida.org/pordentrodacnv/bispo.html>>. Acesso em: 10 out. 2008.

CONVENÇÃO. Disponível em: <<http://www.batistas.com>>. Acesso em 07 out. 2010.

CRISTOSALVA. Igreja Cristo Salva – Ministério Tio Cássio. Disponível em <<http://www.cristosalva.com.br>>. Acesso em 26 set. 2010.

FOLHAONLINE. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u633941.shtml>>. Acesso em 11 Out. 2010.

GEMART. Disponível em: < <http://www.gemart.com.br>>. Acesso em 15 den. 2008

HENDERSON, Bob. *William Plate, an unknown acquaintance of Karl Marx at the British Museum: a biographical sketch*. Disponível em: <www.bl.uk/eblj/2005articles/article8.html>. (referência eBLJ 2005, article8). Acesso em 10 abr. 2010.

HOOKE, S. H. *Folklore*, Vol. 72, No. 3 (Sep., 1961), pp. 537. Texto disponível em <<http://www.jstor.org/stable/1258581>> Acesso em 06 jan. 2009.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Texto disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/mapas_ibge>. Acesso em 10 jun. 2009.

IBGE/CAMPINAS. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Texto disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/visualização/dtbs/saopaulo/campinas.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2010.

IBGE/CENSITÁRIOS. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –. Censo Demográfico 2000 – agregado por setores censitários dos resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2003, 2ª edição. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em 30 mai. 2010.

IBGE/CIDADESAT. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 05 jun. 2009.

IBGE/SIDRA. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados Disponíveis em <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em 09 jun. 2010.

IBICAMP – Instituto Bíblico de Campinas. Disponível em: <<http://www.ibicamp.com.br>>. Acesso em 13 jun. 2009.

ICONOGRAFIA. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cmu/iconografia/expo-40anos_06.html>. Acesso em 05 set. 2009.

IPICAMP. Igreja Presbiteriana Independente de Campinas. Disponível em: <<http://www.ipicamp.org.br>>. Acesso em : 12 dez. 2009.

LECTURE. *The New York Times*. Edições de 15 nov. 1860; 24 nov. 1860; 29 nov. 1860. Disponível em: <<http://www.nytimes.com>>. Acesso em: 22 jan. 2010.

MESQUITA, Zuleica Cobra. *Metodistas e liberais em Piracicaba: uma aliança histórica*. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, [s.d.]. Texto disponível em: <www.ihgp.org.br>. Acesso em 24 maio 2010.

METODISTA. Igreja Metodista Central em Campinas. Disponível em: <<http://www.metodistacentral.com.br/historico.asp>>. Acesso em 20 mar. 2009.

NAZARENO. Disponível em: <<http://www.nazarenosudeste.com.br/igrejas.htm>>. Acesso 8 out. 2010.

NELITO. Disponível em: <http://nelitolopes20.blogspot.com/2007_04_01_archive.html>. Acesso em: 10 set. 2009.

NEWBOOKS. *The New York Times*. Erica de 22 nova. 1866. Disponível em: <<http://www.nytimes.com>>. Acesso em: 22 jan. 2010.

ÓLEO DA UNÇÃO. Disponível em: <<http://www.oleodauncao.com.br>>. Acesso em 10 out. 2010.

OSSJB. Disponível em: <<http://www.ossjb.org.br/controller.php?ac=Nucleo3>>. Acesso em 18 mar. 2010.

OZIEL. Disponível em: <<http://www.wezen.com.br/oziel/historia.htm>>. Acesso em 10 set. 2010.

PARATODOS. Prefeitura Municipal de Campinas. Texto disponível em <<http://2009.campinas.sp.gov.br/cultura/uploads/2009/09/paratodos06.pdf>>. Acesso em 16 ago. 2009.

PIBC. Primeira Igreja Batista de Campinas. Texto disponível em: <<http://www.pibc.org.br>>. Acesso em 06 maio 2010.

PORTOVELHO. Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Porto Velho. Disponível em: <http://www.iead-pvh.com/portal/modules/news/article.php?storyid=2051>. Acesso em 11 out. 2010.

PSC2008. Partido Social Cristão. Disponível em: <<http://psc.org.br>>. Acesso em 07 jun. 2008.

PSC2010. Partido Social Cristão. Disponível em: <<http://psc.org.br>>. Acesso em 16 jun. 2010.

REGINALDO ALMEIDA. Disponível em: <http://www.reginaldoalmeida.com.br/?mdl=paginas&pg=psc_historia>. Acesso em: 11 out. 2009.

RENASCER. Igreja Renascer em Cristo. Disponível em: <<http://www.igospel.com>>. Acesso em 07 out. 2010.

REV. *The New York Times*. Erica de 28 fev. 1863. Disponível em: <<http://www.nytimes.com>>. Acesso em: 22 jan. 2010.

ROMANCECRISTÃO. Disponível em: <<http://www.romancecristao.com>>. Acesso em 30 ago. 2010.

ROYALPALM. Disponível em: <<http://www.royalpalm.com.br>>. Acesso em 20 abr. 2010.

SOUZA, J. F. V. *Parque Oziel, 10 anos de luta: uma análise dos conflitos de desigualdade social e meio ambiente*. In: XVIII Congresso Nacional do CONPEDI, 2009, São Paulo. Anais do XVIII Congresso Nacional do CONPEDI. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/Anais/sao_paulo/2992.pdf>. Acesso em 02 set. 2010.

SWISSPARK. Disponível em: <<http://www.swissparkcampinas.com.br>>. Acesso em 20 abr. 2010.

TABELA. *Tabela de atualização monetária*. Disponível em: <<http://www.tj.sp.gov.br>>. Acesso em 20 set. 2010.

VALEDEBENÇÃO. Disponível em: <<http://www.igrejavaledebencao.com.br>>. Acesso em 11 out. 2010.

VIDACOMDEUS. Disponível em: <<http://www.vidacomdeus.com.br>> Acesso em 04 out. 2010.

WEHRHAHN-STAUCH, Liselotte. *Christliche Fischsymbolik von den Anfängen bis zum hohen Mittelalter*. Zeitschrift für Kunstgeschichte, 35 Bd., H ½ (1972), pp 1-68. Texto disponível em <<http://www.jstor.org/stable/1481883>>. Acesso em 06 jan. 2009.

WHITEHOUSE. Disponível em:
<<http://www.whitehouse.gov/about/presidents/williammckinley>> Acesso em 13 jun. 2010.

WOMAN. *The New York Times*. Edição de 03 jan. 1882. Disponível em:
<<http://www.nytimes.com>>. Acesso em: 22 jan. 2010.

OUTROS MATERIAIS

As fotografias das igrejas e demais locais do Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B, foram efetuadas por nós através do equipamento HP Photosmart E317 e NIKON Coolpix S203. Para tratamento digital das imagens foram utilizados os programas Paint e Photoscape 3.5 e ArcExplorer. Os dados foram trabalhados através do programa Excel 2007.

ANEXO 1

Transcrição da entrevista gravada com o Reverendo Deny Anderson da Costa

Entrevista com o Reverendo Deny Anderson da Costa, pastor da Igreja do Nazareno Canaã, situada no Parque Oziel – Campinas - SP. A entrevista foi realizada no interior do templo, em 07 de abril de 2010, com um total de uma hora e dezoito minutos.

01 - Nós estamos aqui para entrevista com o Pastor Deny Anderson da Costa, pastor da Igreja do Nazareno Canaã, no Parque Oziel em Campinas. Pastor, o Senhor poderia nos informar, dar uma palavra sobre a sua história de vida pessoal, da família? Se é de Campinas, se veio imigrante de outro local. Como você veio se instalar aqui no Oziel, se sua família é da região? Por favor?

É, muito bem, eu só quero agradecer esta oportunidade de compartilhar tudo isso, independentemente de qualquer coisa, que é sempre bom testemunhar. É muito importante. Mas ... Eu sou natural de Curitiba, Paraná e nós viemos para cá em 1989. Foi quando nós viemos para Campinas.

02 - E para o Oziel?

O Parque Oziel existe desde 97, mais ou menos, mais ou menos 97. E vim para cá com os meus tios e morei com a minha avó. Depois os meus pais vieram para cá em 90, 91, para Campinas. Moramos na região do Jardim Ieda, Santa Lúcia, aquela região ali, e então de lá para cá nós temos vivido em Campinas, não mais voltamos para Curitiba. Morei com meus pais durante muito tempo e cheguei aqui no Parque Oziel em 2000. Em 2000 foi que eu cheguei aqui no Parque Oziel.

03 - Como Pastor ou morador?

Morador, como morador. E morei com a minha avó durante muito tempo, em 1999, é 98, 99. E depois, minha mãe, meus pais vieram para cá primeiramente porque eles acabaram perdendo a casa que eles moravam devido a negligências e também porque o meu pai tinha envolvimento com drogas e ele perdeu tudo. E eles não tinham mais para onde ir e foi justamente no momento que eles estavam começando as invasões aqui no Parque Oziel. Nesse tempo eu não estava, eu morava com a minha avó, e eu passei um ano, o ano de 99 inteirinho morando na Missão Betânia com o Pastor Larry Swanson. E nesse ano eu estive em missões, estive viajando para muitos lugares e só depois no ano de 2000 foi que eu vim do projeto, não podia ir mais morar com a minha avó. Acabei vindo morar com a minha mãe, mas mesmo assim eu não queria vir morar aqui porque estava bem no começo e eu realmente entendo que a forma como tudo aqui começou, como a forma que foi desagradável. Não é assim que as coisas devem se iniciar. A invasão não foi algo bom, não é algo bom. É algo que eu não recomendo de maneira alguma. É... não vou lá participar de uma organização de uma invasão que está acontecendo em outro lugar porque isso é ilegal. É tomar terra alheia, não é? Só que minha mãe morava aqui e eu não tinha outro lugar para ir e então eu acabei vindo para cá também. E vindo para cá em 2000, eu frequentava a Igreja (do Nazareno) do Parque Taquaral e eu fui para o seminário através da Igreja do Parque Taquaral.

04 - O Senhor fez o Seminário ou o ETED (Estudos Teológicos Descentralizados)?

O *ETED* que era o núcleo de extensão da Faculdade Teológica Nazarena. E ali no seminário eu comecei então a estudar e tinha alguns projetos para fazer e envolviam a Igreja. Então só depois, dois anos depois que eu já estava morando aqui que, na minha mente, realmente, era infelizmente, para o momento, realmente ... O que eu queria era sair daqui. Quando alguém perguntava do Parque Ozziel, pra mim, não ...não... Eu moro no Jardim do Lago II que é extensão ...

05 - As pessoas costumam ao invés de falar que moram no Ozziel ou na Gleba B ou no Monte Cristo, falar que moram em outro bairro, no... ?

Hoje não mais, hoje não é mais assim, hoje as pessoas já falam – Moro no Ozziel, moro no Monte Cristo ou na Gleba. Até porque a terra está sendo legalizada. Hoje, praticamente todos os moradores daqui, eles pagam o seu terreno para a COHAB. Uma parcela baixa, de acordo com a renda de cada um, porque a renda per capita nesta região é muito baixa. Então eles pagam uma parcela irrisória que no futuro, quando for ocorrer a legalização exata, vai abater esse valor que foi pago e eles vão continuar a pagar o valor que for o valor venal do terreno. Então, só realmente de 2002 para cá, quando realmente Deus falou ao meu coração, que eu comecei a assumir o Parque Ozziel como um campo para eu trabalhar. Mas até então, eu morava aqui, sem querer morar aqui. Então, nós chegamos aqui realmente em 2000 e foi só em 2002 que a coisa começou a acontecer dentro de mim porque, querendo ou não, invasão ou não, ocupação ou não, errado ou não, aqui tinha e tem vidas. Tem pessoas aqui. Ah ... mais eles estão errados ... Eles estão errados, vamos mandar todos eles para o inferno. Não, não vamos mandá-los para o Inferno. Nós vamos, de alguma forma, tentar resgatá-los para o reino do Senhor e isso foi uma coisa que a Igreja que ajudou muito porque começamos a mudar a perspectiva de vida das pessoas. Não, você invadiu a terra, mas você tem que pagar a terra agora. Agora você tem que pagar a sua luz. Tire o “gato” da energia do seu poste e ponha o relógio. Pague sua energia elétrica. Tire o cano clandestino de sua água e pague a sua água. Isso foi uma das coisas que na Igreja do Nazareno começou a acontecer de uma forma fantástica e isso é um dos grandes testemunhos que nós temos aqui na nossa Igreja; da legalização que começou a acontecer dentro do cora-

ção. Que toda a transformação deve acontecer assim, de dentro pra fora. Não sei se respondi essa sua primeira pergunta?

06 - Os membros da sua igreja vêm de onde? Vêm da redondeza, eles vêm de ônibus, de carro?

A maioria esmagadora vem do próprio bairro e vem a pé. Os que tem carro e talvez morem dentro do bairro em um ponto mais distante até vem de carro. Nós temos muitas famílias que vêm de carro e algumas poucas pessoas que vêm de outros bairros fora. Temos uma família que vem do Matão⁴¹ pra cá.

07 - Quantas pessoas frequentam mais ou menos? Se o Senhor puder dar o número em termos de membresia?

Membresia adulta, membros arrolados, nós temos ...

08 - Há um livro de arrolamento?

Há um livro de membros, fichamento. Nós temos de membros arrolados 130 membros, sem contar crianças e adolescentes. De jovens para cima e contando as famílias, nós temos 131 membros. Mas a membresia estendida que já conta criança, adolescente, a gente tem que contar as pessoas e não os dentes e os braços, né? Mas nós temos 250 pessoas que frequentam a igreja regularmente, entre crianças, jovens, adolescentes, juniores e adultos. Mas membros arrolados são 131.

09 - E vieram e vem para a sua igreja vindos de outra igreja ou por conversão? Como que se dá a adesão à Igreja do Nazareno?

Até 2007 era 95 por cento por conversão. Até 2007 ... nossa igreja tem 8 anos, começamos em 2002, então até os cinco anos de existência da igreja, 95% da membresia da igreja era por conversão. E isso é uma vitória porque, membros de outras igrejas são bem-

⁴¹ Matão é um bairro do município de Sumaré e que está localizado na divisa do município de Campinas.

vindos, mas eles já vem com varias coisas que, as vezes, não querem abandonar. Costumes, hábitos e as vezes querem implantar os seus hábitos dentro da igreja, que já existem ... Mas até 97, 95% era com uma membresia convertida na própria igreja. E de 2007 para cá, a igreja cresceu um pouco mais, dobrou a sua membresia, quase triplicou. E até na mudança para o templo novo... Com a mudança para o novo templo, que nós abrimos 100 lugares a mais do que nós tínhamos ...

10 - Cabem quantas pessoas aqui?

Aqui cabem 160 pessoas, já no seu limite. Então nós recebemos muitas pessoas de outras igrejas. Então, a membresia hoje convertida na igreja, gira em torno de 60%.

11 - Perfeito. E a igreja tem atividades durante a semana além de cultos de manhã e a noite?

Nós temos cultos durante a semana, terça e quinta. Temos culto de oração, terça-feira à noite as dezenove e trinta e temos culto da vitória as quintas-feiras as dezenove e trinta também. E sábado nós temos uma programação que vai das duas da tarde até as dez da noite, porque nós temos o IPC, que é o Instituto de Preparação Cristã, uma escola de líderes que vai das duas as cinco (da tarde). E nós temos as cinco horas (da tarde) um culto específico para juniores. As seis horas (da tarde) um culto específico para adolescentes e as vinte horas um culto específico para jovens.

12 - Qual a idade para juniores e adolescentes?

De nove a onze, juniores. De doze a dezesseis, adolescentes. E de dezessete em diante, os jovens.

13 - E há trabalhos nas casas, nos lares?

Nós temos os grupos nos lares que funcionam as quartas-feiras. E sábados, por enquanto, quartos sábados, nós temos três grupos nos lares, por enquanto. Nós já estamos

entrando numa trajetória aí, pra tentarmos abrir... Inclusive domingo passado, domingo de Páscoa, nós tivemos levantamento de mais cinco lares que teremos, que estaremos abrindo cinco novos grupos.

14 - Há uma Igreja do Nazareno na Gleba B?

Sim

15 - É congregação daqui?

Sim. É nosso ponto de pregação ali. Que nós queremos abrir, nem que seja uma congregação. Estamos abrindo somente aos sábados, por enquanto. E nós queremos estender para abrir uma Escola Dominical ali e futuramente termos cultos regulares lá, semanais, como igreja.

16 - Eu não perguntei, mas o que é a Igreja do Nazareno?

Essa é uma pergunta boa! Essa pergunta é muito boa. A Igreja do Nazareno é uma comunidade de pessoas cristãs. Que crêem no Senhor Jesus. Levam o nome de Jesus por causa de Jesus de Nazaré. É uma comunidade de santidade. Que nós temos a nossa doutrina de santidade que é baseada na doutrina wesleyana também. Nós somos armínio-wesleyanos. Nós temos fundamentos, realmente, que nós cremos, na santidade da vida. Hoje, na santificação através do Espírito Santo. Então a Igreja do Nazareno, ela tem essa diversidade na sua doutrina onde essa liberdade de expressão, seja na oração, seja na adoração, seja na comunhão com os irmãos ... Eu acredito que a doutrina da Igreja, ela exprime bem isso, essa diferença, nessa liberdade. Então, perguntar o que é a Igreja do Nazareno, talvez até gere um pouco de ... Temos que pensar para responder, mas ... é uma Igreja viva. É uma Igreja vibrante, é uma Igreja com uma mensagem impactante. É uma Igreja que abraça todas as faixas etárias. É uma Igreja que não fecha a sua porta pra A, B ou C ... pessoas porque ... ela talvez tenha isso ou tenha aquilo ... que nós entendemos que existem muitos grupos religiosos que acabam fechando para alguns tipos de pessoas. Na

Igreja do Nazareno não existe isso. Eu gostaria até de poder responder pela Igreja do Nazareno ao redor do mundo, mas eu sei que ao redor do mundo por causa da diversidade cultural, nós temos ainda, talvez, algumas coisas que sejam ainda, um certo entrave, mas eu vou responder pela Igreja do Nazareno Canaã, que está no Oziel, que faz parte da denominação ao redor do mundo inteiro... que eu sempre digo que a Igreja do Nazareno Canaã, ela é um resgate da Igreja do Nazareno. Isso eu tenho no meu coração, firmemente. Na igreja que foi feita para o povo, do povo para o povo. É figurando realmente o Jesus de Nazaré que ... "Pode de Nazaré vir alguma coisa boa?" Então a Igreja do Nazareno é essa porta aberta... Essa porta larga, sem ser contra a Palavra que diz que a porta é estreita. No sentido de que todos podem entrar. Isso é a Igreja do Nazareno.

17- Eu pergunto para o Senhor, o Senhor trabalha tempo integral na igreja?

Desde 2008 eu sou tempo integral.

18- E os seus subsídios vêm da

Vêm da igreja local, só que só parte. A menor parte dele. Hoje 70% do meu rendimento eclesialístico vem do Distrito. E o restante vem da igreja local.

19 - E as pessoas contribuem como? Com dízimos?

Dízimos e ofertas.

20 - Dízimo é 10%? Da renda?

O dízimo é 10% da renda.

21 - E as pessoas contribuem com isso?

Contribuem e ofertam. Dizimam com 10%. Dizer que o dízimo é 10% é redundante, mas elas dizimam da sua renda e ofertam conforme a sua generosidade, conforme a sua possibilidade.

22 - É impressão minha, pessoal... eu ainda não vi os números, mas eu percebo que há uma diferença entre a Gleba B, no Oziel e no Monte Cristo. Percebo que as pessoas são carentes aqui, no entanto a carência na Gleba B é bem maior. As pessoas que frequentam a Gleba B têm algum constrangimento de vir aqui? Elas se percebem diferentes? Há essa percepção na comunidade? Se são diferentes, o povo da Gleba B, do Oziel e do Monte Cristo?

Há uma diferença, sim. Se nós formos para o Monte Cristo... embora essa diferença até... Começando do começo... Esta igreja está neste local por causa dessa diferença. Porque, concorda que Igreja do Nazareno Monte Cristo... que nome lindo! Mas não posso... eu não posso e também não posso colocar Igreja do Nazareno Oziel. E também não posso colocar Igreja do Nazareno da Gleba porque eu estou atingindo a comunidade por inteiro. Eu preciso atingir... por isso a igreja se chama Igreja do Nazareno Canaã. Porque ela não está favorecendo o Monte Cristo. E não está favorecendo a Gleba e nem o Oziel. Se nós olharmos para o mapa do bairro, você vai ver que a igreja está entre os três bairros. Ninguém pode falar que a igreja é "A", "B" ou "C". Embora talvez essa rua seja Oziel, mas a rua de cá, já é Monte Cristo. A próxima rua já é Monte Cristo. Então nós estamos entre os três bairros. E isso foi uma vitória para nós porque há muitos anos atrás, esse templo já era construído, eu passava aqui e falava: esse é o melhor lugar para a gente ter uma Igreja do Nazareno. E Deus nos deu este lugar. Então essa diferença existe, infelizmente. O próprio povo se exclui. Tem membros da Igreja do Nazareno que moram no Monte Cristo que quando eu faço um projeto de evangelização na Gleba, há uma dificuldade para levá-los. E isso infelizmente é uma coisa que nós temos convivido e temos trabalhado para que não seja assim. Mas essa diferença existe. Um morador do Monte Cristo que é encontrado na rua, por exemplo... Onde você mora? Você mora no Oziel? Não, não, eu não moro no Oziel. Eu moro no Monte Cristo. Entendeu? Mas não é a mesma coisa? Não, não é a mesma coisa. Então é... geograficamente não existe diferença. Se você olhar no mapa, há um bloco, há uma gleba de terra que dividiram em três, chamado Oziel, Monte Cristo e Gleba B. Não sei

nem o por quê a Gleba B não tem um nome, porque uma gleba... ela não existe um nome. Ela é uma continuidade do Oziel, mas geograficamente não existem essas diferenças. Essa diferença está na cabeça das pessoas.

23 - E em relação a Igreja do Nazareno Central, as pessoas aqui se sentem diferenciadas em relação à Central? Elas vão à Central? Elas se sentem diferentes?

Por muito tempo pelo... a igreja é nova, oito anos é uma igreja nova, mas nos primeiros anos, talvez dois, três anos, essa diferença era muito mais gritante. Muito mais gritante. Por exemplo, quando tinha uma assembleia distrital que reunia todo o Distrito e eu levava os membros da congregação para participarem da assembleia. A diferença era gritante, gritante... demais. Nossa, o que aconteceu com esse irmãozinho? Será que ele..., né? Mas ele não tinha perspectiva, para ele estava bom ir daquela forma... E eu não ia mudar o jeito de ele vir à igreja só porque ele vai na Central. Ele vinha aqui na Igreja do Nazareno aqui no Parque Oziel ou no Monte Cristo, quando ainda era no Monte Cristo. Vinha do jeito que ele podia. Aí porque eu vou levá-lo para a Central eu levo ele de uma forma diferente? Eu acho que... Eu já estou causando esta diferença. Então essa diferença houve, mas já não existe mais. Eles vão, por exemplo, tem culto de segunda-feira na Central. Muitas pessoas vão, participam de uma forma livre. Não existe nenhum problema mais sobre isso.

24 - Em relação a comunidade, a Igreja do Nazareno aqui no Oziel – Canaã, como é o relacionamento com a comunidade? Em relação a assistência social? À política, política partidária? Ela lançou candidatos? Apóia? Isso é normal? É dentro? É do lado de fora? Como que funciona?

Bem, nós sabemos que do lado de fora, tudo é permitido porque é público. Mas dentro da igreja nós não permitimos nenhum tipo de campanha política. Não cedemos o púlpito para ninguém falar. "A" ou "B" ou "C" partido. E nós não temos como igreja, nós não podemos, de nenhuma forma... a Igreja do Nazareno apóia o partido tal. Não, isto é uma escolha de cada pessoa. Política é uma escolha pessoal. Partidarismo, política é uma esco-

lha pessoal. Já diz o ditado que política não se discute. E nós não discutimos isso. Nós procuramos orientar para que a pessoa, principalmente em época de eleição, não se prenda às promessas feitas a ... Porque um candidato a Prefeito, a Vereador, a Presidente, seja lá o que for, foi ao seu bairro, foi á sua casa, te deu alguma coisa. Aquilo não deve motivar o seu voto. Agora, se algum candidato, como ocorreu na eleição passada e vai ocorrer esse ano... Ah Pastor, no final do culto eu estou ali, lá no fundo, lá na porta da igreja, com lá o santinho entre aspas do candidato tal, lá na rua ele pode entregar. Porque a rua é livre né, mas nós não vamos levar nenhum membro à escolha de nenhum candidato. Eu tenho a minha escolha pessoal. Essa escolha, quando chega em época de eleição eu não digo para o povo. Ah ... porque seria a mesma coisa que induzi-los. Não, nós não estamos apoiando ninguém. Nós não estamos apoiando nenhum partido e nenhum candidato, mas eu vou votar em tal pessoa. Pronto, já estou motivando... Ora, se o Pastor está votando no Fulano, eu também vou votar no Fulano. Então, isso não existe, isso não existe. A minha opção é a minha opção. O que eu peço à igreja é, ore e tenha a sua opção. Com relação ao social, nós até o ano de 2008, até o finalzinho de 2008, nós tínhamos um projeto social que se chamava CANAÃ – Centro Assistencial ... Eu não lembro o restante da sigla. Mas CANAÃ, até por causa da igreja, Igreja do Nazareno Canaã. Mas era um trabalho com crianças que acontecia aos sábados. E durante a semana, nas quartas-feiras eu dava aula de instrumentos. E a única coisa que eu ainda continuo fazendo é dando aula de instrumentos. Nós tínhamos então um trabalho com as crianças de 4 a 14 anos que elas vinham para cá, tinham estudo, brincadeiras, reforço escolar. Tinha computação. A estrutura da igreja foi ficando pequena para isso e logo veio a proposta de construirmos o ANA- Associação Nazarena de Assistência que está sendo construída aqui logo na rua da igreja. E logo, infelizmente, nós tivemos que parar com essa ação social direta. Hoje o que nós fazemos é: ajudar pessoas com roupas, se elas necessitam. Nós recolhemos alimentos na igreja e levamos para famílias necessitadas. Atendemos famílias que precisam, cadastradas e não cadastradas. Mas, infelizmente, só dessa forma que nós estamos atendendo. Se passa alguma pessoa que precisa alguma coisa imediata, seja o que for, nós vamos até a casa da pessoa. E vamos averiguar a real necessidade para tentar ajudá-la da melhor forma possível.

25 - As pessoas costumam lhe chamar de: reverendo, pastor, pelo nome?

Não... muitas pessoas me chamam de pastor. Somente quando tem alguma cerimônia. Por exemplo, tivemos uma cerimônia de organização da igreja. Então o Superintendente Distrital em todo o momento se dirigia a mim como reverendo, Reverendo Deny Anderson. Mas isso é uma coisa que não tem necessidade. Muitos me chamam pelo nome, porque meu nome é Deny. Eu não me chamo "pastor" e eu também não chamo "reverendo". Se você pegar meu RG, lá vai estar escrito: Deny. Então eu faço questão de frisar isso. Mas há uma liberdade da pessoa tratar da forma que ela se sentir mais à vontade. E se ela quiser, se ela optar por me chamar pelo meu nome eu vou atendê-la. Eu só quero que ela, no seu coração e na sua mente ela saiba que, se ela precisar de alguma coisa, ela vai contar com um pastor.

26 - O Senhor, nas atividades litúrgicas da igreja, nos cultos... o Senhor usa paletó e gravata? Colarinho clerical? Usa alguma veste litúrgica diferente? Por que o Senhor usa?

No começo do ministério... inclusive eu dei uma aula semana passada sobre isso. Sobre história da igreja, história da nossa igreja e mostrei algumas fotos. São fotos que até, eu posso permitir a você depois dar uma checada... mas no começo a igreja era na garagem. Tínhamos ali, frequentando, dezesseis/vinte pessoas. O segundo culto que abrimos, foi a Escola Dominical. Então eu não fazia questão de... Era um sol, mas um sol enorme! Mas como eu era dirigente da congregação, de alguma forma, infelizmente eu digo isso, infelizmente, eu tentava me impor através da veste. E eu ia então de camisa abotoada até o punho, gravata. E se você olhar a foto, está um sol de rachar lá fora... aquela igreja de chão batido de terra... e se alguém me chama-se de irmão, talvez eu até... quando eu falo... não é corrigir a pessoa não, mas quando você fala, está falando alguma coisa na pregação, aí você fala, diz assim... Ah então... mas pastor, quer dizer que isso então... Fazia questão de dizer... mas pastor... para que as pessoas que estivessem ouvindo pudessem identificar esta pessoa é o Pastor. Então, no começo eu tinha essa dificuldade. E graças a Deus, Deus me libertou disso. Hoje eu venho de calça jeans na igreja. Eu venho de terno. Se for em um

domingo de manhã, sol bem gostoso eu vou vir... Talvez eu ponha um sapato e uma calça jeans e uma camiseta. E não vou ser menos pastor por causa disso. Mas há oito anos atrás, o meu coração era assim. Isso até é um testemunho (risos), de conversão, de transformação. E não tinha ninguém para me dizer isso. Eu aprendi isso na prática.

27 - Mesmo porque o Senhor já era de família evangélica?

Já. Sim, já era de família evangélica. Igreja do Nazareno mesmo, do Parque Taquaral – Pastor Marco Antonio de Almeida. Mas hoje, eu procuro sim... como homem, a minha melhor vestimenta para um culto, é um terno. Nós homens não temos como fazer muita coisa. A mulher, ela pode... se for uma pastora, vestir “n” vestidos. Terninhos, não é? E tantas roupas que ela pode colocar para se apresentar de uma forma bem... e falar isso é o meu melhor. O homem não tem muita opção, né? É terno. Eu venho de terno, sim. As vezes eu venho de terno, sem gravata. As vezes eu venho de camisa e gravata. As vezes eu venho de calça jeans. As vezes eu venho de calça jeans, camisa e um blazer. Então assim... bem livre. Não uso colarinho clerical. Prego, com gravata, sem gravata. (sobre o colarinho clerical) Não uso porque eu acho uma identificação direta com os padres. Embora talvez, em outro contexto cultural, tenhamos pastores que usam colarinho clerical. Cada um, cada cultura é uma cultura. Na nossa cultura brasileira eu acho que não cabe. E isso é um “achismo” mesmo. Nada fundamentado em livro, nem em uma pesquisa, nada. A primeira impressão que a pessoa já tem quando olha para uma pessoa com colarinho clerical, vai achar que ela seja um padre. E eu não sou um padre, sou um pastor. Até porque, a bíblia... o Senhor Jesus nos declara e condena... ele diz: “a ninguém chameis pai, porque um somente é o vosso pai, que está no céu”. Então, chamar alguém de padre, aí é um pontinho só que a Igreja Católica teria que rever. Mas que não será revisto nunca, provavelmente, né? Porque justo acima do padre existe o papa, que é nada mais do que um supremo pai... Então, isso também é contra a Palavra... então pastor está de bom tamanho porque o Senhor Jesus também é o nosso pastor.

28 - E como é o relacionamento com as outras igrejas aqui?

Seja católica ou cristã mesmo, da nossa parte é o mais aberto possível. Tanto é que nós temos um centro social na Gleba B que é fantástico! E é da Igreja Católica. E eu converso como o padre... ele nos deixa usar. Nós fazemos projetos sociais ali. Os funcionários da Igreja Católica ficam lá durante o dia para nos auxiliar nas instalações. Na verdade, o nosso relacionamento é mais amplo com a Igreja Católica do que com as igrejas evangélicas. Infelizmente... eu digo isso, com pesar. Porque o meu desejo é que nós tivéssemos uma unidade muito maior. Infelizmente as igrejas na nossa comunidade, Oziel, Monte Cristo e Gleba B, são muito partidárias. No sentido: a minha igreja, o meu povo, não vá naquela igreja, não cumprimente. Para você ter uma ideia, eu estou de calça jeans, tênis, camisa. Algum crente de alguma igreja que nós temos aqui ao redor, sem citar nomes, que passe e me veja, não vai me cumprimentar. E não vai te cumprimentar. E se ela estiver passando com a bíblia na mão, vários folhetos na mão, é bem provável que ela te entregue um folheto. Agora, se eu passar, vindo para ao culto, de terno e gravata, então a mesma pessoa vai me cumprimentar.

29 - Como que ela lhe cumprimenta?

Paz do Senhor Pastor. Paz do Senhor, irmão. Agora, se eu passar sem terno... Por exemplo... nós tínhamos projeto com crianças. Ora, sábado de manhã aqui, eu vinha de bermuda, camiseta e tênis porque eu ia rolar no campo com vinte, trinta garotos, jogando futebol. Essas pessoas queriam que eu viesse de terno e gravata? Ou de sapato social, calça e uma camisa? Não. Então, esse tipo de cristianismo eu rejeito. Esse tipo de... essa forma de lidar com as pessoas eu rejeito e eu faço questão de dizer... Por exemplo, quando algum pastor um pouco mais aberto que, dentro de sua igreja tem pessoas que o próprio pastor não molda as pessoas... A culpa não é do membro, a culpa é do líder que não... de alguma forma não ensina isso. Somos irmãos. Somos irmãos em Cristo. Falamos da mesma Palavra. Nós temos a mesma... nós oramos ao mesmo Deus. Servimos ao mesmo Jesus Cristo. cremos no mesmo Espírito Santo. E temos esse tipo de divisão?! Então, esse tipo de gente eu faço questão... eu não faço questão de ter comunhão com esse tipo de pessoa. Porque se pode cumprimentar de terno e gravata, e não pode me cumprimentar de bermuda... Então a san-

tidade está na minha roupa? Então, na verdade, eu vou voltar assim a ser um pouco católico... a santidade está na toga... a santidade está na batina. A santidade deve estar no coração. Então, por causa disso, por causa de alguns outros detalhes da nossa igreja. Por que? Nossa igreja é uma igreja jovem e de jovem também. Sessenta por cento da nossa membresia é jovem. E isso é muita coisa em uma membresia de 130 membros. Então, nossos cultos de jovens são pra arrebrantar. Nossos evangelismos são pra arrepiar os cabelos de qualquer um. Uma vez por ano, aqui choque quem quiser chocar, nós temos... existe no Monte Cristo um lugar que chama-se Jordanet's Bar. Que é chamado "o Black". Uma vez por ano, eu falo com o Jordanete e ele me cede a casa. E eu comando a balada. O povo vai dançar na minha musica, o povo vai pular no meu ritmo. A minha banda... eu levo a minha banda e eles tocar um rap pesado. Porque eu vou lá, cantar no inferno. E a palavra de Deus que Deus colocou no meu coração para eu fazer isso, é: "eu desci ao inferno". Bom, se Jesus desceu ao inferno eu também posso ir lá e resgatar vidas. E no ano passado, nós tivemos o programa lá, e foi fantástico (dito com ênfase-sublinhamos). Três horas da manhã, eu parei tudo. E eu estava de calça rapper, camiseta... preguei uma palavra, fiz o apelo. Algumas pessoas aceitaram a Jesus. Temos algumas pessoas aqui dentro da igreja. Então, isso em relação às outras igrejas do bairro é o cúmulo. Esse pastor tá louco... até para os ímpios isso é o cúmulo. Porque quando eles chegam pra balada e chegam lá... Peraí... aquele não é o Pastor? Esses caras piraram... Mas nós piramos mesmo. Nós somos loucos por Jesus e apaixonado por almas. E nós não podemos dormir sabendo que tem um milhão de pessoas que não querem vir aqui dentro.⁴² Não querem vir na igreja. Não querem vir na Escola Dominical. Não querem vir no culto de oração. Não querem vir no culto da vitória. Não ir no culto no lar. Não querem fazer nada. É preciso ir aonde elas estão. E aonde elas estão quinta, sexta, sábado e domingo é lá no Black. Se drogando, se prostituindo, se matando. Então, eu acho que eu posso fazer alguma coisa.

⁴² Provável referência ao número estimado atual de habitantes em Campinas.

30 - O Senhor já viu um símbolo de um peixe nos carros? Um peixinho? O Senhor conhece esse símbolo?

Sim... conheço.

31 - O que significa isso para o Senhor?

Inclusive estes dias... Foi antes da sexta-feira da Paixão... foi quinta-feira se eu não me engano. Eu estava em casa e estava passando um filme bíblico, Quo vadis. Um filme antigo... e retrata um pouco disso também porque eles fazem questão de mostrar... cada cristão passa e faz uma volta do peixe. Quando o outro passa ele faz a outra volta. O peixe então significa que nós somos cristãos aqui na região. Na redondeza nós temos cristãos. É um símbolo do cristianismo, o peixe. Eu não estudei a fundo para saber exatamente quando surgiu ou como surgiu. Mas um pouco, somente... até por causa do filmes... a gente acaba sabendo... o pouco histórico que realmente era uma forma de identificar o cristão que estava na região. E hoje também continua sendo um símbolo, não tão forte. Talvez deveria ser um pouco mais... pra justificar um pouquinho o preço também no bom sentido, a igreja primitiva. Que é a igreja que iniciou da forma correta. Tudo bem que teve seus contratemplos e acabamos guinando para outro lado. Tantas vertentes. Mas a igreja que se iniciou lá... uma igreja que começou de uma forma maravilhosa, poderosa. Com o poder do Espírito Santo. Então talvez esse símbolo nos remeta um pouco mais lá atrás. Eu acho ele importante hoje por causa disso. Ele nos faz lembrar de um princípio da igreja. De uma era cristã onde era complicado, era difícil mostrar... o Estado perseguia os cristãos. Inclusive nesse filme retrata bastante a figura de Nero que, por uma razão ridícula pôs fogo em Roma. E acabou acusando os cristãos disso, matando muitos cristãos.

32 - Quando o Senhor vê esse símbolo, o peixe, o peixinho em um carro, o Senhor identifica como qualquer cristão, inclusive católico?

Bom... particularmente me remete à igreja primitiva, mas infelizmente muitos círculos religiosos acabam usando o peixe. Isso em relação a qualquer coisa, mesmo versículos

bíblicos hoje, que nós temos em carros, camisetas. Talvez a pessoa seja de diversas confissões religiosas. Eu gostaria que o peixe estivesse somente em um carro cristão. Mas não está. Provavelmente ele esteja em um carro católico. Assim como o adesivo mais visto hoje, seja aquele, “nas mãos de Deus”, que está em todo o lugar. Em carro cristão, em carro não cristão. Mas gostaria que estivesse naquele que confessem que estão realmente nas mãos de Deus. Confessem que estão em Cristo. Mas não é assim. Infelizmente, identificadas às vezes por status ou por uma forma de fé um pouco fria, no sentido de uma crença básica. Eu creio em Deus como eu creio que essa cadeira existe.

33 - O Senhor ministra Santa Ceia com que frequência?

Uma vez por mês.

34 - E o Senhor não tem uma mesa constantemente aos domingos. Ela é montada?

Ela é montada. É... infelizmente eu não tenho. Gostaria de ter uma mesa que ficasse em algum canto da igreja. Já montada continuamente. Eu acho bonito aquelas mesas que vem escrito “em memória de mim”. Não tenho hoje, por uma condição financeira. Se alguém sentir no coração, fique à vontade... (risos) Procure o Esdras, ele sabe onde me encontrar... (risos) Mas eu gosto daquele mesa sim. Hoje é montada. Todos os meses, inclusive domingo passado foi o culto de Páscoa e nós tivemos a Santa Ceia. E ela foi montada. Deixamos ela montada desde o início do culto até o final e depois recolhida. Aquele pão e aquele vinho...

35 - Crêem os protestantes que aquele não é o corpo, não se transforma no sangue e no corpo. Mas aquela ceia é “em memória” ou Jesus está ali junto com aquela ceia?

O próprio Jesus disse que é “em memória”. E o fato dele não se transformar.. isso é também uma crença também católica... transubstanciação dos elementos... nós não cremos nisso. Você pode morder o pão, ele não vai se transformar em carne. Ele não vai sangrar na sua boca por que continua sendo pão. Mas... consubstanciação. Nós cremos naquele símbo-

lo... nós cremos que aquilo representa... porque Jesus, quando ele ergueu o pão, não disse, “esse é o pão”. Isto é meu corpo. Ele partiu o pão e disse: isto é o meu corpo. Então, ele representa o corpo. Ele não é o corpo de uma forma literal, mas representativa. Da mesma forma, o suco da uva, já adiantando a sua pergunta. É o suco da uva, não usamos vinho não por uma questão do vinho pelo próprio vinho. Mas até que talvez seja... (risos) Porque particularmente eu sou extremamente contra a bebida alcoólica. Eu sou radical nesse aspecto. E nós temos pessoas que, principalmente por causa do nosso contexto... talvez uma pessoa que é alcoólatra... existe um ditado no alcoolismo que diz que “um copo é muito, uma caixa é pouco”. Então eu não preciso abrir esse precedente para ninguém. Não preciso ser eu... por isso nós usamos o suco... sem fazer propaganda de nenhum... suquinho em cálice individual. Não compartilhamos muito os cálices, não. Trocamos o cálice na hora da ceia. Não todos os cultos de Santa Ceia, não. Prá não cair simplesmente em um ritual banal. Mas, às vezes, deixando uma parte... Dali, dois, três meses... Hoje nós vamos trocar o cálice. Então, com o suco da uva e o pão...

36 - E o pão? Pão Pullman picado?

Pão de forma. Pão Pullmann já é uma propaganda... Um pão de forma picado.. embora eu goste já de um pãozinho já pronto. Ainda quero ver se alguns irmãos da igreja agilizam isso. Já faz algum tempo que eu quero que seja assim, mas ainda não deu certo... É uma massinha sem fermento, até mesmo já figurando o pão asmo. Uma massa sem fermento, uma massa não levedada, sem gosto, sem sal, sem nada, que já esteja ali prontinha. Que a gente possa então, participar. Eu acho isso bom. Várias igrejas nossas já usam. Não, não usamos ainda, até porque pensando na Santa Ceia, enquanto os irmãos não compram, eu vou no supermercado e vou encontrar aqueles biscoitinhos que são pequenininhos assim... Que não tem gosto nenhum... é um ventinho. Praticamente, água e sal, talvez... para termos, para não ser o pão de forma. Nenhum problema, eu tenho um desejo no coração de em um dia de Santa Ceia, fazer a Santa Ceia, sentar os membros do conselho, da junta da igreja... todos ao redor de uma mesa... como figurando a última ceia. Mas tomara que naquele momento não tenha nenhum traidor, em nome de Jesus.(risos) Mas vão estar ali, vários

cálices em uma mesa enooorme, né? Seria uma Santa Ceia linda! Todos sentados ao redor da mesa e um pão. Ou três ou quatro pães grandes que eu pudesse partir e cada um pudesse dar um pedaço de pão para cada um. Ou pegar um pedaço e dar para cada um. Você parte, (então) dê. Isso é um símbolo lindo. A Santa Ceia é maravilhosa. Me regozijo até de lembrar desse momento.

37 - Deixa eu perguntar uma coisa para o Senhor. O púlpito da sua igreja, ele está bem no centro. Porque no centro e não ao lado. Porque do púlpito? O púlpito é de madeira?

Sabe que isso é uma pergunta que... na minha mente não existe nenhuma justificativa porque isso e porque não aquilo. É porque eu cresci vendo assim. Cresci vendo o púlpito lá no centro do altar. Então, nada mais óbvio do que eu colocar o púlpito no centro. Talvez se eu tivesse crescido... por exemplo, eu estava vendo, eu vi já há algum tempo, quero revê-lo... um filme de Moody, Dwight L. Moody. Naquele filme você vê o púlpito no canto e no alto. Até porque não tinha som. A voz era projetada sobre o povo. A acústica do lugar era já feita para isso. Então, era no canto e mais alto. O cantor vinha, empostava a sua voz sem instrumento, sem... talvez um órgão, talvez não... sem microfone, sem nada e ali cantava para a congregação e era no canto. Era uma coisa daquela época. Se surgiu no centro por um orgulho humano, por uma soberba humana, desculpe, eu só sou fruto do meio. Se veio para o centro do altar por alguma outra razão, eu desconheço. Eu uso por ter crescido vendo assim. Ele é de madeira porque eu prefiro púlpito de madeira. Ele é fechado porque eu prefiro púlpito fechado. Porque existem púlpitos de madeira que são abertos, tem vários modelos de púlpito. Não gosto de púlpito "tudo emperiquitado", mesmo porque o centro do culto é Jesus. O centro do culto não sou eu, não é o instrumento, não é nada... que nós possamos ter de material dentro da igreja, deste local. Prefiro ele fechado, prefiro ele de madeira porque eu prefiro não me expor. Não preciso que ninguém fique olhando o que eu estou vestindo. Se o meu terno é comprido ou é curto. Ou se é de marca ou se não é. Se o meu sapato brilha ou não brilha. Eu não preciso nada disso. Eu preciso é que quando eu abrir a boca, quando eu pregar a palavra de Deus, as pessoas ouçam essa palavra e se convertam ao Senhor pelo poder da Palavra. Não adianta nada uma pessoa chegar... Uma vez eu cheguei em uma igreja... tinha um púlpito em uma forma de X, com um negócio todo

estrombótico... Eu falei... Gente, meu Deus! Aí eu vi o pastor. Falei, gente, o púlpito combina com o pastor. Porque o pastor exprimia aquela imagem... estranha para mim. Talvez para os membros daquela igreja não fosse. Eu prefiro a coisa simples. Sem “emperiquitar” muito. Porque eu realmente acho que tem algumas coisas que tiram o centro da atenção que deve ser Jesus. Gostaria que fosse um pouco mais bonito. Até porque ele é um balcão. Eu o uso como púlpito. Ele é um balcão, mas hoje ele é o melhor móvel que eu tenho para colocar aqui, até eu poder comprar um. Mas quando eu comprar um púlpito e você voltar aqui, você vai ver que será algo simples, tranquilo. Prefiro que ele seja fechado, realmente como eu disse, para não me expor, eu acredito que alguns púlpitos expõem muito o pregador. E eu acredito que tem alguns pregadores querendo ser expostos.

38 - O Senhor tem óleo da unção guardado no púlpito?

Tenho óleo, tenho... as salvas das ofertas estão ali. O óleo da unção está ali. As vezes tem algumas coisas que não precisam estar ali e estão... (risos) Mas o principal está ali que, é o óleo da unção. As vezes tem um hinário. Tudo fica realmente ali.

39 - E o Senhor ora por cura das pessoas?

Sim. Oro...

40 - Utiliza o óleo?

Sim, Tiago diz no capítulo cinco que “se há alguém entre vós doente, chame os presbíteros da igreja, ore, ungiendo com óleo”. Então é bíblico ungi com óleo, embora a unção não esteja no óleo. A unção de Deus está na pessoa e não no óleo. O óleo pode ser o óleo da sua cozinha. A bíblia não especifica, azeite, óleo com cheiro, sem cheiro, de soja, de milho... não importa, tem que ser óleo. Se é Johnson... não importa. Desde que seja óleo, está dentro da Palavra. A unção não está em coisas palpáveis. A unção é a unção de Deus. Vem sobre o homem.

41 - O Senhor falou que tem um hinário? Vocês cantam hinos?

Sim... cantamos hinos até na marra. Fataalmente nós não queremos cantar os hinos. A igreja contemporânea ela tem... muitos lugares tem abandonado os hinos. Além de ser pastor, sou ministro de louvor, estou escrevendo um livro na área de adoração. E eu toco nesse aspecto... porque a igreja, ela... temos muitas pessoas aqui na igreja. Temos crianças, jovens, adultos, senhores, senhoras, velhos, pessoas que estão na igreja desde o seu nascimento. Pessoas que chegaram na igreja agora, e tem muita gente que não gosta de ouvir algum tipo de música. Ela gosta mais de "tocou-me, Jesus tocou-me". Ela não gosta de "água que dá no joelho, que dá no lombo, que dá nisso...". Embora o cântico esteja baseado na bíblia, o ritmo não expressa aquilo que a pessoa está acostumada e ela vai ter uma dificuldade de adorar a Deus com aquilo. E os hinos não podem ser desprezados por duas razões: primeiro por causa da sua tônica que traz a mensagem reformada. Traz a mensagem de uma forma bíblica também, mas mais esse conteúdo... porquê os hinos que nós temos hoje... na sua maioria foi escrito na época da Reforma, das muitas Reformas que nós tivemos. Foram escritos nesses tempos, nesses períodos. Tudo bem que, se nós voltarmos lá, nós teríamos que dar uma "reformada" na música hoje, porque o hino que nós... que muita igreja venera hoje, no passado foi rechaçado. Porque eram as canções da época. Não foi feito uma melodia nova para o hino novo. Não, a música que era tocada nas tavernas, que eram tocadas nos bares, nos lugares, os autores pegaram aquelas músicas... Eram aquelas músicas que tinham e colocaram as mensagens. Hoje nós achamos que... não, aquela música que era música boa. O rock que é cantado na igreja hoje, esse rock não é de Deus (irônico). Não, tanto a música do passado quanto o rock de hoje, são de Deus. O que precisa mudar é a letra. Então, cantamos hino sim, por causa da letra, por causa da mensagem. E por respeito aos senhores de cabeça branca que temos na igreja e para fazer com que os jovens que nós temos na nossa igreja não se esqueçam que nós temos uma história. E que os milhares de cânticos que nós temos hoje... eu tenho que juntar uns 10 ou 20 para dar a mensagem de um hino. Então por isso, eu canto hino na igreja. Tento cantar todos os domingos. Tento cantar... não são todos os domingos que cantamos. Mas tento cantar. Tanto é que eu tenho hinários na igreja. Eu tenho... comprei hinários. Eu tenho digitado no projetor, mas eu te-

nho os hinários e quando eu vou cantar o hino, se ele está no hinário eu quero que todas as pessoas abram o hinário. Isso é um bom hábito que deve ser cultivado e eu tenho tentado fazer isso.

42 - Eu vi que o Senhor tem ali no canto direito, a esquerda do púlpito uma bateria, um teclado, dois atabaques... Atabaque não é do demônio, alguma coisa parecida?

Se o demônio usa o problema é dele. Porque a bíblia diz no salmo 150 que nós temos que louvar ao Senhor com todos os instrumentos. Com adufes, com danças, com tamborins, címbalos altissonantes, instrumentos de corda, instrumentos de sopro. Nós temos que louvar a Deus com todos os instrumentos. Ora, então, nós temos que pegar os instrumentos que Davi fez e condená-los ao inferno porque é do Diabo? Mas não é do Diabo, o Diabo rouba e deturpa as coisas que Deus criou. Então, só melhorando o nome, talvez para alguém chamar de atabaque, talvez a mentalidade vai lá no centro de umbanda. Por isso nós chamamos de conga, tumbadora... é o mesmo instrumento. Embora exista o instrumento do atabaque e eu não teria problema de ter um, só não tenho por que eu não tenho dinheiro para comprar.⁴³ Posso colocar nessa mesma lista o berimbau. Por exemplo, eu tenho o maior desejo de gravar uma música que eu insiro ali um berimbau e dois “cabra convertido” jogando capoeira. Isso é uma coisa que eu vou fazer ainda. Prá fazer valer o salmo 150, que deve ser louvado com todos os instrumentos e com danças. Não... o atabaque não é do Diabo... o berimbau não é do Diabo... a bateria também não. O Diabo às vezes... isso não é bíblico e é até uma heresia dizer assim, mas ele às vezes é bem aventurado, sabia? Porque nós ficamos dando as coisas para ele e ele fala: Obrigado. Eu nem fiz isso, não construí isso. Quem fez isso foi Deus, mas você está me dando e eu faço uso disso.

43 - O povo reclama, fala alguma coisa do barulho? Se é alto ou não é?

⁴³ Este entrevistador confundiu o instrumento musical “atabaque” com o instrumento musical “conga”.

Sim... sim... Porque a bateria... Até que as tumbadoras não... o volume delas é bem diminuto. Ela (a tumbadora) precisa ser microfônada para alcançar o volume total da congregação cantando, os instrumentos tocando. Mas a bateria, ela tem seu volume muito alto e até... isso é um problema que eu tenho. Todas as demais igrejas têm... principalmente em um salão pequeno como este, de chegar para o baterista e dizer: Meu filho, toca mais baixo, né? Eu não tenho um volume para abaixá-lo. É a mão dele mesmo que tem que ser mais leve. Algumas pessoas às vezes falam: Poxa Pastor, tá alto o som. E a gente tenta regular da melhor forma possível. O som não precisa ser alto para ser bom. O som precisa ter qualidade.

44 - Eu vi aqui no seu templo que tem vários *banners*, falando do aniversário da igreja e outras informações. O senhor não tem nenhuma cruz ou símbolo como cálice ou uma pia de batismo, e outros símbolos? Algum problema em relação a símbolos como a cruz?

Nenhum problema. Na verdade domingo nós tínhamos aqui dentro uma cruz. Porque a cruz é símbolo do cristianismo, sim. Só que nós usamos a cruz sem o Cristo crucificado. Porque ele não está lá crucificado. Ele ressuscitou. Então eu gosto muito da cruz. Me identifico com a cruz. Gostaria de ter uma cruz no centro da igreja para que todas as pessoas pudessem olhar e ver que foi na cruz que foi o meu Jesus crucificado ali. E o meu pecado castigado em Jesus. Pelas suas pisaduras fomos sarados. Ele foi moído pelas nossas transgressões. Então, nós devemos continuar olhando para a cruz porque Jesus diz que a cada dia nós devemos tomar a nossa cruz. E ela não foi modificada. E ela não foi feita mais bonita ou diferente. Ela continuará sendo uma cruz. Não tenho ainda porque eu estou em reforma e quando... em reforma do templo. E quando foi feito esse acabamento, não deu tempo para colocar ainda, mas eu quero ter ainda uma cruz. Eu tenho um tanque batismal aqui embaixo da plataforma. Tenho um tanque batismal muito bonito que vai ser quebrado, infelizmente, porque a nossa igreja vai mudar de sentido. Nós estamos em reforma e vai para o sentido oposto. Então lá, nós construiremos um novo. Aquela mesa que eu falei no início... quando nós tivermos aquela mesa, então vai ficar ali constantemente um cálice, umas uvas artificiais, simbolizando a vinha. Talvez uns ramos de trigo. Porque se o

grão de trigo caindo na terra não morrer fica ele só, mas se morrer produz muito fruto. São símbolos muito bons para as pessoas olharem constantemente e pensarem sobre a sua vida.

45 - O Senhor faz a utilização de rádio? Ouve rádio evangélica? Só ouve rádio evangélica? O seu povo costuma ouvir?

Eu ouço, meu povo costuma ouvir, mas as rádios são muito ruins. Os programas são terríveis. É um tal de “coloca o copo d’água em riba do rádio” e isso não dá. Infelizmente não dá. Nossas rádios evangélicas são péssimas. Sem contar que são na maioria esmagadora “piratas”. E isso já é um mal testemunho. Só que infelizmente nós não temos outro meio de ter uma rádio legalizada. Talvez até tenha, mas esse meio, ele é extremamente difícil de ser alcançado porque envolve política. Envolve o querer político... e então isso gera a clandestinidade. Eu não sei se no Juízo, Deus vai perguntar há algum pastor que tem algum programa de rádio pirata... Olha, eu (Deus) era contra aquilo... Você nunca entendeu? Não sou eu que vou dizer isso, o que é ou o que não é. Já tive programa em rádio e hoje não tenho mais. Hoje eu ouço pouquíssimas rádios evangélicas. As vezes eu ouço uma programação e as demais “não dá” mais. É complicado por causa disso. As pessoas levam os seus costumes para dentro do rádio e querem impor um evangelho que não é bíblico. É difícil ouvir rádio hoje. São poucas as que a gente pode identificar... Poxa, essa aqui dá para ouvir.

46 - Por falar em “pirata”, no centro de Campinas, nós vemos muitos camelôs... Eu já vi, vendendo CDs que são claramente evangélicos e piratas. O Senhor tem alguma palavra sobre isso? Qual a sua opinião?

Isso é o “calcanhar de Aquiles” de todo cristão. Talvez, quem “ver” esta entrevista, vai falar: Inclusive o seu? Graças a Deus, não. Eu não compro CD pirata. Eu procuro não comprar nada pirata. Eu não ando com tênis de marca porque ele custa caro. E também não ando com a mesma marca por pagar oitenta reais ou cinquenta reais. Porque é pirata e eu não acho isso certo. Isso é lucro ilícito, indevido. Eu sou um compositor e eu não consigo

imaginar eu passando naquela rua... e de repente olhando para a banca e vendo um CD meu ali naquela capinha de plástico... com aquela foto "tirado" xerox... Eu acho que teria "um treco"... Acho que eu teria um enfarto! Então, isso é sementeira. Não quero para mim, não posso querer para ninguém... eu prego isso na igreja, eu falo para as pessoas não fazerem. Infelizmente não dá prá gente cercear. Simplesmente falar: não compre, não faça isso, não... A gente orienta a não fazer. Infelizmente as pessoas fazem e vão continuar fazendo porque os nosso país é um país de impostos muitos altos. Embora essa desculpa, se isso for algo que Deus vai questionar, isso não vai valer como desculpa. Mas infelizmente isso acontece de uma forma assim, em larga escala. De cem pessoas na igreja, talvez sessenta, setenta, oitenta, tenham CDs piratas na sua casa, DVDs e tudo o mais. Só continuando... você pega um DVD evangélico, ele custa R\$ 40,00. Você pega um DVD de qualquer outro artista, ele custa R\$ 25,00; R\$ 20,00, entendeu? Você vai comprar o CD e o DVD por R\$ 29,90. Por R\$ 35,00. E um CD evangélico custa R\$ 40,00. É muita coisa! É muita coisa! Você pega um livro evangélico... Você vai pegar um livro de um autor qualquer aí... um livro bom... você vai pagar R\$ 35,00. Se for um livro de trezentas páginas, vai pagar R\$ 40,00. Você vai pegar um livro de um outro autor, de uma outra editora... Por isso muitos autores evangélicos estão partindo para outras editoras. Para editoras seculares mesmo... Por que? Porque estão fazendo chegar seu livro na mão do povo por um preço mais acessível. São coisa que, infelizmente, se continuar assim, gera pirataria. Gera clandestinidade.

47 - E o Senhor ou o seu povo, compra CDs, livros, bíblias, onde?

Livrarias evangélicas. Nós temos a nossa livraria que leva o nome da igreja, "Livraria do Nazareno".mas lá... até mesmo lá é mais caro do que em outras livrarias do centro da cidade. Mas compramos em livrarias evangélicas... Por exemplo, se estou fazendo compra no supermercado e eu passo na parte de CDs... o CD no supermercado é mais barato que na livraria evangélica. Qualquer, qualquer CD ou DVD no supermercado... livros também... no supermercado. Porque ele compra em quantidade muito maior, também existe isso. Mas é mais barato do que na livraria evangélica. Então, às vezes, você passa lá e vê um CD a R\$ 12,90 e na livraria custa R\$ 19,90. Compra no mercado.

48 - Há livraria evangélica aqui?

Aqui no bairro, se eu não me engano, existe uma. Mais no Monte Cristo, prá lá da avenida. Parece que eles tinham... se eu não me engano... se não fechou.

49 - E bíblias? Existem muitas bíblias hoje. Qual a bíblia que o Senhor usa? Seu povo usa? É Revista e atualizada? É Revista e corrigida? NVI ou outras?

Cada pessoa tem liberdade para comprar a bíblia que quiser. Eu uso no púlpito a Revista e atualizada. Tenho Corrigida. Tenho NVI. Tenho Bíblia Católica. Tenho Bíblia na Linguagem de Hoje. Tenho várias bíblias. Mas a bíblia que eu uso no púlpito é a Atualizada. Por que? Porque é a bíblia que eu recomendo que o povo compre. Compre Bíblia Revista e Atualizada. Eu sei que tem irmãos nossos de outras denominações que usam a Revista e Corrigida. Mas, por exemplo, não gosto da Revista e Corrigida, por que? Porque a Revista e Corrigida... existe uma tendência nela, no que diz respeito ao pecado, e isso é muito sério... que mostra Deus levando as pessoas a pecarem. Como que Deus pode levar uma pessoa a pecar? Aí eu comecei a ver e comecei a buscar as referências... Se você pegar Deuteronômio 8,2 que fala assim... “e lembrar-te-ás de todos esses quarenta anos que eu te guiei pelo deserto para te humilhar e para te por à prova.” Isso está correto. Deus põe pessoas à prova. Se você pegar a Revista e Corrigida, está escrito: “para te humilhar e para te tentar”. Deus tenta? A bíblia diz que Deus não é tentado pelo mal e a ninguém tenta. Então como que ele te guiou pelo deserto para te tentar? Então, está errada a versão. Você pega o salmo 141, versículo 4... “Senhor, não permitas que o meu coração se incline para o mal”. Maravilhoso, eu estou orando ao Senhor, pedindo: Senhor, me ajuda! Não deixe meu coração, que se incline para o mal. Você pega a Revista e Corrigida, o mesmo salmo vai dizer: “Senhor, não incline meu coração para o mal”. Uma palavrinha que faltou... “não incline meu coração para o mal”... “não me induza para o mal”. “Peraí”... Deus vai me induzir para o mal? Deus vai inclinar o meu... Não consigo ver Deus na sua santidade, na sua misericórdia e na sua justiça, inclinando uma pessoa para o mal. Não existe isso. Mesma coisa... Da mesma forma a grande oração de Jesus, o Pai Nosso. “E não nos deixes cair em tentação”, corretíssimo. Agora, você pega a Revista e Corrigida está escrito: “e não nos

induzas à tentação". Meu Deus! Isso é uma catástrofe teológica. Deus induzindo alguém para o pecado. Por essas razões eu não uso a versão Corrigida.

50 - O Senhor não vê ou vê alguma restrição que os membros utilizem bíblias como, citando, Bíblia da prosperidade, bíblia de Jerusalém, bíblia de Genebra, bíblia da mulher, a bíblia?

Contanto que o texto seja... o texto quase que cem por cento usado no Brasil, que é de João Ferreira de Almeida... tá tudo bem. Quando uma pessoa compra uma outra bíblia, eu procuro somente mostrar para ela... quando você chegar a ler isso, presta atenção nisso para que você não tenha um entendimento errado da Palavra. A linguagem NVI, linguagem de hoje, outras bíblias de estudo... Eu tenho bíblias de estudo. Mas a bíblia de estudo é meio tendenciosa em algumas coisas. Você pega uma bíblia pentecostal, por exemplo... Talvez a minha primeira bíblia que eu comprei foi a bíblia pentecostal. Eu achei ela bonita e tal... Você já pega o problema de ela ser Edição Revista e Corrigida. Pelo menos foi isso que eu identifiquei. Ai você já pega a tendência pentecostal dela que é uma bíblia que quase que pode ser chamada de uma bíblia Assembleia de Deus. Porque ela é tendenciosa nos seus comentários. Alguma bíblia um pouco menos assim... talvez uma bíblia de Almeida... Bíblia de Estudo Almeida... tem os seus comentários muito bem... sem linha teológica quase que nenhuma. Você pega uma bíblia Plenitude... bacana... Apesar de eu ter essa bíblia Revista e Corrigida porque não tinha na versão Atualizada, eu tenho uma bíblia de Estudo na versão do Max Lucado. Muito bacana os estudos. Os comentários são bem bacanas. A diversidade de bíblias é muito ruim no culto. No culto é horrível a diversidade de bíblias. Por que? Porque o pastor vai ler um texto, não dá para fazer uma leitura responsiva. Um vai falar "A", outro "B", outro "C" e todo mundo tinha que falar junto. Como é que fica? Eu oriento que as pessoas usem uma versão.

51 - O Senhor costuma fazer oração na hora da refeição?

Sim, oro em todas as refeições. Ensino minha filhinha de dois anos a orar. Isso é um bom hábito porque o Senhor Jesus mesmo dava graças em toda a refeição. Toda a vez que

nós encontramos Jesus se alimentando nós vemos que ele dava graças. Então esse é um hábito que a gente não deve se esquecer. E tem crentes que, infelizmente, só oram nesses momentos. Mas é um hábito que é importante para o crente, dar graças. A bíblia diz que nós devemos receber de tudo e tudo o que é recebido com ações de graças é bem-vindo. É quase que um mandamento bíblico, dar graças antes das refeições. Embora não esteja escrito dessa forma.

52 - E nos aniversários? Canta alguma música?

Aniversário de um crente... inclusive semana passada tivemos o aniversário de um jovem que é crente da nossa igreja, mas que tem uma série de amigos... E lá estava tocando umas músicas assim... meio diferentes, né? Puxa, até perguntei... essa música não toca na igreja... Impressionante. Mas cada um é cada um. Cada pessoa ela deve dizer para si mesmo o que eu vou ouvir, o que eu vou fazer. Na minha festa vai ter bebida? Não vai ter bebida? Mas eu tenho parentes que não são crentes. A festa é minha. Vai tomar aquilo que eu colocar na mesa. Vai ouvir aquilo que eu colocar no som para ouvir.

53 - E canta “parabéns prá você”?

Nós da igreja cantamos diferente. Nós cantamos... nós abençoamos as pessoas “com Deus ao seu lado; um novo porvir; e que a vida lhe seja um eterno sorrir”. Tiram os “é pique, é pique, é pique” e o “rá-tim-bum”. Nós cantamos que “é benção; é um montão de benção”, “é glória, é um montão de glória, aleluia”. E os aniversariantes da igreja têm ficado felizes dessa forma.

54 - Pessoas não crentes ficam constrangidas quando ouvem esse...?

Sim. Quando alguém me convida para falar em um aniversário. Eu vou sem problema nenhum. Eu não vou dominar o “parabéns prá você” das outras pessoas. Elas vão cantar sem problema nenhum. Agora, quando é uma festa nossa que tem outros visitantes... Esse aniversário do membro da nossa igreja, que é cristão. E a nossa igreja estava lá... os

jovens estavam lá. Mas estavam os amigos dele da escola, os amigos dele da vizinhança e tal... Quem dominou o parabéns? Fomos nós. Os amigos de fora acabam ficando “meio desconjuntados assim...” É diferente, né? Mas não falam nada e talvez, simplesmente acham estranho.

55 - A sua igreja faz campanha?

*Sim e não (risos). Fazemos campanhas que levam a pessoa a orar mais, a ler mais a Palavra. Uma campanha que temos feito, que algumas Igrejas do Nazareno também têm feito é “seis dias de batalha pra seis meses de vitória” ou “seis dias de clamor para seis meses de vitória”. Trazemos pregador “de fora”. Essas campanhas têm sido benéficas em nossa igreja porque tem levado as pessoas a buscar mais a Deus. Pelos seus propósitos de vida sim, mas tem feito as pessoas orarem mais. Não fazemos campanhas baseadas em dinheiro. Não fazemos campanhas baseadas em simplesmente benção financeira. Não fazemos campanha porque você tem que prosperar. Não fazemos campanha porque você é cabeça e não é cauda. Não fazemos campanha dando nada para ninguém levar para casa. Ninguém leva rosa ungida, pedra da unção, óleo de Israel. Nada disso. Isso é tudo sincretismo religioso. Nós não nos apegamos a nenhum tipo de símbolo. (exemplificando) No meio dessa campanha você leva esta pedra e coloca... Para com isso. Isso é quase macumbaria, na verdade. E muitas igrejas vão ter que dizer lá para Jesus quando chegar lá... Muitos pastores e líderes... e dizer para Jesus aonde foi que encontram essas coisas. Eu tenho muito receio de um texto que Jesus diz assim: *ái daqueles que fizer errar um desses pequeninos. Melhor fora não haver nascido.* Eu tenho muito temor desse texto. Por isso eu não faço um monte de coisas na igreja.*

56 - E oração no monte? As pessoas vão? O Senhor já foi?

Nós vamos no monte... vai no vale, vai no quarto, vai na igreja, no banheiro, na rua. A gente não se apega à oração do monte. “Ela é mais poderosa porque no monte... (com ironia e ênfase na palavra monte)”. Não, o monte pode ser no altar. Pode ser na sua casa.

O Brasil é um país muito místico, então as pessoas se apegam a muitas coisas como essas. Ah, eu fui batizado com o Espírito Santo quando eu fui no monte (falando sobre as pessoas e não do próprio entrevistado). Não foi o monte, foi o Espírito Santo.

57 - Que monte o Senhor conhece que as pessoas frequentam?

Eles vão perto aqui da Pirelli. Vão em Souzas. Mais ou menos isso... eu não tenho muito... não, não... eu não vou muito a monte. Vou quando alguns colegas me convidam, me chamam.

58 - Pastores?

Pastores... Vamos lá... eu vou com a igreja no monte, vamos lá também? Vamos.

Por que para mim, orar no monte, orar aqui na igreja... ontem eu cheguei na igreja, dobrei meus joelhos aqui e falei com Deus. Eu estava no monte. Pode até ser um "monte de concreto", mas eu estava no monte (risos).

59 - A sua igreja promove acampamentos, encontros?

Sim.

60 - Que tipos?

Acampamentos de carnaval, embora carnaval seja uma data que tudo é muito mais caro. Mas... acampamento de inverno... de crianças... de casais... retiros de casais. Eu acho benéfico porque é um momento para você tratar alguns assuntos pertinentes. Eu fui... me converti verdadeiramente em um acampamento. E fui batizado com o Espírito Santo em um outro acampamento. Então para mim, acampamento é muito benéfico.

61 - E qual o custo desses acampamentos? Quanto sai um acampamento para jovem ou para criança ou para casal?

Um acampamento para jovem hoje... você não consegue, devido... como as coisas subiram... Com menos de cento e vinte reais você não consegue fazer um acampamento bom, com uma estrutura boa. E isso dos baratos.

62 - Por pessoa?

Por pessoa. Você vai encontrar acampamento de trezentos reais. Em outros lugares, nós aqui não.

63 - E encontro de casais?

Encontro de casais é um pouco mais complicado porque o casal exige uma estrutura. O retiro de casal... O encontro de casal tem que ser em um hotel. Se for em uma chácara, tem que ter chalés. Você não vai separar os casais. Vai colocar cada casal em um chalé, em um quarto de hotel. Então gira em torno de quatrocentos e sessenta, quatrocentos e oitenta (reais). Por que aí, no caso, é um investimento no seu casamento. Então, o valor eu creio que não é o ponto da questão.

64 - E acampamento de crianças? Também há? Existe?

Existe. Nós fazemos às vezes. Criança come um pouco menos, então dá, talvez com cinquenta, sessenta reais... se consegue fazer um acampamento de criança. Por pessoa.

65 - E festas? A igreja faz coisas como, festa da primavera, festa junina?

Primavera sim. Nós temos a "Noite da primavera". Não temos uma festa junina. Temos uma festa que acontece em agosto, justamente para não ter uma identificação direta com o catolicismo que faz a quermesse, faz a festa junina, julina. Nós fazemos logo na primeira semana de agosto uma festa que chama-se "o arraiá da Naza".

Não tem quentão, não é?

Não, tem “crentão”. Tem “crentão” (risos). É um ponche na verdade, com guaraná, sei lá o que as irmãs fazem lá... mas não tem... não é alcoólico. Não vendemos bebida. As bandas que vem tocar são cristãs. A música que roda na festa é evangélica. Nós fazemos na rua da igreja mesmo, barracas com alimentos. Barracas de brinquedos. E os fundos são para os projetos da igreja. É um momento bom e um momento de evangelismo que a gente também para tudo e prega. Tudo o que nós fazemos nós inserimos a Palavra no meio. Quem estiver passando vai ouvir. E é benção.

67 - Com comidas, doces típicos da época? Ou vale tudo?

Vale tudo. Por que doce que é da época? Que a gente nunca come fora de época? A gente come paçoquinha o ano inteiro. Come doce de coco o ano inteiro. Então, falar que é de agosto, que é de julho ou que é do nordeste, que é do sudeste... não existe muito isso não.

68 - O Senhor gostaria de acrescentar algum comentário?

Não, acho que não. Acho que eu falei um tanto... estou até rouco já. Mas, eu amo muito a igreja. Amo muito a Igreja do Nazareno. Essa igreja é minha paixão depois de Cristo, porque aqui que eu comecei meu ministério.

69 - A sua família...

A minha família congrega aqui. Sou casado, tenho uma filha de dois anos. Sou casado com uma jovem maravilhosa, K,.. Eu amo muito este bairro. Tudo aquilo que no começo eu tinha de aversão, hoje eu tenho do querer. De ver isso aqui transformado. Meu maior desejo é ver as pessoas mudadas e restauradas. Eu acredito que Deus tem uma obra aqui comigo neste lugar. Muitas pessoas de grande peso espiritual a nível denominacional chegaram para mim falando assim... você é um desperdício naquele lugar. Eu falei para essa pessoa. O Senhor não sabe o que o Senhor está falando. Eu fui chamado para aquele lugar. Deus me colocou aqui. O que eu faço aqui, posso dizer, sem demagogia nenhuma, mais ninguém faz. A forma que nós levamos a igreja e o evangelho nesse lugar. A palavra

que é pregada... claro, com muito temor e tremor... sabendo que é Deus que faz todas as coisas. Mas não tenho visto as outras igrejas fazerem. E isso nos faz saber que Deus tem um particular conosco neste lugar. Sei que cada igreja está ganhando pessoas para Cristo e isso é um ponto pacífico. Não vamos discutir isso. E é o que nós temos que fazer. Existe uma parcela desse povo que eu sei que Deus tem entregue nas minhas mãos.

Entrevistador: *Muito obrigado.*

Entrevistado: *Amém. Deus te abençoe.*

Entrevistador: *Obrigado.*

ANEXO 2

Transcrição da entrevista gravada com o Vereador Jaírson Valério dos Anjos

Entrevista com o Vereador Jaírson Valério dos Anjos, o Vereador Canário. O Vereador é líder comunitário no Parque Oziel. Hoje é dia 08 de setembro de 2010.

01 - Vereador, conte para nós um pouco da sua vida. Se o senhor é de Campinas... ? E depois, como foi o início do movimento lá no Parque Oziel?

Na verdade eu sou baiano. Eu vim da Bahia para o Paraná com quatro anos, mais ou menos de idade. Do Paraná minha mãe veio para o Estado de São Paulo em 1968. Moramos em São Paulo, em Mogi das Cruzes. Em 1970 nós chegamos em Campinas. Em Campinas, nós ficamos aí, trabalhando na região... na roça. E depois, como é que eu posso dizer, nós saímos do sítio e fomos para os bairros.

02 - Na roça aqui em Campinas mesmo?

Roça aqui em Campinas. Reforma Agrária chama o bairro. Lá foi onde a gente cresceu mais na roça. Trabalhei muitos anos na roça. Até os dezesseis anos. Depois saí, fui trabalhar em frigorífico. E aí começou nossa militância. Até chegar o meu casamento. Com vinte e oito

anos... Eu casei com vinte e oito anos. Fui morar num bairro, também numa periferia, em Campinas também. Em 97, aí surgiu a ocupação do Parque Oziel.

03 - O Senhor participou da ocupação ou chegou depois?

Na segunda semana. Tava começando o Parque Oziel. E aí eu militei lá durante dois anos e meio depois da ocupação, faltavam... dois anos e meio, quase três anos, eu me tornei Presidente do bairro. Peguei momentos difíceis como Presidente.

04 - Teve morte, inclusive, de um ex-presidente?

Muitas ! Muitas ! Olha, em dois anos e meio, quase três anos, morreram dezenove lideranças. Entre presidentes, ajudantes, da associação... né? Aí eu vim para ser Presidente do bairro... Aí eu vim para ser Presidente do bairro. Vim com autorização do Senhor Jesus. Quando eu fui convidado, o último líder tinha morrido... Eu fiz uma campanha de três dias na igreja.

05 - (campanha) De oração?

(campanha) De oração e pedi prá que ele falasse comigo. Se eu deveria ir ou não?

06 - O Senhor já era da igreja?

Já. Eu era da Deus é Amor na época.

07 - Da Deus é Amor?

Da Deus é Amor. Não era batizado. Não era ainda. Mas aí eu sempre vi que Deus tinha um trabalho...

08 - O Senhor se converteu ou já era de família evangélica?

Já. Na verdade minha sogra, minha irmã sempre foram. Mas quando eu casei, minha sogra e minha mulher eram da Deus é Amor. Aí eu comecei a ir na Deus é Amor também. E fiquei bastante tempo. Fiquei uns dois anos, quase três. Minha sogra até hoje, ela ainda é. E aí eu fiz uma campanha. E pedi para o Senhor se eu deveria ir ou não. O Senhor usou o servo dele... Falei em silêncio com o Senhor e no último dia da campanha o Senhor falou que tinha um irmão que tinha pedido ao Senhor prá guiar os passos dele. E que o Senhor estava dizendo que ele poderia ir que o Senhor estava junto com ele. Guiando os passos dele. Aí eu assumi o bairro. Aí eu assumi o bairro com outro tipo de governar dos líderes que tinham sido assassinados antes.

09 - Como? O que foi de diferente dos outros líderes?

Prá você ter uma ideia, o último líder a sair de lá... Eles tinham até tomado uma igreja da Assembleia de Deus.

10 - Mas tomado para... ponto de drogas ou...?

Não, tomado porque o seguinte... Eles queriam dinheiro. Táva na altura da... daquela igreja... da igreja da passarela. Que é da Assembleia de Deus do Ministério Belém.

11 - É Oziel I?

É, é Oziel I se eu não me engano. Eu confundo II com I. Então o que acontece? Qual foi o primeiro ato meu? Quando... voltando atrás... Quando o líder foi lá que proibiu a igreja de continuar a obra, o pastor foi falar com outro líder que trabalhavam juntos. Falou, olha... O Fulano lá tomou a obra... a igreja lá... a obra de Deus. Ele falou... (o líder comunitário) Olha... Aí ele mostrou o revólver pro pastor e falou: Aqui tem como o Senhor falar mais rápido com Deus. Já que a obra é de Deus, nós vamos fazer o Senhor falar mais rápido com Deus. Aí o que aconteceu? Um mês depois tinha sido assassinado esse pessoal. Foi quando eu assumi. Então, já que Deus tinha falado prá mim que ele estava comigo... Eu acreditei e acredito sempre que Deus usa a sua Palavra ou um irmão prá dar... prá transmitir o recado

prá gente... Eu sempre acreditei nisso. Então eu fui lá e fiz o primeiro ato meu que foi devolver o prédio da igreja. Fui direto na sede da Assembleia de Deus e devolvi. Até o pastor mesmo (ruídos) O que você quer? O que eu quero?... Que os outros tinham pedido seis mil reais dez anos atrás para poder liberar a obra. Eu falei... Olha, o que eu quero é que a igreja levante oração por mim e pela minha família. Que lá morre todos os líderes. Então a única coisa que eu quero aí é que os irmãos orem. Aí o pastor falou: A partir de hoje nós já estamos orando pelo irmão. Aí eu devolvi. E também tive um outro jeito de olhar, de administrar. Abri as portas para que todas... quem quisesse comprar igreja dentro do Parque Oziel, estava lá. Desde de que fosse falar de Jesus.

12 - Já tinha Igreja Católica lá que foi...?

Mas já tinha igreja crente também. A Igreja Católica foi uma das primeiras. A Deus é Amor e a Assembleia de Deus também. E aí resumindo isso... Hoje tem abertas... Você viu quantas igrejas tem lá. Uma média de 38 igrejas evangélicas.

13 - 49.

49.

14 - 46.

42 eu sabia. Depois abriu aquela Resgatando Vidas e Deus dá Vitória, parece... alguma coisa assim, subindo a subida da Gleba. Então você vê... Então Deus foi abençoando... Essa Vale da Bênção era num terreno meu. Eu doei prá igreja. Se você for pesquisar você pergunta prá eles. Quanto que o Canário cobrou desse terreno? Nada. É seu. Pode fazer. Entre tantas outras. Então Deus abençoou que eu fui fazendo o que? Fui fazendo também a obra de Deus abrindo portas para as igrejas, né? E com isso Deus foi me abençoando, foi protegendo a minha família e o bairro foi mudando. Foi mudando... as conquistas foram vindo... Porque quando Deus abre porta abre mesmo. E as bênçãos vem. E hoje nós estamos num bairro aí com bastante infraestrutura, com bastante progresso. Eu acredito que ainda

virá muito mais ainda. Já liberamos mais... o Governo Federal liberou mais quatro milhões e vinte e cinco mil para fazer o asfalto da Gleba B também. Prá fazer uma parte do asfalto do itinerário do ônibus e um pouco mais.

15 - Na Gleba B?

Na Gleba B. Porque só tem no Monte Cristo e no Oziel o asfalto. Itinerário do ônibus em volta da escola. Agora nós vamos descer para a Gleba B.

16 - Informa uma coisa? Oficialmente ali é tudo?

Jardim do Lago Continuação

17 - Jardim do Lago Continuação, Jardim do Lago II? Quem deu nome Jardim Monte Cristo, o Parque Oziel? Bom... Gleba B é Gleba B.

É. O que aconteceu foi o seguinte. Em 1996 teve um grande massacre nos Eldorados dos Carajás. Nesse nome aí... Surgiram algumas ocupações em de Campinas. Depois desse massacre. Houve a ocupação da Vila Vitória, porque é vitória porque nós conseguimos fazer essa ocupação depois do massacre. Depois teve Eldorado dos Carajás que foi também pelo massacre de Eldorado dos Carajás. Né, no Vila Vitória hoje todo mundo pagou seus terrenos. No Eldorado dos Carajás também. Nós estamos pagando. Aí na mesma cadeia, na mesma linha, nós fizemos a ocupação do Parque Oziel. Então nós colocamos o nome de parque Oziel por que? Por um menino... Oziel Alves de Oliveira que foi assassinado naquele massacre.

18 - E Jardim Monte Cristo?

Jardim Monte Cristo foi o seguinte...

19 - Que é a mesma coisa?

É a mesma coisa. Mas nós estávamos ocupando daqui prá lá. E a ideia nossa não era ocupar o lugar melhor prá sociedade não falar... Pô... Estão ocupando aquele lugar que é o melhor. Então nós pegamos a ribeirinha e viemos vindo. Mas aí apareceu uma outra pessoa, a Neide, que pegou e começou a ocupar lá em cima. Então como era o alto ela resolveu por o nome de Monte Cristo. O nosso foi em relação ao assassinato do jovem Oziel Alves de 19 anos. Oziel Alves Pereira. Teve assim... Prá cima da minha casa teve um morro que o pessoal ia assumir (ou subir)... Até me chamaram para ir na hora. Que o pessoal estava ocupando lá em cima. E foram recebidos... a turma de baixo com a turma de cima. Uns trocando tiros com os outros. Por causa da ocupação lá de cima. Aí teve muito tempo esse atrito. Mas eu mesmo, quando eu peguei, eu fiz questão de pacificar essas questões. Essas batalhas de um com o outro.

20 - Monte Cristo como o Oziel?

É

21 - Parece que o pessoal... o sentimento que eu tive andando por lá é que tem uma certa rusga entre o povo do Oziel e o povo do Monte Cristo.

Quem está de fora vê uma coisa só, mas quem mora lá percebe essa diferença.

É assim óh... Eu já cansei de falar isso. É o que eu sempre tentei quebrar. O pessoal do Monte Cristo porque está em cima... por que é assim óh... O nosso Presidente, primeiro Presidente, Gentil Ribeiro – o Paraíba, ele dizia para nós que nós não deveríamos construir. Porque todo mundo tem que ser igual a barraco de lona. Prá poder a sociedade não falar... Pô, se vocês estão construindo é porque vocês têm dinheiro. Por que vai querer vai isso? Então, todo mundo barraco de lona. A do Monte Cristo, já não. Já chegou... tem que construir para edificar. Cada um tinha uma linha de pensamento. Então você percebe que o Monte Cristo é mais adiantado por causa disso. Entendeu? E lá embaixo é mais atrasado. Por quê? Porque o Presidente de baixo não deixava construir na época. E você entende a linha de raciocínio dele. Você está ocupandoum lugar porque você não tem dinheiro para

pagar aluguel. Como é que você chega fazendo casa? Então eu acho que ele tinha razão na época. Entendeu? Por que também ninguém podia garantir que a polícia não ia tirar nós no outro dia. Quem ia arcar com o prejuízo de quem já tava sem dinheiro para pagar aluguel?

22 - Informa uma coisa? E o povo da Gleba B? Até hoje me parece que a Gleba B tem mais dificuldades. Mais dificuldades de acesso ao equipamento social do que o Oziel e o Monte Cristo. Eles não são articulados?

Sou eu que sou o Presidente da Gleba B também. O que aconteceu? É... Quando a gente estava falando das diferenças... Como o Monte Cristo é sempre lá em cima... Tem um pessoal lá, não são todos os moradores... uma boa parte que discrimina o Oziel porque é embaixo. E aí junta o Monte Cristo e o Oziel e discrimina a Gleba porque está lá do outro lado. Então há essa discrepância. Há sim. Você percebeu muito bem. Fico muito feliz da sua ótica de estar olhando. Agora... Eu sempre tentei minimizar isso. Você pode passar na Gleba que eu consegui por um parquinho lá, um parquinho no Oziel. Eu sempre tento fazer igual prá poder não sofrer lá do outro lado. O que aconteceu? Esse loteamento Oziel e Monte Cristo – Jardim do Lago II Continuação. Ele era um loteamento que foi feito em 1958.

23 - Antigo então?

É. Entendeu? Então a história é bem assim. Em 1958 fez o loteamento. A família Ladeira, da Fazenda Taubaté. Ele fez o loteamento mas o loteamento dele não pegava a área da Gleba B. Pegava só o Oziel e Monte Cristo. E vinha lá do outro lado do Rio Taubaté. Corrigozinho Taubaté. Então o chamado loteamento Lago II Continuação. Quando foi em 58 eles fizeram isso e venderam alguns lotes. Em 78 eles veio e passaram máquina de novo prá vender mais lotes. Só aí o que acontece? Quando eles foram vender lote em 78 a lei já dizia que tem que ser lote urbanizado. Não, minto. Em 78 eles vieram e venderam mais alguns lotes. Eles fizeram como especulação imobiliária. Vendendo alguns pra valorizar os outros. Ninguém morou. Em 85 eles passou as máquinas nas ruas todas prá dar fôlego ao

loteamento que já tinha valorizado. Mas em 85 acho que a Lei Orgânica do Município já dizia que os lotes tinham que ser urbanizados.

24 - Com água, esgoto?

Isso. Aí como ficou inviável prá eles, eles deixaram de vender. Esperou mais. Só que doze anos depois, nós ocupamos o bairro.

25 - Por que as pessoas ocuparam o bairro? Qual a razão que levou as pessoas a ocupar o bairro?

Eu vou passar por essa também. Quer vêr uma coisa? 97... Desde 1980 que não se investia em habitação na cidade de Campinas. O que acontece? A cidade cresceu de população mas não tinha projeto habitacional. Nem do governo municipal, nem do estadual nem do federal. Não se tinha um projeto. Por exemplo: o Maluf foi Governador de São Paulo mas investiu o Cingapura lá.⁴⁴Então você não tinha um projeto habitacional. E o que acontece? Em vinte e oito anos os filhos foram casando e não tinham para onde ir. Foi achatando o negócio. Então a grande causa lá, foi a falta de projetos habitacionais na cidade. Você pegar uma cidade do tamanho de Campinas que sai de 700.000 habitantes para 1.200.000 habitantes e não tem projetos grandes de habitação. Então faltava habitação. Por causa disso que nos último vinte e oito anos criou-se várias ocupações onde moram hoje uma média de 216.000 habitantes.

26 - Quantas pessoas tem hoje no Monte Cristo, Oziel e Gleba B

Aproximadamente 27.000 pessoas. Passando disso. Então o que acontece? As pessoas, como eu também, se viram obrigadas a encontrar um lugarzinho prá morar. Então aí foi que saíram todas essas ocupações que eu falei prá você. Vila Vitória, Eldorado dos Ca-

⁴⁴ Paulo Salim Maluf, político paulista, foi governador do Estado de São Paulo e duas vezes prefeito da cidade de São Paulo. No segundo mandato como prefeito (1993-1996), organizou um programa de casas populares denominado Projeto Cingapura”.

rajás, Santo Antonio, Marighella, Nossa Senhora Aparecida, Telesp, região do Campo Belo, Oziel, Monte Cristo e Gleba B. E teve mais ocupações que eu não citei aqui ainda, né? O Boa Vista, que foi na época do Jacó Bittar.⁴⁵Então prá você ver que muitas ocupações não foram porque o povo quer. Porque é muito complicado você invadir uma terra. É briga de polícia, é marginalidade, é tudo isso... vai nas ocupações junto quando você faz.

27 - Eu fui em uma das igrejas... Assembleia de Deus. Conversei com um jovem casado (*universitário*)... O nome anterior da minha tese falava sobre invasão de terras. Ele ficou muito bravo comigo. Ele me corrigiu na hora. (*disse*) É ocupação!

É a linguagem que se usa no movimento. É ocupação. É porque você não invade só. É ocupar, resistir e ficar. Ai quando você me fala da Gleba B, a Gleba B não foi loteada. Então não tinha como você deixar lá como um loteamento. Então foi por isso que o Senhor falou da Gleba. Porque olha só, dentro desse loteamento nosso, Oziel e Monte Cristo, está dentro da Gleba A do loteamento, da fazenda. Então foi dividida em A e B.e a terra que ficou sem loteamento ficou como Gleba B. então quando nós ocupamos lá, aquele povo tá na Gleba B. Tanto é que nós estamos mudando porque não pode ficar um bairro com o nome de Gleba B. Então Ele é Oziel junto.

28 - Vai fazer parte do Oziel?

Ele já é Oziel.

29 - E o Monte Cristo? Vai chamar Oziel também?

Não. Monte Cristo é Monte Cristo. Só que a Gleba B... Para a população sempre vai ficar Gleba B. Mas no estatuto do bairro ele tem que ficar como Oziel ou um novo bairro.

⁴⁵ Jacó Bittar – político campineiro que foi Prefeito da cidade no período 1989-1992.

30 - Eu vi alí que já tem esgoto mas não foi ligado. O esgoto em vários locais corre a céu aberto. Tendo a tubulação já...

Então... esse esgoto alí é uma obra do PAC que foi nesse último ano.⁴⁶ Foi uma obra que ela não ficou barata. Mas graças a Deus, para nós que ocupamos, eu mesmo não tinha noção que tão rápido viria esgoto e asfalto alí no entorno. Então quando você perguntou por que a Gleba B fica fora das benfeitorias... a maior parte dos acessos de equipamentos públicos, é por quê? Porque no Oziel e Monte Cristo como era loteamento já tinha as áreas públicas separadas. Tinha viário de rua. Você pode ver que é mais (ruídos). Então nós aproveitamos os viários de rua e algumas ruas nós fizemos. As ruas que têm números fomos nós que fizemos. Porque os donos lá fizeram quadras longas prá ficar para eles segurar a terras, né? Então a Gleba B não tinha como você por equipamento público porque não tem ainda as áreas públicas definidas pelo espaço da Gleba B. então você não pode levar o equipamento público numa área que não tem as áreas públicas definidas. Agora, com a regularização de todo... agora já sai as áreas públicas.

31 - Em que pé está a regularização dessas três áreas? É a COHAB que pegou o terreno? Que tomou o terreno?

A prefeitura fez o seguinte. A prefeitura (ruídos) toda a área. Nós passamos por um processo de direito de regularização. Quando se está regularizando uma área, até cinco vezes você pode renovar o Decreto. Depois de cinco vezes, ou você regulariza, procura os caminhos de regularização, ou então todo mundo tem que sair. Então o Prefeito fez o que? Ele foi muito feliz. Carlos Henrique Pinto que é o Secretário de Negócios Jurídicos, de viabilizar a regularização da área.

32 - O Prefeito atual?

⁴⁶ PAC – Programa de Aceleração do Crescimento. Programa federal de desenvolvimento lançado pelo Poder Executivo na gestão Luis Inácio Lula da Silva.

O Prefeito atual, Dr. Hélio.⁴⁷ Com seu Secretário Jurídico Carlos Henrique Pinto. Nessa altura dos acontecimentos, sai a regularização. O juiz dá posse prá Prefeitura da terra, da área. Mas a Prefeitura pagando essa área. Então a Prefeitura fez o que? Emitiu os carnês para nós e a COHAB gerencia.

33 - Carnê de IPTU?⁴⁸

Não. Carnê de parcela de pagamento. Então é uma das negociações mais baratas que a gente conseguiu fazer. Uns anos atrás eu dei uma declaração. Está no Correio Popular⁴⁹. Há oito anos atrás, nove anos, que o povo ali não podia pagar mais do que R\$ 35,00/R\$ 40,00 por mês. E o que aconteceu. Ai muitos falaram. O Canário é um presidente louco. Fazer um negócio desses aí. Ninguém vai vender para nós a terra nesse preço. Hoje é isso aí que o pessoal paga na terra, na prestação. Em média R\$ 30,00; R\$ 40,00; R\$ 50,00. Dependê do tamanho do lote. R\$ 0,25 por metro quadrado prá moradia. Então nós fizemos uma negociação muito importante. A Gleba fica um pouquinho fora desses equipamentos por causa disso. Tanto é que demorou muito para que eu conseguisse ônibus para a Gleba B. Para as ruas da Gleba B. agora nós estamos conseguindo investimento do Governo Federal lá. Quase quatro milhões... Quatro milhões e pouco... quase quatromilhões e trinta mil para o asfalto lá. E estamos conseguindo levar 139 casas do Governo Federal prá Gleba B. Tá fazendo já.

34 - Voltando para as igrejas. As igrejas foram para lá junto com a ocupação do bairro? Como que os crentes, na sua opinião, entendiam a ocupação?

Na verdade eu vou falar uma coisa prá você. Tem alguns estudos que apontam que 70, 72% do nosso bairro é evangélico.

⁴⁷ Hélio de Oliveira Santos – Prefeito Municipal de Campinas (PDT – Partido Democrático Trabalhista).

⁴⁸ IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano.

⁴⁹ Correio Popular. Jornal diário de ampla circulação em Campinas.

35 - *Setenta e dois por cento do bairro?*

A média. Setenta, setenta e dois por cento. Agora olha só o que eu digo prá você. É como isso? Isso é um fenômeno! Não, é porque tem o trabalhar de Deus na vida daquelas pessoas. Na época da violência, muitos foram para a igreja, com medo. Mas era o trabalhar de Deus. Então tinha violência. Muitos foram e ficaram. E aprenderam a adorar a Deus. Então os espaços foram crescendo. Foi aumentando. Os filhos estavam na rua. As mães tinham medo. O que faziam? “Vamu tudo prá igreja”. Vamos prá igreja. E foi ficando e foi ficando e foi ficando e a comunidade cristã cresceu. E cresceu muito. Hoje prá você ter uma ideia eu fiz um bingo esses tempos lá atrás... De aniversário de treze anos do bairro. Nós fizemos um bolo de treze metros. Fizemos a festa o dia inteiro. Deu uma média de quatro mil pessoas o dia inteiro. Quando chegou no fim da festa... Eram sete horas da noite... Estava meio chovendo ainda... Falei, agora chegou a hora. Convidei o Pastor, convidei o grupo de louvores da igreja.

36 - *O Pastor da Assembleia II? Da sua?*

É. Porque aí eu sempre faço isso também. Eu convido os outros. Mas eu coloquei muito prêmio, não deu prá turma cantar no meio. Eu faço assim. Eu vou por um sertanejo. O sertanejo canta, atrai todo mundo, depois eu ponho o pastor que é prá...

37 - *Quando o pessoal canta “Parabéns prá você” canta “com Deus ao seu lado também”?*

Como?

38 - *Os crentes cantam “Parabéns prá você”?*

Sabe que nós não cantamos... Não, porque foi assim, óh... Quando começou cantar... Eu fiz assim... Não deu prá cantar. Nós cantamos parabéns. Mas o parabéns comum. O pastor da minha igreja, ele tinha culto lá. Eu disse, Pastor eu preciso que o Senhor vai lá. Levar o Grupo de Louvor lá. Não sei se o Senhor viu?

39 - Eu vi

Nossa! Lá dentro tem cada pessoa que louva lá que você não acredita. Só vendo prá crer. Você viu, né? Aí o que acontece? Aí quando foi no fim da festa eu falei, olha vamos deixar a última rodada prô bingo e vamos por o público para louvar. Eu quero que mande a mensagem. Porque o alvo era a mensagem. Aí o grupo de louvor começou. E a turma cantando junto! Eu achei engraçado que mesmo as pessoas que não vinham na igreja sabiam cantar os louvores.

40 - As pessoas conheciam?

As pessoas conheciam os louvores. Foi assim... aó o grupo... o líder que é o... esqueci o nome... o Hildes, entregou o microfone que tinha parado. Aí eu peguei o microfone e falei... gente, eu não posso deixar de pedir um louvor. Mas especial. Aí eu pedi aquele, "Senhor entra na minha casa". Aí eu quero que vocês louvem esse. Pode ser? Pode. Aí pronto. Todo mundo louvou junto. Olha, tá gravado. Aí o que acontece? Quando eles acabaram eu falei... Quero antes da rodada final do bingo, eu quero passar a palavra pro pastor. Meu Pastor Luna de Oliveira. Aí eu falei, né? Eles vão chiar... (dizendo) Corre logo com esse bingo! Não. O Pastor pegou... e eu já estava preparado que eles iam reclamar isso. Mas não! Todo mundo prestou atenção. Orou junto, fechou o olho e foi uma benção. Aí foi uma maravilha, né? E aí as pessoas não entendem... Como é que pode fazer essas coisas, né? Mas aí Deus tem abençoado... Deus tem abençoado muito. Na minha primeira candidatura foi incrível.

41 - Essa já é a sua...?

Segunda candidatura. A primeira que eu ganhei. A outra eu não ganhei. Mas eu sempre disse para Deus. Se eu não estiver preparado não me deixa assumir lá. E Deus sempre me honrou nisso. Me honrou. Então nessa eu fui eleito e na outra eu sempre falava... Olha se eu não ganhar, se eu não estiver preparado que eu não seja eleito. Mas eu quero na minha vida a direção de Deus. Mas ele me deu a direção. Então tenho me preparado. Com

todos os tropeços que a gente tem. Porque é duro isso aqui. Isso aqui sabe o que é? É processo prá assinar. Projetos de leis que passam por aqui. Então, graças a Deus, a nossa ocupação ela é abençoada. Porque tem muitos crentes orando prá Deus abençoar. Então Deus tem tomado conta daquilo ali.

42 - Por pura especulação. O bairro não está num certo momento de virada? Em termos de crescimento? Porque eu percebi que bem na entrada do Oziel, apareceu agora, restaurante, pizzaria, mais bares... Tem gente de fora indo para o Oziel. Não vai mudar o perfil?

Aquele restaurante do Bello que você viu, ele morava lá também em barraquinha. Cresceu lá. Ele começou pequenininho lá. Eu conheço a história dele toda. Tanto é que ele fala: Canário, você pode por a faixa que quiser aí. Aquele menino lá em cima é o mesmo dono da padaria. Aqui tinha uma tradição dos restaurantes grandes da cidade buscar gaúchos para trabalhar no restaurante deles. Então aqueles gaúchos vieram morando também no Oziel também, no Monte Cristo. Ali perto da padaria deles. E quando ele foi trabalhar nesses restaurantes, ele conheceu a esposa dele. Ele começou a namorar a esposa dele no serviço dele. Que ela também trabalhava no restaurante que ele foi trabalhar. E aí ele morando lá, ele casou com ela, foi morar lá e continuaram trabalhando nesse restaurante. Eles saíram um tempo atrás e montaram uma pizzariazinha aqui no Jardim do Lago. E eles fizeram o mesmo sistema de lá. Alugou um lugar e fez um negócio que deu certo. E aí uma parte deles foi para o Mato Grosso abrir lá. E ele ficou ali. Ele pega e faz o que? Ele pega e compra aquela padaria ali e faz do jeito dele. E agora ele comprou o terreno da esquina e fez lá também. Então é pessoa que a gente viu crescer. Isso tudo é bom que a gente vê que o trabalho dá lucro. Só tem que saber trabalhar. Então eles não chegaram de fora. Eles cresceram ali também. Quando você chega lá embaixo, tem o André do Mercado Generoso. O André era vendedor de motinha. Ele tinha uma motinha, uma Turuninha. Ele vendia arroz, vendia coisa prá mim. Que eu tinha um mercadinho também. Ele vai e fala... Não aguenta mais. O pai dele quebrou, eles foram trabalhar de empregado. Porque eles tinham uma dis-

⁵⁰ Nesse momento nos foi mostrada uma pilha de autos de processos legislativos.

tribuidora deles. Aí ele vai e comprou uma merceariazinha à prestação... tinha ali. Um negócinho de nada. Como ele já tinha o conhecimento das compras, ele já começou a crescer ali. Então o André começou a crescer ali com um negócinho maior do que isso aqui pouca coisa. Cresceu ali. Então essas pessoas eu vi crescerem ali. Veio o Zé Monteiro que tem aquela ferragem... cresceu ali. Então muita gente ali, cresceu ali.

43 - Quais são as perspectivas para o bairro agora?

As perspectivas do bairro são muito boas. Por que você viu? Vai dar uma virada. Porque antes, nós construíamos com medo. Você punha um saco de cimento com medo. Não sabia se ia ficar. Nós tínhamos cento e sessenta e três liminares na justiça. Agora quando chega o seu carnê, que está assinado pelo Banco Santander, Prefeitura Municipal de Campinas e COHAB, te dá um crédito prá você construir. Aí você fala: Vamos fazer porque é meu. Então é isso que tem acontecido. Agora vai mudar muito. As pessoas vão construir (ruídos) suas casas... então em cinco anos, ninguém vai conhecer muito aquele bairro ali.

44 - Vai mudar?

Primeiro as crianças de doze anos vão estar com dezessete. As de quinze com vinte. E as crianças crescem igual a tiririca. Crescem rápido. Se tornam homens e mulheres rápido. Se você não estiver por perto não percebe. Quando você vem de fora... igual você... Quando você vier daqui a cinco anos você vai ver a diferença. Mas as pessoas as vezes não reconhecem o crescimento. Pô, mas não acontece... Treze anos... asfalto... aquele tanto de asfalto lá dentro em treze anos. Rede de esgoto. Rede de água encanada em todas as casas. Ônibus de seis em seis minutos. Qual é o bairro que cresceu tanto igual aquilo ali? Que conquistou tanto? Uma faculdade.

45 - Onde fica a faculdade?

Na entrada ali, perto da pizzaria. Ali é creche e faculdade numa parte. Esse ano forma trinta e nove pedagogos. Só pedagogo. Ali tem Administração de Empresas, Línguas... Tem

Serviço Social. Minha filha faz Serviço Social lá. Começou lá. Já está fazendo estágio. E fora que já se formaram pessoas ali no bairro, depois que nós conseguimos ensino médio. Pessoas que estavam paradas voltaram estudar... em suas idades. E hoje são pedagogas, são administradoras de empresas. Então o parque Oziel foi tudo de bom na vida das pessoas sérias. Que quiseram trabalhar. Que quiseram vencer na vida.

46 - As pessoas falam hoje que moram no Oziel ou no Jardim do Lago?

No Oziel e no Monte Cristo. Cada um tem seu bairro. Um... eu moro no Monte Cristo. Outro... eu moro no Oziel. Não tem Jardim do Lago Continuação. Tanto é que eles ficam muito tristes que a gente não conseguiu isso. Mas eu já aprovei na Câmara (dos Vereadores de Campinas) um Projeto de Lei dando nome para todas as ruas e ao bairro. Aprovamos por unanimidade em primeira discussão... Ele (o Prefeito Municipal) quer ver se a gente trás o Lula no bairro prá poder anunciar por Decreto. Acho que nós estamos só esperando liberar o esgoto. Quando você falou do esgoto... O que acontece? Quando fez a rede de esgoto... que estava fazendo inclusive (ruído) prá poder levar prá divisa de Hortolândia... que vai ser tratado lá. Demora,, porque é uma obra grande. Então conforme eles iam fazendo o esgoto... deixando as bocas de lobo altas acima da terra para poder vêr, para as pessoas verem as ruas... quando dava muita chuva que estragava as ruas, as vezes a máquina vinha e levava a tampa com tudo e entupia tudo de terra. Terminou toda a rede, fez o asfalto e muda o ônibus. Aí a Prefeitura contrata uma empresa para limpar essas bocas de lobo. Já tá fazendo. Então a hora que acabar de limpar todas as bocas de lobo... o esgoto já está tudo pronto. Só falta acabar de limpar. Porque como está entupido não dá prá você autorizar as pessoas a ligar porque não vai empurrar terra. E é muita terra. Então essa empresa está trabalhando a quase três meses limpando todas as bocas de lobo prá poder passar isso aí direto. Já falta pouquinho... pouquinho.

47 - Vereador, o Senhor gostaria de compartilhar mais alguma coisa sobre o bairro, sobre sua vida, sua comunidade, sobre a igreja?

A igreja é um ponto muito importante dentro do bairro. Eu tenho uma maneira de dizer o seguinte: Eu sou evangélico. E se você serve a um Deus vivo. Aquele que ressuscitou dentre os mortos e que ele nos diz, vou na frente preparar-vos novas moradas. Se é esse Jesus que você serve, é o mesmo que o meu. Então a placa daquela igreja ela não vai salvar ninguém. Ela só serve para dizer que eu sou membro, que eu congrego naquela igreja. Mas o meu Jesus, esse Jesus vivo, que é o seu, que é o daqueles que crê... na salvação e que ele vai voltar prá nos buscar para uma morada eterna. Então esse é o Jesus que eu sirvo. Aqueles que servem placa de igreja, pode até me chamar de irmão, mas talvez não seja irmão... Talvez ele não encontre o irmão em mim que ele esperava. Que é só a igreja dele que salva... Então eu sirvo esse Deus vivo. E eu acredito que aquele que é conhecedor da Palavra serve um Deus vivo. Que é esse Deus que eu sirvo. Eu e minha casa.

48 - Muito agradecido pela sua entrevista

ANEXO 3

Descritivos dos códigos dos setores censitários componentes do Parque Oziel

Código do setor censitário: 350950205000337

Do ponto inicial segue pela "estrada velha Indaiatuba-itu SP-073" até "rua 23" "rua sem denominação" "rua João canaes" "rua eng. Sylvio Antonio Zuffo Grieco" "Rua Marcelo Ranuzia" "av. Eng. Marcio Duarte ribeiro" "rua 25a" "rua Wadi Abdalla Gatos" "rod. Santos Dumont SP-79" "rotatória de acesso a rod. Santos Dumont SP-79" ate o ponto inicial

Código do setor censitário: 350950205000338

Do ponto inicial segue pela "rua João canaes" ate "rua sem denominação" "rua 23" "estrada velha indaiatuba-itu sp73" "rua sem denominação" "av. Jose Cristóvão Gonçalves" "rua sem denominação" "rua Terezinha Bariani Mantovanelli" "rua sem denominação" "rua profa. Amália de Arruda Legendre Martini" "av. Dr. Eurídice Jose Bento" "rua eng. Sylvio Antonio Zuffo Grieco" ate o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000341

Do ponto inicial ate "afluente do corr. Taubaté" - "corr. Taubaté" - "afluente do corr. Taubaté" "av. Eng. Marcio Duarte ribeiro" "rua Marcelina Rodrigues Paschoal" "av. Eng. Marcio Duarte ribeiro" ate o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000342

Do ponto inicial até "av. Dr. Eurídice jose bento" "rua prof. Ruth oliveira Silveira Bello" "rua 3" "rua sem denominação (divisa da favela)" "córrego Taubaté" "afluente do córrego Taubaté" "av. Eng. Marcio Duarte ribeiro" ate o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000343

Do ponto inicial segue pela "rua irai" "av. Gentil ribeiro" ate o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000344

Do ponto inicial ate "rua PE . Nelson" "rua Paulo freire" "av. Gentil ribeiro" "rua gentil ribeiro" ate o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000345

Do ponto inicial ate "rua Fause Selhe" "rua sem denominação" "rua Marcelo Ranuzia" "rua Bartolo Vicentini" "avenida eng. Marcio Duarte ribeiro" "av. Dr. Eurídice jose bento" "rua cabo Rubens Zimmermann" "rodovia santos Dumont SP 79" ate o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000346

Do ponto inicial ate "av. Eng. Marcio Duarte ribeiro (av. A)" "rua Marcelina Rodrigues Paschoal (rua 76)" "rua sem denominação (divisa da favela)" "rua tenente Antonio Barbosa (rua 38)" "rua marginal da rodovia santos Dumont" até o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000347

Do ponto inicial segue pela "rua da divisa" ate "av. Gentil ribeiro" "rua PE. Nelson" "rua Paulo freire" "rua da luta" "rua gentil ribeiro" "rua irai" "rua s/d" ate o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000348

Do ponto inicial segue pela "rua 55" ate "av. F" "av. A" "rua 69" "rua 58" ate o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000349

Do ponto inicial ate "rua prof. Nadir leite do canto" "rua sem denominação" "rua pascoal Carlos magno" "av. Carlos Stella neto" "rua cinquenta e cinco" "rua Fause Selhe" ate o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000350

Do ponto inicial até "rua Fause Selhe" "rua 55" "rua 58" "rua Fause Selhe" "rua sem denominação" "rod. Santos Dumont (SP 079)" até o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000351

Do ponto inicial ate "rua 60" "av. F" "rua Fause Selhe" ate o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000352

Do ponto inicial ate "r pascoal Carlos magno-r 62 -r profa nadir leite do canto-r sem nome e seu prolongamento a rodovia Santos Dumont SP 079" ate o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000353

Do ponto inicial ate "rua Exclurão" "av. F" até ponto inicial "favela jardim res. Canaã" do ponto inicial segue pela "rua k" "rua jose Carlos Nougues" até o ponto inicial.

Código do setor censitário: 350950205000417

"Favela jardim res. Canaã" do ponto inicial segue pela "rua k" "rua jose Carlos Nougues" até o ponto inicial.

ANEXO 4

Boletim da Igreja do Nazareno Canaã

PASTORES

Titular
Denny Anderson
3305-
8238-

Auxiliar
Pr. Márcio Silva
3384-
8177-

Apoio
Paulo Roberto
3282-
8812-



**Qualquer
Informação sobre
a Junta de
Oficiais, falar com
a Secretária**

K... C...
8811-11

Nossos Propósitos

"Somos uma igreja restaurando as famílias; expressando nosso amor a Deus em adoração, disciplinando cada cristão a fim de chegarmos à estatura de Cristo, evangelizando, servindo e cuidando através de ministérios que edificam o Reino do Senhor."

AGENDA DE SETEMBRO

06 - Santa Ceia do Senhor
18:45hs - Teremos Cerimônia de Batismo e recepção de novos membros neste dia!

07 - Independência ou Morte
12:00hs - Culto Evangelístico às 18:00hs

19 - Evangelismo em Conchal
Saída da INC às 14:00hs

20 - Culto Missionário 19:00hs

27 - Consagração da Oferta de Alabastro - 19:00hs

Horários de Culto

"Buscai ao Senhor enquanto se pode achar..."

Domingo	09:00 hs. Escola Bíblica Dominical Classes p/ todas as idades
Domingo	19:00 hs Celebração da Família
3ª Feira	07:30 hs Encontro de Oração
3ª Feira	19:30 hs Culto de Oração
5ª Feira	19:30 hs Quinta Feira da Vitória
Sábado	14:00 hs NazaJuniors
Sábado	17:00 hs NazaTeen
Sábado	19:30 hs Encontro de Jovens



IGREJA DO NAZARENO CANAÃ
"UMA IGREJA RESTAURANDO AS FAMÍLIAS"
Av. Eng. Márcio Duarte Ribeiro, 334
(Esquina com Marcelo Ranúzia)
Pq. Oziel - Campinas - SP / (19) 3228-5629

Setembro/2009

Ano VII Nº 38

O CRESCIMENTO DA IGREJA

Aqui estamos; quem diria, que essa igreja que começou numa sala pequena, depois uma garagem, passou por três pequenos salões e agora aqui estamos, com a graça do Senhor Jesus.

Agora, pois, há muitos membros, mas um só corpo. Estamos felizes por esse crescimento e Deus tem acrescentado dia a dia mais e mais pessoas, e você é parte desse mover de Deus, então não fique de fora, continue nesta unidade.

É claro que não paramos por aqui, estamos em fase de crescimento, com vários grupos de um só corpo, kids, JR's, Nazateens, JNI, grupo de crescimentos e outros, sabemos que você é importante e faz parte dessa unidade.

De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele.

Se você não faz parte, o que esta esperando? Venha fazer parte desta família.

Por isso estamos orando e nos empenhando no projeto de ampliação do templo.

Que Deus seja com todos, nesse regozijo, nesta festa onde todos ficam juntos.

Pr. Márcio

Faça já a sua inscrição para o

Acampamento de Carnaval 2010

Procure a comissão da JMI

Não Fique de Fora!!



A Juventude Mazarena Internacional possui ministérios que tem o propósito de abençoar e integrar todos jovens da igreja, bem como os adolescentes através do **MAZATEEN**. Os demais ministérios são: **MSol** – Ministério de Solteiros, **Isaque & Rebeca** – Ministério com casais de namorados e o **ACODI** – Amor, Comunhão e Discipulado (jovens acima de 18anos). Estes três ministérios se encontram mensalmente em uma casa ou na igreja, para um bate papo descontraído e envolvente.

Faça parte destes grupos que vão abençoar sua vida poderosamente.



ESCOLA DOMINICAL

Como está a nossa EBD?

Faltando você!

Vença o cansaço e venha participar todos os domingos pela manhã.

Durante os meses de junho e julho estivemos na gincana de inverno; foi muito bom ver o desempenho das classes e a participação daqueles que entenderam os sentimento de estar na EBD.

Temos tido muito visitantes, conseqüentemente, muitas pessoas ouvindo e aprendendo do Senhor. Os pequeninos tem aprendido maravilhosamente com a irmã Dálete. Graças a Deus pela sua vida; e cada professor tem se aplicado de uma forma especial. E sabemos que todo o nosso trabalho para o Senhor Jesus não é vão.


Não fique de fora, pois estamos passando um momento histórico em nossa igreja e sua presença neste momento é muito importante e sua vida será marcada pelo aprendizado na EBD.

Quero ressaltar a vida da irmã Helem, que tem sido um dos frutos da EBD (que Deus a abençoe).

Por tudo isso me que vale a pena servir a Jesus neste ministério!
Amo vocês!!

 <p>Missões em todo o tempo e lugar!</p>	<p>Setembro é o mês da Oferta de Alabastro. Ao longo da vida da Igreja do Nazareno a Oferta de Alabastro foi o instrumento divino para mover homens, mulheres, jovens e crianças para ofertarem para o campo missionário. Ela chegou cedo ao Brasil para construir o primeiro templo nazareno na cidade de Campinas no início dos anos 60 e até hoje continua sendo fundamental para a construção dos templos nazarenos nos 155 países.</p>
<p>Deixe Deus usar a sua vida agora para ser uma bênção ao Redor do Mundo!</p>	

7 de Setembro
Independência ou Morte 2009
Comunhão, Evangelização e Santidade,
num dia todo especial.
Não fique de fora!!
A partir das 12:00hs



<p>Grupos de Crescimento</p>	
<p>Oziel</p>	
<p>Quarta Feira = 20:00hs</p>	
<p>Rua Eng. Sylvio Antonio Zuffo Grieco,</p>	
<p>Gleba B</p>	
<p>Sábado = 20:00hs</p>	
<p>Rua 8, nº (uma rua acima do mercado da Gleba)</p>	
<p>Monte Cristo</p>	
<p>Sexta Feira = 20:00hs</p>	
<p>Rua Rosa Agritelli Cipriano,</p>	
<p>Procure um GC perto de sua casa. Não fique de fora!!</p>	 <p>Nosso culto de Primícias é no segundo domingo de cada mês, porém, em todos os cultos da igreja, aqueles que tem em seu coração o desejo de ajudar o próximo, podem trazer os alimentos para que possamos fazer as distribuições. Faça o máximo que você puder para ajudar aos que precisam, pois Jesus fez o máximo para ajudar você!</p>
<p>Encontro de Líderes de Ministérios 20 de Setembro 08:00hs. Com Café</p>	

ANEXO 5

Formulário de entrevista

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

Esclarecimento: O PRESENTE FORMULÁRIO DE ENTREVISTA FOI ELABORADO PELO PESQUISADOR EDRAS ROBERTO FERREIRA BOCCATO – CPF 89427778-34, RESIDENTE E DOMICILIADO NA RUA NAPOLIÃO FARES, 515 – CAMPINAS, FONE 3287-5018, PARA USO EM PESQUISA DE DOUTORADO SOBRE OS COSTUMES E HÁBITOS DOS EVANGÉLICOS EM CAMPINAS – SP. **OS NOMES E DADOS PESSOAIS DOS/AS ENTREVISTADOS/AS SERÃO PRESERVADOS.**

A - NOME DO ENTREVISTADO/A							
B - RESIDÊNCIA							
C - LISTE ABAIXO A QUANTIDADE DE PESSOAS QUE FAZEM PARTE DO GRUPO FAMILIAR							
01	IDAD	SEXO:	M ()	F ()	PROFISSÃO:	IGREJA QUE FREQUENTA	
02	IDAD	SEXO:	M ()	F ()	PROFISSÃO:	IGREJA QUE FREQUENTA	
03	IDAD	SEXO:	M ()	F ()	PROFISSÃO:	IGREJA QUE FREQUENTA	
04	IDAD	SEXO:	M ()	F ()	PROFISSÃO:	IGREJA QUE FREQUENTA	
05	IDAD	SEXO:	M ()	F ()	PROFISSÃO:	IGREJA QUE FREQUENTA	
06	IDAD	SEXO:	M ()	F ()	PROFISSÃO:	IGREJA QUE FREQUENTA	
07	IDAD	SEXO:	M ()	F ()	PROFISSÃO:	IGREJA QUE FREQUENTA	
D - QUANTOS AUTOMÓVEIS A FAMÍLIA UTILIZA?							
E - DESSE/ES AUTOMÓVEL/VEIS, QUANTOS POSSUEM UM ADESIVO DO TIPO "PEIXINHO"? 							
E - DESSE/ES AUTOMÓVEL/VEIS, QUANTOS POSSUEM UM ADESIVO DO TIPO "PEIXINHO"? 							
F - SE EXISTEM AUTOMÓVEIS COM O "PEIXINHO", AONDE OS ADESIVOS FOI/FORAM ADQUIRIDOS? (papeleria, livraria, presente, etc...)							
G - QUAL O LOCAL ONDE ELE/S FOI/FORAM FIXADO/S NO AUTOMÓVEL/VEIS? POR QUAL RAZÃO?							
H - O que significa para você utilizar um "peixinho" na parte exterior do/s automóvel/veis? E m outras palavras por qual razão você tem um "peixinho" no automóvel?							
I - O que significa ou "diz" para você encontrar ou visualizar um "peixinho" em outro veículo no trânsito?							